

N#1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL SILVA

«NÃO CONSIGO LARGÁ-LO. NÃO QUERO. ESTOU PRESO E ABSOLUTAMENTE
CATIVADO POR A ORDEM DE DANIEL SILVA» —BOB WOODWARD

A ORDEM



HarperCollins
Thriller

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

N#1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL SILVA

“NÃO CONSIGO LARGÁ-LO. NÃO QUERO. ESTOU PRESO E ABSOLUTAMENTE
CATIVADO POR A ORDEM DE DANIEL SILVA” —BOB WOODWARD

A ORDEM

HarperCollins
Thriller

**DANIEL
SILVA**

A
 **ORDEM**

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

A Ordem

Título original: The Order

© 2020, Daniel Silva

© 2021, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.

Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Tradutor: Filipa Velosa

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: CalderónStudio

Imagens de capa: Shutterstock

1ª edição: Março 2021

ISBN: 978-84-9139-503-4

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Créditos

CIDADE DO VATICANO

PREFÁCIO

PRIMEIRA PARTE *INTERREGNUM*

1. ROMA

2. JERUSALÉM–VENEZA

3. CANNAREGIO, VENEZA

4. MURANO, VENEZA

5. VENEZA–ROMA

6. RISTORANTE PIPERNO, ROMA

7. RISTORANTE PIPERNO, ROMA

8. RISTORANTE PIPERNO, ROMA

9. CAFFÈ GRECO, ROMA

10. CASA SANTA MARTA

11. VIA SARDEGNA, ROMA

12. ROMA–FLORENÇA

13. FLORENÇA

14. PONTE VECCHIO, FLORENÇA

15. VENEZA–FRIBURGO, SUÍÇA

16. CAFÉ DU GOTHARD, FRIBURGO

17. RECHTHALTEN, SUÍÇA

18. RECHTHALTEN, SUÍÇA

19. LES ARMURES, GENEBRA

20. LES ARMURES, GENEBRA

21. ROMA–OBERSALZBERG, BAVIERA

22. ROMA

23. ARQUIVO SECRETO DO VATICANO

SEGUNDA PARTE *ECCE HOMO*

24. CÚRIA JESUÍTA, ROMA

25. CÚRIA JESUÍTA, ROMA

26. ROMA–ASSIS

27. ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

28. ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

29. ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

30. VIA DELLA PAGLIA, ROMA

31. VIA DELLA PAGLIA, TRASTEVERE

32. TRASTEVERE, ROMA

33. EMBAIXADA DE ISRAEL, ROMA

34. CAPELA SISTINA

35. ZURIQUE

36. MUNIQUE
37. MUNIQUE
38. MUNIQUE
39. BEETHOVENPLATZ, MUNIQUE
40. MUNIQUE
41. MUNIQUE
42. MUNIQUE
43. COLÓNIA, ALEMANHA
44. BAVIERA, ALEMANHA
45. OBERSALZBERG, BAVIERA
46. OBERSALZBERG, BAVIERA
47. OBERSALZBERG, BAVIERA
- TERCEIRA PARTE *EXTRA OMNES*
48. CURIA JESUÍTA, ROMA
49. VILLA GIULIA, ROMA
50. PRAÇA DE SÃO PEDRO
51. VIA DELLA CONCILIAZIONE
52. CASA SANTA MARTA
53. VILLA BORGHESE
54. CASA SANTA MARTA
55. VILLA BORGHESE
56. VIA GREGORIANA, ROMA
57. CÚRIA JESUÍTA, ROMA
58. CAPELA SISTINA
59. CÚRIA JESUÍTA, ROMA
60. CAPELA SISTINA
- QUARTA PARTE *HABEMUS PAPAM*
61. CANNAREGIO, VENEZA
62. PIAZZA DI SAN MARCO
63. VENEZA–ASSIS
64. ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS
- NOTA DO AUTOR
- AGRADECIMENTOS

*Como sempre, para a minha esposa, Jamie,
e para os meus filhos, Lily e Nicholas*

Pilatos, vendo que nada conseguia e que o tumulto aumentava cada vez mais, mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo: «Estou inocente deste sangue. Isso é convosco.». E todo o povo respondeu: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!».

MATEUS 27:24-25

Todos os infortúnios que, posteriormente, sucederam aos judeus, desde a destruição de Jerusalém até Auschwitz, carregavam um eco desse pacto de sangue inventado do julgamento.

ANN WROE, *PONTIUS PILATE*

Só ignorando deliberadamente o passado é que não percebemos para onde tudo isto nos conduz.

PAUL KRUGMAN, *THE NEW YORK TIMES*

CIDADE DO VATICANO

CIDADE DO VATICANO



PREFÁCIO

Sua Santidade, o papa Paulo VII, surgiu, pela primeira vez, em *O Confessor*, o terceiro livro da série de Gabriel Allon. Posteriormente, apareceu em *A Mensageira e O Anjo Caído*. Batizado como Pietro Lucchesi, é o anterior Patriarca de Veneza e sucessor direto do papa João Paulo II. Na minha versão ficcional do Vaticano, os papados de Joseph Ratzinger e Jorge Mario Bergoglio, os Sumos Pontífices Bento XVI e Francisco, não ocorreram.

PRIMEIRA PARTE

INTERREGNUM

ROMA

O telefonema chegou às 23h42. Luigi Donati hesitou antes de atender. O número exibido no ecrã do seu *telefonino* pertencia a Albanese. Só havia uma razão para ele estar a ligar a uma hora daquelas.

— Onde é que Vossa Excelência está?

— Fora do recinto.

— Ah, pois. É quinta-feira, não é?

— Há algum problema?

— É melhor não dizer demasiado ao telefone. Nunca se sabe quem poderá estar a ouvir.

Donati embrenhou-se na noite fria e húmida. Envergava um fato clerical preto com colarinho romano branco, em vez da batina e peregrineta debruadas a fúchsia que usava no escritório (era assim que os homens com o seu título eclesiástico se referiam ao Palácio Apostólico). Donati era arcebispo e secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII. Alto e esguio, com abundante cabelo escuro e feições de estrela de cinema, celebrara recentemente o seu sexagésimo terceiro aniversário. A idade em nada diminuía a sua beleza. A revista *Vanity Fair* batizara-o recentemente como «Luigi, o *Deslumbrante*». O artigo causara-lhe um enorme embaraço no mundo de maledicência da Cúria, mas, dada a merecida reputação de Donati como implacável, ninguém se atrevera a mencionar-lho na cara. Ninguém, exceto o Santo Padre, que troçara impietosamente dele.

É melhor não dizer demasiado ao telefone...

Há um ano ou mais que Donati se andava a preparar para esse momento, desde o primeiro ataque cardíaco leve, que ocultara do resto do mundo e até de grande parte da Cúria. Mas, de entre tantas noites, tinha logo de ser aquela?

A rua estava estranhamente silenciosa. Funestamente silenciosa, pensou Donati de súbito. Era uma avenida ladeada de *palazzos*, mesmo ao lado da Via Veneto, o tipo de local onde um sacerdote raramente punha os pés, especialmente um padre educado e treinado pela

Companhia de Jesus, a ordem intelectualmente rigorosa e por vezes insubordinada a que Donati pertencia. O seu carro oficial, com a matrícula SCV característica do Vaticano, aguardava junto à berma. O motorista pertencia ao Corpo della Gendarmeria, a força policial do Vaticano, constituída por 130 membros. O automóvel dirigiu-se sem pressa para oeste, atravessando Roma.

Ele não sabe...

No telemóvel, Donati deu uma vista de olhos aos *sites* dos principais jornais italianos. Não sabiam de nada. Tal como os seus colegas de Londres e Nova Iorque.

— Liga o rádio, Gianni.

— Música, Vossa Excelência?

— Notícias, por favor.

Mais um ror de disparates de Saviano, outro discurso inflamado sobre como os imigrantes árabes e africanos estavam a destruir o país, como se os italianos não fossem bem capazes de pôr tudo de pantanas por si próprios. Há meses que Saviano importunava o Vaticano para conseguir uma audiência privada com o Santo Padre. Com um regozijo velado, Donati rejeitara conceder-lha.

— Já chega, Gianni.

O rádio caiu num silêncio abençoado. Donati espreitou pela janela do luxuoso *sedan* alemão. Era uma forma imprópria de um Soldado de Cristo se deslocar. Calculava que essa fosse a última vez que atravessava Roma numa limusina com motorista. Durante quase duas décadas, desempenhara funções equiparáveis às de um chefe de gabinete da Igreja Católica Romana. Fora uma época conturbada (um ataque terrorista na Praça de São Pedro, um escândalo que envolvera antiguidades e os Museus do Vaticano, o flagelo dos abusos sexuais dos sacerdotes), mas, mesmo assim, Donati apreciara cada minuto. Agora, num abrir e fechar de olhos, tudo terminara. Era novamente um mero sacerdote. Nunca se tinha sentido tão só.

O carro atravessou o Tibre e virou para a Via della Conciliazione, a larga avenida que Mussolini talhara entre os bairros degradados de Roma. A cúpula da Basílica, iluminada por holofotes e restaurada à sua glória original, espreitava ao longe. Seguiram a curva da Colunata de Bernini até à Porta de Santa Ana, onde um guarda suíço gesticulou para que continuassem para o território da cidade-estado. Envergava o uniforme noturno: uma farda azul com gola branca de estilo colegial, meias até ao joelho, uma boina preta, uma capa contra o frio da noite. Os seus olhos estavam secos, o rosto impassível.

Ele não sabe...

O carro subiu lentamente a Via Sant'Anna, passando pela caserna da Guarda Suíça, pela Igreja de Santa Ana, pela Tipografia Vaticana e pelo Banco do Vaticano, antes de se deter junto de uma arcada que

conduzia ao Pátio de São Dâmaso. Donati atravessou a calçada a pé, entrou no mais importante elevador de toda a cristandade e subiu até ao terceiro andar do Palácio Apostólico. Apressou-se a percorrer a lógia, ladeada por uma parede de vidro, num lado, e por um fresco, no outro. Um desvio à esquerda levou-o até ao apartamento papal.

De pé, à porta, havia outro guarda suíço, absolutamente hirto, desta feita trajado com o uniforme formal completo. Donati passou por ele sem uma palavra e entrou. Quinta-feira, pensou ele. Porque é que tinha de ser numa quinta-feira?

* * *

Dezoito anos, pensou Donati enquanto inspecionava o escritório privado do Santo Padre, e nada mudara. Apenas o telefone. Donati conseguira, finalmente, convencer o Santo Padre a substituir o antiquado aparelho de disco por um telefone moderno com várias linhas. À exceção disso, a divisão estava exatamente como o polaco a deixara. A mesma secretária de madeira austera. A mesma cadeira bege. O mesmo tapete oriental puído. O mesmo relógio e o mesmo crucifixo dourados. Até o conjunto de caneta e mata-borrão que pertencera a Wojtyla, o *Grande*. Embora, inicialmente, o seu papado tivesse sido muito promissor, criando a expectativa de uma Igreja mais bondosa e menos repressiva, Pietro Lucchesi nunca conseguira escapar completamente à vasta sombra do seu predecessor.

Instintivamente, Donati reparou nas horas marcadas no seu relógio de pulso. Eram 00h07. Nessa noite, o Santo Padre retirara-se para o escritório às oito e meia, para noventa minutos de leitura e escrita. Habitualmente, Donati permanecia junto do seu mestre ou ao fundo do corredor, no seu escritório. Mas, como era quinta-feira, a única noite da semana que tinha para si, tinha ficado apenas até às nove horas.

Faça-me um favor antes de ir, Luigi...

Lucchesi pedira a Donati que abrisse as pesadas cortinas que tapavam a janela do escritório. Era a mesma janela a partir da qual, todos os domingos ao meio-dia, o Santo Padre rezava o Ângelus. Donati cumprira os desejos do seu mestre. Abrira, inclusive, as persianas, para que Sua Santidade pudesse contemplar a Praça de São Pedro, enquanto se dedicava arduamente às formalidades administrativas curiais. Agora, as cortinas estavam completamente corridas. Donati afastou-as para o lado. As persianas também estavam fechadas.

A secretária estava arrumada, não a habitual desarrumação de Lucchesi. Havia uma chávena de chá semivazia e uma colher pousada no pires que não estavam ali quando Donati saíra. Vários documentos,

guardados em pastas de arquivo, empilhavam-se ordenadamente sob o velho candeeiro extensível. Um relatório da Arquidiocese de Filadélfia sobre as consequências financeiras do escândalo dos abusos sexuais. Observações para a audiência geral da quarta-feira seguinte. O primeiro rascunho de uma homilia para uma futura visita papal ao Brasil. Notas para uma encíclica sobre o tema da imigração que, decerto, irritariam Saviano e os seus simpatizantes da extrema-direita italiana.

No entanto, um artigo desaparecera.

Vai assegurar-se de que ele recebe isto, não vai, Luigi?

Donati inspecionou o cesto dos papéis. Estava vazio. Nem um único pedacinho de papel.

— Vossa Excelência está à procura de alguma coisa?

Donati ergueu o olhar e viu o cardeal Domenico Albanese a observá-lo da porta. Albanese era calabrês de nascimento e, de ofício, uma criatura da Cúria. Ocupava vários cargos superiores na Santa Sé, incluindo o de presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e o de arquivista e bibliotecário da Santa Igreja Romana. No entanto, nada disso explicava a sua presença no apartamento papal sete minutos depois da meia-noite. Aliás, Domenico Albanese também era o camerlengo. Era da sua exclusiva responsabilidade fazer a declaração formal de que o trono de São Pedro se encontrava vago.

— Onde é que ele está? — perguntou Donati.

— No reino dos céus — entooou o cardeal.

— E o corpo?

Se Albanese não tivesse ouvido o chamamento sagrado, poderia ter ganhado a vida a carregar placas de mármore ou a arremessar carcaças num matadouro calabrês. Donati seguiu-o, através de um pequeno corredor, até ao quarto. Outros três cardeais aguardavam na penumbra: Marcel Gaubert, José Maria Navarro e Angelo Francona. Gaubert era o secretário de Estado, na prática, o primeiro-ministro e chefe da diplomacia do mais pequeno país do mundo. Navarro era o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, guardião da ortodoxia católica e defensor contra a heresia. Francona, o mais velho dos três, era o reitor do Colégio Cardinalício. Como tal, presidiria ao próximo conclave.

Foi Navarro, um espanhol de linhagem nobre, quem se dirigiu a Donati primeiro. Embora vivesse e trabalhasse em Roma há quase um quarto de século, continuava a falar italiano com um forte sotaque castelhano.

— Luigi, sei como isto deve ser doloroso para si. Nós éramos os seus fiéis servidores, mas era o Luigi que ele mais amava.

Ao ouvir o chavão curial do espanhol, o cardeal Gaubert, um parisiense magro com um rosto felino, assentiu gravemente com a

cabeça, tal como os três leigos que se encontravam na sombra, de pé, na extremidade da divisão: o doutor Octavio Gallo, médico pessoal do Santo Padre, Lorenzo Vitale, diretor do Corpo della Gendarmeria, e o coronel Alois Metzler, comandante da Guarda Suíça Pontifícia. Parecia que Donati fora o último a chegar. Devia ter sido ele, o secretário pessoal, a convocar os príncipes superiores da Igreja para a cabeceira do falecido papa, não o camerlengo. Subitamente, sentiu-se atormentado pela culpa.

Porém, quando baixou o olhar para observar a figura estendida na cama, a culpa deu lugar a um pesar avassalador. Lucchesi ainda envergava a batina branca, embora lhe tivessem retirado os múleos e o solidéu tivesse desaparecido. Alguém lhe colocara as mãos sobre o peito, a agarrar o rosário. Os olhos estavam fechados, o maxilar flácido, mas não havia qualquer sinal de dor no seu rosto, nada que sugerisse que sofrera. Na verdade, Donati não teria ficado surpreso se Sua Santidade tivesse acordado de repente e perguntado como corra a sua noite.

Ainda envergava a batina branca...

Donati fora o responsável pela agenda do Santo Padre desde o primeiro dia do seu pontificado. A rotina noturna raramente variava. O jantar era das sete às oito e meia. As formalidades administrativas no escritório, das oito e meia às dez, seguidas de quinze minutos de oração e reflexão na sua capela privada. Em regra, estava na cama às dez e meia, geralmente em companhia de um romance policial inglês, o seu prazer secreto. *Crimes e Desejos*, de P.D. James, repousava na mesa de cabeceira, debaixo dos seus óculos de leitura. Donati abriu-o na página marcada.

Quarenta e cinco minutos depois, Rickards estava de volta ao local do crime...

Donati fechou o livro. Calculava que o Sumo Pontífice estivesse morto há quase duas horas, talvez mais. Calmamente, perguntou:

— Quem é que o encontrou? Espero que não tenha sido nenhuma das freiras do serviço doméstico.

— Fui eu — respondeu o cardeal Albanese.

— Onde é que ele estava?

— Sua Santidade despediu-se desta vida na capela. Encontrei-o alguns minutos depois das dez. Quanto à hora exata do falecimento...

— O calabrês encolheu os ombros pesados. — Não lhe sei dizer, Vossa Excelência.

— Porque é que não fui contactado imediatamente?

— Procurei-o por todo o lado.

— Devia ter ligado para o meu telemóvel.

— E liguei. Várias vezes, na verdade. Ninguém atendeu.

O camerlengo não estava a dizer a verdade, pensou Donati.

— E o que é que Vossa Eminência estava a fazer na capela?

— Isto começa a parecer um interrogatório. — Os olhos de Albanese moveram-se brevemente para o cardeal Navarro, antes de pousarem novamente em Donati. — Sua Santidade pediu-me que rezasse com ele. Eu aceitei o convite.

— Telefonou diretamente para si?

— Para o meu apartamento — disse o camerlengo, com um movimento afirmativo de cabeça.

— A que horas?

Albanese ergueu o olhar para o teto, como se estivesse a tentar lembrar-se de um detalhe esquecido.

— Às nove e um quarto. Talvez às nove e vinte. Pediu-me que viesse alguns minutos depois das dez. Quando cheguei...

Donati baixou o olhar para o corpo sem vida que jazia sobre a cama.

— E como é que chegou até aqui?

— Eu trouxe-o.

— Sozinho?

— Sua Santidade carregava o peso da Igreja aos ombros — disse Albanese —, mas, na morte, tornou-se leve como uma pena. Como não consegui contactá-lo, convoquei o secretário de Estado que, por sua vez, ligou aos cardeais Navarro e Francona. Depois, contactei o *dottore* Gallo, que declarou o óbito. Morte devido a ataque cardíaco fulminante. Foi o segundo, não foi? Ou foi o terceiro?

Donati olhou para o médico papal.

— A que horas fez a declaração, *dottore* Gallo?

— Onze e dez, Vossa Excelência.

O cardeal Albanese pigarreou suavemente.

— Na minha declaração oficial, fiz um pequeno ajuste à cronologia dos factos. Se desejar, posso dizer que foi o Luigi que o encontrou.

— Não é necessário.

Donati deixou-se cair de joelhos junto à cama. Em vida, o Santo Padre fora franzino. A morte tinha-o minguado mais ainda. Donati lembrava-se do dia em que, inesperadamente, o conclave elegera Lucchesi, o Patriarca de Veneza, para ser o ducentésimo sexagésimo quinto pontífice da Igreja Católica Romana. Na Sala das Lágrimas, escolhera a mais pequena das três batinas prontas a usar. Ainda assim, aparentava ser um rapazinho vestido com a camisa do pai. Quando se assomou à varanda da Basílica de São Pedro, a sua cabeça mal se via sobre a balaustrada. Os *vaticanisti* batizaram-no como Pedro, o *Improvável*. A linha dura da Igreja designou-o, pejorativamente, como o *Papa Acidental*.

Passado um momento, Donati sentiu uma mão no ombro. Era como chumbo, portanto, tinha de ser de Albanese.

— O anel, Vossa Excelência.

Em tempos, fora responsabilidade do camerlengo destruir, na presença do Colégio Cardinalício, o Anel do Pescador do papa falecido. Porém, tal como os três toques na testa papal com um martelo de prata, a prática fora extinta. O anel de Lucchesi, que ele raramente usava, seria, simplesmente, gravado com dois cortes profundos em forma de cruz. Contudo, outras tradições mantinham-se, tal como o encerramento e selagem imediata do apartamento papal. Assim que o corpo fosse retirado, nem mesmo Donati, o único secretário pessoal de Lucchesi, seria autorizado a entrar.

Ainda de joelhos, Donati abriu a gaveta da mesa de cabeceira e agarrou no pesado anel dourado. Entregou-o ao cardeal Albanese, que o colocou numa bolsa de veludo. Solenemente, declarou:

— *Sede vacante*.

O trono de São Pedro estava, agora, vago. A Constituição Apostólica ditava que o cardeal Albanese assumisse a direção temporária da Igreja Católica Romana durante o interregno, que terminava com a eleição do novo papa. Donati, com o mero título de arcebispo, não teria qualquer voto na matéria. Na verdade, agora que o seu mestre falecera, não tinha cargo nem poder, respondendo apenas perante o camerlengo.

— Quando é que pretende divulgar a declaração? — perguntou Donati.

— Estava à espera de que chegasse.

— Posso revê-la?

— O tempo urge. Se adiarmos mais...

— Claro, Vossa Eminência. — Donati pousou a mão sobre a de Lucchesi. Já estava fria. — Gostaria de ter um momento a sós com ele.

— Mas é mesmo só um momento... — disse o camerlengo.

O quarto esvaziou-se lentamente. O cardeal Albanese foi o último a sair.

— Diga-me uma coisa, Domenico.

O camerlengo parou no limiar da porta.

— Vossa Excelência?

— Quem correu as cortinas do escritório?

— As cortinas?

— Estavam abertas quando eu saí, às nove. As persianas também.

— Fui eu que as corri, Vossa Excelência. Não queria que ninguém na praça visse as luzes acesas no apartamento tão tarde.

— Sim, claro. Foi sensato da sua parte, Domenico.

O camerlengo saiu, deixando a porta aberta. Sozinho com o seu mestre, Donati conteve as lágrimas. Haveria tempo para fazer o luto mais tarde. Inclinando-se, aproximou-se do ouvido de Lucchesi e apertou a sua mão fria.

— Fale comigo, velho amigo — sussurrou. — Diga-me o que aconteceu realmente aqui esta noite.

JERUSALÉM–VENEZA

Foi Chiara quem informou secretamente o primeiro-ministro de que o seu marido precisava desesperadamente de umas férias. Desde que se instalara com relutância no gabinete executivo da Avenida Rei Saul, praticamente não concedera a si próprio uma única tarde livre, apenas alguns dias de convalescença após o atentado à bomba em Paris, no qual fraturara duas vértebras na região lombar. Ainda assim, não era algo que pudesse ser encarado de ânimo leve. Gabriel precisava de comunicações seguras e, mais importante do que isso, de segurança apertada. Tal como Chiara e os gémeos. Em breve, Irene e Raphael celebrariam o seu quarto aniversário. A ameaça que pairava sobre a família Allon era tão forte que as crianças nunca tinham posto um pé fora do Estado de Israel.

Mas para onde iriam? Uma viagem exótica para um destino longínquo não era uma opção. Teriam de permanecer razoavelmente próximos de Israel, para que, na eventualidade bastante provável de uma emergência nacional, Gabriel pudesse regressar à Avenida Rei Saul numa questão de horas. No seu futuro, não se vislumbrava um safari na África do Sul nem uma viagem à Austrália ou às Galápagos. Provavelmente, era melhor assim: Gabriel tinha uma relação conflituosa com animais selvagens. Para além disso, a última coisa que Chiara queria fazer era cansá-lo com mais um voo de longa distância. Agora que era diretor-geral do Departamento, voava constantemente para Washington para se reunir com os seus parceiros americanos em Langley. Aquilo de que ele mais precisava era de descanso.

Por outro lado, usufruir de momentos de lazer não era algo natural para ele. Era um homem de enorme talento, mas com poucos *hobbies*. Não fazia esqui nem mergulho e jamais empunhara um taco de golfe ou uma raquete de ténis, exceto como arma. As praias aborreciam-no, a não ser que fossem frias e ventosas. Gostava de velejar, principalmente nas águas agitadas do oeste de Inglaterra, ou de pôr uma mochila às costas e atravessar uma charneca árida. Nem mesmo

Chiara, que era agente de campo reformada do Departamento, conseguia aguentar o seu ritmo alucinante durante mais de dois ou três quilómetros. As crianças iriam, decididamente, desfalecer.

O truque seria encontrar algo para Gabriel *fazer* enquanto estivessem de férias, um pequeno projeto que pudesse ocupá-lo durante algumas horas, todas as manhãs, até que as crianças acordassem e estivessem vestidas e prontas para começar o dia. E se esse projeto pudesse ser realizado numa cidade onde ele já se sentisse à vontade? A cidade onde estudara o ofício de restaurador de arte e fizera a sua formação prática? A cidade onde ele e Chiara se tinham conhecido e apaixonado? Ela era natural dessa cidade e o pai era o grande rabino da sua cada vez mais reduzida comunidade judaica. Para além disso, a sua mãe andava a insistir para que que levasse as crianças a visitá-los. Seria perfeito, pensou. Como diz o provérbio, mataria dois coelhos de uma cajadada só.

Mas quando? Agosto estava fora de questão. Era demasiado quente e húmido e a cidade estaria submersa num mar de turistas, hordas de amantes de *selfies* que, durante uma hora ou duas, seguiam guias mal-humorados pela cidade, antes de engolirem apressadamente um *cappuccino* no Caffè Florian, por um preço exorbitante, e regressarem aos seus cruzeiros. Mas, se esperassem até, digamos, novembro, o tempo estaria fresco e sem nuvens e teriam o *sestiere* basicamente só para eles. Isso dar-lhes-ia a oportunidade de refletirem sobre o futuro sem a distração do Departamento ou da vida quotidiana em Israel. Gabriel informara o primeiro-ministro de que cumpriria apenas um mandato. Não era demasiado cedo para começarem a pensar como iriam passar o resto das suas vidas e onde iriam criar os seus filhos. Nenhum deles estava a ir para novo, principalmente Gabriel.

Chiara não o informou dos seus planos, já que isso só conduziria a um extenso discurso por parte do seu marido sobre todos os motivos pelos quais o Estado de Israel colapsaria se ele tirasse, sequer, um dia de folga. Pelo contrário, conspirou com Uzi Navot, o subdiretor, para escolher as datas. A divisão de Logística, responsável pela aquisição e gestão de propriedades seguras, tratou do alojamento. A polícia e os serviços secretos locais, com quem Gabriel mantinha uma relação de grande proximidade, aceitaram encarregar-se da segurança.

Faltava apenas o projeto para manter Gabriel ocupado. No final de outubro, Chiara telefonou a Francesco Tiepolo, proprietário de uma das mais proeminentes empresas de restauro da região.

— Tenho mesmo aquilo de que precisa. Vou enviar-lhe uma fotografia.

Três semanas depois, após uma reunião particularmente conflituosa do turbulento Conselho de Israel, Gabriel regressou a casa para encontrar a família Allon de malas feitas.

- Vais deixar-me?
- Não — disse Chiara. — Vamos de férias. Nós todos.
- Eu não posso, de forma nenhuma...
- Está tudo tratado, querido.
- O Uzi sabe?
- Chiara assentiu com a cabeça.
- E o primeiro-ministro também.
- Para onde é que vamos? E durante quanto tempo?
- Ela respondeu.
- O que é que eu vou fazer durante duas semanas?
- Chiara entregou-lhe a fotografia.
- É impossível conseguir terminar isto.
- Fazes o máximo que conseguires.
- E vou deixar outra pessoa tocar no meu trabalho?
- Não é o fim do mundo.
- Nunca se sabe, Chiara. Talvez seja.

O apartamento ocupava o *piano nobile* de um velho *palazzo* degradado em Cannaregio, o mais setentrional dos seis *sestieri* tradicionais de Veneza. Contava com um salão de visitas, uma grande cozinha repleta de eletrodomésticos modernos e um terraço com vista para o Rio della Misericordia. Num dos quatro quartos, a divisão de Logística estabelecera uma ligação segura com a Avenida Rei Saul, completando-a com uma estrutura semelhante a uma tenda (na gíria do Departamento, era conhecida como chupá[1]) que permitia a Gabriel falar ao telefone sem receio de escutas eletrónicas. No exterior, na Fondamenta dei Ormesini, montavam guarda os agentes à paisana dos *carabinieri*. Com o consentimento deles, Gabriel estava armado com uma pistola *Beretta* de 9 mm. Chiara, que era muito melhor atiradora do que ele, também.

Caminhando alguns passos ao longo do cais, havia uma ponte de ferro (a única em Veneza) e, no lado oposto do canal, uma ampla praça chamada Campo di Ghetto Nuovo, onde se situavam um museu, uma livraria e os escritórios da comunidade judaica. A Casa Israelítica di Riposo, um lar para idosos, ocupava o flanco norte. Junto da mesma, havia um austero memorial em baixo-relevo, em homenagem aos judeus de Veneza que, em dezembro de 1943, tinham sido reunidos, detidos em campos de concentração e, mais tarde, assassinados em Auschwitz. Dois *carabinieri* fortemente armados vigiavam o memorial a partir de um posto fortificado. Das duzentas e cinquenta mil pessoas que ainda habitavam nas ilhas de uma Veneza que se afundava, só os judeus precisavam de proteção policial vinte quatro horas por dia.

Os prédios que flanqueavam o *campo*[2] eram os mais altos de Veneza pois, na Idade Média, a Igreja proibira os seus residentes de morarem em qualquer outro lugar da cidade. Nos últimos andares de vários edifícios, existiam pequenas sinagogas (agora meticulosamente restauradas) que, em tempos, tinham servido as comunidades de judeus asquenazes e sefarditas que viviam por baixo. As duas sinagogas do gueto ainda em funcionamento ficavam a sul do *campo*. Ambas eram clandestinas, e não havia nada na sua aparência externa que sugerisse que eram casas de culto judaicas. A Sinagoga Espanhola fora fundada, em 1580, pelos antepassados de Chiara. Desprovida de aquecimento, estava aberta desde a Páscoa Judaica até às grandes festas de Rosh Hashanah e Yom Kippur. A Sinagoga Levantina, situada numa pequena praça, servia a comunidade durante o inverno.

O rabino Jacob Zolli e a sua esposa, Alessia, viviam ao virar da esquina da Sinagoga Levantina, numa casinha estreita com vista para um *corte*[3] isolado. Foi lá que a família Allon jantou, na segunda-feira à noite, poucas horas depois de terem chegado a Veneza. Gabriel conseguiu consultar o telemóvel apenas quatro vezes.

— Espero que não haja nenhum problema — disse o rabino Zolli.

— O habitual — murmurou Gabriel.

— Fico aliviado.

— Não fique.

O rabino riu-se baixinho e passeou o olhar pela mesa, satisfeito, pousando-o brevemente nos dois netos, na esposa e, finalmente, na filha. A luz da vela refletia-se nos olhos de Chiara, que eram cor de caramelo salpicados de dourado.

— A Chiara nunca esteve tão radiante. Obviamente, faze-la muito feliz.

— A sério?

— É certo que tem havido alguns percalços no caminho. — O tom do rabino foi admoestatório. — Mas garanto-te que ela se considera a pessoa mais sortuda do mundo.

— Receio que essa honra me pertença.

— Ouvi dizer que ela te enganou com os planos de viagem.

Gabriel franziu o sobrolho.

— De certeza que há algum excerto na Torá que proíba esse tipo de coisas.

— Não me lembro de nenhum.

— Provavelmente, foi melhor assim — admitiu Gabriel. — De outra forma, duvido que tivesse concordado.

— Fico satisfeito por finalmente terem conseguido trazer as crianças a Veneza. Mas temo que tenham vindo numa altura complicada. — O rabino Zolli baixou a voz. — O Saviano e os seus amigos da extrema-direita despertaram forças obscuras na Europa.

Giuseppe Saviano era o novo primeiro-ministro italiano. Era xenófobo, intolerante, sem qualquer respeito pela imprensa livre e com pouca paciência para detalhes como o parlamentarismo ou o Estado de Direito. Tal como o seu amigo íntimo, Jörg Kaufmann, o neofascista novato que ocupava a chancelaria da Áustria. Em França, assumia-se à boca cheia que Cécile Leclerc, líder da Frente Popular, seria a nova residente do Palácio do Eliseu. Na Alemanha, esperava-se que os Nacionais-Democratas, liderados por um antigo *skinhead* neonazi chamado Axel Brünner, ficassem em segundo lugar nas eleições gerais de janeiro. Aparentemente, a extrema-direita estava em franca ascensão generalizada.

O seu aumento de popularidade na Europa Ocidental fora alimentado pela globalização, pela incerteza económica e pela composição demográfica do continente, que mudava a olhos vistos. Atualmente, os muçulmanos constituíam já cinco por cento da população europeia, pelo que um número crescente de europeus nativos via o Islão como uma ameaça existencial à sua identidade cultural e religiosa. A raiva e o ressentimento, em tempos contidos ou escondidos do espaço público, percorriam, agora, as veias da Internet como um vírus. Os ataques a muçulmanos tinham aumentado drasticamente, tal como as agressões físicas e os atos de vandalismo contra judeus. Efetivamente, o antissemitismo na Europa atingira níveis que não eram vistos desde a Segunda Guerra Mundial.

— O nosso cemitério no Lido foi novamente vandalizado na semana passada — disse o rabino Zolli. — Lápides tombadas, suásticas... o costume. Os meus fiéis estão assustados. Tento confortá-los, mas também estou assustado. Os políticos anti-imigração, como o Saviano, agitaram a garrafa e tiraram-lhe a rolha. Os seus apoiantes queixam-se dos refugiados do Médio Oriente e de África, mas não há ninguém que eles abominem mais do que nós. É o ódio mais antigo. Aqui em Itália, já não é mal visto ser antissemita. Nos dias de hoje, o desprezo por nós pode expressar-se de forma bastante aberta. E os resultados têm sido inteiramente previsíveis.

— A tempestade há de passar — disse Gabriel, com pouca convicção.

— Os teus avós provavelmente disseram o mesmo. Tal como os judeus de Veneza. A tua mãe conseguiu sair de Auschwitz viva. Os judeus de Veneza não tiveram tanta sorte. — O rabino Zolli abanou a cabeça. — Já vi este filme antes, Gabriel. Sei como é que termina. Nunca te esqueças de que o unimaginável pode acontecer. Mas não vamos estragar a noite com conversas desagradáveis. Quero gozar a companhia dos meus netos.

Na manhã seguinte, Gabriel acordou cedo e passou algumas horas a falar com os seus principais colaboradores na Avenida Rei Saul, sob a

proteção da chupá. Depois, alugou um barco a motor e levou Chiara e as crianças num passeio pela cidade e pelas ilhas da lagoa. Estava demasiado frio para nadar no Lido, mas as crianças tiraram os sapatos e perseguiram gaivotas e andorinhas-do-mar pela praia. Na viagem de regresso a Cannaregio, pararam na Igreja de San Sebastiano, em Dorsoduro, para ver a pintura de Veronese, *A Virgem e o Menino em Glória com Santos*, que Gabriel restaurara durante a gravidez de Chiara. Mais tarde, enquanto a luz de outono se desvanecia no Campo di Ghetto Nuovo, as crianças participaram num ruidoso jogo de apanhada, enquanto Gabriel e Chiara assistiam, sentados num banco de madeira no exterior da Casa Israelitica di Riposo.

— É possível que este seja o meu banco preferido no mundo inteiro — disse Chiara. — Era aqui que estavas sentado no dia em que ganhaste juízo e me imploraste que te aceitasse de volta. Lembras-te, Gabriel? Foi depois do atentado no Vaticano.

— Não sei bem o que é que foi pior, se as granadas-foguete e os bombistas suicidas ou a forma como tu me trataste.

— Tu mereceste, seu pateta. Nunca devia ter aceitado voltar a namorar contigo.

— E agora os nossos filhos estão a brincar no *campo* — disse Gabriel.

Chiara olhou de relance para o posto dos *carabinieri*.

— Vigiados por homens armados.

No dia seguinte, quarta-feira, Gabriel esgueirou-se do apartamento depois dos seus telefonemas matinais e, com uma caixa de madeira envernizada debaixo do braço, caminhou até à Igreja da Madonna dell'Orto. A nave central estava na penumbra e os andaimes ocultavam os arcos ogivais das naves laterais. A igreja não tinha transepto, mas, ao fundo, existia uma abside com cinco lados que albergava o túmulo de Jacopo Robusti, mais conhecido como Tintoretto. Foi aí que Gabriel encontrou Francesco Tiepolo. Era um homem grande como um urso, com uma barba crespa, grisalha e negra. Como era habitual, envergava uma túnica branca solta e um lenço amarrado despreocupadamente à volta do pescoço.

Deu um abraço apertado a Gabriel.

— Sempre soube que ias voltar.

— Estou de férias, Francesco. Não nos entusiasmemos demasiado.

Tiepolo acenou a mão como se estivesse a tentar afugentar os pombos na Piazza di San Marco.

— Hoje estás de férias, mas, um dia, vais morrer em Veneza. — Baixou o olhar para o túmulo. — Suponho que teremos de enterrar-te noutro lugar que não seja uma igreja, não é?

Entre 1552 e 1569, Tintoretto criara dez pinturas para a igreja, incluindo a *Apresentação da Virgem no Templo*, que pendia no lado

direito da nave. Era uma tela gigantesca, de 4,80 por 4,29 metros, e uma das suas obras-primas. A primeira fase do restauro, que era remoção do verniz desbotado, estava concluída. Faltava apenas o retoque das partes da tela deterioradas pela passagem do tempo e condições ambientais. Seria uma tarefa monumental. Gabriel calculava que um único restaurador pudesse demorar um ano a concluí-la, se não mais.

— Quem foi a pobre alma que removeu o verniz? O Antonio Politi, espero.

— Foi a Paulina, a rapariga nova. Tinha esperanças de poder observar-te a trabalhar.

— Suponho que a tenhas desenganado dessa ideia.

— Taxativamente. Ela disse que podias ficar com a parte do quadro que quisesses, exceto a Virgem.

Gabriel ergueu o olhar para a parte superior da imponente tela. Maria, a filha de três anos de Joaquim e Ana, judeus de Nazaré, subia hesitantemente os quinze degraus do Templo de Jerusalém em direção ao sumo sacerdote. Alguns degraus abaixo, havia uma mulher reclinada, vestida com um manto de seda castanha. Estava a abraçar uma criança pequena, mas era impossível perceber se se tratava de um rapaz ou de uma rapariga.

— Ela — disse Gabriel. — E a criança.

— Tens a certeza? Precisam de muito trabalho.

Gabriel sorriu tristemente, com os olhos na tela.

— É o mínimo que posso fazer por eles.

Ficou na igreja até às duas da tarde, mais tempo do que pretendia. Nessa noite, ele e Chiara deixaram as crianças com os avós e jantaram a sós no restaurante que ficava no outro lado do Grande Canal, em San Polo. No dia seguinte, quinta-feira, levou as crianças para um passeio de gôndola, de manhã, e trabalhou no Tintoretto do meio-dia às cinco, hora a que Tiepolo trancava as portas da igreja.

Chiara decidiu fazer o jantar no apartamento. Depois, Gabriel supervisionou a batalha noturna conhecida como hora do banho, antes de se retirar para a proteção da chupá para lidar com uma pequena crise em casa. Era quase uma da manhã quando se arrastou para a cama. Chiara estava a ler um romance, alheada da televisão sem som. O ecrã mostrava uma transmissão em direto da Basílica de São Pedro. Gabriel aumentou o volume e soube que um velho amigo falecera.

[1] Tenda sob a qual se realiza o casamento judaico. (N.T.)

[2] Terreiro, em italiano. (*N.T.*)

[3] Pátio, em italiano. (*N.T.*)

CANNAREGIO, VENEZA

Mais tarde, nessa manhã, o corpo de Sua Santidade, o papa Paulo VII, foi levado para a Sala Clementina, no segundo andar do Palácio Apostólico. Ali permaneceu até ao início da tarde seguinte, quando foi transferido, em procissão solene, para a Basílica de São Pedro, para dois dias de exibição pública. Quatro guardas suíços, com as alabardas a postos, vigiavam o pontífice falecido. A imprensa do Vaticano deu grande destaque ao facto de o arcebispo Luigi Donati, o assistente e confidente mais próximo do Santo Padre, raramente se ter afastado do seu lado.

A tradição da Igreja ditava que o funeral e o enterro do papa ocorressem quatro a seis dias após a sua morte. O cardeal camerlengo, Domenico Albanese, anunciou que teriam lugar na terça-feira seguinte e que o conclave se reuniria dez dias depois. Os *vaticanisti* previam uma disputa renhida e fraturante entre reformadores e conservadores. As apostas centravam-se no cardeal José Maria Navarro, que usara a sua posição como guardião doutrinário da Igreja para construir uma base de poder no seio do Colégio Cardinalício que rivalizava, até, com a do papa defunto.

Em Veneza, onde Pietro Lucchesi reinara como patriarca, o presidente do município declarou três dias de luto. Os sinos da cidade ficaram em silêncio e houve um serviço religioso moderadamente participado na Basílica de São Marcos. À exceção disso, a vida prosseguiu como normalmente. Uma pequena *acqua alta* inundou uma parte da Santa Croce e um cruzeiro colossais colidiu contra um cais do canal da Giudecca. Nos estabelecimentos onde os locais se reuniam para beber um café ou um copo de aguardente contra o frio outonal, raramente se ouvia o nome do falecido pontífice. Cínicos por natureza, poucos venezianos se davam ao trabalho de assistir à missa regularmente e menos ainda viviam as suas vidas de acordo com os ensinamentos dos homens do Vaticano. As igrejas de Veneza, as mais belas de toda a Cristandade, eram locais onde os turistas estrangeiros iam para contemplar arte renascentista.

Contudo, Gabriel seguia os acontecimentos em Roma com um interesse mais do que superficial. Na manhã das exéquias fúnebres do papa, chegou cedo à igreja e trabalhou sem interrupções até ao meio-dia e um quarto, quando ouviu o eco oco de passos na nave. Levantou a sua viseira de ampliação e abriu cuidadosamente a cortina de lona que tapava a sua plataforma. O general Cesare Ferrari, comandante da Divisão de Defesa do Património Cultural dos Carabinieri, mais conhecida como Brigada de Arte, devolveu-lhe um olhar sem expressão.

Sem que tivesse sido convidado, o general atravessou a cortina e contemplou a enorme tela, banhada pela luz branca abrasadora de dois candeeiros de halogéneo.

— É um dos melhores dele, não acha?

— Estava sob enorme pressão para provar o seu valor. Veronese tinha sido reconhecido publicamente como o sucessor de Ticiano e o melhor pintor de Veneza. O pobre Tintoretto já não recebia o mesmo tipo de encomendas de antes.

— Esta era a paróquia dele.

— Não me diga.

— Vivia ao virar da esquina, na Fondamenta di Mori. — O general afastou a lona para o lado e dirigiu-se para a nave. — Antigamente, havia um Bellini nesta igreja. *A Virgem com o Menino*. Foi roubado em 1993. A Brigada de Arte anda à procura dele desde então. — Perscrutou Gabriel por cima do ombro. — Não o viu, pois não?

Gabriel sorriu. Pouco antes de se tornar chefe do Departamento, recuperara a pintura roubada mais procurada do mundo, a *Natividade com São Francisco e São Lourenço*, de Caravaggio. Tinha-se assegurado de que a Brigada de Arte recebia todo o crédito por isso. Fora por esse motivo, entre outros, que o general Ferrari aceitara providenciar a Gabriel e à sua família segurança vinte e quatro horas por dia, durante as suas férias em Veneza.

— Era suposto estar a descansar — disse o general.

Gabriel baixou a viseira de ampliação.

— E estou.

— Há algum problema?

— Por razões inexplicáveis, estou a ter algumas dificuldades em recriar a cor da vestimenta desta mulher.

— Refiro-me à sua segurança.

— Parece que o meu regresso a Veneza passou despercebido.

— Não completamente. — O general olhou de relance para o relógio de pulso. — Calculo que não consiga convencê-lo a fazer uma pausa para o almoço...

— Nunca almoço, quando estou a trabalhar.

— Sim, eu sei. — O general desligou os candeeiros de halogéneo. —

Ainda me lembro.

Tiepolo dera a Gabriel uma chave da igreja. Observado pelo comandante da Brigada de Arte, acionou o alarme e trancou a porta. Caminharam juntos até um café que ficava algumas portas abaixo da antiga casa de Tintoretto. O funeral papal passava na televisão atrás do balcão.

— Caso esteja a perguntar-se — disse o general —, o arcebispo Donati queria que estivesse presente.

— Então, porque é que não fui convidado?

— O camerlengo não permitiu.

— O Albanese?

O general assentiu com a cabeça.

— Pelos vistos, nunca se sentiu confortável com a proximidade da sua relação com o Donati. Aliás, nem com o Santo Padre.

— Provavelmente, é melhor eu não ter ido. A minha presença só teria sido uma distração.

O general franziu o sobrolho.

— Deviam tê-lo sentado num lugar de honra. Afinal, se não fosse por si, o Santo Padre teria morrido no atentado terrorista no Vaticano.

O empregado, um rapaz magricelas de vinte e poucos anos, vestido com uma *t-shirt* preta, serviu-lhes dois cafés. O general acrescentou açúcar ao seu, mexendo com uma mão à qual faltavam dois dedos. Perdera-os devido a uma carta armadilhada, quando era comandante da divisão de Nápoles dos *carabinieri*, que estava infestada pela Camorra. A explosão também lhe levava o olho direito. A prótese ocular, com a sua pupila imóvel, deixara o general com um olhar frio e inflexível. Até Gabriel tinha tendência para o evitar. Era como fitar o olho de um Deus que tudo vê.

Naquele momento, o olho estava apontado na direção da televisão, onde a câmara se movia lentamente para mostrar uma galeria de políticos, monarcas e celebridades globais variadas. Finalmente, deteve-se em Giuseppe Saviano.

— Pelo menos não está de braçadeira — murmurou o general.

— Não é um admirador?

— O Saviano é um defensor apaixonado do orçamento da Brigada de Arte. Como tal, damo-nos bastante bem.

— Os fascistas adoram o património cultural.

— Ele considera-se um populista, não um fascista.

— Que alívio.

O breve sorriso de Ferrari não se espelhou minimamente na sua prótese ocular.

— A ascensão de um homem como o Saviano era inevitável. O

nosso povo perdeu a fé, com noções fantasiosas como democracia liberal, União Europeia e aliança ocidental. E como é que não perderia? Entre a globalização e a automatização, a maioria dos jovens italianos não consegue começar uma carreira digna. Se quiserem um emprego bem remunerado, têm de ir para a Grã-Bretanha. E, se ficarem aqui... — O general olhou de soslaio para o jovem atrás do balcão. — Servem cafés aos turistas. — Baixou o tom de voz. — Ou aos espões israelitas.

— O Saviano não vai alterar nada disso.

— Provavelmente, não. Mas, entretanto, vai projetando força e confiança.

— Então, e a competência?

— Desde que mantenha os imigrantes afastados, os seus partidários estão-se nas tintas para o facto de ele não conseguir construir uma frase.

— E se houver uma crise? Uma verdadeira crise. Não uma inventada por um *site* de direita.

— Como por exemplo?

— Pode ser outra crise financeira que arrase o sistema bancário. — Gabriel fez uma pausa. — Ou algo muito pior.

— O que é que poderia ser pior do que ver as poupanças da minha vida inteira esfumarem-se?

— Que tal uma pandemia global? Uma nova estirpe de gripe para a qual os humanos não tenham uma defesa natural.

— Uma praga?

— Não se ria, Cesare. É só uma questão de tempo.

— E de onde é que virá essa praga?

— Vai passar de animais para humanos num local onde as condições sanitárias deixem muito a desejar. Um mercado chinês, por exemplo. Vai começar lentamente, com um conjunto de casos locais. Mas, como estamos tão interligados, vai propagar-se pelo mundo inteiro como um incêndio. Os turistas chineses vão trazer o vírus para a Europa Ocidental nas fases iniciais do surto, ainda antes de o vírus ser identificado. Em poucas semanas, metade da população italiana vai estar infetada, talvez mais. O que é que acontece nesse momento, Cesare?

— Diga-me o Gabriel.

— Todo o país terá de ficar em quarentena para evitar que continue a propagar-se. Os hospitais vão ficar tão saturados que vão ser forçados a rejeitar toda a gente, exceto os mais novos e saudáveis. Vão morrer centenas de pessoas todos os dias, talvez milhares. O exército terá de recorrer à cremação em massa para evitar mais contágios. Vai ser...

— Um holocausto.

Gabriel assentiu lentamente com a cabeça.

— E como é que imagina que um iletrado incompetente como o Saviano vai reagir nessas circunstâncias? Vai ouvir os médicos especialistas ou vai achar que ele é que sabe? Vai dizer a verdade à população ou vai prometer que há uma vacina e um tratamento logo ao virar da esquina?

— Vai culpar os chineses e os imigrantes e sair disso mais forte do que nunca. — Ferrari olhou seriamente para Gabriel. — Sabe alguma coisa que não me está a contar?

— Qualquer pessoa com dois dedos de testa sabe que já há muito que devíamos ter tido algo à escala da gripe de 1918. Eu disse ao primeiro-ministro que, de todas as ameaças que Israel enfrenta, uma pandemia é, de longe, a pior.

— Ainda bem que a minha única responsabilidade é encontrar quadros roubados. — O general observava a televisão, enquanto a câmara se movia através de um mar de paramentos vermelhos. — O próximo pontífice está ali sentado.

— Dizem que vai ser o cardeal Navarro.

— É esse o rumor.

— Tem alguma informação?

O general Ferrari respondeu como se estivesse a dirigir-se a uma sala cheia de jornalistas:

— Os *carabinieri* não fazem qualquer esforço para monitorizar o processo de sucessão papal. Nem as outras agências italianas de segurança e serviços secretos.

— Poupe-me.

O general riu-se silenciosamente.

— E o Gabriel?

— A identidade do próximo papa não diz respeito ao Estado de Israel.

— Agora já diz.

— Está a falar de quê?

— Vou deixar que *ele* explique. — O general Ferrari apontou com a cabeça na direção da televisão, onde a câmara encontrara o arcebispo Luigi Donati, secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII. — Quer saber se o Gabriel teria uns minutos para falar com ele.

— Porque é que ele simplesmente não me telefonou?

— Não é algo que queira discutir ao telefone.

— Ele disse-lhe de que se tratava?

O general abanou a cabeça.

— Só que era um assunto da máxima importância. Tinha esperança de que o Gabriel pudesse almoçar com ele amanhã.

— Onde?

— Em Roma.

Gabriel não respondeu.

— Fica a uma hora de avião. Vai estar de regresso a Veneza a tempo do jantar.

— Vou mesmo?

— A avaliar pelo tom de voz do arcebispo, tenho as minhas dúvidas. Ele vai estar à sua espera, à uma hora, no Piperno. Ele disse que o Gabriel conhece o sítio.

— Tenho uma vaga recordação.

— Ele gostava que fosse sozinho. E não se preocupe com a sua esposa e os seus filhos. Vou cuidar muito bem deles durante a sua ausência.

— Ausência? — Não era a palavra que Gabriel escolheria para descrever uma viagem de um dia até à Cidade Eterna.

O general estava novamente a fitar a televisão.

— Olhe para aqueles príncipes da Igreja, todos vestidos de vermelho.

— A cor simboliza o sangue de Cristo.

O olho bom de Ferrari pestanejou de surpresa.

— Como é que sabe isso?

— Passei a maior parte da minha vida a restaurar arte cristã. Provavelmente, sei mais sobre a história e os ensinamentos da Igreja do que a maioria dos católicos.

— Incluindo eu. — O olhar do general regressou ao ecrã. — Quem é que acha que será?

— Dizem que o Navarro já está a encomendar mobília nova para o *apartamento*.

— Sim — disse o general, assentindo pensativamente com a cabeça. — É o que dizem.

MURANO, VENEZA

— Por favor, diz-me que estás a brincar.

— Acredita, não foi ideia minha.

— Sabes quanto tempo e esforço dediquei a organizar esta viagem? Tive de me reunir com o primeiro-ministro, pelo amor de Deus!

— E eu lamento isso — disse Gabriel de forma solene —, profunda e eternamente.

Estavam sentados nas traseiras de um pequeno restaurante em Murano. Gabriel tinha esperado que terminassem as entradas, antes de contar a Chiara o seu plano de ir a Roma de manhã. Reconhecidamente, fizera-o por motivos egoístas. O restaurante, cuja especialidade era peixe, era um dos seus favoritos em Veneza.

— É só um dia, Chiara.

— Nem tu acreditas nisso.

— Não, mas tinha de tentar.

Chiara ergueu um copo de vinho na direção dos lábios. O resto do seu *pinot grigio* fulgia com o fogo ténue da luz da vela refletida. — Porque é que não foste convidado para o funeral?

— Aparentemente, o cardeal Albanese não conseguiu encontrar um lugar vago para mim em toda a Praça de São Pedro.

— Foi ele que encontrou o corpo, não foi?

— Na capela privada — disse Gabriel.

— Achas mesmo que foi assim que aconteceu?

— Estás a sugerir que a Sala de Imprensa da Santa Sé pode ter divulgado um *bollettino* falso?

— Tu e o Luigi colaboraram na redação de várias declarações enganosas ao longo dos anos.

— Mas os nossos motivos foram sempre puros.

Chiara pousou o copo de vinho na toalha de mesa branca e rodou-o lentamente.

— Porque é que achas que ele quer encontrar-se contigo?

— Não pode ser nada de bom.

— O que é que o general Ferrari disse?

— O mínimo possível.
— Isso não parece nada dele.
— Talvez tenha referido que tem alguma coisa a ver com a escolha do próximo Sumo Pontífice da Igreja Católica e Apostólica Romana.

O copo de vinho parou.

— O conclave?

— Não entrou em pormenores.

Gabriel deu um toque no telefone para o acender e viu as horas. Fora finalmente forçado a separar-se do seu querido *BlackBerry Key2*. O seu novo aparelho era um *Solaris*, produzido em Israel e personalizado de acordo com as suas características únicas. Maior e mais pesado do que um *smartphone* típico, fora fabricado para resistir ao ataque remoto dos mais sofisticados *hackers* do mundo, incluindo a NSA americana e a Unidade 8200 israelita. Todos os colaboradores próximos de Gabriel tinham um, tal como Chiara. Era o seu segundo, pois Raphael atirara o primeiro do terraço do apartamento deles em Jerusalém. Apesar de toda a sua inviolabilidade, o dispositivo não fora concebido para sobreviver a uma queda de três andares e a uma colisão com um pavimento de calcário.

— É tarde — disse ele. — Devíamos ir resgatar os teus pais.

— Não precisamos de nos apressar. Eles adoram ter as crianças por perto. Por eles, nunca deixaríamos Veneza.

— A Avenida Rei Saul era capaz de dar pela minha ausência.

— O primeiro-ministro também. — Ficou em silêncio durante um momento. — Tenho de admitir que não estou ansiosa por voltar para casa. Foi bom ter-te só para mim.

— Só faltam dois anos para terminar o meu mandato.

— Dois anos e um mês. Mas quem é que está a contar?

— Tem sido terrível?

Ela fez uma careta.

— Nunca quis desempenhar o papel da esposa queixosa. Conheces o género, não conheces, Gabriel? Essas mulheres são tão irritantes...

— Sempre soubemos que ia ser difícil.

— Sim — disse ela vagamente.

— Se precisares de ajuda...

— Ajuda?

— Outro par de mãos em casa.

Ela franziu o sobrolho.

— Consigo desenrascar-me muito bem sozinha, obrigada. Simplesmente, sinto a tua falta, é só isso.

— Dois anos passam num abrir e fechar de olhos.

— E prometes que não vais deixar que te convençam a cumprir um segundo mandato?

— Nem pensar nisso.

O rosto dela iluminou-se.

— Então, como é que planeias passar a reforma?

— Dito dessa maneira, até parece que devia começar a procurar um lar.

— Os anos estão a passar por ti, querido. — Deu-lhe uma palmadinha nas costas da mão, o que não o fez sentir-se mais jovem.

— Então? — perguntou ela.

— Planeio dedicar os meus últimos anos neste planeta a fazer-te feliz.

— Nesse caso, vais fazer tudo o que eu quiser?

Ele olhou-a cuidadosamente.

— Dentro do que for razoável, como é evidente.

Ela baixou rapidamente o olhar e puxou um fio solto da toalha de mesa.

— Tomei café com o Francesco, ontem.

— Ele não me contou.

— Eu pedi-lhe para não te contar.

— Então, está explicado. E de que é que falaram?

— Do futuro.

— O que é que ele tem em mente?

— Uma parceria.

— Eu e o Francesco?

Chiara não respondeu.

— *Tu?*

Ela assentiu com a cabeça.

— Quer que eu venha trabalhar para ele. E, quando se reformar, daqui a alguns anos...

— O quê?

— A Restauro Tiepolo será minha.

Gabriel recordou as palavras que Tiepolo lhe dissera junto do túmulo de Tintoretto. *Hoje estás de férias, mas, um dia, vais morrer em Veneza...* Não lhe parecia que aquele plano tivesse surgido no dia anterior, enquanto tomavam café.

— Uma respeitável rapariga judia, vinda do gueto, vai zelar pelas igrejas e *scuole* de Veneza? É isso que estás a dizer?

— É extraordinário, não é?

— E o que é que eu vou fazer?

— Suponho que possas passar os dias a deambular pelas ruas de Veneza.

— Ou?

Ela fez um lindo sorriso.

— Podes trabalhar para mim.

Desta vez, foi Gabriel que baixou o olhar. O seu telefone estava iluminado com uma mensagem recebida da Avenida Rei Saul. Virou o

aparelho ao contrário.

— Isso pode ser controverso, Chiara.

— Trabalhares para mim?

— Deixar Israel assim que o meu mandato terminar.

— Tencionas candidatar-te a um lugar no Knesset?

Ele revirou os olhos.

— Escrever um livro sobre as tuas façanhas?

— Vou deixar essa tarefa para outra pessoa.

— Então?

Ele não respondeu.

— Se ficares em Israel, vais estar facilmente ao alcance do Departamento. E, se houver uma crise, vão arrastar-te de volta para resolves o problema, tal como fizeram com o Ari.

— O Ari queria voltar a entrar. Eu sou diferente.

— És mesmo? Às vezes, não tenho tanta certeza disso. Na verdade, estás cada vez mais parecido com ele.

— E as crianças? — perguntou ele.

— Elas adoram Veneza.

— A escola?

— Por incrível que pareça, temos várias escolas excelentes.

— Os miúdos vão tornar-se italianos.

Ela franziu o sobrolho.

— É uma pena, isso.

Gabriel expirou lentamente.

— Viste a contabilidade do Francesco?

— Vou pôr tudo em ordem.

— Os verões aqui são terríveis.

— Vamos para as montanhas ou velejar no Adriático. Há anos que não velejas, querido.

Gabriel esgotara as objeções. Na verdade, achava que era uma ideia maravilhosa. No mínimo, manteria Chiara ocupada durante os últimos dois anos do seu mandato.

— Temos acordo? — perguntou ela.

— Acho que sim, desde que cheguemos a um consenso sobre o meu salário, que vai ser exorbitante.

Fez sinal ao empregado de mesa para pedir a conta. Chiara estava novamente a puxar o fio solto da toalha de mesa.

— Há uma coisa que me está a incomodar — disse ela.

— Em relação a desenraizar as crianças e mudarmo-nos para Veneza?

— O *bollettino* do Vaticano. O Luigi ficava sempre com o Lucchesi até tarde. E, quando o Lucchesi ia para a capela rezar e meditar antes de ir para a cama, o Luigi ia sempre com ele.

— É verdade.

— Então, porque é que foi o cardeal Albanese que encontrou o corpo?

— Suponho que nunca iremos saber. — Gabriel fez uma pausa. — A não ser que, amanhã, eu almoce com o Luigi em Roma.

— Podes ir, com uma condição.

— Qual é?

— Leva-me contigo.

— E os miúdos?

— Os meus pais podem tomar conta deles.

— E quem é que vai tomar conta dos teus pais?

— Os *carabinieri*, claro.

— Mas...

— Não me faças pedir duas vezes, Gabriel. Odeio mesmo desempenhar o papel da esposa queixosa. Essas mulheres são tão irritantes...

ENEZA-OMA

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, deixaram as crianças na casa dos Zolli e apressaram-se a ir para Santa Lucia a tempo de apanharem o comboio das oito para Roma. Enquanto as planícies ondulantes do centro de Itália deslizavam pela janela, Gabriel leu os jornais e trocou alguns e-mails e mensagens de rotina com a Avenida Rei Saul. Chiara folheava uma volumosa pilha de revistas e catálogos de decoração de interiores, lambendo a ponta do dedo indicador ao virar cada página.

Ocasionalmente, quando a combinação de luz e sombras era favorável, Gabriel vislumbrava o reflexo de ambos no vidro. Tinha de reconhecer que eram um casal atraente, ele vestido com um elegante fato escuro e camisa branca, Chiara com umas *leggings* pretas e um casaco de cabedal. Apesar da pressão e das longas jornadas que caracterizavam o seu trabalho (e dos seus muitos ferimentos e encontros com a morte), Gabriel achava que se conservara bastante bem. Sim, as rugas em redor dos seus olhos cor de jade estavam um pouco mais profundas, mas continuava a ser um ciclista ágil e mantivera todo o seu cabelo, curto e escuro, mas muito grisalho nas têmporas. Mudara de cor quase de um dia para o outro, pouco depois do primeiro assassinio que executara a mando do Departamento. A operação tivera lugar no outono de 1972, na cidade onde chegariam em breve.

Enquanto se aproximavam de Florença, Chiara pôs-lhe um catálogo debaixo do nariz, pedindo-lhe a opinião sobre o sofá e a mesa de apoio exibidos na página aberta. A resposta indiferente de Gabriel valeu-lhe um olhar de ligeira repreensão. Aparentemente, Chiara já começara a vasculhar os anúncios das agências imobiliárias à procura da nova casa, acrescentando ainda mais provas à teoria de Gabriel de que o regresso a Veneza estava a ser planeado há algum tempo. Por agora, restringira a busca a duas propriedades, uma em Cannaregio e outra em San Polo, com vista para o Grande Canal. Ambas diminuiriam substancialmente a pequena fortuna que Gabriel

acumulara com os seus trabalhos como restaurador e ambas exigiram que Chiara fosse diariamente de transporte público para os escritórios de Tiepolo, em São Marcos. O apartamento de San Polo ficava muito mais perto, a algumas paragens de *vaporetto*, mas custava também o dobro do preço.

— Se vendêssemos o apartamento da Narkiss Street...

— Não vamos vendê-lo — disse Gabriel.

— O apartamento de San Polo tem um espaço incrível, com tetos altos, onde podes construir um estúdio a preceito.

— O que quer dizer que vou ter de aceitar encomendas particulares para complementar o salário miserável que vou ganhar a trabalhar para ti.

— Exatamente.

O telefone de Gabriel soou com o toque reservado para mensagens urgentes da Avenida Rei Saul. Chiara observou-o ansiosamente, enquanto ele lia.

— Vamos para casa?

— Ainda não.

— O que é?

— Um atentado com um carro-bomba na Potsdamer Platz, em Berlim.

— Vítimas?

— Provavelmente. Mas ainda não há confirmação.

— Quem foi?

— O Estado Islâmico está a reivindicar a responsabilidade.

— Eles têm capacidade para fazer explodir uma bomba na Europa Ocidental?

— Se me tivesses perguntado isso ontem, ter-te-ia dito que não.

Gabriel seguiu as atualizações que chegavam de Berlim até à chegada do comboio a Roma Termini. No exterior, o céu estava azul-celeste e sem nuvens. Gabriel e Chiara caminharam por veredas ocres de terracota, mantendo-se em ruas secundárias e vielas, onde as sentinelas eram mais fáceis de identificar. Enquanto deambulavam vagarosamente pela Piazza Navona, concordaram que não estavam a ser seguidos.

O *ristorante* Piperno ficava a uma curta distância para sul, num *campo* sossegado próximo do Tibre. Chiara entrou primeiro e foi conduzida a uma mesa cobiçada, perto da janela, por um empregado de mesa de casaco branco, deslumbrado pela sua beleza. Gabriel, que chegou três minutos depois, sentou-se no exterior, sob a luz quente do sol outonal. Conseguia ver os polegares de Chiara premindo furiosamente o teclado do telefone. Retirou o seu telefone do bolso interior do *blazer* e escreveu: Passa-se alguma coisa?

A resposta de Chiara chegou poucos segundos depois. O teu filho acaba

de partir o jarrão preferido da minha mãe.

De certeza que foi culpa do jarrão, não dele.

A tua companhia para o almoço chegou.

Gabriel observou, enquanto um *Fiat* antigo se arrastava hesitantemente sobre as pedras da calçada do minúsculo *campo*. Tinha uma matrícula romana normal, não a matrícula especial SCV, reservada para viaturas do Vaticano. Um clérigo alto e elegante emergiu do banco de trás. A sua batina e peregrineta negras eram debruadas a amaranço, a plumagem de um arcebispo. A sua chegada ao *ristorante* Piperno provocou só ligeiramente menos tumulto do que a de Chiara.

— Desculpa — disse Luigi Donati, enquanto se sentava em frente de Gabriel. — Nunca devia ter aceitado falar com aquela jornalista da *Vanity Fair*. Hoje em dia, não posso ir a nenhum lado em Roma sem ser reconhecido.

— Porque é que deste a entrevista?

— Ela deixou claro que ia escrever o artigo, com ou sem a minha colaboração.

— E acreditaste nisso?

— Ela prometeu que seria um perfil sério de um homem que ajudou a conduzir a Igreja através de águas agitadas. Acabou por não ser como prometido.

— Suponho que estejas a referir-te à parte sobre a tua aparência física.

— Não me digas que leste o artigo.

— Cada palavra.

Donati franziu o sobrolho.

— Devo dizer que o Santo Padre gostou bastante. Achou que fazia a Igreja parecer *cool*. Foi exatamente esta palavra que ele usou, já agora. Os meus rivais na Cúria não concordaram. — Mudou bruscamente de assunto. — Peço desculpa por ter interrompido as tuas férias. Espero que a Chiara não tenha ficado zangada.

— Pelo contrário.

— Estás a dizer-me a verdade?

— Alguma vez te enganei?

— Queres mesmo que eu responda a isso? — Donati sorriu. Fê-lo com esforço.

— Como é que estás a aguentar-te? — perguntou Gabriel.

— Estou a fazer o luto pela perda do meu mestre e a ajustar-me às minhas novas circunstâncias modestas e à perda de estatuto.

— Onde é que estás hospedado?

— Na Cúria Jesuíta. É no final da rua do Vaticano, na Borgo Santo Spirito. Os meus aposentos não são tão bons como o meu apartamento no Palácio Apostólico, mas são bastante confortáveis.

— Arranjaram-te alguma coisa para fazeres?

— Vou ensinar Direito Canónico na Gregoriana. Também estou a preparar um curso sobre a história conturbada da Igreja com os judeus. — Fez uma pausa. — Talvez algum dia consiga convencer-te a dares uma palestra como convidado.

— Já imaginaste?

— Na verdade, já. A relação entre as nossas duas fés nunca esteve melhor, e isso deve-se à tua amizade pessoal com o Pietro Lucchesi.

— Enviei-te uma mensagem, na noite em que ele faleceu — disse Gabriel.

— Significou muito para mim.

— Porque é que não me respondeste?

— Pela mesma razão que não enfrentei o cardeal Albanese quando ele se recusou a autorizar a tua presença no funeral. Precisava da tua ajuda numa questão sensível e não queria atrair atenção desnecessária para a proximidade da nossa relação.

— E a questão sensível?

— Está relacionada com a morte do Santo Padre. Houve certas... irregularidades.

— A começar pela identidade da pessoa que descobriu o corpo.

— Reparaste nisso?

— Na verdade, foi a Chiara.

— É uma mulher inteligente.

— Porque é que o cardeal Albanese encontrou o corpo? Porque é que não foste tu, Luigi?

Donati baixou o olhar para a ementa.

— Talvez devêssemos pedir alguma coisa de entrada. Que tal as folhas de alcachofra e flores de curgete fritas? E os *filetti di baccalà*. O Santo Padre jurava sempre que eram os melhores de Roma.

RISTORANTE PIPERNO, ROMA

O *maître* insistiu em trazer-lhes uma garrafa de vinho, oferta da casa. Era especial, prometeu, um branco excelente de um pequeno produtor de Abruzzo. Tinha a certeza de que Sua Excelência o consideraria mais do que satisfatório. Donati, com considerável cerimónia, declarou que era divino. Depois, quando ficaram novamente sozinhos, descreveu a Gabriel as últimas horas do pontificado do papa Paulo VII. O Santo Padre e o seu secretário pessoal tinham partilhado uma refeição (uma última ceia, disse Donati gravemente) na sala de jantar do apartamento papal. Donati ingerira apenas um pouco de consomé. Depois, os dois homens tinham ido para o escritório, onde, a pedido do Santo Padre, Donati abrira as cortinas e as persianas da janela com vista para a Praça de São Pedro. Seria o penúltimo serviço que realizaria para o seu mestre, pelo menos em vida de Sua Santidade.

— E o último?

— Preparei a dose noturna de medicamentos do Santo Padre.

— O que é que ele tomava?

Donati recitou os nomes de três fármacos, todos prescritos para o tratamento da insuficiência cardíaca.

— Conseguiram escondê-lo bastante bem — disse Gabriel

— Por aqui somos muito bons nisso.

— Creio recordar um internamento breve na Clínica Gemelli, há alguns meses, devido a uma crise de bronquite aguda.

— Foi um ataque cardíaco. O segundo.

— Quem é que sabia?

— O *dottore* Gallo, claro. E o cardeal Gaubert, o secretário de Estado.

— Porquê tanto secretismo?

— Porque, se o resto da Cúria tivesse sabido do declínio físico do Lucchesi, na prática, o seu papado teria terminado. Ele tinha muito trabalho para fazer no tempo que lhe restava.

— Que tipo de trabalho?

— Estava a ponderar convocar um terceiro concílio do Vaticano para discutir as inúmeras questões profundas que a Igreja enfrenta. A ala conservadora só agora está a começar a aceitar o Vaticano II, que já foi há mais de meio século. Um terceiro concílio teria sido, no mínimo, fraturante.

— O que é que aconteceu depois de teres dado os medicamentos ao Lucchesi?

— Dirigi-me ao andar de baixo, onde o meu carro e o meu motorista estavam à minha espera. Eram nove horas, mais minuto menos minuto.

— Para onde foste?

Donati esticou o braço para agarrar no seu copo de vinho.

— Devias mesmo provar um bocadinho disto, sabias? É bastante bom.

A chegada dos *antipasti* concedeu a Donati uma segunda trégua. Enquanto tirava a primeira folha da alcachofra frita à romana, perguntou, com despreocupação forçada:

— Lembras-te da Veronica Marchese, não lembras?

— Luigi...

— O que foi?

— Pai, perdoa-me, porque pequei.

— Não é isso.

— Não?

A doutora Veronica Marchese era diretora do Museo Nazionale Etrusco e a principal autoridade italiana sobre a civilização e antiguidades etruscas. Durante os anos oitenta, enquanto trabalhava numa escavação arqueológica perto da povoação úmbrica de Monte Cucco, apaixonara-se por um padre caído em desgraça, um jesuíta, fervoroso defensor da teologia da libertação, que perdera a fé enquanto trabalhava como missionário na província de Mozarán, em El Salvador. O caso amoroso terminara abruptamente com o regresso do padre caído em desgraça à Igreja, para ser secretário pessoal do Patriarca de Veneza. Arrasada, Veronica casara com Carlo Marchese, um abastado empresário romano, proveniente de uma família nobre que mantinha ligações estreitas com o Vaticano. Marchese morrera após uma queda de uma galeria panorâmica no topo da cúpula da Basílica de São Pedro. Gabriel estava junto de Carlo quando este caíra sobre a barreira de proteção. Sessenta metros mais abaixo, Donati rezara sobre o seu corpo despedaçado.

— Há quanto tempo é que isso se *passa*? — perguntou Gabriel.

— Há uma música do Gershwin que se chama assim. Sempre adorei essa canção — respondeu Donati, de forma provocadora.

— Responde à pergunta.
— Não se *passa* nada. Mas janto com ela regularmente há cerca de um ano.

— Há cerca?

— Talvez dois anos seja mais correto.

— Calculo que não jantem em público.

— Não — respondeu Donati. — Só na casa da Veronica.

Gabriel e Chiara tinham estado lá uma vez, numa festa. Era um *palazzo* repleto de arte e antiguidades, próximo da Villa Borghese.

— Com que frequência? — perguntou ele.

— Salvo quando há uma emergência no trabalho, à quinta à noite.

— A primeira regra do comportamento ilícito é evitar um padrão.

— Não há nada de *ilícito* no facto de eu e a Veronica jantarmos juntos. A disciplina do celibato não proíbe todos os contactos com mulheres. Simplesmente, não posso casar com ela nem...

— Podes estar apaixonado por ela?

— Em rigor, sim.

Gabriel fitou Donati com reprovação.

— Porque é que escolherias, voluntariamente, estar tão próximo da tentação?

— A Veronica diz que o faço pela mesma razão que escalava montanhas, para ver se consigo manter o equilíbrio. Para ver se Deus irá estender-me a mão e apanhar-me se cair.

— Suponho que ela seja discreta.

— Alguma vez conhecestes alguém mais discreto do que a Veronica Marchese?

— E os teus colegas do Vaticano? — perguntou Gabriel. — Alguém sabia?

— É um lugar pequeno, cheio de homens sexualmente reprimidos que adoram partilhar um bom mexerico.

— E é por isso que te parece suspeito que um homem com problemas cardíacos tenha morrido na única noite da semana em que não estavas no Palácio Apostólico.

Donati não disse nada.

— Certamente, há mais do que isso.

— Sim — disse Donati, enquanto tirava outra folha de alcachofra.
— Muito mais.

RISTORANTE PIPERNO, ROMA

Houve, para começar, o telefonema do cardeal Albanese. Chegou quase duas horas depois da hora a que o camerlengo disse ter encontrado o Santo Padre morto na capela privada. Albanese alegou ter feito várias chamadas sem resposta para Donati. Donati verificara o seu telefone. Não tinha qualquer chamada não atendida.

— Parece ser um caso simples. E que mais?

O estado do escritório papal, respondeu Donati. Persianas e cortinas fechadas. Uma chávena de chá meio bebida sobre a secretária. Um documento desaparecido.

— O que era?

— Uma carta. Uma carta *pessoal*. Não oficial.

— O Lucchesi era o destinatário?

— O autor.

— E o conteúdo da carta?

— Sua Santidade recusou dizer-me.

Gabriel não sabia se o arcebispo estava a ser inteiramente sincero.

— Suponho que a carta tenha sido escrita à mão...

— O vigário de Cristo não usa um processador de texto.

— A quem estava endereçada?

— A um velho amigo.

Depois, Donati descreveu a cena que encontrou quando o cardeal Albanese o conduziu até ao quarto papal. Gabriel imaginou o quadro como se tivesse sido pintado a óleo sobre tela pela mão de Caravaggio. O corpo do pontífice falecido estendido sobre a cama, vigiado por um trio de prelados superiores. No lado direito da tela, pouco visíveis nas sombras, três leigos de confiança: o médico pessoal do papa, o chefe da pequena força policial do Vaticano e o comandante da Guarda Suíça Pontifícia. Gabriel nunca conhecera o doutor Gallo, mas conhecia Lorenzo Vitale, e gostava dele. Já Alois Metzler era outra história.

O Caravaggio privado de Gabriel dissolveu-se, como se tivesse sido apagado por diluente. Donati estava a reproduzir a explicação de

Albanese sobre como encontrara, e depois movera, o cadáver.

— Francamente, é a única parte da história que é plausível. O meu mestre era bastante pequeno e o Albanese tem o físico de um boi. — Donati ficou em silêncio durante um momento. — Como é evidente, há, pelo menos, uma outra explicação.

— Qual?

— Que Sua Santidade nunca tenha chegado à capela. Que tenha morrido à secretária, no escritório, enquanto bebia chá. Tinha desaparecido, quando saí do quarto. Refiro-me ao chá. Alguém retirou a chávina e o pires, enquanto eu rezava junto do corpo de Lucchesi.

— Suponho que não tenha sido submetido a uma autópsia.

— O Vigário de Cristo...

— Foi embalsamado?

— Receio que sim. O corpo de Wojtyla ficou bastante cinzento enquanto estava em exibição na basílica. E, depois, houve o Pio XII. — Donati estremeceu. — Uma verdadeira desgraça. O Albanese disse que não queria correr riscos. Ou talvez estivesse simplesmente a ocultar o seu envolvimento. Afinal, se um corpo for embalsamado, torna-se muito mais difícil encontrar vestígios de veneno.

— Tens mesmo de parar de ver essas séries policiais na televisão, Luigi.

— Eu não *tenho* televisão.

Gabriel deixou passar um momento.

— Tanto quanto me lembro, não há câmaras de vigilância na lógia, no exterior do apartamento papal.

— Se houvesse câmaras, o apartamento não seria privado, pois não?

— Mas, certamente, havia um guarda suíço de serviço.

— Há sempre.

— Nesse caso, ele teria visto qualquer pessoa que tivesse entrado no apartamento.

— Em princípio.

— Perguntaste-lhe?

— Nunca tive essa oportunidade.

— Expressaste as tuas preocupações ao Lorenzo Vitale?

— E o que é que o Lorenzo teria feito? Investigar a morte de um papa como um possível homicídio? — O sorriso de Donati foi caridoso. — Dada a tua experiência no Vaticano, surpreende-me que faças, sequer, uma pergunta dessas. Para além disso, o Albanese nunca teria permitido. Ele tinha a sua versão e mantinha-se fiel à mesma. Encontrou o Santo Padre na capela privada alguns minutos depois das dez e levou-o, sem ajuda, até ao quarto. Aí, na presença de três dos mais poderosos cardeais da Igreja, pôs em marcha a sequência de acontecimentos que conduziu à declaração de que o trono de São Pedro se encontrava disponível. Tudo isso enquanto eu degustava de

um jantar tardio com uma mulher que, em tempos, amei. Se eu puser o Albanese em causa, ele destrói-me. E, de passagem, também destrói a Veronica.

— E se passasses a informação a um jornalista de confiança? Há vários milhares acampados na Praça de São Pedro.

— Este assunto é demasiado sério para ser confiado a um jornalista. Exige alguém suficientemente habilidoso e implacável para descobrir o que, de facto, aconteceu. E rapidamente.

— Alguém como eu?

Donati não respondeu.

— Estou de férias — protestou Gabriel. — E é suposto voltar a Telavive daqui a uma semana.

— O que te dá, exactamente, tempo suficiente para descobrires quem matou o Santo Padre antes do início do conclave. Para todos os efeitos, o conclave já começou. A maioria dos homens que vão escolher o próximo papa está refugiada na Casa Santa Marta. — A *Domus Sanctae Marthae*, ou Casa Santa Marta, era a hospedaria clerical de cinco andares no extremo sul da cidade-estado. — Posso garantir-te que os príncipes de chapéu vermelho não passam a noite a falar das notícias desportivas enquanto jantam. É imperativo descobrirmos quem esteve por trás do assassinio do meu mestre antes que eles se enfiem na Capela Sistina e as portas se tranquem nas suas costas.

— Com todo o respeito, Luigi, não tens absolutamente nenhuma prova de que o Lucchesi foi assassinado.

— Não te contei tudo o que sei.

— Talvez agora seja uma boa altura para o fazeres.

— A carta que desapareceu estava endereçada a ti. — Donati fez uma pausa. — Agora, pergunta-me sobre o guarda suíço que estava de serviço no exterior do apartamento papal, nessa noite.

— Onde é que ele está?

— Deixou o Vaticano algumas horas depois da morte do Santo Padre. Desde então, nunca mais foi visto.

RISTORANTE PIPERNO, ROMA

Gabriel distraiu-se momentaneamente com o homem que deambulava pelo *campo*, enquanto os empregados de mesa recolhiam o primeiro prato. Usava óculos escuros e um chapéu e carregava uma mochila de *nylon* sobre um ombro quadrado. Gabriel supôs que tivesse ascendência do norte da Europa, alemã ou austríaca, talvez fosse escandinavo. Parou a alguns metros da mesa deles, como se estivesse a orientar-se, durante tempo suficiente para Gabriel calcular quanto tempo demoraria a sacar a *Beretta* que tinha guardada no fundo das costas. Em vez disso, tirou o telefone e fotografou o homem, enquanto este abandonava a praça.

— Vamos começar pela carta. — Gabriel devolveu o telefone ao bolso interior do casaco. — Mas porque é que não saltamos para a parte onde alegas não saber por que motivo o Lucchesi estava a escrevê-la.

— Não sei — insistiu Donati. — Mas, se tentasse adivinhar, diria que estava relacionada com alguma coisa que ele encontrou no Arquivo Secreto.

L'Archivio Segreto Vaticano, o Arquivo Secreto do Vaticano, era o repositório central dos documentos papais relacionados quer com assuntos de religião quer de Estado. Situado perto da Biblioteca do Vaticano, no Palácio Belvedere, calculava-se que contivesse oitenta e cinco quilómetros de espaço nas prateleiras, grande parte deles em abrigos subterrâneos fortificados. Entre os seus inúmeros tesouros encontrava-se o *Decretum Romanum Pontificem*, a bula papal do papa Leão X, de 1521, que ordenava a excomunhão de um problemático padre e teólogo alemão chamado Martinho Lutero. Era também o local de repouso final de grande parte da roupa suja de Igreja. No início do papado de Lucchesi, Gabriel trabalhara com Donati e o Santo Padre para divulgar documentos diplomáticos e outros relacionados com a conduta do papa Pio XII durante a Segunda Guerra Mundial, onde seis milhões de judeus tinham sido sistematicamente assassinados, frequentemente por católicos romanos, quase sem uma palavra de

protesto da Santa Sé.

— O Arquivo é considerado propriedade pessoal do papado — continuou Donati. — O que significa que o papa tem autorização para ver tudo o que quiser. O mesmo não se aplica ao seu secretário pessoal. De facto, nem sempre fui autorizado a conhecer a natureza dos documentos que ele estava a rever.

— Onde é que ele fazia as suas leituras?

— Às vezes, o *prefetto* levava os documentos ao apartamento papal. Mas, se fossem demasiado frágeis ou sensíveis, o Santo Padre examinava-os numa sala especial no interior do Arquivo, com o *prefetto* de guarda à saída da porta. Talvez tenha ouvido falar dele. Chama-se...

— Cardeal Domenico Albanese.

Donati fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Portanto, o Albanese tinha conhecimento de todos os documentos que passavam pelas mãos do Santo Padre?

— Não necessariamente. — Fumador empedernido, Donati tirou um cigarro de uma elegante caixa dourada e bateu com ele na tampa, antes de o acender com um isqueiro dourado a condizer. — Como deves estar lembrado, no final do papado, Sua Santidade começou a ter problemas graves de insónias. Todas as noites, ia para a cama à mesma hora, por volta das dez e meia, mas raramente ficava lá muito tempo. Era sabido que, ocasionalmente, visitava o Arquivo Secreto para uma leitura noturna.

— Como é que ele conseguia os documentos a meio da noite?

— Tinha uma fonte secreta. — A atenção de Donati foi atraída por algo que se encontrava por cima ombro de Gabriel. — Meu Deus, aquela é a...

— Sim, é.

— Porque é que ela não se junta a nós?

— Está ocupada.

— A proteger-te?

— E a ti. — Gabriel perguntou-lhe sobre o guarda suíço desaparecido.

— O nome dele é Niklaus Janson. Concluiu recentemente os dois anos de serviço obrigatório, mas aceitou ficar mais um ano, a meu pedido.

— Gostavas dele?

— Confiava nele, o que é bem mais importante.

— Havia algum registo negativo no historial dele?

— Violou duas vezes o recolher obrigatório.

— Quando foi a última violação?

— Uma semana antes da morte do Santo Padre. Alegou que tinha saído com um amigo e perdido a noção do tempo. O Metzler deu-lhe o

castigo tradicional.

— Qual é?

— Esfregar a ferrugem dos peitorais das armaduras ou cortar uniformes velhos aos pedaços no bloco de execução, no pátio da caserna. Os guardas chamam-lhe *scheitstock*.

— Quando é que te apercebeste de que ele tinha desaparecido?

— Dois dias depois da morte do Santo Padre, reparei que o Niklaus não tinha sido um dos guardas escolhidos para vigiar o corpo enquanto estava em exibição na basílica. Perguntei ao Alois Metzler porque é que ele tinha sido excluído e, para minha surpresa, a resposta foi que ele tinha desaparecido.

— Como é que o Metzler explicou a ausência dele?

— Disse que o Niklaus ficou desolado com a morte de Sua Santidade. Francamente, não me pareceu muito preocupado. Aliás, o camerlengo também não. — Donati, irritado, bateu o cigarro contra o rebordo do cinzeiro. — Afinal, tinha um funeral que ia ser transmitido nas televisões do mundo inteiro para planear.

— O que mais é que sabes sobre o Janson?

— Os camaradas dele chamavam-lhe Santo Niklaus. Disse-me, uma vez, que ponderou brevemente seguir o sacerdócio. Entrou na Guarda depois de concluir o serviço militar no exército suíço. Lá em cima, ainda têm serviço militar obrigatório, sabias?

— De onde é que ele é?

— De uma vila pequena, perto de Friburgo. É um cantão católico. Há lá uma mulher, uma namorada, talvez noiva... Chama-se Stefani Hoffmann. O Metzler contactou-a no dia seguinte à morte do Santo Padre. Tanto quanto percebi, foi essa a extensão dos seus esforços para determinar o paradeiro do Niklaus. — Donati fez uma pausa. — Talvez tu, Gabriel, consigas ser mais eficaz.

— A fazer o quê?

— A encontrar o Niklaus Janson, claro está. Creio que não seria muito difícil para um homem na tua posição. Certamente, tens certos recursos à tua disposição.

— Tenho. Mas não posso usá-los para encontrar um guarda suíço desaparecido.

— Porque não? O Niklaus sabe o que é que aconteceu naquela noite. Tenho a certeza disso.

Gabriel ainda não estava convencido de que alguma coisa acontecera naquela noite, exceto que um homem idoso com um coração enfraquecido, um homem que Gabriel amava e admirava, morrera enquanto rezava na sua capela privada. Ainda assim, tinha de admitir que havia suficientes circunstâncias perturbadoras para justificar uma investigação mais aprofundada, começando pelo paradeiro de Niklaus Janson. Gabriel tentaria encontrá-lo, quanto

mais não fosse para sossegar a mente de Donati. E a sua, também.

— Sabes o número de telemóvel do Janson? — perguntou.

— Receio que não.

— A caserna da Guarda Suíça tem uma rede informática ou ainda usam pergaminho?

— Converteram-se ao digital há uns anos.

— Grande erro — disse Gabriel. — O pergaminho é muito mais seguro.

— A tua intenção é *hackear* a rede informática da Guarda Suíça Pontifícia?

— Com a tua bênção, evidentemente.

— Vou negá-la, se não te importares.

— Que jesuítico da tua parte.

Donati sorriu, mas não disse nada.

— Volta para a Cúria e mantém a discrição durante alguns dias. Eu contacto-te quando tiver alguma coisa.

— Na verdade, estava a perguntar-me se tu e a Chiara estariam livres hoje à noite.

— Estávamos a planear regressar a Veneza.

— Há alguma hipótese de eu conseguir convencer-vos a ficar? Pensei que podíamos jantar num sítio perto da Villa Borghese.

— Vai mais alguém connosco?

— Uma velha amiga.

— Minha ou tua?

— Na verdade, de ambos.

Gabriel hesitou.

— Não tenho a certeza de que isso seja uma boa ideia, Luigi. Não a vejo desde...

— Foi ela que sugeriu. Creio que ainda te lembras da morada. O aperitivo é servido às oito horas.

CAFFÈ GRECO, ROMA

— O que é que achas? — perguntou Chiara.

— Acho que, definitivamente, podia habituar-me a viver aqui outra vez.

Estavam sentados na sala da frente do Caffè Greco. Debaixo da sua pequena mesa redonda, havia vários sacos de compras lustrosos, o saldo de um passeio dispendioso de final de tarde pela Via Condotti. Tinham viajado de Veneza para Roma sem uma muda de roupa. Precisavam ambos de algo apropriado para usar ao jantar, no *palazzo* de Veronica Marchese.

— Estava a falar de...

Gabriel interrompeu-a docemente.

— Eu sei de que é que estavas a falar.

— E então?

— Pode ser tudo explicado com bastante facilidade.

Chiara estava claramente cética.

— Vamos começar pelo telefonema.

— Vamos.

— Porque é que o Albanese esperou tanto tempo para contactar o Donati?

— Porque a morte do Santo Padre era o momento do Albanese na luz da ribalta e não queria que o Donati interferisse ou questionasse as suas decisões.

— O seu ego inchado levou a melhor?

— Quase toda a gente que está numa posição de poder sofre desse problema.

— Toda a gente, menos tu, evidentemente.

— Isso é óbvio.

— Mas porque é que o Albanese decidiu encarregar-se de mover o corpo? E porque é que fechou as cortinas e as persianas do escritório?

— Exatamente pelas razões que ele indicou.

— E a chávena de chá?

Gabriel encolheu os ombros.

— Provavelmente, uma das freiras que cuidam da casa levou-a.
— Também levaram a carta da secretária do Lucchesi?
— A carta — admitiu Gabriel — é mais difícil de explicar.
— Quase tão difícil como o guarda suíço desaparecido. — Um empregado de mesa aproximou-se com dois cafés e uma cremosa tarte de fruta romana. Com o garfo na mão, Chiara hesitou.

— Já engordei, pelo menos, dois quilos, nesta viagem.

— Não tinha reparado.

Ela lançou um olhar de inveja na direção dele.

— Não engordaste nem um grama. Nunca engordas.

— Tenho de agradecer ao Tintoretto por isso.

Chiara empurrou a tarte na direção de Gabriel.

— Come tu.

— Foste tu que pediste.

Chiara separou um pedaço de morango da base de creme.

— Quanto tempo é que achas que a Unidade 8200 vai demorar a encontrar o número do Janson?

— Dada a insegurança da rede do Vaticano, diria que cinco minutos. Quando conseguirem, não vão tardar a descobrir a sua localização exata. — Gabriel empurrou a tarte lentamente, aproximando-a de Chiara. — E, depois, podemos voltar para Veneza e retomar as nossas férias.

— E se o telemóvel estiver desligado, ou no fundo do Tibre? — Chiara baixou a voz. — Ou se eles já o tiverem matado?

— O Janson?

— Sim, claro.

— E quem são *eles*?

— Os mesmos homens que assassinaram o papa.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Ainda não estamos nesse ponto, Chiara.

— Já passámos *esse ponto* há muito tempo, querido. — Chiara cortou uma fatia de tarte e perfurou o creme e a massa com o garfo.
— Tenho de admitir que estou ansiosa pelo jantar desta noite.

— Gostava de poder dizer o mesmo.

— O que é que te preocupa?

— Uma pausa desconfortável na conversa.

— Sabes, Gabriel, tu não *mataste* o Carlo Marchese.

— Também não o impedi, propriamente, de cair daquela barreira.

— Talvez a Veronica não toque nesse assunto.

— Está claro que eu não tenciono fazê-lo.

Chiara sorriu e olhou em redor da sala.

— O que é que achas que as pessoas normais fazem nas férias?

— Nós *somos* pessoas normais, Chiara. Simplesmente, temos amigos interessantes.

- Com problemas interessantes.
- Gabriel mergulhou o garfo na tarte.
- Isso também.

Havia um velho andar seguro do Departamento no topo da Escadaria da Praça de Espanha, não muito longe da Igreja da Trinità dei Monti. A divisão de Logística não tivera tempo de encher a despensa. Não importava. Gabriel não previa uma estadia longa.

No quarto, desembrulharam os sacos de compras. Gabriel comprara rapidamente o seu guarda-roupa para essa noite, com uma única paragem na Giorgio Armani. Chiara fora mais exigente na sua aquisição. Um vestido preto sem alças da Max Mara, um casaco três quartos da Burberry, um par de sapatos de salto alto elegantes da Salvatore Ferragamo. Gabriel surpreendeu-a com um colar de pérolas da Mikimoto.

Radiante, ela perguntou:

- Para que é isto?
- És esposa do diretor-geral dos serviços secretos israelitas e mãe de duas crianças pequenas. É o mínimo que posso fazer.
- Esqueceste-te do apartamento no Grande Canal? — Chiara colocou o colar de pérolas à volta do pescoço. Estava resplandecente.
- O que é que achas?
- Acho que sou o homem mais sortudo do mundo. — O vestido estava estendido em cima da cama. — Isso é uma combinação?
- Não comeces.
- Onde é que tencionas esconder a arma?
- Não estava a planear levar uma. — Empurrou-o na direção da porta. — Vai-te embora.

Gabriel entrou na sala de estar. Da minúscula varanda, conseguia ver a Escadaria da Praça de Espanha que descia serenamente na direção da praça e, ao longe, a cúpula iluminada da basílica a pairar sobre o Vaticano. Subitamente, ouviu uma voz. Era a voz de Carlo Marchese.

O que é isto, Allon?

O Juízo, Carlo.

O seu corpo rachara-se como um melão com o impacto. No entanto, o que Gabriel mais recordava era o sangue na batina de Donati. Indagava-se sobre como é que o arcebispo teria explicado a morte de Carlo a Veronica. A noite prometia ser interessante.

Voltou a entrar na sala. Conseguia ouvir Chiara, na divisão ao lado, a cantarolar, enquanto se vestia, uma daquelas músicas *pop* italianas tolas que ela tanto adorava. Antes o som da voz de Chiara, pensou, do que a de Carlo Marchese. Como sempre, aquele som encheu-o de

satisfação. A sua jornada estava a chegar ao fim. Chiara e as crianças eram o seu prémio por, de alguma forma, ter sobrevivido. Ainda assim, Leah nunca estava longe dos seus pensamentos. Estava a observá-lo naquele momento, a partir das sombras do canto da sala, fraturada e queimada, enquanto as mãos com cicatrizes agarravam uma criança sem vida: a *Pietà* privada de Gabriel. *Amas essa rapariga?* Sim, pensou. Amava tudo nela. A forma como lambia o dedo, quando virava a página de uma revista. A forma como a sua mala balouçava, quando caminhava pela Via Condotti. A forma como cantarolava, quando achava que ninguém a estava a ouvir.

Ligou a televisão. Estava na BBC. Surpreendentemente, a bomba de Berlim não fizera vítimas mortais, embora doze pessoas tivessem ficado feridas, quatro delas em estado crítico. Axel Brünner, do Partido Nacional Democrático, de extrema-direita, culpava as políticas pró-imigração da chanceler centrista da Alemanha pelo atentado. Neonazis e outros extremistas de direita estavam a reunir-se para uma manifestação com tochas na cidade de Leipzig. A *Bundespolizei* estava a preparar-se para uma noite de violência.

Gabriel mudou para a CNN. A principal correspondente de internacional estava a fazer um direto a partir da Praça de São Pedro. Tal como a concorrência, desconhecia que uma carta endereçada ao diretor-geral dos serviços secretos israelitas desaparecera misteriosamente do escritório do papa, na noite da sua morte. Da mesma forma, não sabia que o guarda suíço que vigiara o exterior do apartamento papal nessa noite também desaparecera. Se o telefone de Niklaus Janson estivesse ligado e a transmitir um sinal, os ciberguerreiros da Unidade 8200 iriam descobri-lo antes do final da noite.

Gabriel desligou a televisão ao mesmo tempo que Chiara entrava na sala de estar. Demorou-se na apreciação: as pérolas, o vestido preto sem alças, os sapatos de salto alto. Estava uma verdadeira obra-prima.

— Então? — perguntou ela finalmente.

— Pareces... — titubeou.

— Uma mãe de duas crianças que engordou três quilos e meio?

— Pensei que tinhas dito dois.

— Acabei de me pesar na balança da casa de banho. — Gesticulou na direção da porta da casa de banho. — É toda tua.

Gabriel tomou um duche e vestiu-se rapidamente. Desceram as escadas e entraram para a parte de trás de um carro da embaixada que os aguardava. Enquanto aceleravam pela Via Veneto, o telefone vibrou com uma mensagem da Avenida Rei Saul.

— O que é?

— A unidade acabou de furar a barreira exterior da rede informática da Guarda Suíça. Estão a pesquisar a base de dados em

busca do dossiê pessoal e do contacto do Janson.

— E se eles já o tiverem apagado?

— Quem?

— Os mesmos homens que assassinaram o papa, claro.

— Ainda não estamos nesse ponto, Chiara.

— Ainda não — concordou ela. — Mas estaremos em breve.

CASA SANTA MARTA

Em circunstâncias normais, não havia guardas suíços a vigiar o exterior da Casa Santa Marta. No entanto, às oito e um quarto dessa mesma noite, havia dois. A hospedaria clerical estava agora ocupada por várias dezenas de príncipes da Igreja, a maioria vinda dos recantos mais longínquos do reino. Na véspera do conclave, os restantes cardeais eleitores juntar-se-iam a eles. Depois disso, ninguém, exceto as funcionárias da Casa Santa Marta (freiras das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo), seria autorizado a entrar. Por agora, só alguns eleitos, incluindo o bispo Hans Richter, superior-geral da Ordem de Santa Helena, tinham liberdade para entrar e sair conforme desejassem. Com o cardeal Domenico Albanese a controlar firmemente a maquinaria da cidade-estado, o longo exílio do bispo Richter finalmente terminara.

Um dos guardas suíços segurou a porta de vidro aberta e Richter, com a mão direita erguida em sinal de bênção, entrou. O resplandecente átrio branco ecoava com um estrépito multilingue. Os 225 membros do Colégio Cardinalício tinham passado a tarde a discutir o futuro da Igreja. Agora, estavam a partilhar um vinho branco com acepipes no átrio, antes de se sentarem para jantar na singela sala de refeições da Casa Santa Marta. A Constituição Apostólica ditava que apenas 116 cardeais com menos de oitenta anos poderiam participar no conclave. Os cardeais eméritos mais idosos davam a conhecer as suas preferências durante reuniões informais como aquela, que era onde as verdadeiras negociações pré-conclave tinham lugar.

Richter reconheceu discretamente as saudações de dois célebres tradicionalistas e suportou o olhar gélido do cardeal Kevin Brady, o leão liberal de Los Angeles, que via um papa cada vez que se olhava ao espelho. Brady estava a conspirar com o minúsculo Duarte de Manila, a grande esperança dos países em vias de desenvolvimento. O cardeal Navarro transbordava de confiança, como se o papado já fosse seu. Era evidente que Gaubert, conivente com Villiers de Lyon, não se

daria por vencido sem lutar.

Só o bispo Hans Richter sabia que nenhum deles tinha a mínima hipótese. O próximo papa estava, naquele momento, de pé, junto ao balcão da recepção. Era uma figura de segundo plano, numa sala repleta de egos elevados e ambição ilimitada. Recebera o seu chapéu vermelho das mãos de nada mais nada menos do que Pietro Lucchesi, que fora levado a acreditar, ilusoriamente, que era um moderado, algo que, definitivamente, não era. Cinquenta milhões de euros, depositados discretamente em contas bancárias em todo o mundo, incluindo doze no Banco do Vaticano, tinham praticamente garantido a sua eleição pelo conclave. A obtenção da vasta soma de dinheiro necessária para comprar o papado fora a parte mais fácil da operação. Ao contrário do resto da Igreja, à beira do colapso financeiro, a Ordem de Santa Helena estava a nadar em dinheiro.

O cardeal Domenico Albanese estava a sussurrar algo ao ouvido de Angelo Francona, o reitor do Colégio Cardinalício. Ao avistar Richter, acenou-lhe com uma mão volumosa e peluda.

— Fiz alguma coisa que ofendesse alguém? — perguntou Richter, num italiano curial impecável.

— A sua simples existência ofende, Vossa Excelência. — Albanese agarrou Richter pelo braço. — Talvez devêssemos conversar no meu quarto.

— Não me diga que se mudou realmente para aqui.

Albanese fez um trejeito. Como *prefetto* do Arquivo Secreto, tinha direito a um apartamento luxuoso por cima da Galeria Lapidária dos Museus do Vaticano.

— Estou apenas a usar o meu quarto aqui como escritório, até ao início do conclave.

— Com um pouco de sorte — disse Richter em voz baixa —, não terá de ficar aqui muito tempo.

— A comunicação social está a prever um combate titânico entre os reformadores e os reacionários.

— Não me diga?

— O consenso geral parece ser sete votos.

Uma freira, vestida com um hábito azul, ofereceu um copo de vinho a Richter. Recusando, Richter seguiu Albanese até aos elevadores. Quase conseguia sentir os olhos da sala a perfurarem-lhe as costas, enquanto esperavam pela chegada do elevador. Quando este finalmente apareceu, Albanese premiu o botão para o quarto andar. Felizmente, as portas encerraram-se antes que o loquaz Lopes do Rio de Janeiro conseguisse entrar.

Enquanto o elevador subia lentamente, o bispo Richter ajeitou várias vezes a batina debruada a roxo, embora desnecessariamente. Feita à mão em Zurique por um alfaiate exclusivo, assentava-lhe na

perfeição. Aos setenta e quatro anos, continuava a ser um espécime fisicamente imponente, alto e com ombros quadrados, cabelo grisalho e uma fisionomia inflexível a condizer.

Olhou para o reflexo do cardeal Albanese nas portas do elevador.

— Qual é a ementa desta noite, Vossa Eminência?

— Seja o que for que nos sirvam, vai estar demasiado cozinhado. — Albanese sorriu desajeitadamente. Mesmo envergando a sua batina debruada a vermelho, parecia um simples empregado. — Considere-se afortunado por não ter de participar realmente no conclave.

Na nomenclatura da Igreja Católica Romana, a Ordem de Santa Helena era uma prelatura pessoal. Na verdade, tratava-se de uma diocese global sem fronteiras. Como superior-geral da Ordem, Richter detinha o título de bispo. Contudo, estava entre os homens mais poderosos da Igreja Católica Romana. Várias dezenas de cardeais, todos membros secretos da Ordem, eram obrigados a obedecer a todas as suas ordens, incluindo o cardeal Domenico Albanese.

As portas do elevador abriram-se. Albanese conduziu o bispo Richter ao longo de um corredor vazio. O quarto em que entraram estava às escuras. Albanese descobriu o interruptor.

Richter inspecionou a área circundante.

— Estou a ver que atribuiu a si próprio uma das suítes.

— Os quartos foram atribuídos por sorteio, Vossa Excelência.

— Sorte a sua.

O bispo Richter estendeu a sua mão direita, com o pulso ligeiramente inclinado. Albanese ajoelhou-se e encostou os lábios ao anel que Richter usava no terceiro dedo. Tinha um tamanho idêntico ao Anel do Pescador que Albanese retirara recentemente do apartamento papal.

— Juro-lhe, bispo Richter, a minha eterna obediência.

Richter retirou a mão, resistindo à vontade de usar o pequeno frasco de desinfetante que tinha no bolso. Richter tinha fobia a germes e Albanese parecia-lhe sempre ser um transmissor.

Dirigiu-se à janela e abriu a cortina translúcida. A suíte ficava na parte norte da hospedaria, com vista para a Piazza Santa Marta e para a fachada da basílica. A cúpula estava iluminada por holofotes. Os ferimentos resultantes do atentado terrorista islâmico tinham sarado bem. Oxalá se pudesse dizer o mesmo da Santa Madre Igreja. Era uma sombra de si própria, já mal respirava, moribunda.

O bispo Hans Richter nomeara-se a si próprio como o seu salvador. Tinha-se preparado para esperar pelo fim do desastroso papado de Lucchesi para colocar em funcionamento o seu plano, mas Sua Santidade não dera outra hipótese a Richter senão resolver o assunto com as suas próprias mãos. Fora Lucchesi que pecara, assegurava Richter a si próprio, não ele. Para além disso, Deus já estava a chamar

Lucchesi há algum tempo. No entender de Richter, apenas concedera ao *Papa Acidental* um início precoce do seu inevitável processo de canonização.

Os pensamentos de Richter foram interrompidos por uma descarga ribombante na sanita. Quando Albanese saiu, estava a limpar as suas mãos enormes numa toalha (como um coveiro, pensou Richter). E pensar que se via a si próprio como possível papa, como o escolhido de Richter para ser o seu pontífice fantoche. Albanese não era um grande intelectual, mas jogara o jogo do infiltrado curial suficientemente bem para assegurar duas nomeações papais fundamentais. Como camerlengo, Albanese conduziu o corpo de Lucchesi do apartamento papal para o túmulo sob a Basílica de São Pedro sem qualquer indício de escândalo. Para além disso, colocara nas mãos de Richter cópias de vários dossiês pessoais do Arquivo Secreto do Vaticano repletos de pecados, que se tinham revelado inestimáveis durante os preparativos do conclave. Como recompensa, em breve, Albanese seria secretário de Estado, a segunda posição mais poderosa da Santa Sé.

Secou o rosto bexigoso e, depois, atirou a toalha para cima das costas de uma cadeira.

— Com todo o respeito, acha que foi sensato vir aqui esta noite, Vossa Excelência?

— Está a esquecer-se de que muitos dos cardeais que estão lá em baixo são, agora, homens abastados por minha causa?

— Mais um motivo para não dar nas vistas até o conclave terminar. Imagino aquilo que pessoas como o Francona ou o Kevin Brady estarão a dizer neste momento...

— O Francona e o Brady são o menor dos nossos problemas.

A modesta poltrona de madeira sobre a qual Albanese se deixou cair gemeu sob o seu peso.

— Há algum sinal do Janson?

Richter abanou a cabeça.

— Naquela noite, estava claramente transtornado. É possível que tenha acabado com a própria vida.

— Não sei se teremos tanta sorte.

— Certamente, não está a falar a sério, Vossa Excelência. Se o Janson se tivesse suicidado, a sua alma estaria em grave perigo.

— Já está.

— Tal como a minha — disse Albanese em voz baixa.

Richter pousou uma mão no ombro maciço do camerlengo.

— Concedi-lhe absolvição pelas suas ações, Domenico. A sua alma está em estado de graça.

— E a sua, Vossa Excelência?

Richter retirou a mão.

— Durmo bem à noite, sabendo que, daqui a alguns dias, a Igreja estará sob nosso controlo. Não permitirei que ninguém se intrometa no nosso caminho. E isso inclui um bonito moçoilo do cantão de Friburgo.

— Nesse caso, sugiro que o encontre, Vossa Excelência. Quanto mais cedo, melhor.

O bispo Richter sorriu friamente.

— É esse o tipo de pensamento analítico e incisivo que pretende trazer para a Secretaria de Estado?

Albanese sofreu a crítica do seu superior-geral em silêncio.

— Fique descansado — disse o bispo Richter —, a Ordem está a usar todos os seus consideráveis recursos para encontrar o Janson. Infelizmente, já não somos os únicos que andam à procura dele. Parece que o arcebispo Donati se juntou à busca.

— Se nós não conseguimos encontrar o Janson, que esperança é que o Donati tem?

— O Donati tem algo muito melhor do que esperança.

— O quê?

O bispo Richter fitou a cúpula da basílica.

— O Gabriel Allon.

VIA SARDEGNA, ROMA

O *palazzo* era, frequentemente, confundido com uma embaixada ou um ministério governamental, pois era circundado por uma formidável vedação de aço e vigiado por diversas câmaras direcionadas para o exterior. No átrio, gotejava uma fonte barroca, mas a estátua de Plutão, uma estátua romana com dois mil anos que outrora adornara o vestíbulo, desaparecera. No seu lugar, encontrava-se a doutora Veronica Marchese, diretora do Museu Nacional Etrusco de Itália. Envergava um deslumbrante fato preto e um volumoso colar dourado ao pescoço. O seu cabelo escuro estava penteado a direito para trás e preso por um gancho na nuca. Uns óculos em forma de olho de gato conferiam-lhe um ar vagamente académico.

Sorrindo, beijou ambas as maçãs do rosto de Chiara. A Gabriel, ofereceu apenas a mão, reservadamente.

— Diretor Allon, estou tão satisfeita por ter conseguido vir. Só lamento não termos feito isto há mais tempo.

Quebrado o gelo, conduziu-os ao longo de uma galeria onde pendiam quadros de Velhos Mestres italianos, todos com qualidade de museu. As obras eram apenas uma pequena parte da coleção do seu falecido marido.

— Como podem ver, fiz algumas alterações desde a vossa última visita.

— Limpezas de primavera? — perguntou Gabriel.

Ela riu-se.

— Algo do género.

As requintadas estátuas gregas e romanas que, outrora, ladeavam a galeria tinham desaparecido. O império empresarial de Carlo Marchese, ilegítimo na sua grande maioria, incluía um intenso comércio internacional de antiguidades roubadas. Um dos seus principais parceiros fora o Hezbollah, que fornecia a Carlo um fluxo constante de peças oriundas do Líbano, da Síria e do Iraque. Em troca, Carlo enchia os cofres do Hezbollah com moeda forte, que era usada para comprar armas e financiar o terrorismo. Gabriel desmantelara a

rede. Depois, após uma notável descoberta arqueológica, cinquenta metros abaixo da superfície do Monte do Templo, derrubara Carlo.

— Alguns meses depois da morte do meu marido — explicou Veronica Marchese —, desfiz-me discretamente da sua coleção pessoal. Doei as peças etruscas ao meu museu, que era onde pertenciam desde o início. A maioria ainda está armazenada, mas já coloquei algumas em exposição pública. Escusado será dizer que as placas não referem a proveniência.

— E as restantes?

— O seu amigo, o general Ferrari, fez o favor de mas tirar das mãos. Foi muito discreto, o que não é habitual nele. O general gosta de publicidade positiva. — Olhou para Gabriel com genuína gratidão. — Suponho que tenha de lhe agradecer por isso. Caso se tivesse tornado público que o meu marido controlava o comércio global de antiguidades roubadas, seria o fim da minha carreira.

— Todos temos os nossos segredos.

— Sim — disse ela, de forma distante. — Presumo que seja verdade.

O outro segredo de Veronica Marchese aguardava na sala de visitas formal, envergando uma batina e uma peregrineta. A música tocava suavemente ao fundo. Era o *Trio com Piano n.º 1 em Ré menor*, de Mendelssohn. O som da paixão reprimida.

Donati abriu uma garrafa de *prosecco* e serviu quatro copos.

— Para padre, tens bastante jeito para isso — disse Gabriel.

— Sou arcebispo, lembra-te?

Donati levou um dos copos até à cadeira com estofado de brocado em que Veronica se instalara. Como observador experiente do comportamento humano, Gabriel sabia reconhecer um gesto íntimo quando via um. Donati estava claramente confortável na sala de visitas de Veronica. Não fosse pela batina e peregrineta, e um estranho poderia ter presumido que se tratava do homem do *palazzo*.

Sentou-se na cadeira ao lado dela e seguiu-se um silêncio desconfortável. Como alguém que aparece para jantar sem ser convidado, o passado intrometera-se entre eles. Por seu lado, Gabriel estava a pensar no último encontro com Veronica Marchese. Estavam na Capela Sistina, os dois sozinhos, de pé, diante do *Juízo Final* de Miguel Ângelo. Veronica estava a descrever a Gabriel a vida que esperava Donati, quando o Anel do Pescador fosse retirado do dedo de Pietro Lucchesi pela última vez. Um cargo de professor numa universidade pontifícia, um lar para padres envelhecidos. Tão sozinho. *Tão terrivelmente triste e sozinho...* Ocorreu a Gabriel que Veronica, viúva e disponível, talvez tivesse outros planos.

Ela elogiou demoradamente o vestido e as pérolas de Chiara. Depois, perguntou pelas crianças e por Veneza, antes de lamentar o estado em que Roma, outrora o centro do mundo civilizado, caíra.

Atualmente, era uma obsessão nacional. Oitenta por cento das ruas da cidade estavam repletas de buracos por reparar, o que fazia de conduzir, e até de caminhar, uma missão altamente arriscada. As crianças levavam papel higiênico nas mochilas, porque as casas de banho das escolas não tinham. Os autocarros de Roma circulavam permanentemente atrasados, quando circulavam. Recentemente, uma escada rolante de uma estação de metro movimentada amputara o pé de um turista. E ainda havia, disse Veronica, os contentores de lixo a transbordar e os montes de resíduos não recolhidos. O *site* mais popular da cidade era o *Roma Fa Schifo*, «Roma É Nojenta».

— E quem é que é responsável por esta situação deplorável? Há alguns anos, o procurador-chefe de Roma descobriu que a Máfia tinha assumido o controlo do governo municipal e andava a desfalcas, de forma paulatina, os cofres da cidade. O contrato da recolha de lixo foi atribuído a uma empresa pertencente à Máfia. Evidentemente, a empresa não se deu ao trabalho de recolher o lixo, porque fazê-lo custaria dinheiro e reduziria a sua margem de lucro. Aconteceu o mesmo com a manutenção das ruas. Para quê incomodarem-se a reparar um buraco? Reparar buracos custa dinheiro. — Veronica abanou lentamente a cabeça. — A Máfia é a maldição de Itália. — Depois, com um olhar de soslaio para Gabriel, acrescentou: — E a minha também.

— Tudo vai melhorar, agora que o Saviano é primeiro-ministro.

Veronica fez uma careta.

— Será que não aprendemos nada com o passado?

— Pelos vistos, não.

Ela suspirou.

— Ele visitou o museu, recentemente. Foi perfeitamente encantador, como a maioria dos demagogos. É fácil perceber porque é que ele é apelativo para italianos que não vivem em *palazzos* perto da Via Veneto. — Pousou a mão sobre o braço de Donati, de forma breve. — Ou atrás das paredes do Vaticano. O Saviano odiava o Santo Padre pelo facto de ele defender os imigrantes e advertir sobre os perigos da ascensão da extrema-direita. Via isso como um ataque direto, orquestrado por esse esquerdista do secretário pessoal do Santo Padre.

— E era?

Antes de responder, Donati deu um gole pensativo no seu vinho.

— Na última vez que a extrema-direita tomou o poder em Itália e na Alemanha, a Igreja manteve-se em silêncio. Na verdade, houve elementos poderosos no seio da Cúria que apoiaram a ascensão do fascismo e do nacional-socialismo. Viram Mussolini e Hitler como bastiões contra o bolchevismo, que era abertamente hostil ao catolicismo. Eu e o Santo Padre decidimos que, desta vez, não iríamos cometer o mesmo erro.

— E, agora — disse Veronica Marchese —, o Santo Padre está morto e há um guarda suíço desaparecido. — Olhou para Gabriel. — O Luigi disse-me que aceitou procurá-lo.

Gabriel franziu o sobrolho para Donati, que estava, subitamente, a retirar um borboto da sua batina imaculada.

— Falei demais? — perguntou Veronica.

— Não. O arcebispo é que falou.

— Não se zangue com ele. A vida na gaiola dourada do Palácio Apostólico pode ser muito solitária. Muitas vezes, o arcebispo procura os meus conselhos sobre assuntos seculares. Como sabe, tenho relações privilegiadas nos círculos políticos e sociais de Roma. Uma mulher na minha posição ouve todo o tipo de coisas.

— Tais como?

— Rumores — respondeu ela.

— Que tipo de rumores?

— Sobre um guarda suíço jovem e bonito que foi visto numa discoteca gay com um padre da Cúria. Quando contei ao arcebispo, ele avisou-me de que as alegações não comprovadas podem causar danos irreparáveis na reputação de uma pessoa e aconselhou-me a não as difundir.

— O arcebispo deve saber o que diz — observou Gabriel. — Mas pergunto-me porque é que ele não referiu nada disso ao almoço desta tarde.

— Talvez tenha pensado que não era relevante.

— Ou talvez tenha pensado que eu iria ficar relutante em ajudá-lo, se achasse que ia ser envolvido num escândalo sexual do Vaticano.

O telefone de Gabriel voltou a vibrar contra o seu peito. Era uma mensagem da Avenida Rei Saul.

— Há algum problema? — perguntou Donati.

— Parece que a ficha do Janson foi apagada da rede informática da Guarda Suíça, umas horas depois da morte do Santo Padre. — Gabriel trocou um olhar de relance com Chiara, que estava a conter um sorriso. — Os meus colegas da Unidade 8200 estão a procurar no *backup* do sistema.

— Vão encontrar alguma coisa?

— Os ficheiros informáticos são um pouco como os pecados, Vossa Excelência.

— Como assim?

— Podem ser absolvidos, mas nunca desaparecem totalmente.

Jantaram na magnífica açoteia do *palazzo*, debaixo dos aquecedores a gás que aqueciam o ar frio da noite. Foi uma típica refeição romana, *ravioli* de espinafres com manteiga e sálvia, seguidos de vitela assada

com verduras frescas. A conversa fluiu tão facilmente como as três garrafas de *Brunello vintage* que Veronica desenterrou da garrafeira de Carlo. Donati parecia completamente à vontade, na sua armadura clerical negra, com Veronica à sua direita e as luzes de Roma a cintilarem suavemente atrás de si. Podia estar degradada e imunda, e ser irremediavelmente corrupta, mas, vista do terraço de Veronica Marchese, com o ar puro, frio e perfumado pelo aroma dos cozinhados, parecia, aos olhos de Gabriel, a mais bela cidade do mundo.

O nome de Carlo nunca foi mencionado durante o jantar e não houve qualquer indício da violência e do escândalo que os uniam. Donati especulou sobre o resultado do conclave, mas evitou o assunto da morte de Lucchesi. Parecia, acima de tudo, estar atento a cada palavra que Veronica proferia. O afeto entre eles era dolorosamente óbvio. Donati estava a caminhar à beira de uma fenda alpina. Pelo menos para já, Deus estava a protegê-lo.

Só o telefone de Gabriel servia como recordatório do motivo pelo qual se tinham reunido naquela noite. Pouco depois das dez, estremeceu com uma atualização de Telavive. Os ciberdetetives da Unidade 8200 tinham conseguido recuperar a candidatura original de Niklaus Janson à Guarda Suíça. A atualização seguinte chegou às dez e meia, quando a Unidade encontrou a sua ficha de serviço completa. Estava escrita em alemão da Suíça, a língua oficial da Guarda. Continha uma referência aos dois recolheres obrigatórios violados, mas nada sobre uma relação sexual com um padre da Cúria.

— E o número de telemóvel? Tem de estar lá. Os guardas estão sempre de plantão.

— Paciência, Vossa Excelência.

A espera pela mensagem seguinte durou apenas dez minutos.

— Encontraram um antigo ficheiro de contactos que incluía o segundo-cabo Niklaus Janson. Contém um número de telemóvel e dois *e-mails*, uma conta do Vaticano e uma conta pessoal do Gmail.

— E agora? — perguntou Donati.

— Descobrimos onde está o telefone e se o Niklaus Janson ainda está na posse dele.

— E depois?

— Ligamos-lhe.

ROMA—FLORENÇA

Donati foi acordado pelo dobrar de sinos da igreja. Lentamente, abriu os olhos. A luz do dia contornava as extremidades de uma persiana fechada. Dormira demais. Colocou uma mão na testa. A sua cabeça pesava devido ao vinho de Carlo Marchese. O seu coração também pesava. Não se atreveu a alongar-se em pensamentos sobre o motivo.

Sentou-se direito e baixou lentamente os pés até ao soalho frio. Demorou algum tempo a conseguir focar o quarto. Uma secretária repleta de pilhas de livros e papéis, um roupeiro simples, um genuflexório de madeira. Acima dele, pouco visível na escuridão, estava o pesado crucifixo de madeira de carvalho que o seu mestre lhe oferecera alguns dias depois do conclave. Estivera pendurado no apartamento de Donati no Palácio Apostólico. Agora, estava pendurado aqui, no seu quarto na Cúria Jesuíta. Como era diferente do luxuoso *palazzo* de Veronica. Era o quarto de um homem pobre, pensou. O quarto de um padre.

O genuflexório chamava-o. Erguendo-se, Donati vestiu o roupão e atravessou o quarto. Abriu o breviário na página adequada e, de joelhos, recitou as primeiras palavras das laudes, a oração matutina.

Vinde, ó Deus, em meu auxílio. Senhor, socorrei-me sem demora...

Atrás dele, na mesa de cabeceira, o telemóvel vibrou. Ignorando-o, leu a seleção de salmos e hinos daquela manhã, juntamente com uma passagem breve do livro do Apocalipse.

Depois, vi outro anjo que subia do Oriente...

Só depois de repetir a frase final da oração de encerramento, Donati se ergueu e agarrou no telefone. A mensagem que o aguardava estava escrita em italiano coloquial. As palavras eram ambíguas e cheias de pistas falsas e duplos sentidos. Contudo, as instruções eram claras. Se Donati não soubesse a verdade, teria assumido que o autor era uma criatura da Cúria Romana. Não era.

Depois, vi outro anjo que subia do Oriente...

Donati atirou o telefone para cima da cama desfeita e, rapidamente,

fez a barba e tomou um duche. Embrulhado numa toalha, abriu as portas do roupeiro. Havia várias batinas e fatos clericais pendurados no varão, juntamente com o seu hábito coral. O seu guarda-roupa civil estava limitado a um único casaco desportivo com cotoveleiras, dois pares de calças castanho-claras, duas camisas brancas, duas camisolas de gola redonda e uns sapatos de camurça.

Vestiu um dos conjuntos e colocou o outro no saco de viagem. Depois, acrescentou uma muda de roupa interior, artigos de higiene pessoal, uma estola, uma alva, uma faixa e o seu *kit* de viagem para celebração de missas. Guardou o telemóvel no bolso do casaco.

Ao sair do quarto, encontrou o corredor vazio. Ouviu o ténue tilintar de vidro, talheres e louça que emanava da sala de refeições comunal e as sonantes vozes masculinas em oração, provenientes da capela. Sem que os seus irmãos jesuítas se apercebessem, apressou-se a descer as escadas e saiu para a manhã outonal.

Um *sedan Mercedes Classe E* aguardava na Borgo Santo Spirito. Gabriel estava ao volante, Chiara no lugar do passageiro. Quando Donati deslizou para o banco de trás, o automóvel arrancou disparado. Vários peões, incluindo um padre da Cúria que Donati conhecia de passagem, apressaram-se a fugir do seu caminho.

— Há algum problema? — perguntou.

Gabriel olhou de relance para o espelho retrovisor.

— Vou saber daqui a uns minutos.

O carro guinou para a direita, evitando, por pouco, um bando de freiras de hábito acinzentado, e atravessou velozmente o Tibre.

Donati apertou o cinto de segurança e fechou os olhos.

Vinde, ó Deus, em meu auxílio. Senhor, socorrei-me sem demora...

Aceleraram para norte, ao longo da Lungotevere, para a Piazza del Popolo e, depois, para sul, para a Piazza Venezia. Até mesmo segundo os padrões elevados de Roma, era uma viagem de deixar os cabelos em pé. Donati, um veterano de inúmeras escoltas papais, espantou-se com a habilidade com que o seu velho amigo conduzia o poderoso automóvel alemão e com a aparente calma com que, ocasionalmente, Chiara dava direções ou conselhos. A rota que estavam a seguir era indireta e repleta de paragens bruscas e desvios abruptos, tudo pensado para revelar a presença de vigilância motorizada. Numa cidade como Roma, onde as *scooters* eram um meio de transporte habitual, era uma tarefa árdua. Donati tentou ser prestável, mas, passado algum tempo, desistiu e observou os edifícios salpicados de *graffiti* e as cordilheiras de lixo por recolher que passavam velozmente pela sua janela. Veronica tinha razão. Roma era bela, mas nojenta.

Quando chegaram a Ostiense, um bairro operário caótico no

Município VIII, Gabriel pareceu satisfatoriamente convencido de que não estavam a ser seguidos. Dirigiu-se para a A90, a autoestrada de circunvalação de Roma, e seguiu para norte, para a Autostrada E35, uma estrada com portagem que se espalhava ao longo de todo o comprimento de Itália, até à fronteira suíça.

Donati descontraiu a sujeição firme ao apoio de braço.

— Importam-se de me dizer para onde vamos?

Gabriel apontou na direção de uma placa azul e branca à beira da estrada.

Donati permitiu a si próprio um breve sorriso. Há muito tempo que não ia a Florença.

A Unidade 8200 localizara o telemóvel na rede móvel celular de Florença, pouco antes das cinco horas dessa manhã. Estava a norte do Arno, em São Marcos, o bairro da cidade onde os Medici, a dinastia bancária que transformou Florença no coração artístico e intelectual da Europa, tinham alojado a sua coleção de girafas, elefantes e leões. Até agora, a Unidade não conseguira infiltrar-se no aparelho nem obter o controlo do seu sistema operativo. Estava, simplesmente, a monitorizar a posição aproximada do telemóvel, utilizando técnicas de geolocalização.

— Em linguagem de leigos, por favor? — pediu Donati.

— Depois de nos infiltrarmos num telefone, conseguimos ouvir as chamadas do dono do aparelho, ler os *e-mails* e as mensagens e monitorizar os *sites* a que acede na Internet. Até podemos tirar fotografias e fazer vídeos e usar o microfone como dispositivo de escuta.

— É como se fossem Deus.

— Não exatamente, mas sem dúvida que temos o poder de perscrutar a alma de alguém. Conseguimos conhecer os seus medos mais sombrios e os seus desejos mais profundos. — Gabriel abanou pesadamente a cabeça. — A indústria de telecomunicações e os seus amigos de Silicon Vallley prometeram-nos um admirável mundo novo de conveniência, tudo nas pontas dos dedos. Mentiram-nos intencionalmente. Roubaram-nos a privacidade. E destruíram tudo.

— Tudo?

— Jornais, filmes, livros, música... tudo.

— Não sabia que eras assim tão ludita.

— Sou restaurador de arte, especializado em Velhos Mestres italianos. Sou um membro fundador do clube.

— E, no entanto, usas telemóvel.

— Um telemóvel muito especial. Nem os meus amigos da NSA americana conseguem penetrar nele.

Donati levantou um *Nokia 9 Android*.

— E o meu?

— Ia sentir-me muito melhor se o atirasses pela janela.

— A minha vida está neste telefone.

— Aí é que está o problema, Vossa Excelência.

A pedido de Gabriel, Donati entregou o telemóvel a Chiara. Depois de o desligar, removeu-lhes o cartão SIM e a bateria e colocou-os na sua mala. Devolveu a carcaça sem alma a Donati.

— Já me sinto melhor.

Pararam para tomar café num *autogrill* perto de Orvieto e chegaram à periferia de Florença uns minutos depois do meio-dia. Os sinais de *Zona Traffico Limitato* piscavam a vermelho. Gabriel deixou o *Mercedes* num parque de estacionamento público próximo da Basilica di Santa Croce e, juntos, partiram em direção a São Marcos.

Segundo a luz azul no telemóvel de Gabriel, o aparelho de Janson estava a oeste do Museu de São Marcos, provavelmente na Via San Gallo. A Unidade 8200 advertira-o de que o sinal de geolocalização tinha um raio de imprecisão de cerca de quarenta metros, o que significava que o telefone também poderia estar na Via Santa Reparata ou na Via della Ruote. As três ruas eram flanqueadas por pequenos hotéis baratos e *hostels*.

O local exato sobre o qual o ponto azul repousava correspondia a um hotel chamado, apropriadamente, Piccolo. Precisamente em frente, no outro lado da rua, havia um restaurante, onde Gabriel almoçou como se fosse um homem para quem o tempo não interessava. Donati, com o telefone novamente montado e operacional, comeu na Via Santa Reparata, e Chiara ao virar da esquina, na Villa della Ruote.

Gabriel e Chiara tinham, cada um no seu telemóvel, uma cópia da fotografia oficial de Janson na Guarda Suíça. Mostrava um jovem sério, de cabelo curto, pequenos olhos escuros e rosto angular. De confiança, pensou Gabriel, mas de forma nenhuma um santo. A ficha de Janson indicava que tinha um metro e oitenta e dois de altura e um peso de setenta e cinco quilos.

Às três e um quarto, não havia qualquer sinal dele. Chiara mudou-se para o restaurante em frente do Hotel Piccolo, Donati para a Villa della Ruote. Na Via Santa Reparata, Gabriel passou grande parte do tempo a fitar o telefone, exortando a luz azul intermitente a que se movesse. Às cinco horas, doze horas após a sua descoberta inicial, a posição mantinha-se inalterada. Desalentado, Gabriel evocou uma imagem de um *smartphone* sem ligação à corrente a esgotar-se lentamente num quarto abandonado, repleto de embalagens vazias de *takeaway*.

Uma mensagem de Chiara animou-lhe o espírito. Já engordei sete quilos. Se calhar, devíamos simplesmente ligar para o número.

E se ele esteve envolvido?

Pensei que tinhas dito que ainda não estávamos nesse ponto.

Não estamos. Mas estamos mais perto a cada minuto que passa.

Às cinco e meia, mudaram de posições pela segunda vez. Gabriel foi para um restaurante na Villa della Ruote. Instalou-se numa mesa na rua e, sem apetite, mordiscou um prato de *spaghetti pomodoro*.

— Se não estiver ao seu gosto — disse o empregado de mesa —, posso trazer-lhe outra coisa.

Gabriel pediu um café duplo, o seu quinto da tarde, e, com uma mão ligeiramente trémula, agarrou no telemóvel. Tinha outra mensagem de Chiara.

Dez quilos. Estou a implorar-te, por favor, liga-lhe.

Gabriel sentiu-se seriamente tentado a fazê-lo. Em vez disso, observou os turistas que se arrastavam para os seus hotéis, depois de um longo dia a experimentarem as delícias de Florença. Havia quatro hotéis ao longo da rua. Aquele que se chamava, desadequadamente, Grand Hotel Medici ficava ao lado do restaurante, diretamente no ângulo de visão de Gabriel.

Consultou as horas no telemóvel. Eram seis e um quarto. Depois, verificou a posição da luz, no mapa de geolocalização, e detetou o que parecia ser um ligeiro indício de movimento. Trinta segundos adicionais de observação rigorosa confirmaram a sua suspeita. A luz estava, definitivamente, a mover-se.

Devido à margem de erro de quarenta metros, Gabriel informou rapidamente Chiara e Donati do que descobrira. Donati respondeu que não havia sinal de Janson na Via San Gallo e, alguns segundos depois, Chiara relatou o mesmo a partir do seu posto avançado na Via Santa Reparata. Gabriel não respondeu a nenhuma das mensagens, pois estava a escutinar o homem que acabara de sair do Grand Hotel Medici.

Vinte e muitos anos, cabelo curto, cerca de um metro e oitenta, talvez uns setenta e sete quilos. Percorreu rapidamente a rua com o olhar, em ambas as direções, e, depois, dirigiu-se para a direita, passando pelo restaurante. Gabriel pousou duas notas novas na mesa, contou lentamente até dez e levantou-se. De confiança, estava a pensar. Mas de forma nenhuma um santo.

FLORENÇA

Chiara e Donati aguardavam na Via Ricasoli, imersos na correnteza de visitantes que saía da Galleria dell'Accademia. Sem qualquer aviso, ela lançou os braços em redor do pescoço de Donati e puxou-o para si.

— Isto é mesmo necessário?

— Não queremos que ele veja o teu rosto. Pelo menos, para já.

Deu um abraço apertado a Donati, enquanto Niklaus Janson furava entre a multidão e passava por eles sem um olhar de relance. Gabriel surgiu na rua passado um momento.

— Há alguma coisa que vocês os dois queiram dizer-me?

Donati libertou-se e endireitou cuidadosamente o casaco.

— Ligo-lhe agora?

— Primeiro, seguimo-lo. Depois, ligamos.

— Porquê esperar?

— Porque precisamos de saber se mais alguém está a segui-lo.

— O que é que acontece se vires alguém?

— Esperemos não chegar a isso.

Gabriel e Donati começaram a caminhar ao longo da rua, seguidos por Chiara. Diante deles, estava o Campanile di Giotto. Janson diluiu-se no mar de turistas na Piazza del Duomo e desapareceu de vista. Quando Gabriel finalmente voltou a localizá-lo, o guarda suíço estava debruçado sobre o batistério octagonal, com o telemóvel na mão direita. Passado um momento, o seu polegar começou a premir o ecrã.

— O que é que achas que ele está a fazer? — perguntou Donati.

— Parece que está a enviar uma mensagem.

— A quem?

— Boa pergunta.

Jason enfiou o telemóvel no bolso de trás das calças de ganga e, girando lentamente sobre si próprio, percorreu a movimentada praça com o olhar. O seu olhar passou diretamente por Gabriel e Donati. O seu rosto não demonstrou qualquer sinal de reconhecimento.

— Está à procura de alguém — disse Donati.

— Talvez da pessoa que acabou de lhe enviar a mensagem.

- Ou?
- Pode estar com medo de que alguém esteja a segui-lo.
- Alguém *está* a segui-lo.

Finalmente, Janson abandonou a *piazza* e começou a caminhar ao longo de uma rua comercial chamada Via Martelli. Desta vez, foi Chiara que seguiu no seu encalço. Depois de cerca de cem metros, virou para uma viela estreita. Esta conduziu-o a mais uma praça com uma igreja, a Piazza di San Lorenzo. A fachada inacabada da basílica debruçava-se sobre o flanco oriental. Era cor de arenito e parecia uma gigantesca parede de tijolos por rebocar. Depois de consultar brevemente o telemóvel, Janson subiu os cinco degraus e entrou.

No flanco ocidental da *piazza*, havia uma fileira de vendedores de roupa que atendiam turistas e, a norte, uma *gelateria*. Chiara e Donati juntaram-se à fila no balcão. Gabriel atravessou a praça e entrou na basílica. Janson estava de pé, diante do túmulo de Cosimo de Medici, com os polegares em movimento sobre o ecrã do telemóvel, aparentemente alheio à inglesa de rosto corado que se dirigia a um grupo de turistas como se eles tivessem problemas de audição.

O guarda suíço enviou uma última mensagem e saiu para a praça, onde se deteve novamente para investigar a zona circundante. Estava claramente à espera de alguém. A pessoa a quem enviava essas mensagens, calculou Gabriel. A pessoas que o conduzira, primeiro, à Piazza del Duomo e, depois, à Basilica di San Lorenzo.

O olhar de Janson pousou brevemente em Gabriel. Depois, deixou a praça pela Borgo San Lorenzo. Aparentemente, ninguém que se encontrava na praça ou nas lojas o seguiu.

Gabriel caminhou até à *gelateria*, onde Donati e Chiara se equilibravam sobre bancos altos junto a uma mesa de zinco. Não tinham tocado nos seus gelados.

- Já podemos estabelecer contacto com ele? — perguntou Donati.
- Ainda não.
- Porque não?
- Porque eles estão aqui, Vossa Excelência.
- Quem?

Sem responder, Gabriel deu meia-volta e partiu atrás de Janson. Passado um momento, Chiara e Donati deitaram o seu *gelato* intacto num caixote do lixo e partiram atrás de Gabriel.

Janson atravessou a Piazza del Duomo uma segunda vez, praticamente confirmando a suspeita de Gabriel de que o guarda suíço estava a ser guiado por uma mão oculta. Algures em Florença, pensou, alguém estava à sua espera.

Janson foi, de seguida, para a Piazza della Repubblica e, daí,

encaminhou-se para a Ponte Vecchio. A ponte fora, em tempos, a casa de ferreiros, curtidores e talhantes, mas, no final do século xvi, depois de os florentinos se queixarem do sangue e do fedor, transformara-se no domínio dos joalheiros e ourives da cidade. No lado oriental da ponte, Vasari desenhara um corredor privado sobre as lojas, para que o clã Medici pudesse atravessar o rio sem ter de se misturar com os seus súbditos.

Os Medici tinham desaparecido há muito, mas os joalheiros e ourives permaneciam. Janson passou pelas montras luminosas das lojas, antes de parar no meio, sob os arcos do Corredor Vasariano, para observar, em baixo, as águas negras e vagarosas do Arno. Entre eles, fluía uma enxurrada constante de turistas.

Gabriel olhou de soslaio para a esquerda e viu Chiara e Donati, que se aproximavam através da multidão. Com um pequeno movimento de cabeça, indicou-lhe que se juntassem a ele. Ficaram de pé, lado a lado, junto à balaustrada, Gabriel e Chiara virados para Niklaus Janson, Donati virado para o rio.

— Então? — perguntou ele.

Gabriel observou Janson mais um momento. Estava de costas viradas para o centro da ponte. No entanto, era óbvio que estava novamente a escrever alguma coisa no telemóvel. Gabriel queria saber a identidade da pessoa, homem ou mulher, com quem Janson estava em contacto. Mas aquilo já durava há tempo suficiente.

— Ok, Luigi. Liga-lhe.

Donati sacou o seu *Nokia*. O número de Janson já estava guardado nos contactos. Com um toque no ecrã, fez a ligação. Passaram alguns segundos. Depois, hesitantemente, Niklaus Janson levou o telemóvel até ao ouvido.

PONTE VECCHIO, FLORENÇA

— Boa noite, Niklaus. Reconheces a minha voz?

Donati tocou no ícone do altifalante no ecrã do *Nokia* a tempo de Gabriel ouvir a resposta sobressaltada de Janson.

— Vossa Excelência?

— Sim.

— Onde é que estás?

— Estava a perguntar-me o mesmo em relação a ti.

No lado oposto da ponte, não houve resposta do jovem.

— Preciso de falar contigo, Niklaus.

— Sobre o quê?

— A noite em que o Santo Padre morreu.

Mais uma vez, não houve resposta.

— Ainda aí estás, Niklaus?

— Sim, Vossa Excelência.

— Diz-me onde estás. Preciso de encontrar-me contigo imediatamente.

— Estou na Suíça.

— Nem parece teu, mentir a um arcebispo.

— Não estou a mentir.

— Não estás na Suíça. Estás no meio da Ponte Vecchio, em Florença.

— Como é que sabe?

— Porque estou atrás de ti.

Janson rodou sobre si próprio, com o telemóvel no ouvido.

— Não estou a vê-lo.

Donati também se virou, lentamente.

— Vossa Excelência? É você?

— Sim, Niklaus.

— Quem é o homem que está ao seu lado?

— Um amigo.

— Tem estado a seguir-me.

— Estava a fazê-lo em meu nome.

- Tive medo de que quisesse matar-me.
 - Porque é que alguém haveria de querer matar-te?
 - Perdoe-me, Vossa Excelência — sussurrou.
 - Porquê?
 - Conceda-me a absolvição.
 - Primeiro, tenho de te ouvir em confissão.
- Ele olhou para a esquerda.
- Não há tempo para isso, Vossa Excelência.

Janson baixou o telefone e começou a atravessar a ponte horizontalmente. A meio, parou abruptamente e abriu os braços. O primeiro disparo atingiu-o no ombro esquerdo, fazendo-o rodopiar como um pião. O segundo perfurou-lhe o peito e fê-lo cair penitentemente sobre os joelhos. Aí, com os braços pendidos flacidamente junto dos flancos, recebeu um terceiro disparo. Atingiu-o acima do olho direito e arrancou grande parte do seu crânio.

Na velha ponte, os disparos soaram como tiros de canhão. Um turbilhão de pânico irrompeu instantaneamente. Gabriel viu o assassino por breves momentos, enquanto fugia da ponte para sul. Depois, virando-se, viu Chiara e Donati ajoelhados sobre Niklaus Janson. O último disparo empurrara-o para trás e as pernas estavam presas debaixo dele. Apesar do terrível ferimento na cabeça, ainda estava vivo e consciente. Gabriel agachou-se junto dele. Estava a sussurrar qualquer coisa.

O seu telemóvel jazia sobre as pedras da calçada, com o ecrã estilhaçado. Gabriel enfiou o aparelho no bolso interior do casaco, juntamente com a carteira de *nylon* que arrancou do bolso de trás das calças de ganga de Janson. Donati estava a rezar suavemente, com o polegar da mão direita pousado na testa de Janson, perto do ferimento de bala. Com dois pequenos movimentos, um vertical, outro horizontal, absolveu o guarda suíço dos seus pecados.

Nessa altura, já uma multidão angustiada se reunira à volta deles. Gabriel ouvia expressões de choque e horror numa dezena de idiomas diferentes e, ao longe, o grito das sirenes que se aproximavam. Erguendo-se, puxou Chiara para que se levantasse e, depois, Donati. Enquanto se afastavam do corpo, a multidão avançava. Calmamente, caminharam para norte, no sentido da luz azul intermitente do primeiro veículo da Polizia di Stato.

- O que é que acabou de acontecer? — perguntou Donati.
- Não tenho a certeza — disse Gabriel. — Mas vamos saber daqui a um minuto.

À saída da Ponte Vecchio, juntaram-se ao êxodo de turistas assustados que fugia através da arcada do Corredor Vasariano.

Quando chegaram à entrada da Galeria Uffizi, Gabriel retirou o telemóvel de Janson do bolso. Era um *iPhone*, sem código de segurança e com oitenta e quatro por cento de bateria. Os seus medos mais sombrios, os seus desejos mais profundos, a sua alma, tudo nas pontas dos dedos de Gabriel.

— Esperemos que eu tenha sido o único a ver-te tirá-lo — disse Donati repreensivamente. — E a carteira.

— Foste. Mas tenta não parecer tão culpado.

— Acabei de fugir do local de um assassinio. Porque é que haveria de me sentir culpado?

Gabriel premiu o botão ECRÃ PRINCIPAL. Várias aplicações estavam abertas, incluindo a das mensagens de texto. Deslizou até ao início da conversa. Não tinha nome, apenas um número. A primeira mensagem, escrita em inglês, chegara às 16h47 da tarde anterior.

Por favor, diz-me onde estás, Niklaus...

— Apanhámo-la.

— Quem? — perguntou Donati.

— A pessoa que estava a enviar mensagens ao Janson enquanto estávamos a segui-lo.

Donati espreitou por cima do ombro direito de Gabriel, Chiara sobre o esquerdo. Os seus rostos iluminaram-se com o brilho do *iPhone*. Subitamente, a luz apagou-se. Gabriel premiu novamente o botão ECRÃ PRINCIPAL, mas não houve resposta. O telemóvel não entrara em hibernação: tinha-se desligado completamente.

Gabriel premiu o botão de ligar do telemóvel e esperou que a ubíqua maçã branca surgisse no ecrã.

Nada.

O telemóvel estava tão morto quanto o seu proprietário.

— Talvez tenhas tocado nalguma coisa por engano — sugeriu Donati.

— Estás a referir-te ao ícone mágico que, instantaneamente, rebenta com o sistema operativo e destrói a memória? — Gabriel ergueu o olhar do ecrã obscurecido. — Foi apagado remotamente para que não pudéssemos ver o que contém.

— Por quem?

— Pelos mesmos homens que eliminaram a ficha pessoal dele da rede informática da Guarda Suíça.

— Agora acreditas em mim? — perguntou Donati.

— Há dez minutos, tinha as minhas dúvidas. Mas já não tenho. — Gabriel fitou a Ponte Vecchio. Resplandecia com luzes azuis intermitentes. — Conseguiste perceber o que é que ele estava a dizer, antes de morrer?

— Estava a falar em aramaico. *Eli, Eli, lama sabachthani?* Significa...

— Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Donati assentiu lentamente com a cabeça.

— Foram as últimas palavras que Jesus gritou, antes de morrer na cruz.

— Porque é que ele diria isso?

— Talvez os outros guardas tivessem razão — disse Donati. — Talvez o Niklaus fosse mesmo um santo.

VENEZA—FRIBURGO, SUÍÇA

Regressaram a Veneza, recolheram duas crianças adormecidas numa casa de um antigo gueto e, atravessando a única ponte de ferro da cidade, transportaram-nas até um apartamento na Rio della Misericordia, onde passaram uma noite maioritariamente em branco. Donati ficou no quarto extra. Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, mal conseguiu tirar os olhos de Raphael, que era extraordinariamente parecido com o seu famoso pai. A criança fora até amaldiçoada com os olhos insolitamente verdes de Gabriel. Irene era parecida com a mãe de Gabriel, sobretudo quando estava irritada com ele.

— Vai ser só um dia um dois — tranquilizou-a ele.

— Isso é o que dizes sempre, *abba*.

Descaram as escadas e despediram-se na Fondamenta dei Ormesini. O último beijo de Chiara foi decoroso.

— Por favor, tenta não ser morto — sussurrou ela ao ouvido de Gabriel. — Os teus filhos precisam de ti. E eu também.

Gabriel e Donati instalaram-se na cabina com lugares sentados, na popa de um *motoscafo*^[4] que os aguardava, e deslizaram pelas águas verdes-acinzentadas da lagoa até ao Aeroporto Marco Polo. No átrio apinhado, os passageiros concentravam-se debaixo dos monitores de televisão. Explodira outra bomba na Alemanha. Desta vez, o alvo fora um mercado, na cidade nortenha de Hamburgo. Nas redes sociais, surgira uma reivindicação de responsabilidade, bem como um vídeo, com edição profissional, do alegado cérebro do atentado. Num alemão coloquial perfeito, com o rosto escondido atrás de um lenço árabe, prometeu que as bombas prosseguiriam até que a bandeira negra do Estado Islâmico ondeasse sobre o *Bundestag*. Depois de dois atentados terroristas em apenas quarenta e oito horas, a Alemanha estava, agora, em nível de alerta elevado.

O atentado à bomba complicou imediatamente as viagens aéreas em toda a Europa, mas, de alguma forma, o voo do final da manhã da *Alitalia* para Genebra partiu a horas. Apesar do reforço da segurança no segundo aeroporto mais movimentado da Suíça, Gabriel e Donati

passaram o controlo de passaporte sem atrasos. A divisão de Transportes deixara um *sedan* BMW no parque de estacionamento de curta duração, com a chave presa com fita-cola debaixo do para-choques da frente. No porta-luvas, embrulhada num tecido protetor, havia uma *Beretta* de 9 mm.

— Viva o luxo — observou Donati. — Eu tenho sempre de ir buscar a minha arma ao balcão.

— Ser membro tem destes privilégios.

Gabriel seguiu a rampa de saída do aeroporto para a E62 e dirigiu-se para noroeste, ao longo da margem do lago. Donati notou que estava a conduzir sem o auxílio de um equipamento de navegação.

— Vens à Suíça muitas vezes?

— Pode dizer-se que sim.

— Dizem que vai ser mais um ano mau para a neve.

— O estado do turismo de inverno suíço é a menor das minhas preocupações.

— Não fazes esqui?

— Achas que tenho ar de esquiador?

— Nunca lhe vi a graça. — Donati observava pensativamente os picos montanhosos que se erguiam sobre a margem oposta do lago. — Qualquer idiota pode deslizar por uma montanha abaixo, mas é preciso um grande carácter e disciplina para caminhar por uma acima.

— Eu prefiro caminhar à beira-mar.

— Está a subir, sabias? Aparentemente, em breve, Veneza será inabitável.

— Pelo menos, isso vai servir para desencorajar os turistas.

Gabriel ligou o rádio a tempo de apanhar o noticiário transmitido de hora a hora pela SFR 1. O balanço de mortos em Hamburgo encontrava-se nos quatro, mas havia vinte e cinco feridos, vários em estado crítico. Não houve qualquer menção a um cidadão suíço assassinado, na noite anterior, na Ponte Vecchio, em Florença.

— De que é que a Polizia di Stato está à espera? — perguntou Donati.

— Se tivesse de adivinhar, diria que estão a dar ao Vaticano a hipótese de cimentar a sua história.

— Boa sorte com isso.

A última notícia dizia respeito a um relatório da Conferência Episcopal Suíça que detalhava um aumento brusco no número de novos casos de abusos sexuais.

Donati suspirou.

— Quem me dera que falassem de qualquer coisa menos deprimente. Do atentado em Hamburgo, por exemplo.

— Sabias que esse relatório ia ser divulgado?

Donati assentiu com a cabeça.

— Eu e o Santo Padre revimos o primeiro esboço, algumas semanas antes da sua morte.

— Como é que é possível que ainda existam *novos* casos de abusos?

— Porque nos desculpámos e pedimos perdão, mas nunca abordámos as causas profundas do problema. E a Igreja pagou, merecidamente, um preço terrível. Aqui na Suíça, o catolicismo romano está nas últimas. Os batizados, os casamentos na igreja e a assistência à missa caíram para níveis próximos da extinção.

— E se tivesses a oportunidade de fazer tudo de novo?

— Apesar daquilo que os meus inimigos diziam de mim, eu não era o papa, o Pietro Lucchesi é que era. E era um homem que tinha uma tendência inata para ser cauteloso. — Donati fez uma pausa. — Demasiado cauteloso, na minha opinião.

— E se tivesses o Anel do Pescador no dedo?

Donati riu-se.

— Qual é a piada?

— A mera ideia é absurda.

— Faz-me a vontade.

Donati ponderou cuidadosamente a resposta.

— Começaria por reformar o sacerdócio. Não basta eliminar os pedófilos. Temos de criar uma comunidade global de religiosos católicos que seja nova e dinâmica, se a Igreja quiser sobreviver e prosperar.

— Isso quer dizer que admitirias mulheres no sacerdócio?

— Isso são palavras tuas, não minhas.

— E padres casados?

— Agora, estamos a navegar em águas perigosas, meu amigo.

— Outras fés permitem o casamento dos seus presbíteros.

— E eu respeito essas fés. A questão é: será que eu, como padre católico apostólico romano, consigo amar e cuidar da minha esposa e dos meus filhos ao mesmo tempo que sirvo o Senhor e atendo as necessidades espirituais do meu rebanho?

— Qual é a resposta?

— Não — disse Donati. — Não consigo.

Uma placa avisou que estavam a aproximar-se de Veyey, uma localidade turística à beira do lago. Gabriel virou para a E27, seguindo-a para norte na direção de Friburgo. Era uma cidade bilingue, mas as ruas exibiam nomes franceses. A Rue du Pont-Muré estendia-se por cerca de cem metros, atravessando a elegante Cidade Velha, sobre a qual se elevava o pináculo da catedral. Gabriel estacionou o carro na Place des Ormeaux e instalou-se numa mesa do Café des Arcades. Sozinho, Donati atravessou a rua para o Café du Gothard.

Era um restaurante formal e antiquado, com soalho de madeira

escuro e pesados candeeiros de ferro no teto. A essa hora, no intervalo cinzento entre o almoço e o jantar, só uma outra mesa estava ocupada, por um casal inglês que parecia ter acabado de declarar uma trégua frágil após uma longa e calamitosa batalha. O *maître* levou Donati até uma mesa junto da janela. Marcou o número de Gabriel e, depois, pousou o seu *Nokia* em cima da mesa, com o ecrã virado para baixo. Passaram vários minutos antes de Stefani Hoffmann aparecer. Colocou a ementa diante dele e, com esforço considerável, sorriu.

— Quer alguma coisa para beber?

[4] Lancha a motor usada frequentemente nos canais de Veneza. (N.T.)

CAFÉ DU GOTHARD, FRIBURGO

Enfiou uma madeixa de cabelo louro atrás da orelha e perscrutou Donati por cima de um bloco de notas. Os seus olhos eram da cor de um lago alpino no verão e o resto do rosto igualava a sua beleza. As maçãs do rosto eram largas, a mandíbula definida, o queixo estreito com uma ligeira covinha.

Dirigira-se a Donati em francês. Ele respondeu no mesmo idioma.

— Um copo de vinho, por favor.

Com a ponta da caneta, ela apontou para a secção da ementa dedicada à seleção de vinhos do café. Eram maioritariamente franceses e suíços. Donati escolheu um *Chasselas*.

— Alguma coisa para comer?

— Para já, só o vinho, obrigado.

Ela caminhou até ao bar e consultou o telefone, enquanto uma colega vestida com uma camisola preta servia o vinho. O copo manteve-se pousado sobre o tabuleiro durante um ou dois minutos, antes de ela finalmente o levar para a mesa de Donati.

— Não é de Friburgo — observou ela.

— Como é que consegue perceber?

— Itália?

— Roma.

— Qual é o seu ramo de negócio?

Donati hesitou. Nunca encontrara uma forma satisfatória de admitir qual era a sua profissão.

— Suponho que estou no negócio da salvação.

Os olhos dela semicerraram-se.

— É clérigo?

— Padre — disse Donati.

— Não tem muito ar de padre. — Os seus olhos passearam sobre ele de forma provocadora. — Especialmente com essa roupa.

Donati indagou-se se ela se dirigiria a todos os clientes de uma forma tão direta.

— Na verdade, sou arcebispo.

— Onde é que é a sua arquidiocese? — Obviamente, estava familiarizada com o léxico do catolicismo.

— Num canto remoto do Norte de África que, em tempos, fez parte do Império Romano. Já não existem lá muito cristãos, muito menos católicos.

— É uma sé titular?

— Exatamente.

— O que é que faz, realmente?

— Estou prestes a assumir o cargo de professor na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

— É jesuíta?

— Receio que sim.

— E antes da Gregoriana?

Donati baixou a voz.

— Era o secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII.

Uma sombra pareceu abater-se sobre o seu rosto.

— O que é que está a fazer em Friburgo? — perguntou ela novamente.

— Vim vê-la.

— Porquê?

— Preciso de falar consigo sobre o Niklaus.

— Onde é que ele está?

— Não sabe?

— Não.

— Quando é que foi a última vez que teve notícias dele?

— Na manhã do funeral do papa. Ele não quis dizer-me onde estava.

— Porque não?

— Disse que não queria que eles soubessem.

— Quem?

Ela começou a responder, mas parou.

— Viu-o? — perguntou ela.

— Sim, Stefani. Receio que sim.

— Quando?

— Ontem à noite — disse Donati. — Na Ponte Vecchio, em Florença.

Do seu posto de observação no Café des Arcades, Gabriel ouviu Donati contar calmamente a Stefani Hoffmann que Niklaus Janson estava morto. Ainda bem que era o seu velho amigo que estava no outro lado da rua, e não ele. Se Donati tinha sempre de se esforçar para conseguir admitir a sua profissão, Gabriel sentia igualmente dificuldade para contar a uma mulher que um ente querido (um filho, um irmão, um pai, um noivo) tinha sido assassinado a sangue-frio.

No início, ela não acreditou em Donati, o que era expectável. A sua resposta, que não tinha motivos para mentir sobre algo assim, pouco fez para diluir o seu ceticismo. O Vaticano, disparou ela, mentia constantemente.

— Eu não trabalho para o Vaticano — replicou Donati. — Já não.

Então, sugeriu que falassem num local privado. Stefani Hoffmann respondeu que o restaurante fechava às dez e que o seu chefe a mataria se o deixasse na mão.

— O seu chefe vai entender.

— O que é que lhe digo em relação ao Niklaus?

— Absolutamente nada.

— O meu carro está na Place des Ormeaux. Espere lá por mim.

Donati saiu para a rua e ergueu o telemóvel, encostando-o ao ouvido.

— Conseguiste ouvir tudo?

— Ela sabe — respondeu Gabriel. — A questão é quanto.

Donati guardou o telemóvel no bolso, sem desligar a chamada. Stefani Hoffmann saiu do restaurante alguns minutos depois, com um lenço à volta do pescoço. O seu carro era um *Volvo* antigo. Donati baixou-se para se sentar no lugar do passageiro, enquanto Gabriel deslizava para trás do volante do *BMW*. Através do auricular, ouviu Donati a apertar o cinto de segurança e, passado um instante, um lamento angustiado de Stefani Hoffmann.

— O Niklaus está mesmo morto?

— Vi-o morrer.

— Porque é que não impediu que isso acontecesse?

— Não havia nada a fazer.

Stefani Hoffmann fez marcha-atrás para sair do estacionamento e virou para a Rue du Pont-Muré. Dez segundos depois, Gabriel fez o mesmo. Enquanto deixavam a Cidade Velha pela Route des Alpes, Donati perguntou por que motivo Niklaus Janson fugira do Vaticano na noite da morte do Santo Padre. A resposta dela foi quase inaudível.

— Teve medo.

— Medo de quê?

— De que o matassem.

— Quem, Stefani?

Durante uns longos instantes, só se ouviu o motor do *Volvo*. Passado um momento, seguiu-se o som de Stefani Hoffmann a gritar de dor. Gabriel baixou o volume do telemóvel. Ainda bem que era o seu velho amigo que estava sentado ao seu lado, e não ele.

RECHTHALTEN, SUÍÇA

Quando se aproximavam da aldeia de Sankt Ursen, Stefani Hoffmann percebeu que estavam a ser seguidos.

— É só um parceiro meu — explicou Donati.

— Desde quando é que os padres têm *parceiros*?

— É o homem que me ajudou a encontrar o Niklaus em Florença.

— Pensei que tinha dito que veio a Friburgo sozinho.

— Nunca disse isso.

— Esse seu parceiro também é padre?

— Não.

— Serviços secretos do Vaticano?

Donati sentiu-se tentado a informar Stefani Hoffmann de que não existia nenhuma divisão da Santa Sé conhecida como os *serviços secretos do Vaticano*, que isso não passava de um boato inventado pelos inimigos do catolicismo, que o verdadeiro aparelho de recolha de informação do Vaticano era a Igreja Universal em si, com a sua rede global de paróquias, escolas, universidades, hospitais, organizações de beneficência e núncios nas capitais de todo o mundo. Poujou-lhe esse discurso, pelo menos de momento. Ainda assim, ficou curioso por saber o motivo de tal pergunta. Isso podia esperar, decidiu, até que o seu *parceiro* se juntasse a eles.

A vila seguinte era Rechthalten. Donati reconheceu o nome. Era a povoação onde Niklaus Janson nascera. A esmagadora maioria dos seus habitantes era católica romana. A maior parte trabalhava no setor que os peritos governamentais de estatística designavam como setor primário da economia, uma forma cortês de dizer que trabalhavam na terra. Um punhado, como Stefani Hoffmann, viajava todos os dias para Friburgo. Deixara a casa da família há cerca de um ano, disse ela, e estava a viver sozinha num chalé, no extremo mais oriental da povoação.

Era um chalé triangular, com um pequeno terraço no andar superior. Stefani Hoffmann virou para o caminho de terra batida que conduzia à casa e desligou o motor. Gabriel chegou alguns segundos

depois. Em alemão, apresentou-se como Heinrich Kiever. Era o nome que constava no passaporte alemão falso que exibira, nessa tarde, no Aeroporto de Genebra.

— De certeza que não é padre? — Stefani Hoffmann aceitou a sua mão estendida. — Tem mais ar de padre do que o arcebispo.

Conduziu-os ao interior do chalé. O rés-do-chão fora transformado num ateliê artístico. Stefani Hoffmann, lembrou-se Donati de repente, era pintora. A sua última obra estava apoiada sobre um cavalete, no centro da sala. O homem que ela conhecia como Heinrich Kiever pôs-se de pé diante dele, com uma mão no queixo e a cabeça ligeiramente inclinada para um lado.

— É bastante bom.

— Pinta?

— Só uma ou outra aguarela ocasional, quando estou de férias.

O ceticismo de Stefani Hoffmann era notório. Tirou o casaco e o lenço e olhou para Donati, enquanto as lágrimas caíam dos seus olhos azuis.

— Querem alguma coisa para beber?

Os pratos do pequeno-almoço ainda estavam em cima da mesa da sua minúscula cozinha. Retirou-os e encheu a chaleira elétrica com água engarrafada. Enquanto usava uma colher para encher a cafeteira de êmbolo de café, pediu desculpa pelo estado caótico do chalé, e pela sua modéstia. Era o que conseguia pagar, lamentou-se, com o seu salário do restaurante e a pequena quantia que ganhava com a venda dos quadros.

— Não somos banqueiros abastados, sabem.

Ela dirigia-se a eles em alemão. Não no dialeto suíço-alemão falado na vila, mas em alto-alemão, a língua dos seus vizinhos germânicos do norte. Aprendera a falar o idioma na escola, explicou, a partir dos seis anos. Niklaus Janson fora seu colega de turma. Era um rapaz estranho, com óculos, magricela, tímido, mas, aos dezassete anos, de alguma forma, transformara-se magicamente num objeto de incrível beleza. A primeira vez que tinham feito amor, insistira em tirar o seu crucifixo. Depois, confessara-se ao padre Erich, o sacerdote da povoação.

— O Niklaus era um rapaz muito religioso. Era uma das coisas de que eu gostava nele. Disse-me que nunca mencionou o meu nome no confessional, mas o padre Erich lançou-me um olhar bastante intenso, quando fui comungar, no domingo seguinte.

Depois de terminar a educação secundária na *Kantonsschule* local, Stefani estudou Belas-Artes na Universidade de Friburgo e Niklaus, cujo pai era carpinteiro, alistou-se no exército suíço. Ao concluir o serviço militar, regressou a Rechthalten e começou a procurar

trabalho. Foi o padre Erich que lhe sugeriu que se juntasse à Guarda Suíça, que, na altura, estava com falta de pessoal e procurava desesperadamente recrutas. Stefani Hoffmann opôs-se veementemente à ideia.

— Porquê? — perguntou Donati.

— Tive medo de o perder.

— Para quem?

— Para a Igreja.

— Pensou que ele poderia tornar-se padre?

— Falava nisso constantemente, mesmo depois de ter saído do exército.

Não o submeteram a qualquer verificação de referências ou entrevista formal. A afirmação do padre Erich de que Niklaus era um católico praticante, com um caráter moral sólido, foi suficiente. Na noite anterior à partida para Roma, deu a Stefani um anel de noivado, com um pequeno diamante. Ela usou-o, alguns meses depois, enquanto assistia à cerimónia solene, realizada do Pátio de São Dâmaso, onde Niklaus jurou dar a sua vida para defender o Vaticano e o Santo Padre. Estava extremamente orgulhoso do seu uniforme formal e do capacete de estilo medieval com penacho vermelho, mas Stefani achou que parecia bastante ridículo, um soldado de brincar no exército mais pequeno do mundo. Depois da cerimónia, levou os pais para conhecerem Sua Santidade. Stefani não foi autorizada a acompanhá-los.

— Só as esposas e as mães é que puderam conhecer o Santo Padre. A Guarda não gosta de namoradas.

Encontrava-se com Niklaus de dois em dois meses, mas tentavam manter a sua relação através de videochamadas e mensagens de texto diárias. O trabalho da Guarda Suíça era extenuante e, na maior parte do tempo, terrivelmente monótono. Niklaus costumava rezar o terço, enquanto fazia turnos de três horas, de pé, com os pés apontados para fora num ângulo de sessenta graus, de acordo com os regulamentos da Guarda Suíça. Passava a maior parte do tempo no Quartel Suíço, o enclave da Guarda próximo da Porta de Santa Ana. Tal como a maioria dos suíços, achava que Roma era uma balbúrdia imunda.

Um ano após a entrada na Guarda, estava a trabalhar no interior do Palácio Apostólico. Ali, observava as idas e vindas da maioria dos príncipes superiores da Igreja: Gaubert, o secretário de Estado, Albanese, guardião do Arquivo Secreto, Navarro, guardião da própria fé. Mas o oficial do Vaticano que Niklaus mais admirava não usava chapéu vermelho. Era o secretário pessoal do Santo Padre, o arcebispo Luigi Donati.

— Ele costumava dizer-me que, se a Igreja tivesse algum bom senso, iria fazer de si o próximo papa.

Stefani conseguiu esboçar um sorriso, que se desvaneceu ao descrever a espiral descendente que atirou Niklaus para a depressão e para a bebida. De alguma forma, Donati não vira os sinais do tumulto emocional de Niklaus. Contudo, houve um padre que reparou. Um padre que trabalhava numa divisão relativamente insignificante da Cúria romana, que tinha algo a ver com o estabelecimento de um diálogo entre a Igreja e os não-crentes.

— Poderia ser o Conselho Pontifício para a Cultura? — inquiriu Donati suavemente.

— Sim, é isso.

— E o nome do padre?

— Padre Markus Graf.

Donati lançou um olhar ao seu parceiro que tornou claro que o padre em questão era um verdadeiro problema. Enquanto vertia água a ferver para o interior da cafeteira de êmbolo, Stefani Hoffmann explicou porquê.

— É membro de uma ordem reacionária. E secreta, também.

— A Ordem de Santa Helena — disse Donati, mais para benefício de Gabriel do que de Stefani Hoffmann.

— Conhece-o?

Donati revelou um lampejo da sua antiga arrogância.

— Eu e o padre Graf movemo-nos em círculos muito diferentes.

— Eu estive com ele, uma vez. É manhoso como uma raposa. Mas bastante carismático. Sedutor, até. O Niklaus ficou fascinado com ele. A Guarda tem o seu próprio capelão, mas o Niklaus escolheu o padre Graf como seu confessor e guia espiritual. Também começaram a passar muito tempo juntos em situações sociais.

— Situações sociais?

— O padre Graf tinha carro. Costumava levar o Niklaus para as montanhas à volta de Roma, para ele não ter saudades de casa. Os Apeninos não são exatamente os Alpes, mas o Niklaus gostava de sair da cidade.

— Foi repreendido duas vezes por violar o recolher obrigatório.

— De certeza que isso teve alguma coisa a ver com o padre Graf.

— Havia mais alguma coisa na relação deles?

— Está a perguntar-me se o Niklaus e o padre Graf eram amantes?

— Suponho que sim.

— Isso passou-me pela cabeça. Principalmente, depois da forma como ele agiu, na última vez que fui a Roma.

— O que é que aconteceu?

— Ele recusou-se a fazer sexo comigo.

— Deu-lhe alguma razão?

— O padre Graf tinha-lhe dito que não devia ter relações sexuais fora do casamento.

- E como é que reagiu?
- Disse-lhe que devíamos casar-nos imediatamente. O Niklaus concordou, mas com uma condição.
- Disse que a Stefani tinha de tornar-se membro leigo da Ordem de Santa Helena.
- Sim.
- Suponho que o Niklaus já era membro.
- Prestou juramento de obediência ao bispo Richter, no *palazzo* da Ordem, no Monte Janículo. Ele disse-me que o bispo Richter tinha reservas sobre certos aspetos do meu carácter, mas aceitou autorizar a minha entrada na Ordem.
- Como é que o bispo Richter sabia de si?
- Pelo padre Erich. Também é membro da Ordem.
- O que é que a Stefani fez?
- Atirei o meu anel de noivado ao Tibre e regressiei à Suíça.
- Lembra-se da data?
- Como é que poderia esquecê-la? Foi no dia 9 de outubro. — Serviu três chávenas de café e colocou uma delas diante do homem que conhecia como Heinrich Kiever. — Ele não tem perguntas para mim?
- O Herr Kiever é um homem de poucas palavras.
- Como o Niklaus. — Sentou-se à mesa. — Depois de eu ter recusado entrar na Ordem, cortou qualquer contacto comigo. Terça-feira foi a primeira vez que falei com ele em várias semanas.
- E tem a certeza de que foi na manhã do funeral do Santo Padre?
- Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.
- Parecia estar muito mal. Por momentos, pensei que não fosse ele. Quando perguntei o que é que se passava, limitou-se a chorar.
- E o que é que a Stefani fez?
- Perguntei-lhe outra vez o que é que se passava.
- E?
- Ela levou o café aos lábios.
- Ele contou-me tudo.

RECHTHALTEN, SUÍÇA

Nesse dia, Niklaus já fizera dois turnos. No Arco dos Sinos, de manhã, e no Portão de Bronze, à tarde. Quando chegou ao apartamento papal, às nove da noite, as suas pernas tremiam de fadiga. A primeira pessoa que viu foi o secretário pessoal do Santo Padre. Estava de saída.

— Ele sabia onde é que eu ia?

— Jantar com uma amiga. Fora do recinto.

— Sabia o nome da amiga?

— Uma mulher rica que vivia perto da Villa Borghese. O marido morreu numa queda da cúpula da basílica. O Niklaus disse que Vossa Excelência estava lá quando isso aconteceu.

— Onde é que ele ouviu uma coisa dessas?

— Onde é que acha que foi?

— O padre Graf?

Ela assentiu com a cabeça. Estava a agarrar na chávena de café com ambas as mãos. Um halo de vapor rodopiou em redor do seu rosto imaculado.

— O que é que aconteceu depois de eu sair?

— O cardeal Albanese chegou por volta das nove e meia.

— O cardeal disse-me que só chegou às dez.

— Essa foi a sua *segunda* visita — disse Stefani Hoffmann. — Não a primeira.

O cardeal Albanese não contara nada a Donati sobre uma visita anterior ao *appartamento*. Também não a incluía na cronologia oficial do Vaticano. Só essa única inconsistência, se algum dia se tornasse pública, seria suficiente para mergulhar a Igreja num escândalo.

— O Albanese disse ao Niklaus porque é que estava lá?

— Não. Mas levava uma pasta que tinha o brasão do Arquivo na lombada.

— Quanto tempo ficou?

— Só uns minutos.

— Tinha a pasta com ele quando saiu?

Ela assentiu com a cabeça.

— E o que é que aconteceu quando regressou, às dez horas?

— Disse ao Niklaus que o Santo Padre o tinha convidado para rezar na capela privada.

— Quem é que chegou a seguir?

— Três cardeais. O Navarro, o Gaubert e o Francona.

— Que horas eram?

— Dez e um quarto.

— Quando é que o *dottore* Gallo chegou?

— Às onze. Alguns minutos depois, apareceram o coronel Metzler e um polícia do Vaticano. — Ela baixou a voz. — Depois, Vossa Excelência, arcebispo Donati. Foi o último.

— O Niklaus sabia o que é que estava a acontecer lá dentro?

— Tinha uma ideia, mas só teve a certeza quando os tripulantes da ambulância chegaram com a maca.

Alguns minutos depois de eles entrarem no apartamento, continuou ela, Metzler saiu. Confirmou o óbvio. O Santo Padre estava morto. Advertiu Niklaus de que jamais deveria falar do que testemunhara naquela noite. Nem com os seus camaradas da Guarda, nem com os seus amigos e família, nem, certamente, com a comunicação social. Depois, ordenou a Niklaus que se mantivesse de serviço até que o corpo do Santo Padre fosse retirado e o apartamento selado. O camerlengo executou o ritual às duas e meia.

— Quando saiu, o cardeal Albanese retirou alguma coisa do apartamento?

— Um objeto. Disse que queria alguma coisa que o ajudasse a recordar a santidade do Santo Padre. Algo em que ele tivesse tocado.

— O que foi?

— Um livro.

O coração de Donati bateu desenfreadamente contra a sua caixa torácica.

— Que tipo de livro?

— Um policial inglês. — Stefani Hoffmann abanou a cabeça. — Consegue imaginar?

Quando Niklaus abandonou o Palácio Apostólico, a Sala de Imprensa da Santa Sé já anunciara o falecimento do Santo Padre. A Praça de São Pedro resplandecia com a luz espectral das equipas de televisão, e, nos claustros e pátios do Vaticano, freiras e padres reuniam-se em pequenos grupos, a rezar e a chorar. Niklaus também estava a chorar. Sozinho, no seu quarto da caserna, vestiu uma roupa à civil e atirou algumas coisas para dentro do saco de viagem. Esgueirou-se do Vaticano por volta das cinco e meia dessa manhã.

— Porque é que ele foi para Florença, em vez de vir para a Suíça?

— Teve medo de que o encontrassem.

— A Guarda?

— A Ordem.

— E vocês não tiveram mais nenhum contacto, exceto essa única chamada? Não trocaram mensagens nem *e-mails*?

— Só a encomenda. Chegou um dia depois de ter falado com ele.

— O que era?

— Uma pintura de devoção horrorosa de Jesus no Jardim de Getsémani. Não consigo perceber porque é que ele havia de me enviar uma coisa daquelas.

— A embalagem tinha mais alguma coisa?

— O rosário do Niklaus. — Fez uma pausa e acrescentou: — E uma carta.

— Uma carta?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— A quem estava endereçada?

— A mim. A quem havia de ser?

— O que é que dizia?

— Ele pedia desculpa por ter entrado na Ordem de Santa Helena e anulado o nosso noivado. Dizia que tinha sido um erro terrível. Dizia que eles eram malévolos. Principalmente o bispo Richter.

— Posso lê-la?

— Não — disse ela. — Algumas partes são demasiado pessoais. Donati não insistiu. De momento.

— O coronel Metzler disse-me que falou consigo.

— Telefonou-me, no dia seguinte à morte do Santo Padre. Disse que o Niklaus tinha deixado a caserna sem autorização. Perguntou-me se eu tinha falado com ele. Eu disse-lhe que não. O que, na altura, era verdade.

— O Metzler foi a única pessoa que a contactou?

— Não. Houve outra pessoa, no dia seguinte.

— Quem?

— O Herr Bauer. O homem dos serviços secretos do Vaticano. Lá estava aquilo outra vez, pensou Donati. *Serviços secretos do Vaticano...*

— O Herr Bauer mostrou-lhe alguma identificação?

Ela abanou a cabeça.

— Disse-lhe em que divisão dos serviços secretos do Vaticano trabalhava?

— Segurança papal.

— Primeiro nome?

— Maximillian.

— Suíço?

— Alemão. Provavelmente da Baviera, a julgar pelo sotaque.
— Telefonou-lhe?
— Não. Apareceu no restaurante sem avisar, como Vossa Excelência e o Herr Kiever.

— O que é que ele queria?
— A mesma coisa que o Metzler. Saber onde estava o Niklaus.
— E quando lhe disse que não sabia?
— Não sei bem se ele acreditou.
— Descreva-o, por favor.

Foi Gabriel quem colocou a questão. Stefani Hoffmann ergueu o olhar para o teto.

— Alto, bem vestido, quarenta e muitos anos, talvez cinquenta e poucos.

Com a sua expressão, Gabriel deixou claro que a resposta era uma desilusão.

— Vá lá, Stefani. Consegue fazer melhor do que isso. Afinal de contas, é uma artista.

— Sou uma pintora contemporânea que venera Rothko e Pollock. Retratos não são a minha especialidade.

— Mas, certamente, conseguiria fazer um num abrir e fechar de olhos.

— Um bom, não. E não usando a minha memória.

— Talvez eu possa ajudar.

— Como?

— Traga-me o seu bloco de desenho e uma caixa de lápis de cor, e eu mostro-lhe.

Trabalharam sem pausas durante a maior parte da hora seguinte, lado a lado, na mesa da cozinha, com Donati a observar ansiosamente por cima dos seus ombros. Tal como Gabriel suspeitava, a memória de Stefani Hoffmann do homem que conhecia como Maximillian Bauer era bem mais detalhada do que ela própria imaginara. Bastaram as perguntas certas, feitas por um perito em desenho e estudante de anatomia humana, um restaurador talentoso que conseguia imitar as pinceladas de Bellini, Ticiano e Tintoretto, alguém com capacidade curativa que reparara o rosto lacerado de Maria e a mão perfurada de Cristo.

Stefani Hoffmann descreveu um rosto nobre. Maços do rosto salientes, nariz esguio, queixo elegante, uma boca fina que não sorria facilmente, tudo coroado por uma densa massa de cabelo louro acinzentado. Era um adversário digno, pensou Gabriel. Um homem a levar a sério. Um homem que nunca perdia em jogos de azar.

— Com que então uma aguarela ocasional nas férias?! —

questionou Stefani Hoffmann. — Obviamente, você é um profissional. Mas receio que os olhos estejam completamente errados.

— Desenhei-os conforme a sua descrição.

— Não exatamente.

Ela agarrou no bloco e, numa página em branco, desenhou dois olhos carrancudos, profundamente instalados sob uma proeminente sobrancelha. Depois, Gabriel desenhou o resto do rosto à volta deles.

— É ele. Foi esse o homem que veio visitar-me.

Gabriel olhou para Donati por cima do ombro.

— Reconhece-lo?

— Receio que não.

Stefani Hoffmann tirou o esboço a Gabriel e aprofundou as rugas em redor da boca.

— Agora, está perfeito — disse ela. — Mas o que é que vai fazer com isto?

— Vou descobrir quem ele realmente é.

Ela ergueu o olhar do bloco de desenho.

— Mas quem é *você*?

— Sou um parceiro do arcebispo.

— É padre?

— Não — disse Gabriel. — Sou um profissional.

Restava apenas a carta. A carta na qual Niklaus Janson descrevera a Ordem de Santa Helena como malévola. Três vezes Donati pediu para vê-la. Três vezes Stefani Hoffman recusou. A carta era de natureza intensamente pessoal, escrita por um homem emocionalmente perturbado que ela conhecia desde a infância. Um homem que fora assassinado publicamente, na mais famosa ponte de Itália. Não mostraria uma carta dessas nem ao seu amigo e confidente mais íntimo, insistiu ela, muito menos a um arcebispo católico romano.

— Nesse caso — disse Donati —, posso, pelo menos, ver o quadro?

— De Jesus no Jardim de Getsémani? Não se farta de ver esse tipo de coisas no Vaticano?

— Tenho as minhas razões.

Estava encostado à parede, atrás da cadeira de Stefani Hoffmann, ainda enfiado numa caixa de cartão. Donati verificou a guia de remessa. Era de uma DHS Express perto de Roma Termini. Niklaus devia tê-la enviado antes de embarcar no comboio para Florença.

Donati retirou o quadro da caixa e libertou-o do casulo de plástico-bolha. Tinha cerca de trinta e cinco por trinta centímetros. A ilustração em si era uma representação bastante batida de Jesus, na noite anterior à sua tortura e execução às mãos dos romanos. A moldura, o vidro de museu e o fundo eram de alta qualidade.

— O bispo Richter deu-lha no dia em que ele prestou juramente de fidelidade à Ordem — explicou Stefani Hoffmann. — Se a virar ao contrário, vai ver o brasão da Ordem.

Donati continuava a fitar a imagem de Jesus.

— Não me diga que gosta.

— Não é exatamente Miguel Ângelo — admitiu. — Mas é praticamente idêntico a uma imagem que os meus pais tinham pendurada no quarto, na Úmbria, na pequena casa onde cresci.

Donati não contou a Stefani Hoffmann que, após a morte da sua mãe, encontrara vários milhares de euros escondidos dentro do quadro. A sua mãe, justificadamente, desconfiara dos bancos italianos.

Virou o quadro ao contrário. O brasão da Ordem de Santa Helena estava estampado em relevo no verso do fundo, que se encontrava preso com peças metálicas. No entanto, um dos ganchos estava solto.

Donati retirou os outros três e tentou remover o fundo. Falhando, virou a moldura ao contrário e deixou que o peso do painel de vidro completasse a tarefa por ele.

Aterrou em cima da mesa sem se partir. Donati separou o fundo da ilustração e descobriu um envelope creme, igualmente de alta qualidade. Também ele estava decorado com um brasão.

A heráldica papal pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII.

Donati levantou a aba. No interior, havia três folhas de estacionário luxuoso, quase como linho fino. Leu as primeiras linhas. Depois, introduziu a carta no envelope e empurrou-a para o outro lado da mesa, na direção de Gabriel.

— Desculpa — disse. — Creio que isto te pertence.

LES ARMURES, GENEVRA

Eram quase nove horas quando Gabriel e Donati chegaram a Genebra, demasiado tarde para apanharem o último voo para Roma. Alugaram quartos adjacentes num pequeno hotel perto da Catedral de São Pedro e, depois, caminharam até ao Les Armures, um restaurante revestido de madeira na Cidade Velha. Depois de fazer o seu pedido, Gabriel telefonou a um amigo que trabalhava para o NDB, o pequeno, mas capaz, serviço de espionagem externa e segurança interna da Suíça. O amigo, cujo nome era Christoph Bittel, era o chefe da divisão antiterrorista. Ele atendeu cautelosamente. Gabriel tinha um longo e afamado historial na Suíça. Bittel ainda estava a limpar a confusão que a sua última visita deixara.

— Onde é que estás?

Gabriel respondeu sinceramente.

— Se fosse a ti, pedia a costeleta de vitela.

— Acabei de pedir.

— Há quanto tempo estás no país?

— Há algumas horas.

— Suponho que não tenhas chegado com um passaporte válido?

— Define válido.

Bittel suspirou, antes de inquirir sobre o motivo da chamada de Gabriel.

— Gostava que colocasses uma cidadã suíça sob vigilância policial.

— Que inusitado. Qual é o nome da cidadã suíça?

Gabriel disse-lhe e, depois, recitou a morada e o local de trabalho.

— É uma terrorista do ISIS? Uma assassina russa?

— Não, Bittel. É uma pintora.

— Há alguém em particular com quem estejas preocupado?

— Vou enviar-te um retrato-robô. Mas, faças o que fizeres, não dês o trabalho àquele miúdo que me protegeu em Berna, há uns anos.

— É um dos meus melhores homens.

— Também é um antigo Guarda Suíço.

— Isto tem alguma coisa a ver com Florença?

— Porque é que perguntas isso?

— A Polizia di Stato acabou de divulgar o nome da vítima daquele tiroteio ontem à noite. Era um guarda suíço. Pensando bem, também era de Rechthalten.

Gabriel desligou a chamada e consultou o *site* do *Corriere della Sera*, o principal jornal de Itália. Donati foi diretamente à conta do Twitter da Sala de Imprensa do Vaticano. Havia um *bollettino* breve, publicado cinco minutos antes. Expressava o choque e pesar da Santa Sé pelo ato de violência armada absurdo e aleatório que tirara a vida ao segundo-cabo Niklaus Janson, da Guarda Suíça Pontifícia. Não fazia menção ao facto de Janson ter estado de serviço, no exterior do apartamento papal, na noite da morte do Santo Padre. Também não explicava por que motivo estava em Florença, enquanto os seus camaradas faziam horas extras para preparar o conclave.

— É uma obra-prima de ambiguidade curial — disse Donati. — Aparentemente, a declaração é inteiramente exata. Mas as mentiras por omissão são gritantes. Claramente, o cardeal Albanese não tem intenção de permitir que o assassinio do Niklaus adie o início do conclave.

— Talvez consigamos convencê-lo a ver os erros da sua conduta.

— Como? Com uma fábula indecorosa de sexo e ordens religiosas secretas, contada por uma mulher que ficou amargurada com a dissolução do seu noivado com um belo e jovem guarda suíço?

— Não acreditas na história dela?

— Acredito em cada palavra. Mas isso não altera o facto de ser, puramente, um testemunho indireto ou de todos os elementos poderem ser negados.

— Exceto este. — Gabriel mostrou o envelope. O envelope creme de alta qualidade, estampado em relevo com o brasão papal pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII. — Queres mesmo que eu acredite que não sabias o que esta carta continha?

— Não sabia.

Gabriel retirou as três folhas de estacionário do envelope. A carta fora escrita com tinta azul-clara. A saudação era informal. Só o primeiro nome. *Caro Gabriel...* Não havia preliminares nem cortesias.

Enquanto pesquisava no Arquivo Secreto do Vaticano, deparei-me com um livro absolutamente notável...

O livro, continuava, fora-lhe dado por um membro da equipa do Arquivo, sem o conhecimento do *prefetto*. Estava guardado no local que era conhecido como a *collezione*, um arquivo secreto no interior do Arquivo Secreto, localizado no piso inferior do Depósito de Manuscritos. O material da *collezione* era extremamente sensível. Alguns livros e ficheiros eram de natureza política e administrativa. Outros eram doutrinários. Nenhum deles era referenciado nos mil

diretórios e catálogos da Sala de Índices. Na verdade, não havia, em nenhum local do Arquivo, um inventário escrito do material. O conhecimento fora transmitido verbalmente ao longo dos séculos, de *prefetto* para *prefetto*.

A carta não identificava o livro em questão, dizia apenas que fora ocultado pela Igreja durante a Idade Média e circulara secretamente até ao Renascimento, altura em que, finalmente, fora procurado e destruído. Pensava-se que o exemplar existente no Arquivo Secreto era o último. O Santo Padre concluíra que o retrato que fazia de um acontecimento histórico importante era autêntico e preciso. Era sua intenção colocar o livro nas mãos de Gabriel o mais depressa possível. Gabriel teria liberdade para fazer com ele o que bem entendesse. Sua Santidade pedia, apenas, que tratasse o material com a máxima sensibilidade. O livro desencadearia uma comoção global. A revelação que continha teria de ser cuidadosamente gerida. Caso contrário, advertia o Santo Padre, seria considerada um embuste e descartada.

A carta estava inacabada. A última frase era um fragmento, com a última palavra incompleta. *Arqui...* Gabriel calculava que o Santo Padre tivesse sido interrompido a meio da frase pelo aparecimento do seu assassino. Donati não discordava. O seu principal suspeito era o cardeal camerlengo Domenico Albanese, *prefetto* do Arquivo Secreto do Vaticano. Gabriel, educadamente, informou Donati de que estava enganado.

— Então, porque é que o Albanese me mentiu sobre a sua primeira visita ao *appartamento*?

— Não estou a dizer que ele não esteve envolvido no assassinio do Santo Padre. Mas não foi o assassino. Foi apenas o intermediário. — Gabriel levantou a carta. — Podemos inferir que a existência desta carta na casa da Stefani Hoffmann prova que o Niklaus Janson não lhe contou tudo o que aconteceu naquela noite?

— Está inferido.

Gabriel baixou a carta.

— Quando o Albanese chegou, às nove e meia, o Santo Padre já estava morto. Foi quando ele retirou o livro do escritório papal. Voltou ao apartamento papal às dez horas e carregou o corpo do Santo Padre do escritório para o quarto.

— Mas porque é que ele não levou a carta, quando levou o livro?

— Porque a carta não estava lá. Estava no bolso do Niklaus Janson. Ele tirou-a antes de o Albanese chegar pela primeira vez.

— Porquê?

— Se tivesse de adivinhar, diria que o Niklaus se estava a sentir culpado por ter deixado o assassino entrar no apartamento papal. Quando o assassino saiu, entrou para investigar. Foi nesse momento que encontrou o Santo Padre morto e uma carta inacabada pousada

sobre o protetor da secretária.

— Porque é que o Niklaus Janson havia de deixar entrar um assassino no apartamento papal? Ele adorava o Santo Padre.

— Essa é a parte fácil. O assassino era alguém que ele conhecia. Alguém em quem confiava. — Gabriel fez uma pausa. — Alguém a quem jurou obedecer.

Donati não respondeu.

— A Veronica disse-te que o Janson e o padre Graf estavam envolvidos numa relação sexual?

Donati hesitou, depois, assentiu com a cabeça.

— Porque é que não me contaste?

— Porque achei que não era verdade. — Fez uma pausa. — Até esta noite.

— Quem são eles, Luigi?

— A Ordem de Santa Helena?

— Sim.

— São um problema — disse Donati. — Um verdadeiro, autêntico, genuíno, irremediável problema.

LES ARMURES, GENEVRA

Mas, para dizer a verdade, acrescentou Donati, a Ordem de Santa Helena fora um problema desde o seu início, no ano de Nosso Senhor de 1928, no período entre o final da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda, e num período de grande agitação social e política e de incerteza em relação ao futuro. No Estado da Baviera, no sul da Alemanha, um padre obscuro chamado padre Ulrich Schiller acreditava que só o catolicismo romano, em parceria com monarcas e líderes políticos da extrema-direita, poderia salvar a Europa dos bolcheviques. Fundou o seu primeiro seminário na cidade de Bergen, na Alta Baviera, e recrutou discretamente uma rede de líderes políticos e empresários com ideias semelhantes às suas, que se espalharam para ocidente, para Espanha e Portugal, e para oriente, até às portas da União Soviética. Os membros leigos da Ordem rapidamente ofuscaram o seu elenco eclesiástico e converteram-se na sua verdadeira fonte de poder e influência. Os nomes eram mantidos em segredo. Dentro da Ordem, só o padre Schiller tinha acesso à lista.

— Era um livro com capa de couro — disse Donati. — Bastante bonito, aparentemente. O padre Schiller introduzia pessoalmente os nomes, juntamente com a informação secreta de contacto. Cada membro recebia um número e prestava juramento, não à Igreja, mas à Ordem. Era tudo muito político e quase militar. A Ordem não estava muito preocupada com a doutrina, durante esses anos iniciais. Consideravam-se, acima de tudo, guerreiros sagrados, preparados para combater os inimigos de Cristo e do catolicismo romano.

— Qual foi a origem do nome?

— O padre Schiller fez uma peregrinação a Jerusalém, no início dos anos vinte. Rezou, durante horas a fio, no Jardim de Getsémani e na Igreja do Santo Sepulcro, que foi construída no lugar onde Helena, mãe de Constantino, supostamente teria encontrado o local exato onde Jesus foi crucificado e sepultado.

— Sim, eu sei — disse Gabriel. — Acontece que não vivo longe daí.

— Desculpa — respondeu Donati.

O padre Schiller, continuou, era obcecado pela Crucificação. Autoflagelava-se diariamente e, durante a época sagrada da Quaresma, perfurava as palmas das mãos com um prego e dormia com uma coroa de espinhos na cabeça. A sua devoção à memória do sofrimento e morte de Cristo andava de mãos dadas com o seu ódio aos judeus, que considerava os assassinos de Deus.

— Não estamos a falar de antijudaísmo doutrinário. O padre Schiller era um fanático antisemita. Mesmo durante os primeiros anos do movimento sionista, ficou alarmado com a perspectiva de os judeus controlarem os locais sagrados do cristianismo em Jerusalém.

Era absolutamente natural, continuou Donati, que um homem como o padre Schiller encontrasse uma causa comum com o austríaco que conquistou o poder na Alemanha, em 1933. O padre Schiller não era um mero membro do Partido Nazi: usava o cobiçado crachá dourado do partido. No seu livro de 1936, *A Doutrina do Nacional-Socialismo*, defendeu que Adolf Hitler e os nazis ofereciam o caminho mais seguro para uma Europa cristã. Hitler leu o livro e admirou-o sobremaneira. Tinha um exemplar no seu retiro de montanha em Obersalzberg, perto de Berchtesgaden. Durante uma reunião contenciosa com o arcebispo de Munique, citou o livro do padre Schiller como prova de que os católicos e os nazis poderiam trabalhar juntos para defender a Alemanha contra os bolcheviques e os judeus.

— Certa vez, Hitler comentou com o padre Schiller que, no que se referia aos judeus, estava apenas a executar a mesma política que a Igreja tinha adotado mil e quinhentos anos antes. O padre Schiller não contestou a interpretação de Hitler da história católica.

— Terei mesmo de perguntar como é que a Ordem se comportou durante a guerra?

— Receio que tenha permanecido fiel a Hitler, até mesmo depois de se ter tornado claro que ele estava determinado a assassinar todos os judeus da Europa. Os padres da Ordem viajavam com as unidades SS Einsatzgruppen para os Países Bálticos e para a Ucrânia e concediam absolvição aos assassinos, todas as noites, quando eles terminavam a matança. Os membros franceses da Ordem tomaram o partido de Vichy e, em Itália, apoiaram Mussolini até ao amargo final. A Ordem também mantinha laços com os fascistas clericais da Eslováquia e da Croácia. A conduta desses dois regimes é uma mancha indelével na história da Igreja.

— E quando a guerra terminou?

— Iniciou-se uma nova guerra. Uma disputa global entre o Ocidente e a União Soviética ateia. O padre Schiller e a Ordem ficaram, subitamente, muito em voga.

Com a aprovação tácita do papa Pio XII, Schiller ajudou dezenas de criminosos de guerra alemães e croatas a evadirem-se para a América

do Sul, que a Ordem considerava o próximo campo de batalha entre o cristianismo e o comunismo. Financiada pelo Vaticano, estabeleceu uma rede de seminários e escolas por toda a América Latina e recrutou milhares de novos membros leigos, principalmente proprietários rurais abastados, soldados e polícias secretos. Durante as guerras sujas dos anos setenta e oitenta, mais uma vez, a Ordem tomou o partido dos assassinos, em vez do das vítimas.

— Em 1987, o ano da morte do padre Schiller, a Ordem estava no auge do seu poder. Tinha, pelo menos, cinquenta mil membros leigos, mil padres ordenados e outros mil clérigos diocesanos que eram membros de uma organização chamada Sociedade Sacerdotal da Ordem de Santa Helena. Quando eu e o Lucchesi nos mudámos para o Palácio Apostólico, estavam entre as forças mais influentes da Igreja.

— O que é que vocês fizeram?

— Cortámos-lhes as asas.

— Como é que eles reagiram?

— Exatamente como seria de esperar. O bispo Hans Richter odiava o meu mestre. Quase tanto como me odeia a mim.

— O Richter é alemão?

— Austríaco, na verdade. O padre Graf também. É secretário pessoal, acólito e guarda-costas do bispo Richter. Anda armado, sempre que o bispo está em público. Disseram-me que sabe usar a arma.

— Não me vou esquecer disso. — Gabriel mostrou a Donati a fotografia que tirou quando estavam a almoçar no Piperno, em Roma.

— É ele. Deve ter-me seguido desde a Cúria Jesuíta.

— Onde é que eu posso encontrá-lo?

— Não vais aproximar-te dele. Nem do bispo Richter.

— Hipoteticamente — disse Gabriel.

— O Richter divide o seu tempo entre o seu *palazzo*, no Monte Janículo, e a sede da Ordem, na vila de Menzingen, no cantão de Zug. A Ordem mudou-se para lá nos anos oitenta. Caso estejas a indagar-te, o bispo não viaja em voos comerciais. A Ordem de Santa Helena é extraordinariamente rica. Tem um jato particular à sua disposição, vinte e quatro horas por dia.

— Quem é o proprietário?

— Um benfeitor secreto. O homem por trás do pano. Pelo menos, é esse o rumor. — Donati agarrou na carta do Santo Padre. — Quem me dera que o meu mestre te tivesse dito o nome do livro.

— Conheces a *collezione*?

Donati assentiu lentamente com a cabeça.

— Conseguirias encontrá-lo?

— Isso implicaria conseguir aceder ao Depósito de Manuscritos, o que não é tarefa fácil. Afinal de contas, por alguma razão se chama

Arquivo Secreto. — Donati olhou para o retrato-robô do homem que interrogara Stefani Hoffmann. — Sabes, Gabriel, devias mesmo ponderar pintar profissionalmente.

— Ele é membro da Ordem?

— Se for, não é padre.

— Como é que podes ter a certeza?

— Porque a Ordem jamais enviaria um dos seus padres para interrogar alguém como a Stefani Hoffmann.

— Quem é que enviariam?

— Um profissional.

ROMA—OBERSALZBERG, BAVIERA

Às cinco horas da manhã seguinte, o bispo Hans Richter acordou com umas pancadinhas suaves na porta. Passado um momento, um jovem seminarista entrou no quarto, transportando um tabuleiro de café e uma pilha de jornais. O rapaz colocou o tabuleiro na extremidade da cama e, não recebendo qualquer instrução adicional, retirou-se.

Richter sentou-se direito e, pegando na cafeteira de prata ornamentada, serviu uma chávena de café. Depois de adicionar açúcar e leite com espuma, agarrou nos jornais. O seu ânimo sofreu um abalo, ao abrir o *La Repubblica*. A história de Florença era notícia de capa. Era óbvio que a declaração vaga emitida pela *Sala Stampa* não fora bem recebida, principalmente por Alessandro Ricci, o principal jornalista de investigação do jornal e autor de um *best-seller* sobre a Ordem. Ricci via provas de uma conspiração. Mas, por outro lado, isso era habitual nele. Ainda assim, não havia como negar que a morte de Niklaus Janson era um desastre e tinha o potencial de ameaçar as ambições de Richter no próximo conclave.

Virou-se para os jornais alemães. Estavam repletos de histórias e fotografias do atentado à bomba no mercado em Hamburgo. A chanceler alemã, sitiada pelos opositores, ordenara à polícia antiterrorista que montasse guarda no exterior de todas as principais estações de comboio, aeroportos, edifícios governamentais e embaixadas estrangeiras. Mesmo assim, o ministro do Interior da Alemanha previra que outro atentado era provável, presumivelmente nos próximos dias. Uma nova sondagem mostrava um súbito aumento do apoio a Axel Brünner e aos seus nacionais-democratas anti-imigração. Brünner e a chanceler estavam, agora, bloqueados num empate estatístico.

Richter colocou os jornais de lado e levantou-se da sua cama de dossel, de estilo Biedermeier. O seu apartamento tinha três mil metros quadrados, era maior do que qualquer alojamento do Vaticano ocupado pelos mais importantes príncipes da Igreja. As restantes

móveis luxuosos do quarto (a cómoda, o armário, a escrivaninha, as mesas de apoio e os espelhos emoldurados) eram também magníficas antiguidades de estilo Biedermeier. Os quadros eram todos de Velhos Mestres italianos e holandeses, incluindo obras de Ticiano, Veronese, Rembrandt, Van Eyck e Van der Weyden. Não eram mais do que uma pequena parte da gigantesca coleção da Ordem, a maioria adquirida para fins de investimento. A coleção estava escondida numa caixa-forte por baixo da Paradeplatz, na baixa de Zurique, juntamente com grande parte da vasta fortuna pessoal do bispo Richter.

Entrou no faustoso complexo que constituía a sua casa de banho. Tinha um duche com quatro chuveiros, um enorme *jacuzzi*, um banho turco, uma sauna e um sistema audiovisual integrado. Ao som dos *Concertos de Brandeburgo* de Bach, tomou banho, fez a barba e as suas necessidades matinais. Depois, em vez da sua habitual batina debruada a magenta, vestiu um fato de negócios feito à medida. De seguida, colocou um sobretudo e um lenço e dirigiu-se ao andar de baixo.

O padre Graf aguardava no pátio exterior, junto a uma elegante limusina *Mercedes-Maybach*. Era um padre esbelto, atlético, de quarenta e dois anos, com um rosto angular, cabelo louro cuidadosamente penteado e olhos de um tom azul-claro. Tal como o bispo Richter, descendia de uma família austríaca nobre. Na verdade, o sangue que circulava nas veias de ambos era de um azul profundo. Também ele envergava uma indumentária de negócios, ao invés do traje clerical. Enquanto Richter se aproximava, ergueu o olhar do telemóvel e, em alemão, desejou-lhe um bom dia.

A porta traseira da *Maybach* estava aberta. Richter deslizou para o banco de trás. O padre Graf juntou-se a ele. O carro passou pelo formidável portão de segurança de pedra e aço da Ordem e virou para a rua. Os pinheiros-mansos eram silhuetas desenhadas sobre a primeira luz ocre da madrugada. Richter achou que era quase belo.

O padre Graf estava novamente a fitar o telemóvel.

— Alguma coisa interessante nas notícias, esta manhã? — perguntou Richter.

— A Polizia di Stato divulgou a identidade do jovem que foi morto a tiro em Florença.

— Alguém que conheçamos?

O padre ergueu o olhar.

— Sabe o que teria acontecido se o Niklaus tivesse atravessado aquela ponte?

— Teria dado a carta do *Papa Acidental* ao Gabriel Allon. — Richter fez uma pausa. — Mais uma razão para que a tivesse retirado do escritório papal.

— Essa era uma tarefa do Albanese, não minha.

Richter franziu o sobrolho.

— Estamos a falar de um cardeal e membro da Ordem, Markus. Tente mostrar, pelo menos, um pouco de respeito por ele.

— Se não fosse a Igreja, seria um pedreiro.

Richter examinou o seu reflexo no espelho interior.

— O *bollettino* do pedreiro deu-nos uma margem de manobra preciosa. Mas é só uma questão de tempo até a imprensa descobrir onde é que o Niklaus estava a trabalhar na noite da morte do Santo Padre, e que ele era membro da Ordem.

— Daqui a seis dias, isso já não vai ter importância.

— Seis dias é uma eternidade. Principalmente para um homem como o Gabriel Allon.

— De momento, estou mais preocupado com o nosso velho amigo Alessandro Ricci.

— Tal como eu. As fontes dele no interior da Cúria são excelentes. Pode ter a certeza de que os nossos inimigos estão a falar com ele.

— Talvez eu também devesse dar-lhe uma palavrinha.

— Ainda não, Markus. Mas, entretanto, mantenha-o debaixo de olho. — Richter olhou pela janela e franziu o sobrolho. — Meu Deus, esta cidade é realmente deplorável.

— Vai ser diferente quando tomarmos o poder, Vossa Excelência.

Efetivamente, pensou o bispo Richter. Muito diferente.

O *Gulfstream G550* da Ordem aguardava na pista, no exterior da Signature Flight Support, no Aeroporto de Ciampino. Levou o bispo Richter e o padre Graf até Salzburgo, onde embarcaram num helicóptero executivo que fez o voo curto para atravessar a fronteira alemã. Andreas Estermann, um antigo espião alemão que fora diretor de segurança e operações da Ordem, esperava-os no heliporto do complexo, nos arredores de Berchtesgaden, com o seu cabelo louro acinzentado a rodopiar com o movimento dos rotores. Pressionou os lábios contra o anel da mão direita que o bispo Richter lhe ofereceu, depois, gesticulou na direção de um *sedan Mercedes* que os aguardava.

— É melhor apressarmo-nos, Vossa Excelência. Receio que tenha sido o último a chegar.

Subindo o vale privado, o automóvel conduziu-os suavemente até ao chalé, uma fortaleza moderna de pedra e vidro, encostada à base das montanhas altaneiras. Uma dezena de outros veículos alinhava-se na entrada, vigiada por um pequeno batalhão de seguranças armados. Todos envergavam anoraques pretos estampados com o logótipo do Wolf Group, um conglomerado com sede em Munique.

Estermann acompanhou o bispo Richter e o padre Graf até ao interior e, depois, por um lanço de escadas, ao andar superior. À

esquerda, havia uma antecâmara repleta de ajudantes e seguranças vestidos de preto. O bispo Richter entregou o seu sobretudo ao padre Graf e seguiu Estermann até ao salão nobre.

Tinha dezoito metros por quinze, com uma única janela enorme virada para norte, para lá de Obersalzberg. As paredes estavam repletas de tapeçarias Gobelins e várias pinturas a óleo, incluindo a que parecia ser *Vénus e Cupido*, de Bordone. Um busto carrancudo de Richard Wagner fitava Richter do topo de um pedestal. O relógio de caixa alta, coroado por uma águia heráldica de estilo romano, marcava nove horas. Richter, como era habitual, fora pontualíssimo.

Perscrutou os restantes com um olhar cínico. Eram, sem exceção, um conjunto nada apelativo, canalhas e vigaristas, todos eles. Mas eram também um mal necessário, um meio para um fim. Os trabalhistas e sociais-democratas seculares eram a causa da situação calamitosa da Europa. Só aquelas criaturas estavam preparadas para executar o trabalho duro necessário para desfazer os danos de setenta e cinco anos de tagarelice liberal do pós-guerra.

Ali estava, por exemplo, Axel Brünner. O seu fato sofisticado e óculos sem armação não conseguiam ocultar o facto de ter sido um antigo *skinhead* arruaceiro, cujo único motivo de notoriedade era o facto de ter uma relação de parentesco distante com o célebre nazi que deportara os judeus de Paris. Estava a conversar com Cécile Leclerc, a sua prazenteira homóloga em França, que herdara o partido anti-imigração do pai, um idiota de Marselha.

Richter sentiu um sopro quente perfumado de café e, dando meia-volta, deu por si a apertar a mão suada do primeiro-ministro italiano, Giuseppe Saviano. A mão que apertou a seguir pertencia a Peter van der Meer, de Amesterdão, o católico com cabelo platinado e pele de betume que prometera livrar o seu país de todos os muçulmanos até 2025, um objetivo admirável, embora completamente inatingível. Jörg Kaufmann, o chanceler austríaco que estava sempre pronto para as câmaras, cumprimentou o bispo Richter como se de um velho amigo se tratasse, o que era verdade. Richter presidira ao batismo e à primeira comunhão de Kaufmann, bem como ao seu recente casamento com a mais famosa modelo da Áustria, uma união que Richter aprovara com considerável desconfiança.

A liderar este jardim zoológico estava Jonas Wolf. Envergava uma pesada camisola de gola alta e calças de flanela. A sua juba de cabelo prateado estava penteada para trás do rosto dominado por um nariz aquilino. Era um rosto digno de ser estampado numa moeda, pensou Richter. Talvez o fosse um dia, quando os invasores muçulmanos fossem expulsos e a Igreja Católica Romana voltasse a estar em ascensão.

Cinco minutos depois das nove, Wolf ocupou o lugar no topo da

mesa de conferências, que fora colocada junto da imponente janela. Andreas Estermann fora contemplado com o lugar à direita de Wolf, o bispo Richter com o lugar à esquerda. A pedido do alemão, Richter liderou os presentes numa recitação do pai-nosso.

— E que possais conceder-nos a força e determinação para completar a nossa sagrada missão — entouou Richter para concluir. — Fazemos isso em Vosso nome, por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

— Ámen — veio a resposta ao longo da mesa.

Jonas Wolf abriu uma pasta de cabedal. A conferência começara.

Os picos das montanhas desvaneciam-se na escuridão, quando, finalmente, Wolf encerrou a sessão com um movimento do martelo. Acendeu-se uma lareira, serviram-se *cocktails*. Richter, que apenas bebia água mineral à temperatura ambiente, viu-se, de alguma forma, enredado com Cécile Leclerc, que insistia em dirigir-se a ele num impenetrável alemão com sotaque francês. Richter conseguia decifrar uma palavra de cada quatro ou cinco que proferia, o que era uma bênção. Tal como o pai, Cécile não era uma intelectual. Conseguira, de alguma forma, terminar uma licenciatura em Direito numa instituição de ensino francesa de elite. Ainda assim, era fácil imaginá-la atrás do balcão de uma *boucherie* provençal com um avental ensanguentado em redor da ampla cintura.

Por conseguinte, Richter sentiu-se aliviado quando Jonas Wolf, talvez sentindo o seu desconforto, se intrometeu como um dançarino num salão de baile e perguntou se podiam falar em privado. Seguidos por Andreas Estermann, caminharam através das divisões vazias do chalé até à capela de Wolf. Era do tamanho de uma típica igreja paroquial. Nas paredes, pendiam quadros de Velhos Mestres alemães e holandeses. Sobre o altar, havia uma magnífica *Crucificação* de Lucas Cranach, o *Velho*.

Wolf fez uma genuflexão e, depois, em desequilíbrio, voltou a pôr-se de pé.

— De um modo geral, foi uma sessão produtiva, não acha, Vossa Excelência?

— Devo dizer que o cabelo do Van der Meer me distraiu um pouco.

Wolf assentiu com a cabeça, em sinal de concordância.

— Falei com ele sobre isso. Ele insiste que faz parte do seu *branding*.

— *Branding*?

— É uma palavra moderna que se usa para descrever a imagem de uma pessoa nas redes sociais. — Wolf gesticulou na direção de Estermann. — O Andreas é o nosso especialista nessas questões. Está convencido de que o cabelo do Van der Meer é um ativo político.

— Parece a Kim Novak, no filme *Vertigo - A Mulher que Viveu Duas Vezes*. E aquele penteado ridículo! Como é que ele consegue pôr aquilo tudo no lugar?

— Aparentemente, implica muito tempo e esforço. Compra laca para o cabelo às caixas. É o único homem na Holanda que não sai à rua quando chove.

— Transmite uma sensação de vaidade e profunda insegurança. Os nossos candidatos têm de estar acima de qualquer censura.

— Não podem ser todos tão polidos como o Jörg Kaufmann. O Brünner também tem os seus problemas. Felizmente, os atentados à bomba em Berlim e Hamburgo deram um muito necessário impulso à sua campanha.

— As novas sondagens são encorajadoras. Mas vamos conseguir vencer?

— Se houver outro atentado — disse Wolf —, a vitória dele estará praticamente garantida.

Sentou-se no primeiro banco. Richter juntou-se a ele. Seguiu-se um silêncio cómodo. Richter podia não ter esperança na ralé do andar superior, mas admirava verdadeiramente Jonas Wolf. Wolf era um dos poucos homens que era membro da Ordem há mais tempo do que Richter. Era um dos seus leigos mais proeminentes, o seu homólogo em tudo, exceto no nome. Durante mais de uma década, Richter e ele tinham estado envolvidos numa cruzada clandestina para transformar a Europa Ocidental e a Igreja de Roma. Às vezes, até eles se surpreendiam com a velocidade a que tudo acontecera. A Itália e a Áustria já eram suas. Agora, a Chancelaria Federal da Alemanha estava ao seu alcance, tal como o Palácio Apostólico. A tomada de poder estava quase completa. Homens inferiores seriam os seus porta-estandartes públicos, mas seriam Jonas Wolf e o bispo Hans Richter, da Ordem de Santa Helena, que estariam a sussurrar-lhes ao ouvido. Olhavam para si próprios em termos apocalípticos. A civilização ocidental estava a morrer. Só eles a poderiam salvar.

Andreas Estermann era o terceiro membro da sua santíssima trindade. Era o homem insubstituível do Projeto. Estermann distribuía o dinheiro, trabalhava com os partidos locais para aperfeiçoar as suas plataformas e recrutar candidatos apresentáveis e supervisionava uma rede de agentes provenientes de serviços secretos e forças policiais da Europa Ocidental. Num armazém cheio de computadores, na periferia de Munique, instalara uma unidade dedicada à guerra de informação que inundava as redes sociais com histórias falsas ou enganadoras sobre a ameaça que os imigrantes muçulmanos representavam. A ciberunidade de Estermann também possuía a capacidade de se infiltrar em telefones e redes informáticas, o que produzira uma enorme quantidade de valiosíssimo material comprometedor.

Naquele momento, Estermann estava a caminhar lenta e silenciosamente ao longo do lado direito da nave. O bispo Richter conseguiu perceber que algo estava a perturbá-lo. Foi Jonas Wolf que explicou o que se passava. Na noite anterior, o arcebispo Donati e Gabriel Allon tinham viajado até ao cantão de Friburgo, onde se tinham encontrado com Stefani Hoffmann.

— Pensei que ela lhe tinha dito que não sabia de nada.

— Tive a clara impressão de que não estava a dizer a verdade.

— O Janson tinha a carta com ele, quando foi morto?

— Os nossos amigos da Polizia di Stato dizem que não. O que significa que, provavelmente, está nas mãos do arcebispo Donati.

O bispo Richter expirou pesadamente.

— Ninguém me livra desse padre intrometido?

— Não me parece aconselhável — disse Estermann. — A morte de Donati adiaria, indubitavelmente, o início do conclave.

— Então, talvez devêssemos matar o amigo dele.

Estermann parou de caminhar.

— Falar é fácil, fazer não tanto.

— Onde é que eles estão agora?

— Regressaram a Roma.

— Para fazer o quê?

— Somos bons, bispo Richter. Mas assim tão bons não.

— Posso dar-lhe um conselho?

— Claro, Vossa Excelência.

— Melhorem. E depressa.

ROMA

A entrada principal do Arquivo Secreto do Vaticano situava-se no lado norte do Pátio do Belvedere. A entrada era permitida unicamente a historiadores e investigadores credenciados, e apenas depois de serem submetidos a um escrutínio exaustivo, presidido nada mais nada menos do que pelo mesmíssimo *prefetto*, o cardeal Domenico Albanese. Os visitantes não estavam autorizados a aventurar-se para lá da *sala di studio*, uma sala de leitura mobilada com duas longas filas de escrivaninhas antigas de madeira, recentemente modernizadas com tomadas elétricas para os computadores portáteis. Salvo raras exceções, só os membros do pessoal acediam ao Depósito de Manuscritos, ao qual se chegava através de um elevador exíguo, situado na Sala de Índices. Nem sequer Donati tinha aí estado. Por mais que tivesse tentado, não lhe ocorreu nenhuma circunstância, nenhum pretexto plausível para que lhe permitissem deambular pelo Depósito a sós, e muito menos acompanhado pelo diretor-geral dos serviços secretos israelitas.

Por essa razão, depois do regresso a Roma, Gabriel e Donati dirigiram-se diretamente à embaixada israelita. Aí, desceram a uma sala de comunicações segura conhecida como o Santíssimo Lugar, onde Gabriel realizou uma videoconferência com Uzi Navot e Yuval Gershon, o diretor da Unidade 8200. Navot ficou estarelecido com a operação que Gabriel tinha em mente. Gershon, contudo, não conseguia acreditar na sua sorte. Depois de ter conseguido infiltrar-se na rede de informação da Guarda Suíça Pontifícia, era-lhe, agora, pedido que assumisse o controlo da rede elétrica e do sistema de segurança do Arquivo Secreto do Vaticano. Para um ciberguerreiro, era uma missão de sonho.

- É possível fazê-lo? — perguntou Gabriel.
- Estás a brincar, certo?
- Quanto tempo vai demorar?
- Quarenta e oito horas, para jogar pelo seguro.
- Posso dar-te vinte e quatro. Mas era melhor doze.

Entardecia, quando, por fim, Gabriel e Donati abandonaram discretamente o complexo israelita, no banco de trás de um carro da embaixada. Depois de deixar Donati na Cúria Jesuíta, o motorista levou Gabriel para o andar seguro, próximo do topo da Escadaria da Praça de Espanha. Exausto, arrastou-se até à cama desfeita e mergulhou num sono sem sonhos. O telemóvel acordou-o às sete da manhã do dia seguinte. Era Yuval Gershon.

— Ia sentir-me melhor se fizéssemos alguns testes, mas estamos prontos, quando tu estiveres.

Gabriel tomou um duche, vestiu-se e, depois, caminhou pela manhã fria de Roma até à Borgo Santo Spirito. Donati encontrou-se com ele à entrada da Cúria Jesuíta e conduziu-o aos seus aposentos, no andar de cima.

Eram oito e meia.

— Não podes estar a falar a sério.

— Preferias vestir-te de freira?

Gabriel olhou para a roupa estendida na cama: um fato clerical, uma camisa negra com colarinho romano. Utilizara muitos disfarces ao longo da sua carreira, mas jamais se encobrira sob a capa de um padre.

— Quem é que é suposto eu ser?

Donati entregou-lhe um passe do Vaticano.

— O padre Franco Benedetti?

— Tem um certo charme, não achas?

— Isso é porque é um nome judeu.

— Donati também.

Gabriel franziu o sobrolho para a fotografia.

— Não me pareço nada com ele.

— Considera-te afortunado. Mas não te preocupes, provavelmente os guardas suíços nem se vão dar ao trabalho de verificar o documento.

Gabriel não discordou. Enquanto restaurava a *Deposição de Cristo*, de Caravaggio, para os Museus do Vaticano, recebera um passe que lhe concedia acesso aos laboratórios de conservação. Os guardas suíços da Porta de Santa Ana raramente lhe tinham dispensado mais do que um olhar de relance apressado, antes de gesticularem para que prosseguisse para o território da cidade-estado. A maioria dos membros da grande comunidade religiosa de Roma raramente se dava ao trabalho de mostrar as suas credenciais. Annona, o nome do supermercado do Vaticano, funcionava como palavra-passe.

Gabriel encostou o fato clerical ao corpo.

— A Stefani Hoffmann tinha razão — disse Donati. — Tens mesmo

ar de padre.

— Esperemos que ninguém me peça a bênção.

Donati fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Não tem nada que saber.

Gabriel entrou na casa de banho e trocou de roupa. Quando saiu, Donati endireitou-lhe o colarinho romano.

— Como é que te sentes?

Gabriel enfiou uma *Beretta* no cós das calças, no fundo das costas.

— Muito melhor.

Donati agarrou na sua pasta ao sair e conduziu Gabriel escadas abaixo até à rua. Caminharam até à Colunata de Bernini e, depois, viraram à direita. A Piazza Papa Pio XII estava congestionada com carrinhas de transmissão via satélite e jornalistas, incluindo uma correspondente francesa que pressionou Donati para comentar o conclave que se aproximava. Desistiu, quando o arcebispo lhe lançou um furioso olhar clerical.

— Impressionante — disse Gabriel em voz baixa.

— Tenho uma certa reputação.

Passaram debaixo do Passetto (o passadiço elevado usado pela última vez em 1527, na fuga do papa Clemente VII durante o Saque de Roma), e caminharam ao longo da fachada cor-de-rosa das casernas da Guarda Suíça. Um alabardeiro vestido com um uniforme azul simples montava guarda na Porta de Santa Ana. Donati atravessou a fronteira invisível sem abrandar. Acenando com o passe do padre Benedetti, Gabriel fez o mesmo. Juntos, encaminharam-se pela Via Sant'Anna em direção ao Palácio Apostólico.

— Achas que aquele rapaz suíço simpático está a vigiar-nos?

— Como um falcão — murmurou Donati.

— Quanto tempo achas que vai demorar a dizer ao Metzler que estás de volta à cidade?

— Se tivesse de adivinhar, diria que já o fez.

O cardeal Domenico Albanese, prefeito do Arquivo Secreto do Vaticano e camerlengo da Santa Igreja Romana, estava a deliciar-se com uma amostra da cobertura televisiva global do aguardado conclave, quando a luz subitamente falhou no seu apartamento por cima da Galeria Lapidária. Não era uma ocorrência totalmente invulgar. O Vaticano recebia a maior parte da sua eletricidade da rede celebrenmente instável de Roma. Como tal, os residentes da Cúria passavam grande parte do seu tempo no escuro, o que, certamente, não surpreenderia os seus críticos.

A maioria dos cardeais mal reparava nas falhas periódicas de energia. Contudo, Domenico Albanese era o governante de um

império secreto, grande parte dele subterrâneo, cujas condições de temperatura e humidade deviam ser cuidadosamente controladas. A eletricidade era necessária para a gestão harmoniosa do seu reino. Como era domingo, o Arquivo estava oficialmente encerrado, reduzindo, assim, a probabilidade de um tesouro inestimável do Vaticano sair pela porta fora. Ainda assim, Albanese preferia pecar por excesso de cautela.

Ergueu o auscultador do telefone pousado sobre a secretária e marcou o número da sala de controlo do Arquivo. Não houve resposta. Na verdade, nem sequer houve nenhum som. Albanese carregou ruidosamente na patilha do descanso do telefone. Só nesse momento se apercebeu de que não havia tom de marcação. Aparentemente, o sistema telefónico do Vaticano também não estava a funcionar.

Ainda tinha o pijama vestido. Felizmente, vivia por cima do depósito. Um corredor privado com vista para o Pátio do Belvedere conduziu-o até ao andar superior do Arquivo Secreto. Não havia nenhuma luz acesa em lado nenhum. Na sala de controlo, dois seguranças sentados fitavam uma parede de monitores de vídeo desligados. Toda a rede parecia bloqueada.

— Porque é que não ativaram o gerador auxiliar? — perguntou Albanese.

— Não está a funcionar, Vossa Eminência.

— Há alguém dentro do Arquivo?

— A *sala di studio* e a Sala de Índices estão vazias. O Depósito de Manuscritos também.

— Desçam e deem uma vista de olhos, só por precaução.

— É para já, Vossa Eminência.

Satisfeito por saber que o seu reino estava livre de perigo, Albanese regressou ao apartamento e preparou o seu banho matinal, alheio aos dois homens que caminhavam ao longo da Via Sant'Anna e passavam pela entrada do Banco do Vaticano. Um dos homens tinha uma arma escondida debaixo do seu folgado fato clerical e um telemóvel invulgarmente grande encostado ao ouvido. O aparelho, altamente seguro, estava ligado a uma sala de operações no norte de Telavive, onde uma equipa constituída pelos mais formidáveis *hackers* do mundo aguardava a sua próxima ordem. Escusado será dizer que o reino de Albanese estava longe de estar seguro. A bem da verdade, corria perigo de morte naquele preciso momento.

Antes de alcançarem a entrada do Pátio do Belvedere, Gabriel e Donati viraram à direita e, serpenteando pelo quarteirão de negócios da Cidade do Vaticano, chegaram a uma porta de serviço raramente utilizada, que ficava na base de um museu repleto de antiguidades, o

Chiamonti. Era adjacente a um complexo de aparelhos industriais de ar condicionado que controlavam o clima no Depósito de Manuscritos, vários metros abaixo dos seus pés.

Gabriel fitou diretamente a lente da câmara de vigilância.

— Consegues ver-me?

— Bela fatiota — disse Yuval Gershon.

— Abre lá a porta.

O trinco deu um estalido. Donati agarrou no puxador para abrir a porta e conduziu Gabriel a um pequeno vestíbulo. Diante deles, havia uma segunda porta e outra câmara de vigilância. Gabriel fez um sinal e Yuval Gershon abriu remotamente a porta.

Atrás da porta, havia umas escadas. Quatros lanços abaixo, Gabriel e Donati chegaram a outra porta. Era o primeiro nível do Depósito de Manuscritos. Quatro lanços adicionais levaram-nos até ao segundo nível e a mais uma porta. Houve um zumbido de um mecanismo de abertura, o estalido de um trinco. Donati agarrou no puxador e, juntos, entraram.

ARQUIVO SECRETO DO VATICANO

A escuridão era impenetrável. Gabriel acendeu a lanterna invulgarmente forte do seu telemóvel e ficou um pouco desiludido com o que viu. À primeira vista, o Depósito de Manuscritos parecia o piso subterrâneo de uma vulgar biblioteca universitária. Havia, inclusive, carrinhos com livros empilhados. Iluminou a lombada de um dos volumes. Era uma coleção de documentos diplomáticos e telegramas da secretaria de Estado dos tempos de guerra.

— Fica para a próxima — prometeu Donati.

Diante deles, estendia-se um corredor vazio, flanqueado por prateleiras cinzento-escuras de ambos os lados. Gabriel e Donati seguiram-no até uma interseção e viraram à direita. Após cerca de trinta metros, uma área vedada por rede metálica bloqueou-lhes o caminho.

Gabriel investigou o interior com o feixe da lanterna. Os livros que repousavam nas prateleiras de metal eram muito antigos. Alguns tinham o tamanho de uma monografia típica. Outros eram mais pequenos e estavam cobertos por capas de couro rachado. Nenhum deles parecia ter sido criado por algo que não uma mão humana.

— Acho que viemos ao sítio certo.

Estavam, agora, no extremo ocidental do Depósito, exatamente por baixo do Cortile della Pigna. Donati conduziu Gabriel para lá de uma fila de recintos vedados até uma porta de metal sem identificação, de um verde pálido, vigiada por uma câmara. Não havia qualquer sinal ou placa que indicasse o tipo de material armazenado no espaço atrás dela. As fechaduras de qualidade profissional pareciam ter sido recém-instaladas. Havia uma para o trinco e uma segunda para o puxador. Ambas pareciam ser mecanismos de cinco pinos.

Gabriel entregou o telefone a Donati. Depois, retirou uma ferramenta metálica fina do bolso do seu fato clerical emprestado e inseriu-a na fechadura do trinco.

— Há alguma coisa que *não consigas* fazer? — perguntou Donati.

— Não consigo abrir esta fechadura, se não parares de falar.

— Quanto tempo vai demorar?

— Depende de quantas perguntas ainda tiveres intenção de fazer.

Donati apontou o feixe da lanterna para a fechadura. Gabriel moveu suavemente a ferramenta no interior do mecanismo, testando a sua resistência, tentando ouvir a queda de um pino.

— Não vale a pena — disse uma voz calmamente. — Não vão encontrar o que procuram.

Gabriel virou-se. No escuro, não conseguia ver nada. Donati apontou a lanterna do telefone para o vazio. Esta iluminou um homem de batina. Não, pensou Gabriel. Não era uma batina. Era um manto.

O homem avançou, silenciosamente, caminhando sobre as suas sandálias. Era idêntico a Gabriel em altura e constituição, cerca de um metro e setenta e cinco, não mais de setenta e dois quilos. O seu cabelo era negro e encaracolado, a pele escura. Tinha um rosto antigo, como um ícone que ganhara vida.

Deu outro passo em frente. A sua mão esquerda estava envolta em ligaduras. A direita também, e agarrava um envelope de papel pardo.

— Quem é você? — perguntou Donati.

O seu rosto não registou qualquer alteração na expressão.

— Não me conhece? Sou o padre Joshua, Vossa Excelência.

Falava fluentemente italiano, o idioma do Vaticano, mas era óbvio que não era a sua língua materna. O nome pareceu não significar nada para Donati.

Ergueu os olhos para o teto.

— Não podem ficar muito tempo. O cardeal Albanese ordenou aos seguranças que inspecionassem o Depósito. Estão a caminho.

— Como é que sabe?

Baixou o olhar na direção da porta verde.

— Temo que o livro tenha desaparecido, Vossa Excelência.

— Sabe o que era?

— Isto vai dizer-lhe tudo o que precisa de saber. — O padre entregou o envelope a Donati. — Não o abra antes de transpor os muros do Vaticano.

— O que é? — perguntou Donati.

O padre ergueu novamente o olhar na direção do teto.

— Chegou o momento de partirem, Vossa Excelência. Eles vêm aí.

Só nesse momento, Gabriel conseguiu ouvir as vozes. Tirou o telemóvel a Donati e apagou a luz da lanterna. A escuridão era absoluta.

— Sigam-me — sussurrou o padre Joshua. — Eu sei o caminho.

Caminharam em fila indiana, com o padre à frente e Gabriel atrás de Donati. Viraram à direita, depois à esquerda e, passado um

momento, estavam novamente junto à porta pela qual tinham entrado no Depósito. Ao toque do padre Joshua, a porta abriu-se. Ergueu a mão em sinal de despedida e, depois, dissolveu-se novamente nas trevas.

Chegaram às escadas e subiram os oito lanços de degraus. O telemóvel de Gabriel perdera a conexão com a Unidade 8200. Quando remarcou o número, Yuval Gershon atendeu de imediato.

— Estava a ficar preocupado.

— Consegues ver-nos?

— Agora, sim.

Gershon destrancou as últimas duas portas simultaneamente. No exterior, a intensa luz do sol de Roma ofuscou-os. Donati enfiou o envelope na sua pasta e reprogramou as fechaduras de combinação.

— Se calhar, devia ser eu a levar isso — disse Gabriel, enquanto começavam a caminhar na direção da Via Sant’Anna.

— Eu sou teu superior, padre Benedetti.

— Isso é verdade, Vossa Excelência. Mas eu é que tenho a arma.

Foi nesse instante que as luzes se voltaram a acender no apartamento do cardeal Albanese. Ainda a pingar, levantou o auscultador do seu telefone interno do Vaticano e ouviu o agradável som do toque de marcação. O oficial de serviço na sala de controlo do Arquivo atendeu ao primeiro toque. Sim, disse ele, a eletricidade fora restabelecida. A rede informática estava a reiniciar e as câmaras de vigilância e portas automáticas estavam outra vez a funcionar normalmente.

— Há algum indício de intrusão?

— Nenhum, Vossa Eminência.

Aliviado, Albanese colocou suavemente o auscultador no descanso e tirou um momento para contemplar a vista da janela do seu escritório privado. Faltava-lhe a grandiosidade da vista do apartamento papal (não conseguia ver a Praça de São Pedro, nem sequer a cúpula da basílica), mas permitia-lhe monitorizar as idas e vindas na Porta de Santa Ana.

Naquele momento, a Via Sant’Anna estava deserta, à exceção de um arcebispo alto e de um padre pequenote, vestido com um fato clerical ligeiramente folgado. Estavam a dirigir-se para a porta, num passo militar rápido. As mãos do padre estavam vazias, mas, na mão direita do arcebispo, havia uma elegante pasta de couro. Albanese reconheceu-a. Na verdade, expressara muitas vezes admiração pela maleta. Também reconheceu o arcebispo.

Mas quem era o padre? Albanese tinha apenas um suspeito. Esticou o braço para pegar no telefone e fez uma última chamada.

Como católico devoto que assistia à missa diariamente, o coronel Alois Metzler, comandante da Guarda Suíça Pontifícia, fazia os possíveis por evitar o escritório ao domingo. Mas, tratando-se do domingo anterior ao início do conclave, o mais sagrado dos eventos, que seria observado por milhares de milhões em todo o mundo, estava à sua secretária, nas casernas da Guarda Suíça, quando o cardeal Albanese telefonou. O camerlengo estava *molto agitato*. Num italiano frenético, idioma que Metzler falava fluente embora relutantemente, explicou que o arcebispo Luigi Donati e o amigo, Gabriel Allon, tinham acabado de arrombar o Arquivo Secreto e estavam, naquele momento, a dirigir-se para a Porta de Santa Ana. Sob nenhuma circunstância, gritou o cardeal, deveriam ser autorizados a deixar o território da Cidade do Vaticano.

Verdade seja dita, Metzler não estava com vontade nenhuma de se meter com pessoas como Donati e o seu amigo de Israel, que Metzler vira em ação mais do que uma vez. Porém, já que o trono de São Pedro estava vago, não tinha outra opção senão obedecer à ordem direta do camerlengo.

Erguendo-se, apressou-se a atravessar as casernas até ao átrio, onde um oficial de serviço estava sentado atrás de uma secretária em meia-lua, com os olhos postos num painel de monitores de vídeo. Num deles, Metzler viu Donati a marchar na direção da Porta de Santa Ana, com um padre ao lado.

— Santo Deus — murmurou Metzler.

O *padre* era Allon.

Através da porta aberta da caserna, Metzler viu um jovem alabardeiro de pé, na Via Sant'Anna, com as mãos apertadas atrás das costas. Gritou à sentinela que bloqueasse a porta, mas era tarde demais. Donati e Allon atravessaram a fronteira invisível como um borrão preto e desapareceram.

Metzler correu atrás deles. Estavam, agora, a caminhar velozmente através da multidão de turistas que enchia a Via di Porta Angelica. Metzler chamou o nome de Donati. O arcebispo parou e virou-se. Allon continuou a andar.

O sorriso de Donati desarmou-o.

— O que foi, coronel Metzler?

— O cardeal Albanese acha que Vossa Excelência acabou de entrar no Arquivo Secreto sem autorização.

— E como é que eu faria isso? O Arquivo hoje está fechado.

— O cardeal acha que teve ajuda do seu amigo.

— O padre Benedetti?

— Eu vi-o no monitor, Vossa Excelência. Sei quem é.

— Está enganado, coronel Metzler. E o cardeal Albanese também. Agora, se me der licença, estou atrasado para um compromisso.

Sem mais uma palavra, Donati deu meia-volta e começou a caminhar na direção da Praça de São Pedro. Metzler falou para as suas costas.

— O seu passe do Vaticano já não é válido, Vossa Excelência. A partir de agora, para no Balcão de Admissões como toda a gente.

Donati ergueu a mão num gesto afirmativo e continuou a andar. Metzler regressou ao seu escritório e telefonou imediatamente a Albanese.

O camerlengo estava *molto agitato*.

Gabriel estava à espera de Donati perto do final da colunata. Juntos, regressaram à Cúria Jesuíta. Nos seus aposentos, no andar de cima, Donati retirou o envelope da pasta e abriu a aba. No interior, entre duas folhas protetoras de película transparente, havia uma única página de texto escrito à mão. A margem esquerda da página estava limpa e direita, mas a direita estava manchada e rasgada. Os caracteres eram romanos. A língua era latim.

As mãos de Donati tremeram enquanto lia.

EVANGELIUM SECUNDUM PILATI...

O Evangelho segundo Pôncio Pilatos.

SEGUNDA PARTE

ECCE HOMO

CÚRIA JESUÍTA, ROMA

Até mesmo o seu primeiro nome se perdera nas brumas do tempo, o nome que a sua mãe e o seu pai lhe tinham dado no dia em que fora apresentado aos deuses e em que um amuleto dourado, uma *bull*a, fora pendurado em redor do seu minúsculo pescoço para afastar os maus-olhados. Mais tarde, responderia pelo seu cognome, o terceiro nome de um cidadão romano, um rótulo hereditário usado para distinguir um ramo de uma família dos restantes. O seu tinha três sílabas, não duas, e não se assemelhava nada à versão que circularia depois, ao longo de séculos de infância.

O ano do seu nascimento não é conhecido, nem o local. Uma escola de pensamento sustentou que era natural da Hispânia dominada pelos romanos, talvez de Tarragona, no litoral catalão, ou de Sevilha, onde, ainda hoje, perto da antiga Plaza de Arguelles, se ergue um elaborado palácio andaluz conhecido como Casa de Pilatos. Outra teoria, que prevaleceu na Idade Média, defendia que era filho ilegítimo de um rei alemão chamado Tyrus e de uma concubina chamada Pila. Segundo a lenda, Pila não sabia o nome do homem que a engravidara, portanto, combinara o seu nome com o do seu pai e chamara ao rapaz Pilatos.

Contudo, o seu local de nascimento mais provável foi Roma. Presumivelmente, os seus antepassados eram samnitas, uma tribo guerreira que habitava as colinas escarpadas a sul da cidade. O seu nome, Pôncio, sugere que era descendente dos pânticos, um clã de onde saíram várias figuras militares romanas importantes. O seu cognome, Pilatos, significava «habilidoso com uma lança». É possível que o próprio Pôncio Pilatos tenha conquistado o nome através das suas façanhas militares. A explicação mais plausível é que fosse filho de um cavaleiro e membro de uma ordem equestre, o segundo escalão da nobreza romana, imediatamente abaixo da classe senatorial.

Se assim foi, teria usufruído de uma confortável educação romana. A casa da família teria tido um átrio, um jardim com colunatas, água canalizada e uma zona de banho privada. A sua segunda habitação, uma *villa*, teria tido vista para o mar. Teria percorrido as ruas de

Roma, não a pé, mas numa liteira carregada por escravos. Ao contrário da maioria das crianças no início do primeiro milénio, nunca teria conhecido a fome. Nada lhe teria faltado.

A sua educação teria sido rigorosa: várias horas de instrução diárias em leitura, escrita, matemática e, posteriormente, nos aspetos mais subtis do pensamento crítico e do debate, competências que lhe seriam úteis mais tarde. Teria aperfeiçoado o seu físico levantando pesos regularmente e, depois, recuperado dos seus esforços como uma ida aos banhos. Para se divertir, ter-se-ia regozijado com os espetáculos sangrentos dos jogos. Era improvável que alguma vez tivesse visto o Anfiteatro Flaviano, o grandioso coliseu circular construído no vale, entre as colinas de Célio, Esquilino e Palatino. O projeto foi financiado com despojos do Templo de Jerusalém, que ele conhecia intimamente. Não teria testemunhado a sua destruição, em 70 E.C., embora, seguramente, deva ter sabido que os seus dias estavam contados.

A nova e insubmissa província da Judeia ficava a cerca de dois mil duzentos e cinquenta quilómetros de Roma, uma viagem de três semanas ou mais por mar. Pôncio Pilatos, depois de ter prestado serviço durante vários anos como oficial subalterno no exército romano, chegou aí em 26 E.C. Não era um posto cobiçado: a Síria, a norte, e o Egito, a sudeste, eram muito mais importantes. No entanto, o que faltava à Judeia em prestígio, sobrava-lhe em potenciais problemas. A sua população nativa considerava-se escolhida pelo seu Deus, e superior aos seus ocupadores pagãos e politeístas. Jerusalém, a sua cidade sagrada, era o único local do Império onde os habitantes locais não tinham de se prostrar diante de uma imagem do imperador. Se queria ser bem-sucedido, Pilatos teria de lidar com eles com cuidado.

Sem dúvida, já vira estas pessoas em Roma. Eram os habitantes barbudos e circuncidados do Regio XIV, um bairro apinhado, no lado ocidental do Tibre, que um dia se tornaria conhecido como Trastevere. Havia, talvez, quatro milhões e meio deles espalhados por todo o Império. Tinham prosperado sob o domínio romano, aproveitando a liberdade comercial e de movimentos que o Império lhes dava. Em todos os locais onde se instalavam, eram abastados e muito admirados como um povo temente a Deus que amava os seus filhos, respeitava a vida humana e cuidava dos pobres, doentes, viúvos e órfãos. Júlio César elogiou-os e concedeu-lhes importantes direitos de associação, o que lhes permitiu adorarem o seu Deus em vez dos deuses de Roma.

Porém, os que viviam na terra natal, Judeia, Samaria e Galileia, constituíam um grupo menos cosmopolita. Violentemente antirromanos, estavam fragmentados em seitas, talvez umas vinte e quatro, incluindo os puritanos essénios, que não reconheciam a autoridade do Templo. Um complexo gigantesco, no topo do Monte

Moriá, em Jerusalém, era controlado por aristocratas saduceus, que lucravam com a sua associação com os ocupadores e trabalhavam em estreita colaboração com o prefeito romano para garantir a estabilidade.

Pilatos foi apenas o quinto a ocupar aquele posto. O seu quartel-general era em Cesareia, um enclave romano de mármore branco cintilante, na costa mediterrânica. Havia um passeio em curva, junto ao mar, onde podia caminhar quando o tempo estava bom, e templos romanos onde fazia sacrifícios aos seus deuses, não ao deles. Pilatos, se desejasse, poderia perfeitamente ter imaginado que nunca deixara a sua casa.

Não era tarefa sua converter os habitantes da província (que, um dia, se tornariam conhecidos como judeus) à imagem e semelhança de Roma. Pilatos era um cobrador de impostos, um facilitador do comércio e um escritor de intermináveis relatórios ao imperador Tibério, os quais selava com cera e marcava com um anel de sinete que usava no último dedo da mão esquerda. Roma, em geral, não se envolvia em todas as facetas da cultura e da sociedade dos territórios que ocupava. As suas leis hibernavam, em períodos de acalmia, e acordavam, apenas, quando havia uma ameaça à ordem.

Em geral, os desordeiros recebiam um aviso. E, se persistissem na sua insensatez, a situação era resolvida rápida e brutalmente. O predecessor de Pilatos, Valério Grato, despachou duzentos judeus de uma só vez, utilizando o método preferido de execução de Roma: a morte na cruz. Depois de uma revolta em 4 A.E.C, dois mil foram crucificados nos arredores de Jerusalém. Era tão poderosa a fé que tinham no seu único Deus que foram para a cruz sem temor.

Como prefeito, Pilatos era o governador da Judeia, o seu juiz e o seu júri. Contudo, os judeus geriam grande parte da administração civil e da aplicação da lei através do Sinédrio, o tribunal rabínico que se reunia diariamente (exceto nos festivais religiosos e no *Sabbath*) na Câmara das Pedras Talhadas, no lado norte do complexo do Templo. Pilatos recebera ordens do imperador Tibério para conceder aos judeus grande liberdade na gestão dos seus próprios assuntos, principalmente no que dizia respeito à sua religião. Sempre que possível, deveria manter-se em segundo plano, a mão oculta, o homem invisível de Roma.

Mas Pilatos, irascível e vingativo, rapidamente conquistou uma terrível reputação por atos de selvajaria, roubos, inúmeras execuções e provocações desnecessárias. Tomou, por exemplo, a decisão de afixar estandartes militares com a imagem do imperador nas paredes da Fortaleza Antónia, com vista para o próprio Templo. Como era de esperar, os judeus reagiram com fúria. Vários milhares rodearam o palácio de Pilatos, em Cesareia, onde se seguiu um impasse de uma

semana. Quando os judeus tornaram claro que estavam preparados para morrer se as suas exigências não fossem atendidas, Pilatos cedeu e os estandartes foram retirados.

E, depois, houve o reconhecidamente impressionante aqueduto de Pilatos, que ele financiou, pelo menos em parte, com dinheiro sagrado, *corban*, roubado aos cofres do Templo. Mais uma vez, foi confrontado por uma enorme multidão, desta vez no Litostroto, a plataforma elevada no exterior da Fortaleza de Herodes, o quartel-general de Pilatos em Jerusalém. Impassivelmente estirado sobre a sua cadeira curul, Pilatos suportou silenciosamente os ataques durante algum tempo, antes de ordenar aos seus soldados que desembainhassem as espadas. Alguns dos judeus desarmados foram cortados aos pedaços. Outros foram esmagados pela multidão.

Finalmente, Pilatos ordenou pendurar os escudos banhados a ouro dedicados a Tibério na sua residência em Jerusalém. Os judeus exigiram que os escudos fossem retirados. E, quando Pilatos recusou, enviaram uma carta de protesto ao próprio imperador. Chegou a Tibério quando este se encontrava de férias em Capri, ou isso alegou o filósofo Fílon de Alexandria. A ferver de raiva devido ao erro desnecessário do seu prefeito, Tibério ordenou a Pilatos que retirasse imediatamente os escudos.

Ia a Jerusalém tão raramente quanto possível, em geral para supervisionar a segurança durante os festivais judaicos. A Páscoa Judaica, a celebração da libertação dos judeus da escravidão no Egito, estava repleta tanto de implicações religiosas como políticas. Centenas de milhares de judeus vindos de todo o Império (nalguns casos, povoações inteiras) irrompiam pela cidade. As ruas congestionavam-se com peregrinos e cerca de duzentas e cinquenta mil ovelhas a balir, à espera do ritual do abate. À espreita nas sombras estavam os *sicarii*, zelotes judeus encapotados que matavam soldados romanos com as suas características adagas e, depois, desapareciam na multidão.

No centro deste pandemónio estava o Templo. Soldados romanos vigiavam as celebrações do seu posto na Antónia, Pilatos dos seus magníficos aposentos privados na Fortaleza de Herodes. Qualquer indício de agitação (um desafio ao domínio romano ou às autoridades colaborativas do Templo) teria recebido uma resposta impiedosa, para que a situação não se descontrolasse. Uma faísca, um agitador, e Jerusalém poderia entrar em erupção.

Foi nesta cidade volátil (talvez no ano 33 E.C. ou, em todo o caso, entre 27 e 36) que apareceu um galileu, um homem que curava, um fazedor de milagres, um pregador de parábolas que avisava que o reino dos céus estava à mão de semear. Chegou, como profetizado, montado num burro. É possível que Pilatos já soubesse desse galileu e

tivesse testemunhado a sua entrada tumultuosa em Jerusalém. Havia muitas figuras messiânicas na Judeia do primeiro século, homens que se autodenominavam o «ungido» e prometiam reconstruir o reino de David. Pilatos via esses pregadores como uma ameaça direta ao domínio romano e extinguiu-os sem misericórdia. Invariavelmente, os seus seguidores sofriam o mesmo destino.

Os historiadores não estão de acordo quanto à natureza do incidente que conduziu à morte terrena do galileu. A maioria concorda que foi cometido um crime, talvez um ataque aos negociantes de moedas no Pórtico Real, talvez uma diatribe contra a elite do Templo. É possível que soldados romanos tenham presenciado a perturbação e detido imediatamente o galileu. Mas, segundo reza a história, foi preso por uma força conjunta de romanos e judeus no Monte das Oliveiras, depois de partilhar uma última ceia de *Pesach* com os seus discípulos.

O que aconteceu a seguir é ainda menos claro. Mesmo os relatos tradicionais estão repletos de contradições. Sugerem que, algum tempo depois da meia-noite, o galileu foi levado para a casa de um sumo sacerdote, José Caifás, onde foi sujeito a um brutal interrogatório por uma parte do Sinédrio. Contudo, historiadores contemporâneos lançaram dúvidas sobre esta versão da história. Afinal, era simultaneamente a Páscoa Judaica e a véspera do *Sabbath*, e Jerusalém estava a rebentar pelas costuras com judeus de todo o mundo. É pouco provável que Caifás, depois de um longo dia no Templo, tenha aceitado a intrusão a uma hora tão tardia. Para além disso, o julgamento, conforme é descrito (realizado no pátio exterior, à luz de uma fogueira), era expressamente proibido pela Lei de Moisés e, portanto, não poderia ter acontecido.

De uma forma ou de outra, o galileu acabou nas mãos de Pôncio Pilatos, o prefeito romano e juiz da província. A tradição diz que ele presidiu a uma audiência pública, mas não existe qualquer registo oficial de tal processo. Porém, um facto essencial é irrefutável. O galileu foi condenado à crucificação, o método romano de execução reservado unicamente a insurgentes, provavelmente logo à saída das muralhas da cidade, onde o seu castigo serviria como aviso. Talvez Pilatos tenha testemunhado o sofrimento do homem a partir dos seus aposentos, na Fortaleza de Herodes. Mas, dada a sua temível reputação, é muito provável que todo o episódio tenha sido rapidamente esquecido, eclipsado por algum novo problema. Pilatos era, afinal de contas, um homem muito ocupado.

No entanto, o prefeito pode, também, ter mantido a recordação do homem durante muito tempo, após ter ordenado a sua execução, sobretudo durante os anos finais da sua governação na Judeia, já que que os seguidores do galileu, a quem chamavam Jesus de Nazaré, deram, nessa época, os primeiros passos hesitantes para a criação de

uma nova fé. Traumatizados com o que tinham testemunhado, confortaram-se mutuamente com relatos do ministério do galileu, relatos que, eventualmente, seriam escritos em livros, panfletos evangelizadores conhecidos como Evangelhos, que circularam entre as comunidades dos primeiros crentes. E foi aí que o arcebispo Luigi Donati, nos seus aposentos na Cúria Jesuíta na Borgo Santo Spirito, em Roma, retomou o fio da história.

CÚRIA JESUÍTA, ROMA

Marcos, e não Mateus, foi o primeiro. Foi escrito em grego coine colloquial, algures entre 66 e 75 E.C., mais de trinta anos após a morte de Jesus, uma eternidade no mundo antigo. O Evangelho circulou anonimamente durante várias décadas, antes de os Padres da Igreja o atribuírem a um companheiro do apóstolo Pedro, uma conclusão rejeitada pela maioria dos estudiosos contemporâneos da Bíblia, que argumenta que a identidade do autor não é conhecida.

A sua audiência foi uma comunidade de cristãos gentios que vivia em Roma, sob o domínio direto do imperador. É improvável que o autor do primeiro Evangelho falasse a língua de Jesus ou dos seus discípulos e, provavelmente, possuía apenas uma familiaridade superficial com a geografia e os costumes da terra onde a história se ambientava. Quando pegou na sua pena, quase todas as testemunhas diretas tinham morrido ou sido assassinadas. As suas fontes foram a tradição oral e talvez alguns fragmentos escritos. No décimo quinto capítulo, descreve-se um Pilatos inocente e benevolente que se curvou às exigências de uma multidão de judeus para sentenciar Jesus à morte. As primeiras versões de Marcos terminavam abruptamente com a descoberta do túmulo vazio de Jesus, um final que muitos dos primeiros cristãos consideraram um insatisfatório anticlímax. Versões posteriores de Marcos possuíam dois finais alternativos. No chamado Final Longo, um Jesus ressuscitado aparece aos seus discípulos sob diferentes formas.

— O autor original de Marcos não criou os finais alternativos — explicou Donati. — Provavelmente, foram escritos centenas de anos depois da sua morte. Na verdade, o *Codex Vaticanus* do século iv, o mais antigo exemplar conhecido do Novo Testamento, contém o final original do túmulo vazio.

O Evangelho segundo Mateus, continuou Donati, foi escrito a seguir, provavelmente entre 80 e 90 E.C., mas talvez tão tarde como em 110, muito depois da cataclísmica Primeira Guerra Romano-Judaica e da destruição do Templo. A audiência de Mateus foi uma comunidade de

cristãos judeus que vivia na Síria ocupada por Roma. Inspirou-se fortemente em Marcos, tomando emprestados seiscentos versos. Mas os estudiosos acreditam que Mateus expandiu o trabalho do seu predecessor com a ajuda da Fonte Q, uma coleção teórica das palavras de Jesus. O seu trabalho reflete a nítida divisão entre cristãos judeus que aceitavam Jesus como o messias e judeus que não o faziam. A descrição da comparência de Jesus perante Pilatos é semelhante à de Marcos, com um aditamento fundamental.

— Pilatos, o implacável prefeito romano, lava as mãos diante da multidão de judeus reunida no Litostroto e declara-se inocente do sangue de Cristo. Ao que a multidão responde: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos». É a fala de um diálogo com mais consequências alguma vez escrita. Dois mil anos de perseguição e extermínio de judeus às mãos de cristãos podem encontrar a sua origem nestas terríveis doze palavras.

— Porque é que elas foram escritas? — perguntou Gabriel.

— Como prelado católico romano e homem de enorme fé pessoal, acredito que os Evangelhos tiveram inspiração divina. Dito isto, foram escritos por seres humanos muito depois de os acontecimentos terem ocorrido e baseados em histórias sobre a vida e o ministério de Jesus, contadas pelos seus primeiros seguidores. Se existiu, de facto, algum tipo de audiência, não há dúvida de que Pilatos disse muito poucas das palavras que os escritores do Evangelho lhe atribuíram, se é que disse alguma. O mesmo seria verdade, claro, para a multidão de judeus, se ela tiver existido. *Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos?* Será que gritaram, realmente, uma frase tão bizarra e tão estranha? E em uníssono? Onde estavam os seguidores de Jesus que vieram com ele da Galileia para Jerusalém? Onde estavam os dissidentes? — Donati abanou a cabeça. — Essa passagem foi um erro. Um erro sagrado, mas, ainda assim, um erro.

— Mas foi um erro involuntário?

— Um professor meu da Gregoriana costumava referir-se a ela como a mentira mais antiga. Em privado, como é óbvio. Se o tivesse dito abertamente, teria sido arrastado para comparecer diante da Congregação para a Doutrina da Fé e excomungado.

— A cena do Evangelho segundo Mateus é uma mentira?

— O autor de Mateus dir-te-ia que escreveu a história conforme a ouviu e como acreditava que tivesse ocorrido. Dito isto, não há dúvida de que o seu Evangelho, tal como o de Marcos, transferiram a culpa da morte de Jesus dos romanos para os judeus.

— Porquê?

— Porque, poucos anos depois da Crucificação, o movimento de Jesus corria grande perigo de ser reabsorvido pelo judaísmo. Se havia um futuro, estava com os gentios que viviam sob o domínio romano.

Os evangelistas e os Padres da Igreja tinham de tornar a nova fé aceitável para o Império. Não havia nada que pudessem fazer para alterar o facto de Jesus ter morrido às mãos de tropas romanas. Mas, se conseguissem sugerir que os judeus tinham pressionado Pilatos...

— Problema resolvido.

Donati fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— E receio que se torne pior com os últimos Evangelhos. Lucas sugere que foram os judeus, e não os romanos, que pregaram Jesus à cruz. João faz a acusação diretamente. É inconcebível para mim que os judeus crucificassem um dos seus. Podem ter apedrejado Jesus por blasfémia. Mas a cruz? Nem pensar.

— Então, porque é que a passagem foi incluída no cânone cristão?

— É importante lembrar que nunca se pretendeu que os Evangelhos fossem registos factuais. Eram Teologia, não História. Eram documentos evangelizadores que estabeleciam as fundações de uma nova fé, uma fé que, no final do primeiro século, estava em nítido conflito com aquela a partir da qual se originara. Três séculos depois, quando os bispos da Igreja primitiva se reuniram no Sínodo de Hipona, havia muitos Evangelhos diferentes e outros textos a circular entre as comunidades cristãs do Norte de África e do Mediterrâneo Oriental. Os bispos canonizaram apenas quatro, sabendo perfeitamente que continham inúmeras discrepâncias e inconsistências. Por exemplo, todos os Evangelhos católicos relatam de forma ligeiramente diferente os três dias que conduziram à execução de Jesus.

— Os bispos também sabiam que estavam a lançar as sementes para dois mil anos de sofrimento dos judeus?

— Boa pergunta.

— Qual é a resposta?

— No final do século iv, os dados tinham sido lançados. A recusa dos judeus em aceitarem Jesus como seu salvador foi vista como uma ameaça mortal à Igreja primitiva. Como é que Jesus poderia ser o único caminho para a salvação se o seu próprio povo, o povo perante o qual pregara a Sua mensagem, continuava a agarrar-se à sua fé ancestral? Os primeiros teólogos cristãos debateram-se com a questão de os judeus serem, sequer, autorizados a existir. São João Crisóstomo de Antioquia pregou que as sinagogas eram bordéis e covis de ladrões, que os judeus não eram melhores do que porcos e cabras, que tinham engordado por terem demasiado para comer, que deveriam ser marcados para abate. Sem surpresas, houve inúmeros ataques aos judeus de Antioquia e a sua sinagoga foi destruída. Em 414, os judeus de Antioquia foram exterminados. Infelizmente, isso foi só o início.

Ainda vestido com o seu fato clerical emprestado, Gabriel aproximou-se da janela e, afastando as cortinas, espreitou para a

Borgo Santo Spirito. Donati estava sentado à escrivaninha. À sua frente, ainda embrulhada no plástico protetor, estava uma página do livro.

EVANGELIUM SECUNDUM PILATI...

— Para que conste — disse Donati, passado um momento —, o Credo Niceno, que foi escrito no Primeiro Concílio de Niceia, afirma inequivocamente que Jesus sofreu às mãos de Pôncio Pilatos. Para além disso, a Igreja declarou na *Nostra Aetate*, em 1965, que os judeus, como povo, não são coletivamente responsáveis pela morte de Jesus. E, trinta e três anos depois disso, o papa Wojtyla emitiu a declaração «Nós recordamos», sobre a Igreja e o Holocausto.

— Também me lembro disso. Fez um grande esforço para sugerir que dois mil anos de ensinamentos da Igreja, afirmando que os judeus eram os assassinos de Deus, não tinham absolutamente nada a ver com os nazis e a Solução Final. Foi um branqueamento, Vossa Excelência. Foi uma mixórdia de palavras curial.

— E foi por isso que o meu mestre esteve na *bimah*^[5] da Grande Sinagoga de Roma e pediu perdão aos judeus. — Donati fez uma pausa. — Também te lembras disso, ou não? Estavas lá, se bem me recordo.

Gabriel retirou um exemplar da Bíblia da estante de Donati e abriu-a no vigésimo sétimo capítulo de Mateus.

— Então e isto? — Apontou para a passagem relevante. — Sou pessoalmente culpado pelo assassinio de Deus, ou os escritores dos quatro Evangelhos são culpados pela calúnia mais perversa da História?

— A Igreja declarou que não és.

— E eu agradeço à Igreja por, tardiamente, clarificar isso. — Gabriel bateu com a ponta do dedo na página. — Mas o livro continua a dizer que sou.

— As escrituras não podem ser alteradas.

— O *Codex Vaticanus* sugeriria outra coisa. — Gabriel devolveu a Bíblia ao seu lugar na estante e retomou o seu estudo da rua. — E os outros evangelhos? Aqueles que os bispos rejeitaram no Sínodo de Hipona?

— Foram considerados apócrifos. Na sua maioria, eram elaborações literárias dos quatro evangelhos canónicos. *Fan fiction* antiga, se quiseres. Havia livros, como o Evangelho de Pseudo-Tomé, que se focavam nos primeiros anos de Jesus. Havia evangelhos gnósticos, evangelhos judaico-cristãos, o Evangelho de Maria, até o Evangelho de Judas. Havia, também, um conjunto significativo de apócrifos da Paixão, histórias dedicadas ao sofrimento e morte de Jesus. Um deles chamava-se o Evangelho de Pedro. Não foi Pedro que o escreveu, evidentemente. Era um pseudoepígrafo, foi-lhe atribuído um autor

falso. O mesmo aconteceu com o Evangelho de Nicodemos. Esse livro é mais conhecido como o *Acta Pilati*.

Gabriel virou-se de costas para a janela.

— *Atos de Pilatos?*

Donati assentiu com a cabeça.

— Nicodemos era um membro do Sinédrio que vivia numa grande propriedade nos arredores de Jerusalém. Dizia-se que tinha sido discípulo de Jesus e confidente de Pilatos. Aparece na *Deposição de Cristo*, de Caravaggio. É a figura com a vestimenta ocre que está a agarrar as pernas de Jesus. Já agora, Caravaggio deu-lhe o rosto de Miguel Ângelo.

— A sério? — perguntou Gabriel de forma provocadora. — Não sabia disso.

Donati ignorou o comentário.

— Datar o *Atos de Pilatos* é difícil, mas a maioria dos estudiosos concorda que, provavelmente, foi escrito no final do século iv. Alega conter material escrito pelo próprio Pilatos, quando estava em Jerusalém. Era bastante popular, aqui em Itália, nos séculos xv e xvi. Na verdade, foi impresso vinte e oito vezes durante esse período. — Donati levantou o telemóvel. — Para o ler, agora, é preciso um destes.

— Houve outros livros sobre Pilatos?

— Vários.

— Tais como?

— *As Memórias de Pilatos*, o *Martírio de Pilatos* e o *Relatório de Pilatos*, para nomear alguns. O *Julgamento e Condenação de Pilatos* descreve a sua comparência perante o imperador Tibério, depois de voltar a ser chamado para Roma. Não importa que Tibério já estivesse morto quando Pilatos chegou. Houve também a *Carta de Pilatos a Cláudio*, a *Carta de Pilatos a Herodes*, a *Carta de Herodes a Pilatos*, a *Carta de Tibério a Pilatos*... — A voz de Donati esmoreceu. — Percebes onde quero chegar.

— E o Evangelho segundo Pilatos?

— Não conheço nenhuma obra apócrifa da literatura cristã com esse nome.

— Algum dos outros livros é considerado credível?

— Não — disse Donati. — São todos falsificações. E todos tentam exonerar Pilatos pela morte de Jesus, implicando, simultaneamente, os judeus.

— Exatamente como os evangelhos canónicos. — Os sinos da Basílica de São Pedro soaram, indicando que era meio-dia. — O que é que achas que está a acontecer atrás dos muros do Vaticano?

— Se tivesse de adivinhar, diria que o cardeal Albanese está desesperadamente à procura do padre Joshua. Receio o que possa acontecer, se o encontrar. Como camerlengo, o Albanese tem uma

autoridade enorme. Em termos práticos, a Ordem de Santa Helena está a comandar a Igreja Católica Romana. A questão é: pretendem renunciar ao seu poder? Ou planeiam mantê-lo?

— Ainda não podemos provar que a Ordem matou o Lucchesi.

— Ainda não. Mas temos cinco dias para encontrar provas. — Donati fez uma pausa. — E o Evangelho segundo Pilatos, claro.

— Por onde começamos?

— Pelo padre Robert Jordan.

— Quem é ele?

— O meu professor da Gregoriana.

— Ainda está em Roma?

Donati abanou a cabeça.

— Entrou para um mosteiro há alguns anos. Não usa telefone nem *e-mail*. Vamos ter de ir de carro até lá, mas não há nenhuma garantia de que ele nos receba. É um homem brilhante. E receio que também seja um homem difícil.

— Onde fica o mosteiro?

— Numa pequena povoação de considerável importância religiosa, nas encostas do Monte Subásio, na Úmbria. De certeza que já ouviste falar. Na verdade, acho que, em tempos, tu e a Chiara viveram perto de lá.

Gabriel permitiu a si próprio um breve sorriso. Há muito tempo que não ia a Assis.

[5] Espécie de púlpito onde se lê a Torá nas sinagogas. (N.T.)

ROMA—ASSIS

A divisão de Transportes exigia um mínimo de quatro horas para a aquisição de um automóvel que não pudesse ser rastreado, portanto, depois de vestir novamente a sua roupa, Gabriel caminhou até uma loja Hertz, perto dos muros do Vaticano, e alugou um *Opel Corsa Hatchback*. Foi seguido, de forma desajeitada, por um homem numa moto. Calças pretas, sapatos pretos, um casaco de *nylon* preto, um capacete preto com uma viseira fumada. O mesmo motociclista seguiu Gabriel no regresso à Cúria Jesuíta, onde apanhou Donati.

— É ele — disse Donati, espreitando pelo espelho lateral. — É, sem dúvida, o padre Graf.

— Acho que vou encostar e ter uma conversa tranquila com ele.

— Talvez devesse despistá-lo.

Deu luta, principalmente nas ruas congestionadas de trânsito do centro de Roma, mas, quando chegaram à *autostrada*, Gabriel sentiu-se confiante de que não estavam a ser seguidos. A tarde tornara-se nublada e fria. A disposição de Gabriel também. Inclinou a cabeça contra a janela, com uma mão equilibrada sobre o volante.

— Foi alguma coisa que eu disse? — perguntou Donati, finalmente.

— O quê?

— Não disseste uma palavra em dez minutos.

— Estava a desfrutar da fabulosa beleza do campo italiano.

— Tenta outra vez — disse Donati.

— Estava a pensar na minha mãe. E no número tatuado no braço dela. E nas velas que ardiam, dia e noite, na pequena casa onde eu cresci, em Israel. Eram para os meus avós, que foram mortos numa câmara de gás quando chegaram a Auschwitz e atirados para o fogo dos crematórios. Não tinham outra sepultura senão aquelas velas. Eram cinzas ao vento. — Gabriel ficou em silêncio durante um momento. — Era nisso que estava a pensar, Luigi. Estava a pensar em como a história dos judeus poderia ter sido diferente, se a Igreja não nos tivesse declarado guerra nos Evangelhos.

— A tua caracterização é injusta.

— Sabes quantos judeus devia haver no mundo? Duzentos milhões. Podíamos ser mais numerosos do que as populações da Alemanha e da França juntas. Mas fomos exterminados vezes sem conta, culminando no *pogrom* que devia acabar com todos os *pogroms*. — Tranquilamente, Gabriel acrescentou: — Tudo por causa daquelas doze palavras.

— Importa referir que, ao longo da Idade Média, a Igreja interveio, em inúmeras ocasiões, para proteger os judeus da Europa.

— Para começar, porque é que eles precisavam de proteção? — Gabriel respondeu à sua própria questão. — Precisavam de proteção por causa daquilo que a Igreja estava a ensinar. E também importa referir, Vossa Excelência, que, muito depois de os judeus serem emancipados na Europa Ocidental, continuaram circunscritos a um gueto, na cidade controlada pelo papado. Onde é que os nazis foram buscar a ideia de fazerem os judeus usar a Estrela de David? Não precisaram de procurar para lá de Roma.

— É preciso distinguir entre antijudaísmo religioso e antissemitismo racial.

— São nomes diferentes para a mesma coisa. O ressentimento em relação aos judeus deveu-se ao facto de eles serem lojistas e agiotas. E sabes *por que razão* eram lojistas e agiotas? Porque, durante mais de um milénio, foram proibidos de fazer qualquer outra coisa. E, no entanto, mesmo agora, depois dos horrores do Holocausto, depois de todos os filmes e livros e memoriais e tentativas de mudar corações e mentes, o ódio mais antigo persiste. A Alemanha admite que não consegue proteger os cidadãos judeus. Os judeus franceses estão a mudar-se para Israel em número recorde, para escapar ao antissemitismo. Na América, os neonazis marcham abertamente, enquanto os judeus estão a ser alvo de disparos e a ser assassinados nas sinagogas. Qual é a origem deste ódio irracional? Poderá ser porque, durante quase dois mil anos, a Igreja ensinou que os judeus eram coletivamente culpados de deicídio, que fomos os assassinos de Deus?

— Sim — admitiu Donati. — Mas o que é que vamos fazer em relação a isso?

— Encontrar o Evangelho segundo Pilatos.

A sul de Orvieto, saíram da *autostrada* e prosseguiram na direção das colinas ondulantes e florestas densas da Úmbria natal de Donati. Quando chegaram a Perugia, o sol rasgara uma fenda entre as nuvens. A leste, na base do Monte Subásio, resplandecia o característico mármore vermelho de Assis.

— Ali está a Abadia de São Pedro. — Donati apontou para a torre sineira, no extremo norte da cidade. — É habitada por um pequeno grupo de monges da Congregação Cassinense. Vivem de acordo com a Regra de São Bento. *Ora et labora*: reza e trabalha.

— Soa um pouco como a descrição do trabalho do chefe do Departamento.

Donati riu-se.

— Os monges apoiam inúmeras organizações locais, incluindo um hospital e um orfanato. Concordaram em dar alojamento ao padre Jordan na abadia, quando ele se reformou da Gregoriana.

— Porquê Assis?

— Depois de trabalhar durante quarenta anos como académico e escritor jesuíta, ansiava por uma existência mais contemplativa. Mas podes ter a certeza de que arranja tempo para investigar e escrever. É uma das principais autoridades do mundo nos evangelhos apócrifos.

— O que é que acontece se não nos quiser receber?

— Tenho a certeza de que vais pensar nalguma coisa — observou Donati.

Gabriel deixou o *Opel* num parque de estacionamento, no exterior das muralhas da cidade, e seguiu Donati através da arcada da Porta San Pietro. A abadia ficava alguns passos mais à frente, ao longo de uma rua sombreada, atrás de uns muros de pedra vermelha. A porta exterior estava trancada. Donati tocou à campainha. Não houve resposta.

Viu as horas.

— Orações da tarde. Vamos dar um passeio.

Começaram a caminhar ao longo da rua, contra uma correnteza de grupos de turistas em sentido contrário, Gabriel com calças escuras e um casaco de cabedal, Donati com a sua batina debruada a magenta. Não atraía mais do que algum interesse passageiro. A Abadia de São Pedro não era o único mosteiro ou convento em Assis. Era uma cidade de religiosos.

Tornou-se cristã, explicou Donati, apenas duzentos anos depois da Crucificação. São Francisco nascera em Assis, no final do século xii. Conhecido pelas suas roupas luxuosas e pelo círculo de amigos abastados, certa tarde, encontrou um pedinte no mercado e ficou tão comovido que deu ao homem tudo o que tinha nos bolsos. Poucos anos depois, estava, ele próprio, a viver como um pedinte. Cuidou dos leprosos numa leprosaria, trabalhou como um humilde criado na cozinha de um mosteiro e, em 1209, fundou a ordem religiosa que exigia que os seus membros abraçassem uma vida de pobreza total e completa.

— Francisco é um dos santos mais amados da Igreja, mas não inventou a noção de cuidar dos pobres. Estava enraizada no cristianismo desde o início. E, agora, dois milénios depois, milhares de católicos romanos em todo o mundo estão a fazer o mesmo, a todas as horas de todos os dias. Acho que isso merece ser preservado, não achas?

— Uma vez disse ao Lucchesi que nunca quereria viver num mundo sem a Igreja Católica Romana.

— Disseste? Ele nunca me falou disso. — Chegaram à basílica. — Entramos para ver as pinturas?

— Para a próxima — gracejou Gabriel.

Eram três e um quarto. Voltaram a fazer o mesmo caminho até à abadia e, uma vez mais, Donati tocou à campainha. Passou um momento, até que uma voz masculina respondeu. Falava italiano com um nítido sotaque britânico.

— Boa tarde. Posso ajudá-los?

— Venho visitar o padre Jordan.

— Receio que ele não aceite visitas.

— Creio que, no meu caso, ele abrirá uma exceção.

— O seu nome?

— Arcebispo Luigi Donati. — Soltou o botão do intercomunicador e olhou para Gabriel de soslaio. — Ser membro tem destes privilégios.

A fechadura abriu-se com um estalido. Um beneditino sem cabelo, de hábito negro, aguardava nas sombras de um pátio interno.

— Perdoe-me, Vossa Excelência. Gostava que alguém nos tivesse avisado de que vinha. — Estendeu-lhe uma mão suave e pálida. — O meu nome é Simon, já agora. Siga-me, por favor.

Entraram na Igreja de San Pietro através de uma porta lateral, atravessaram a nave e saíram para outro pátio interior. A porta seguinte conduzia à abadia. O monge guiou-os até uma sala comum modestamente mobilada, com vista para um jardim verde. Na verdade, pensou Gabriel, parecia mais uma pequena quinta. Rodeada por um muro alto, era invisível para o mundo exterior.

O beneditino disse-lhes que estivessem à vontade e, depois, retirou-se. Passaram dez minutos, antes de ele finalmente regressar. Estava sozinho.

— Lamento, Vossa Excelência, mas, agora, o padre Jordan está a rezar e não deseja ser incomodado.

Donati abriu a pasta e retirou o envelope de papel pardo.

— Mostre-lhe isto.

— Mas...

— Agora, frei Simon.

Gabriel sorriu, enquanto o monge se esgueirava da sala.

— Aparentemente, a tua reputação precede-te.

Passaram outros quinze minutos, até que o monge britânico regressou. Desta vez, vinha acompanhado por um homem pequeno e escuro, com um rosto desgastado e cabelo branco denso e desgrenhado. O padre Robert Jordan envergava uma batina vulgar, em vez do hábito negro dos beneditinos. Na sua mão direita, estava o envelope.

— Vim para aqui para fugir de Roma. Agora, parece que Roma veio até mim. — O olhar do padre Jordan pousou em Gabriel. — Senhor Allon, presumo.

Gabriel não disse nada.

O padre Jordan retirou a página do envelope e ergueu-a para a luz da tarde que entrava pela janela.

— É papel, não velino. Parece ser do século xv ou xvi.

— Vou ter de confiar na tua palavra — respondeu Donati.

O padre Jordan baixou a página.

— Ando à procura disto há mais de trinta anos. Onde é que o encontraste?

— Foi-me dado por um padre que trabalha no Arquivo Secreto.

— Esse padre tem nome?

— Padre Joshua.

— Tens a certeza?

— Porquê?

— Porque estou bastante certo de que conheço toda a gente que trabalha no Arquivo e nunca ouvi falar de ninguém com esse nome. — O padre Jordan baixou o olhar para a página novamente. — Onde é que está o resto?

— Foi retirado do escritório papal na noite da morte do Santo Padre.

— Por quem?

— Pelo cardeal Albanese.

O padre Jordan ergueu o olhar bruscamente.

— Antes ou depois de o Santo Padre morrer?

Donati hesitou, depois disse:

— Foi depois.

— Santo Deus! — sussurrou o padre Jordan. — Temia que dissesse isso.

ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

O monge regressou com um jarro de barro cheio de água, um pão rústico da padaria do mosteiro e uma tacinha de azeite produzido por uma cooperativa que era apoiada pela abadia. O padre Jordan explicou que tinha trabalhado aí no verão anterior, a reparar o estrago que uma vida inteira de ensino e de estudo provocara no seu corpo. Era evidente que passara muito tempo ao ar livre recentemente: o seu rosto queimado pelo sol estava da cor da terracota. O seu italiano era vivo, impecável. Aliás, não fosse pelo seu nome e pelo seu inglês com sotaque americano e Gabriel teria presumido que Robert Jordan vivera a vida inteira nas colinas e vales da Úmbria.

Na verdade, crescera em Brookline, um confortável subúrbio de Boston. Sendo um académico jesuíta brilhante, pertencera ao corpo docente das universidades de Fordham e de Georgetown, antes de vir para a Pontifícia Universidade Gregoriana, onde ensinara História e Teologia. Contudo, a sua investigação pessoal centrara-se nos evangelhos apócrifos. O padre Jordan tinha particular interesse pelos apócrifos da Paixão, principalmente pelos evangelhos e cartas que se focavam em Pôncio Pilatos. Eram, disse ele, uma leitura deprimente, pois pareciam não ter senão um propósito: absolver Pilatos da morte de Jesus e colocar toda a culpa diretamente sobre as cabeças dos judeus e dos seus descendentes. O padre Jordan acreditava que, intencionalmente ou não, os escritores dos Evangelhos tinham errado na sua descrição do julgamento e execução de Jesus, um erro que fora agravado pelos ensinamentos acesos dos Padres da Igreja, de Orígenes a Agostinho.

Em meados dos anos oitenta, soube que não estava sozinho. Sem o conhecimento do superior-geral jesuíta ou do reitor da Gregoriana, juntou-se ao Grupo de Trabalho de Jesus, um grupo de académicos cristãos que tentava criar um retrato fidedigno do Jesus histórico. O grupo publicou as suas conclusões num livro controverso que defendia que Jesus era um sábio itinerante que curava através da fé, mas não caminhava sobre a água nem alimentava multidões, miraculosamente,

com cinco pães e dois peixes. Fora condenado à morte pelos romanos por ser um estorvo público, não por desafiar a autoridade da elite do Templo, e o seu corpo não ressuscitara dos mortos. O conceito de Ressurreição, concluiu o grupo de trabalho, baseava-se em visões e sonhos experienciados pelos seguidores mais próximos de Jesus, uma perspectiva defendida, pela primeira vez, em 1835, pelo teólogo David Friedrich Strauss, um protestante alemão.

— Quando o livro foi publicado, o meu nome não constava no texto. Mesmo assim, fiquei apavorado com a possibilidade de a minha participação se tornar pública. Ficava acordado, noite dentro, à espera de que o temido Santo Ofício da Inquisição me batesse à porta.

Donati lembrou o padre Jordan de que o Santo Ofício era, agora, conhecido como a Congregação para a Doutrina da Fé.

— Uma rosa com qualquer outro nome[6], padre Donati.

— Sou arcebispo, Robert.

O padre Jordan sorriu. A sua participação no grupo de trabalho, continuou ele, não abalou a sua crença na divindade de Jesus ou nos princípios fundamentais do cristianismo. Na verdade, até fortaleceu a sua fé. Nunca acreditara que tudo o que estava escrito no Novo Testamento (ou na Torá, já agora) tivesse acontecido como descrito, mas acreditava, com todo o coração, nas verdades essenciais da Bíblia. Fora por essa razão que viera para Assis, para estar mais perto de Deus e viver uma vida semelhante à de Jesus, sem o fardo da propriedade ou das posses.

No entanto, continuou a sentir-se profundamente perturbado pelos relatos da Crucificação nos Evangelhos, pois tinham levado a um número incontável de mortes e a um sofrimento incalculável por parte do povo judeu. O padre Jordan dedicara a sua vida a descobrir o que realmente acontecera naquele dia, em Jerusalém. Estava convencido de que, algures, existia um relato em primeira mão. Não um documento apócrifo, mas um testemunho ocular genuíno, escrito por um verdadeiro participante no processo.

— Pôncio Pilatos? — perguntou Donati.

O padre Jordan assentiu com a cabeça.

— Não estou sozinho na minha crença de que Pilatos escreveu sobre a Crucificação. Tertuliano, o mesmíssimo fundador do cristianismo latino, o primeiro teólogo a usar a palavra Trindade, estava convencido de que Pilatos tinha enviado um relatório detalhado ao imperador Tibério. E o próprio Justino Mártir era da mesma opinião.

— Com todo o respeito a Tertuliano e a Justino, era impossível saberem se isso era verdade.

— Concordo. Na verdade, creio que estavam errados em, pelo menos, um ponto.

— Qual?

— Pilatos só escreveu sobre a Crucificação muito depois da morte de Tibério. — O padre Jordan baixou o olhar para a página. — Mas receio que estejamos a precipitar-nos. Para entender o que aconteceu, é necessário recuar no tempo.

— Até quando? — perguntou Donati.

— Trinta e seis E.C. Três anos depois da morte de Jesus.

Foi precisamente aí que o padre Robert Jordan, na sala comum da Abadia de São Pedro, na cidade sagrada de Assis, retomou o fio da história.

[6] Referência a um excerto de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare: «Pois aquilo que chamamos de rosa, com qualquer outro nome, exalaria o mesmo doce perfume». (N.T.)

ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

Foram os samaritanos que, finalmente, colocaram Pilatos em apuros. Tinham uma montanha sagrada própria, o Monte Gerizim, onde se dizia que Moisés colocara a Arca da Aliança, após a chegada dos judeus à Terra Prometida. Fora aí que, oitenta anos antes, os rebeldes judeus tinham infligido uma humilhante derrota aos romanos. Pilatos, num último ato de brutalidade, equilibrou a balança. Um número incalculável de judeus foi massacrado ou crucificado, mas alguns sobreviveram. Foram estes que informaram o governador romano na Síria da selvajaria de Pilatos, e o governador informou Tibério, que ordenou que Pilatos regressasse imediatamente a Roma. O seu reinado de uma década como prefeito da Judeia terminara.

Foram-lhe dados três meses para colocar os seus assuntos em ordem, fazer as suas despedidas e passar toda a informação necessária ao seu sucessor. Sem dúvida, destruiu alguns dos seus registos pessoais, mas, seguramente, levou outros consigo para Roma, onde Tibério o aguardava para julgar a sua conduta. Prometia ser um encontro desagradável. O melhor que Pilatos podia esperar era o exílio. O pior era a morte, ou às mãos do imperador ou às suas próprias. Não tinha, certamente, nenhuma pressa em regressar a casa.

Em dezembro de 36 E.C., estava, por fim, pronto para partir. Não era possível fazer a viagem por mar em pleno inverno, na época das tempestades, portanto, Pilatos viajou por estradas romanas. A deusa Fortuna, no entanto, sorriu-lhe: quando chegou, Tibério estava morto.

— É possível que Pilatos tenha comparecido perante o sucessor de Tibério — disse o padre Jordan —, mas não existe qualquer registo disso. Para além do mais, provavelmente, o novo imperador estava demasiado ocupado a consolidar o seu próprio poder para perder tempo com um prefeito de uma província distante caído em desgraça. Talvez tenham ouvido falar dele: chamava-se Calígula.

É neste ponto, continuou o padre Jordan, que Pôncio Pilatos desaparece das páginas da História e entra no domínio da lenda e do mito. Para além dos relatos fabricados dos evangelhos apócrifos,

houve inúmeras estórias e contos populares que circularam pela Europa durante a Idade Média. De acordo com o livro do século xiii *Legenda Aurea*, um compêndio de histórias sobre as vidas de santos, Pilatos pôde terminar os seus dias em relativa tranquilidade, exilado na Gália. O autor de um popular romance de cavalaria do século xiv discordou. Rezava a lenda que Pilatos fora atirado pelos seus inimigos para um poço profundo, em Lausanne, onde passara doze anos sozinho, no escuro, a chorar inconsolavelmente.

Grande parte do folclore tradicional retratou-o como uma alma imortal, condenada a vaguear pelo campo por toda a eternidade, com as mãos encharcadas pelo sangue de Jesus. Uma lenda alegou que ele vivia no topo de uma montanha, perto de Lucerna. A história foi tão persistente que, no século xiv, o nome do maciço montanhoso foi mudado para Monte Pilatus. Dizia-se que, todas as sextas-feiras santas, era possível ver Pilatos sentado numa cadeira de juiz, no meio de um lago fétido. Outras vezes, era visto empoleirado numa rocha, a escrever. Em 1859, Richard Wagner escalou o Pilatus para investigar com os seus próprios olhos. Nove anos depois, a rainha Vitória, acompanhada por uma comitiva real, fez o mesmo.

— Na verdade, eu próprio já o escalei uma vez — confessou Donati.

— E viste-o?

— Não.

— Isso é porque ele nunca esteve lá.

— Onde é que ele esteve?

— A maioria dos Padres da Igreja acreditava que ele se tinha suicidado, pouco tempo depois de regressar a Roma. Mas Orígenes, o primeiro grande teólogo e filósofo da Igreja primitiva, estava convencido de que Pilatos tinha recebido autorização para viver o que restava da sua vida em paz. Concordo com Orígenes, pelo menos neste ponto. Dito isto, suspeito que discordássemos na questão de como Pilatos passou a sua reforma.

— Achas que ele se dedicou a escrever?

— Não, Luigi. Eu sei que Pôncio Pilatos escreveu um relato detalhado dos seus anos conturbados como prefeito da província romana da Judeia, incluindo o seu papel na mais assombrosa execução da História da Humanidade. — O dedo do padre Jordan bateu suavemente sobre a página envolta em plástico. — E esse relato foi usado como fonte do evangelho pseudoepigráfico com o seu nome.

— Quem foi o verdadeiro autor?

— Se tivesse de arriscar um palpite, diria que foi um romano altamente educado, fluente em latim e grego, com um profundo conhecimento da história dos judeus e da Lei de Moisés.

— Gentio ou judeu?

— Provavelmente, gentio. Mas o importante é que era um cristão

profundamente comprometido.

— Estás a sugerir que Pilatos também se tornou cristão?

— Pilatos? Por amor de Deus, claro que não. Isso é um absurdo apócrifo. Não tenho dúvidas de que se manteve pagão até ao seu último suspiro. O Evangelho segundo Pilatos é uma obra de História, não de fé. Ao contrário dos autores dos evangelhos canónicos, Pilatos tinha visto Jesus com os seus próprios olhos. Sabia como era a Sua aparência, como falava. E, mais importante do que isso, sabia exatamente porque é que Jesus foi condenado à morte. Afinal, foi ele que o enviou para a cruz.

— Porque é que ele escreveu sobre isso? — perguntou Gabriel.

— É uma boa pergunta, senhor Allon. Porque é que qualquer funcionário público ou figura política escreve sobre o seu papel num acontecimento importante?

— Para ganhar dinheiro — gracejou Gabriel.

— No século i, não era assim. — O padre Jordan sorriu. — Para além disso, Pilatos não precisava de dinheiro. Tinha usado o seu cargo de prefeito para enriquecer.

— Nesse caso — disse Gabriel —, suponho que quisesse contar a sua versão da história.

— Correto — disse o padre Jordan. — Lembre-se, Pilatos era apenas um pouco mais velho do que Jesus. Se tiver vivido mais quinze anos, depois da Crucificação, deve ter sabido que os seguidores do homem que executou em Jerusalém estavam nas etapas iniciais da formação de uma nova religião. Se tiver vivido até aos setenta anos, o que não era inédito no século i, deve ter estado muito ocupado para não reparar no florescimento da Igreja primitiva em Roma.

— Quando é que achas que Pilatos escreveu o seu relato? — perguntou Donati.

— Isso é impossível de saber. Mas acredito que o livro que se tornou conhecido como o Evangelho segundo Pilatos foi escrito aproximadamente na mesma altura do que o Evangelho segundo Marcos.

— O autor do Marcos teria tido conhecimento da sua existência?

— Possivelmente. Também é possível que o autor do Evangelho segundo Pilatos soubesse da existência do Marcos. Mas a questão mais relevante é: porque é que o Marcos foi canonizado e o Evangelho segundo Pilatos implacavelmente ocultado?

— E a resposta?

— Porque o Evangelho segundo Pilatos proporciona um relato completamente diferente dos últimos dias de Jesus em Jerusalém, que contradiz a doutrina e o dogma da Igreja. — O padre Jordan fez uma pausa. — Agora, faz a próxima pergunta óbvia, Luigi.

— Se o Evangelho segundo Pilatos foi ocultado e procurado pela

Igreja para ser destruído, como é que sabes da sua existência?

— Ah, sim — disse o padre Jordan. — Essa é a parte verdadeiramente interessante da história.

ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

Para contar a história de como soubera da existência do Evangelho segundo Pilatos, o padre Jordan teve, primeiro, de explicar como o livro fora difundido e, posteriormente, ocultado. Contou que o livro fora escrito, inicialmente, em papiro, tal como os evangelhos canônicos, embora em latim em vez de grego. Calculava que tivesse sido copiado e recopiado neste formato frágil e instável talvez uma centena de vezes e que tivesse circulado entre a parte da Igreja primitiva que era fluente em latim. Por volta do início do segundo milênio, foi editado em formato de livro pela primeira vez, quase de certeza num mosteiro da península italiana. Tal como os *Acta Pilati*, o Evangelho segundo Pilatos foi amplamente lido durante o Renascimento.

— Os *Acta* foram traduzidos para várias línguas e circularam por todo o mundo cristão. Mas o Evangelho segundo Pilatos nunca foi traduzido do latim original, portanto, os seus leitores pertenciam a uma elite.

— Por exemplo? — perguntou Donati.

— Artistas, intelectuais, nobres e padres ou monges ousados que estavam dispostos a arriscar a ira de Roma.

Antes que Donati pudesse colocar a questão seguinte, o seu telemóvel anunciou a chegada de uma mensagem.

O padre Jordan lançou-lhe um furioso olhar de repreensão.

— Essas coisas não são permitidas aqui.

— Desculpa, Robert, mas receio que eu viva no mundo real. — Donati leu a mensagem, inexpressivamente. Depois, desligou o telefone e perguntou ao padre Jordan quando é que o Evangelho segundo Pilatos fora ocultado.

— Só no século xiii, quando o papa Gregório IX lançou a Inquisição. Embora ele estivesse mais preocupado com a ameaça à ortodoxia suposta pelos cátaros e pelos valdenses, o Evangelho segundo Pilatos estava num lugar cimeiro na sua lista de heresias. Descobri três referências ao livro nos ficheiros da Inquisição. Ninguém parece ter

reparado nelas senão eu.

— Suponho que Sua Santidade tenha encomendado essa tarefa aos dominicanos.

— A quem é que havia de ter sido?

— E, por acaso, eles conservaram algum exemplar?

— Acredita, eu perguntei.

— E?

O padre Jordan pousou a mão na página.

— Muito provavelmente, este é o último. Mas, na altura, eu estava convencido de que tinha de existir outro exemplar algures, provavelmente escondido na biblioteca ou no arquivo de alguma família nobre. Percorri Itália de lés a lés, durante anos, a bater à porta de palazzi antigos e degradados, a bebericar *espresso* e vinho com condes e condessas decadentes e até com um ou outro príncipe e *principessa* excêntricos. E, então, no final de uma tarde, na cave gotejante de um palácio outrora grandioso, no Trastevere, encontrei.

— O livro?

— Uma carta — disse o padre Jordan. — Foi escrita por um homem chamado Tedeschi. Descrevia, detalhadamente, um interessante livro que tinha acabado de ler chamado Evangelho segundo Pilatos. Continha citações diretas, incluindo uma passagem relativa à decisão de executar um homem chamado Jesus de Nazaré, um galileu problemático que provocara um tumulto no Pórtico Real do Templo, durante a Páscoa Judaica.

— A família deixou-te ficar com ela?

— Não me dei ao trabalho de pedir.

— Robert...

O padre Jordan fez um sorriso malicioso.

— Onde é que está agora?

— A carta? Num local seguro, garanto-te.

— Quero-a.

— Não posso dar-ta. Para além do mais, disse-te tudo aquilo que precisas de saber. O Evangelho segundo Pilatos põe em causa o relato do Novo Testamento sobre o que originou o cristianismo. Por essa razão, é um livro perigosíssimo.

O beneditino apareceu à entrada da porta.

— Receio que tenha de trabalhar na cozinha, esta noite — disse o padre Jordan.

— Qual é a ementa?

— Sopa da pedra, creio eu.

Donati sorriu.

— A minha preferida.

— É a especialidade da casa. Podem juntar-se a nós, se quiserem.

— Talvez noutra altura.

O padre Jordan ergueu-se.

— Foi ótimo voltar a ver-te, Luigi. Se alguma vez quiseses fugir daquilo tudo, eu posso dar uma palavrinha ao abade.

— O meu mundo é lá fora, Robert.

O padre Jordan sorriu.

— Falaste como um autêntico teólogo da libertação.

Donati esperou até transporem os muros da abadia para ligar o telemóvel. Várias mensagens não lidas inundaram o ecrã. Eram todas da mesma pessoa: Alessandro Ricci, o correspondente do *La Repubblica* no Vaticano.

— Foi ele que me enviou mensagem, quando estávamos a falar com o padre Jordan.

— Qual era o assunto?

— Não disse, mas, pelos vistos, é urgente. Provavelmente, devíamos ouvir o que ele tem para dizer. O Ricci sabe mais sobre o funcionamento interno da Igreja do que qualquer outro jornalista do mundo.

— Esqueceste-te de que sou o diretor-geral dos serviços secretos israelitas? — Donati não respondeu. Estava a escrever furiosamente no telemóvel. — Ele estava a mentir, sabias?

— O Alessandro Ricci? — perguntou Donati, distraidamente.

— O padre Jordan. Sabe mais sobre o Evangelho segundo Pilatos do que nos disse.

— Consegues perceber quando alguém está a mentir?

— Sempre.

— Como é que consegues viver assim?

— Não é fácil — disse Gabriel.

— Pelo menos, disse a verdade sobre uma coisa.

— O quê?

Donati ergueu o olhar do telemóvel.

— Não há ninguém chamado padre Joshua a trabalhar no Arquivo Secreto.

VIA DELLA PAGLIA, ROMA

Alessandro Ricci vivia numa extremidade tranquila da Via della Paglia, num pequeno prédio de cor rosada. O seu nome não aparecia no painel do intercomunicador. O trabalho de Ricci tinha-lhe granjeado uma longa lista de inimigos, alguns dos quais o queriam ver morto.

Donati premiu o botão correto e, imediatamente, foi-lhes permitida a entrada. Ricci aguardava no patamar do segundo andar, inteiramente vestido de negro. Os seus óculos modernos também eram negros e estavam apoiados sobre uma cabeça careca extremamente brilhante. O seu olhar estava fixo, não no homem alto e bonito que envergava a batina de arcebispo, mas na figura de altura mediana e casaco de cabedal que estava ao seu lado.

— Santo Deus, é você! O grande Gabriel Allon, salvador de *Il Papa*.

Conduziu-os até ao interior do apartamento, que, claramente, nunca seria confundido com a casa de ninguém senão de um escritor, e divorciado. Não havia uma única superfície plana que não tivesse livros e papéis empilhados. Ricci pediu desculpa pela desarrumação. Passara grande parte do dia na BBC, onde o seu inglês com sotaque elegante era muito procurado. Tinha de regressar ao Vaticano daí a duas horas, para uma intervenção para a CNN. Não tinha muito tempo para conversar.

— É uma pena — acrescentou, com um olhar de soslaio para Gabriel. — Tenho algumas perguntas que gostaria de lhe fazer.

Ricci desocupou duas cadeiras e retirou, imediatamente, um maço de tabaco amarrotado do bolso interior do casaco. Donati, por sua vez, sacou a sua elegante cigarreira dourada. Seguiram-se os familiares rituais dos viciados em tabaco: o acender de um isqueiro, a oferta de lume, um momento ou dois de conversa fiada. Ricci expressou as suas condolências pela morte de Lucchesi. Donati perguntou sobre a mãe de Ricci, que estivera doente.

— A carta do Santo Padre significou muito para ela, Vossa Excelência.

— Mas não o impediu de escrever um artigo bastante desagradável sobre o dinheiro que o Vaticano andava a gastar na renovação dos apartamentos de certos cardeais da Cúria.

— Cometi alguma imprecisão?

— Nem uma.

O tema de conversa passou para o conclave que se aproximava. Ricci tentou extrair de Donati alguma informação interessante, algo que pudesse revelar à sua audiência americana nessa noite. Um apontamento suculento de intriga curial seria suficiente. Donati não lhe fez a vontade. Alegou que estivera demasiado ocupado a colocar os seus assuntos em ordem para dedicar muito tempo a pensar no sucessor de Lucchesi. Perante isso, Ricci sorriu. Era o sorriso de um jornalista que sabia de alguma coisa.

— Foi por isso que, na quinta-feira passada, foi a Florença para encontrar o guarda suíço desaparecido?

Donati não se deu ao trabalho de negar.

— Como é que soube?

— A Polizia tem fotografias suas na Ponte Vecchio. — Ricci olhou para Gabriel. — Suas, também.

— Porque é que não tentaram contactar-me? — perguntou Donati.

— O Vaticano pediu-lhes que não o fizessem. E, por algum motivo, a Polizia concordou em mantê-lo fora disso.

Donati apagou o cigarro.

— Que mais é que você sabe?

— Sei que Vossa Excelência estava a jantar com a Veronica Marchese, na noite em que o Santo Padre morreu.

— Onde é que ouviu uma coisa dessas?

— Vá lá, Arcebispo Donati. Sabe que não posso divulgar...

— Onde? — perguntou Donati, sem se alterar.

— De uma fonte próxima do camerlengo.

— Isso quer dizer que veio diretamente do Albanese.

O jornalista não disse nada, praticamente confirmando as suspeitas de Donati.

— Porque é que não publicou a história? — perguntou.

— Escrevi-a, mas queria dar-lhe uma oportunidade de comentar, antes de carregar no botão.

— Quer que responda a quê, exatamente?

— Porque é que esteve a jantar com a esposa de um falecido mafioso, na noite em que o Santo Padre morreu? E porque é que estava a poucos metros do Niklaus Janson, quando ele foi assassinado na Ponte Vecchio?

— Receio não poder ajudá-lo, Alessandro.

— Então, deixe-me ajudá-lo *a si*, Vossa Excelência.

Cautelosamente, Donati perguntou:

— Como?
— Diga-me o que realmente aconteceu naquela noite, no Palácio Apostólico, e eu asseguro-me de que ninguém irá, nunca, descobrir onde é que Vossa Excelência estava.

— Está a fazer chantagem comigo?
— Isso nunca me passaria pela cabeça.
— Um homem idoso morreu na sua cama — disse Donati, passado um momento. — Foi simplesmente isso que aconteceu.

— O Lucchesi foi assassinado. E Vossa Excelência sabe disso. Foi por isso que veio aqui hoje.

Donati foi lento a levantar-se.

— Devia ter consciência de que está a ser usado.

— Sou jornalista, estou habituado.

Donati chamou Gabriel com um aceno da cabeça.

— Antes de ir embora — disse Ricci —, há mais uma coisa que devia saber. Há duas horas, disse a um canal de televisão internacional que achava que o cardeal José Maria Navarro seria o próximo Sumo Pontífice da Igreja Católica Romana.

— Uma opção ousada da sua parte.

— Estava a mentir, Vossa Excelência.

— Tenho a certeza de que não foi a primeira vez. — Donati arrependeu-se imediatamente das suas palavras. — Desculpe-me, Alessandro. Foi um longo dia. Não se incomode em levantar-se. Nós saímos sozinhos.

— Não vai perguntar-me o nome do próximo papa, Vossa Excelência?

— É impossível que o Alessandro...

— É o cardeal Franz von Emmerich, o arcebispo de Viena.

Donati franziu o sobrolho.

— O Emmerich? Não está na lista de ninguém.

— Está na única lista que interessa.

— A lista de quem?

— A que está no bolso do bispo Hans Richter.

— Ele está a planear roubar o papado? É isso que está a dizer?

Ricci fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Como?

— Com dinheiro, Vossa Excelência. Como é que havia de ser? O dinheiro faz o mundo girar. A Ordem de Santa Helena também.

VIA DELLA PAGLIA, TRASTEVERE

Alessandro Ricci começou por recordar a Donati que, durante o último ano do papado de Wojtyła, publicara um *best-seller* sobre a Ordem de Santa Helena que, não obstante o estado do seu apartamento, fizera dele um homem rico. Não rico como um investidor em fundos especulativos, apressou-se a acrescentar, mas com dinheiro suficiente para cuidar da mãe e de um irmão que nunca trabalhara um dia na vida. O polaco não tinha gostado do livro. Nem o bispo Hans Richter, que aceitara ser entrevistado para o projeto. Seria a última vez que se sujeitaria a ser questionado por um jornalista.

Donati concedeu a si próprio o luxo de um sorriso à custa do bispo Richter.

— Foi *bastante* indelicado com ele.

— Leu o livro?

Donati retirou, deliberadamente, outro cigarro da sua cigarreira.

— Continue.

O livro, explicou Ricci, expôs de forma inclemente a relação próxima da Ordem com Hitler e com os nazis, durante a Segunda Guerra Mundial. Ela nem sempre fora tão rica. Na verdade, durante a depressão dos anos trinta, o fundador da Ordem, o padre Ulrich Schiller, fora forçado a vaguear pela Europa, de chapéu na mão, em busca de doações de patronos abastados. Mas, enquanto o continente se encaminhava para a guerra, o padre Schiller desenvolveu um método muito mais lucrativo para encher os seus cofres. Extorquiu dinheiro e bens valiosos a judeus endinheirados, em troca de promessas de proteção.

— Uma das vítimas do padre Schiller vivia aqui, no bairro de Trastevere. Era proprietário de várias fábricas no Norte. Em troca de certidões de batismo falsas para ele e para a família, deu à Ordem várias centenas de milhares de liras em dinheiro, juntamente com inúmeras pinturas de Velhos Mestres italianos e uma coleção de livros raros.

— Por acaso, lembra-se do nome dele? — perguntou Gabriel.
— Porque é que pergunta? — respondeu Ricci, revelando o ouvido apurado de um jornalista experiente.

— Estou curioso, só isso. As histórias sobre arte intrigam-me.

— Está tudo no meu livro.

— Não terá por aqui um exemplar, não?

Ricci inclinou a cabeça na direção da parede de livros.

— Chama-se *A Ordem*.

— É apelativo. — Gabriel deambulou até às prateleiras e inclinou o pescoço para o lado.

— Na segunda prateleira, perto do final.

Gabriel retirou o livro e voltou a sentar-se no seu lugar.

— Capítulo quatro — disse Ricci. — Ou talvez cinco.

— Qual deles?

— Cinco. Cinco, sem dúvida.

Gabriel folheou as páginas do livro, enquanto o seu autor retomava a palestra sobre as finanças da Ordem de Santa Helena. No final da guerra, disse, tinha esgotado todas as suas reservas de dinheiro. A sua sorte mudou com o eclodir da Guerra Fria, quando o papa Pio XII, um cruzado anticomunista, inundou o padre Schiller e os seus padres de direita com dinheiro. O papa João XXIII voltou a limitar o orçamento da Ordem, mas, no início dos anos oitenta, esta não só era financeiramente independente, como também fabulosamente rica. Alessandro Ricci não conseguira identificar com precisão a origem da reviravolta financeira da Ordem (pelo menos, não de uma forma que satisfizesse o seu editor avesso a riscos, que temia um processo judicial). Porém, neste momento, Ricci estava confiante de que conhecia a identidade do principal benfeitor da Ordem. Era um solitário bilionário alemão chamado Jonas Wolf.

— O Wolf é um católico tradicionalista que celebra diariamente a missa tridentina na sua capela privada. É também proprietário de um conglomerado alemão conhecido como Wolf Group. A companhia não é transparente, para não dizer mais. Mas, na minha opinião, a empresa não é mais do que a Ordem de Santa Helena Inc. Foi o Jonas Wolf que forneceu o dinheiro para comprar o papado.

— E tem a certeza de que é o Emmerich? — perguntou Donati.

— Não tenho a menor dúvida. No próximo sábado à noite, no máximo, o Franz von Emmerich vai estar na varanda da Basílica de São Pedro, vestido de branco. O verdadeiro papa, no entanto, vai ser o bispo Hans Richter. — Ricci abanou a cabeça com desagrado. — Parece que, afinal, a Igreja não mudou assim tanto. Recorde-me, Vossa Excelência. Quanto é que o Rodrigo Borgia deu ao Sforza, em 1492, para garantir o papado?

— Se a memória não me falha, foram quatro mulas carregadas com

prata.

— Isso é uma ninharia, comparado com o que o Wolf e o Richter pagaram.

Donati fechou os olhos e apertou a cana do nariz.

— Quanto é que lhes custou?

— Os italianos ricos não saíram propriamente baratos. Os prelados mais pobres do Terceiro Mundo arrecadaram algumas centenas de milhares cada. A maioria não se importou nada de aceitar o dinheiro da Ordem, mas alguns foram chantageados para aceitar.

— Como?

— Como *prefetto* do Arquivo Secreto, o cardeal Albanese teve acesso a um grande número de segredos sujos, a maioria de natureza sexual. Disseram-me que o bispo Richter os usou implacavelmente.

— Como é que os subornos foram pagos?

— A Ordem considera-os doações, Vossa Excelência, não subornos. O que significa que é tudo perfeitamente admissível, no que à Igreja diz respeito. Na verdade, está sempre a acontecer. Lembra-se daquele cardeal americano que foi apanhado no escândalo dos abusos sexuais? Distribuiu dinheiro pela Cúria como se fossem tostões num leilão, para salvar a sua carreira. Não foi o seu dinheiro pessoal, como é óbvio. Foi doado pelos paroquianos da sua arquidiocese.

— Quem é a sua fonte? — perguntou Donati. — E não tente esconder-se atrás de uma capa galante de integridade jornalística.

— Digamos, simplesmente, que a minha fonte tem conhecimento em primeira mão do esquema do Richter.

— Ofereceram-lhe um pagamento?

Ricci assentiu com a cabeça.

— Mostrou-lhe alguma prova?

— A oferta foi feita verbalmente.

— O que explica o motivo pelo qual a notícia não foi impressa.

— Impressa? Está a revelar claramente a sua idade, Vossa Excelência.

— Trabalho para a instituição mais antiga do planeta. — Donati esmagou o cigarro como se estivesse a jurar nunca mais voltar a fumar. — E, agora, acha que lhe vou dizer tudo o que sei para que possa escrever a sua notícia e pôr o conclave em polvorosa?

— Se eu não contar o que sei, o bispo Richter e o amigo Jonas Wolf vão assumir o controlo da Igreja. É isso que Vossa Excelência quer?

— Você é, sequer, um católico praticante?

— Não vou à missa há vinte anos.

— Então, poupe-me a santimónia, por favor. — Donati esticou o braço para a cigarreira, mas parou. — Dê-me até quinta-feira à noite.

— Não vai ser possível aguentar tanto tempo. Tenho de publicar a notícia, no máximo, amanhã.

— Se o fizer, vai estar a cometer o maior erro da sua carreira.

Ricci olhou de relance para o telemóvel.

— Tenho de voltar para o Vaticano, para a minha intervenção para a CNN. Tem a certeza de que não tem nada para mim?

— O Espírito Santo irá determinar a identidade do próximo pontífice romano.

— Dificilmente. — Ricci virou-se para Gabriel, que ainda não levantara os olhos do livro. — Encontrou o que procurava, senhor Allon?

— Sim — disse Gabriel. — Creio que sim. — Ergueu o livro. — Há alguma hipótese de eu poder ficar com isto?

— Receio que seja o meu último exemplar. Mas o livro tem constantes reedições.

— Sorte a sua. — Gabriel devolveu o livro a Ricci. — Tenho a sensação de que se vai tornar, novamente, num *best-seller*.

TRASTEVERE, ROMA

Após deixarem o apartamento de Alessandro Ricci, Gabriel e Donati deambularam durante muito tempo pelas ruas do Trastevere (Regio XIV, o nome pelo qual Pilatos o teria conhecido), aparentemente sem direção nem destino. O estado de espírito de Donati estava tão negro como a sua batina. Era aquele o Luigi Donati, pensou Gabriel, que fizera tantos inimigos no seio da Cúria romana. O impiedoso cérbero do papa, um homem duro, vestido de negro, de chicote e cadeira. Mas era, também, um homem de enorme fé que, tal como Gabriel, fora amaldiçoado com um inabalável sentido do bem e do mal. Não tinha medo de sujar as mãos e também não dava frequentemente a outra face. Na verdade, se tivesse oportunidade, geralmente, preferia retribuir o favor.

Uma *piazza* retangular abriu-se à sua frente. Num lado, havia uma *gelateria* e, no outro, a Igreja de Santa Maria della Scala. Apesar da hora tardia, as portas estavam abertas. Vários jovens romanos, homens e mulheres de vinte e tal anos, sentados nos degraus num ambiente de sorrisos e gargalhadas, pareceram animar momentaneamente Donati.

— Preciso de fazer uma coisa.

Entraram na igreja. A nave resplandecia à luz das velas e estava repleta de, possivelmente, mais de uma centena de jovens católicos, a maioria embrenhada em animadas discussões. Dois cantores *folk* dedilhavam guitarras junto ao altar e, nos corredores laterais, cerca de meia dúzia de padres sentados em cadeiras desdobráveis ofereciam aconselhamento espiritual e ouviam confissões.

Donati examinou a cena com evidente aprovação.

— É um programa que eu e o Lucchesi criámos, há alguns anos. Uma ou duas vezes por semana, abrimos uma das igrejas históricas e oferecemos aos jovens um lugar para passarem uma ou duas horas, livres das distrações do mundo exterior. Como podes ver, não há muitas regras. Acender uma vela, dizer uma oração, fazer um novo amigo. São pessoas que têm outros interesses para além de publicarem fotografias suas nas redes sociais. Dito isto, não os desencorajamos de

partilhareм as suas experiências *online*, se tiverem vontade. — Baixou a voz. — Até a Igreja tem de se adaptar.

— É extraordinário.

— Não estamos tão mortos como os nossos críticos gostam de pensar. Esta é a minha Igreja em ação. Esta é a Igreja do futuro. — Donati gesticulou na direção de um banco vazio. — Fica à vontade. Eu não demoro.

— Onde é que vais?

— Quando perdi o Lucchesi, perdi o meu confessor.

Donati dirigiu-se ao corredor lateral e sentou-se diante de um jovem padre surpreendido. Assim que o desconforto inicial do encontro se desvaneceu, o jovem padre adotou uma expressão séria, enquanto ouvia o antigo secretário pessoal do papa a aliviar a sua alma. Gabriel mal podia imaginar que transgressões o seu velho amigo poderia ter cometido, enquanto estava enclausurado no Palácio Apostólico. Sempre tivera um pouco de inveja do sacramento católico da confissão. Era bem menos complicado do que o suplício de um dia de fome e expiação que os judeus tinham infligido a si próprios.

Donati estava inclinado para a frente, com os cotovelos nos joelhos. Gabriel olhou em frente, na direção da pequena cruz dourada, o instrumento de brutalidade romana que coroa a baldaquino. O imperador Constantino alegara tê-la visto no céu, sobre a Ponte Mílvia, e fizera dela o símbolo da nova fé. Para os judeus da Europa medieval, contudo, a cruz fora algo a temer. Fora brasonada a vermelho nas túnicas dos Cruzados que, a caminho de Jerusalém, tinham massacrado os antepassados de Gabriel na Renânia. E pendera em redor dos pescoços de muitos dos assassinos que tinham lançado milhões para as chamas em Treblinka, Sobibor, Chelmno, Belzec, Majdanek e Birkenau, ações pelas quais não tinham recebido uma única palavra de reprovação do seu líder espiritual em Roma.

Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos...

Depois de aceitar a absolvição do jovem padre, Donati atravessou a nave e ajoelhou-se ao lado de Gabriel, com a cabeça curvada em oração. Finalmente, fez o sinal da cruz e sentou-se no banco.

— Também disse uma por ti. Achei que mal não devia fazer.

— É bom saber que ainda tens sentido de humor.

— Acredita, está por um fio. — Donati olhou para os dois cantores *folk*. — Mas o que é aquela canção que eles estão a tocar?

— Estás a perguntar-me a mim?

Donati riu-se silenciosamente.

— Não sei se sabes — disse Gabriel —, mas é suposto eu estar de férias com a minha esposa e os meus filhos.

— Podes tirar férias em qualquer altura.

— Na verdade, não posso.

Donati não respondeu.

— *Existe* uma saída relativamente fácil para esta situação — disse Gabriel. — Sê a segunda fonte para o artigo do Ricci. Conta-lhe tudo. Deixa isto explodir na imprensa. A Ordem nunca irá prosseguir com o plano nessas circunstâncias.

— Estás a subestimar o bispo Richter. — Donati olhou em redor da nave. — Então e isto? Como é que estes jovens se sentirão em relação à Igreja nesse momento?

— Mais vale um escândalo temporário do que Sua Santidade, o papa Emmerich.

— Talvez. Mas isso iria privar-nos de uma oportunidade valiosa de garantir que o próximo papa acaba o trabalho que o meu mestre começou. — Donati lançou um olhar de soslaio a Gabriel. — Não acreditas mesmo naquele absurdo de o Espírito Santo escolher o papa, pois não?

— Nem sequer sei o que é o Espírito Santo.

— Não te preocupes, não és o único.

— Tens algum candidato em mente? — perguntou Gabriel.

— O meu mestre e eu demos solidéus vermelhos a vários homens que seriam excelentes papas. Só preciso de ter acesso aos cardeais eleitores antes que eles entrem na Capela Sistina para votar.

— Na sexta-feira à tarde?

Donati abanou a cabeça.

— Sexta-feira é demasiado tarde. Teria de ser, no máximo, quinta-feira até ao final do dia. É nessa altura que os cardeais são fechados na Casa Santa Marta.

— Não vão estar isolados?

— Teoricamente. Mas, na verdade, o lugar é bastante permeável. Dito isto, não há nenhuma garantia de que o reitor do Colégio Cardinalício me permita falar com eles. A não ser que eu tenha provas concretas e irrefutáveis da conspiração da Ordem. — Donati deu uma palmadinha no ombro de Gabriel. — Creio que não seria muito difícil para um homem na tua posição.

— Foi exatamente o que disseste sobre o Niklaus Janson.

— Foi? — Donati sorriu. — Também gostava que me trouxesses provas de que a Ordem assassinou o meu mestre. E o livro, claro. Não podemos esquecer-nos do Evangelho segundo Pilatos.

Gabriel fitou a cruz dourada que coroava o baldaquino.

— Não se preocupe, Vossa Excelência. Nós não nos esquecemos.

EMBAIXADA DE ISRAEL, ROMA

Gabriel deixou Donati na Cúria Jesuíta e, depois, dirigiu-se para a embaixada de Israel. No andar inferior, trancou a primeira página do Evangelho segundo Pilatos num cofre do Departamento e ligou para Yuval Gershon, da Unidade 8200, de um telefone seguro no Santíssimo Lugar. Passava da meia-noite em Telavive. Gershon estava na cama.

— O que é agora? — perguntou ele, cautelosamente.

— Um conglomerado alemão chamado Wolf Group.

— Alguém em específico?

— Herr Wolf.

— Quão fundo?

— Proctológico.

Gershon expirou para o bocal do telefone.

— E eu a pensar que era alguma coisa irracional.

— Já vou chegar ao pedido irracional, daqui a um minuto.

— Andas à procura de alguma coisa em particular?

Gabriel recitou várias palavras-chave e nomes. Um dos nomes era o seu. Outro era o nome do oficial militar romano que fora prefeito da Judeia desde, aproximadamente, 26 E.C. até dezembro de 36.

— O Pôncio Pilatos? — perguntou Gershon.

— Quantos Pôncios Pilatos é que conheces, Yuval?

— Calculo que isto tenha alguma coisa a ver com a nossa visita ao Arquivo Secreto.

Gabriel indicou que tinha. Também insinuou que, enquanto estivera no interior do Arquivo, recebera a primeira página de um documento deveras interessante.

— De quem?

— De um padre chamado padre Joshua.

— Isso é estranho.

— Porquê?

— Porque tu e o Arcebispo Donati eram as únicas pessoas no Depósito de Manuscritos.

— Nós falámos com ele.
— Se tu o dizes. Que mais?
— O Instituto para as Obras de Religião, mais conhecido como Banco do Vaticano. Acabei de te enviar uma lista de nomes. Quero saber se algum deles recebeu pagamentos avultados recentemente.

- Define avultados.
- Seis ou mais dígitos.
- De quantos nomes estamos a falar?
- Cento e dezasseis.

Gershon praguejou suavemente.

— Estás a esquecer-te de que tenho fotografias tuas, vestido de padre?

- Eu compenso-te, Yuval.
- Quem são esses tipos?
- Os cardeais que vão eleger o novo papa.

Gabriel terminou a chamada e marcou o número de Yossi Gavish, o chefe da divisão de Investigação do Departamento. Nascido em Golders Green, educado em Oxford, ainda falava hebreu com um forte sotaque inglês.

- Padre Gabriel, presumo?
- Vê a tua caixa de entrada, meu filho.

Passou um momento.

— É adorável, chefe. Mas quem é ele?
— É um membro leigo de uma organização chamada Ordem de Santa Helena, mas tenho um pressentimento de que talvez seja um de nós. Circula a fotografia pelo edifício e envia-a para a delegação de Berlim.

- Porquê Berlim?
- Fala alemão com um sotaque bávaro.
- Temia que dissesse isso.

Gabriel desligou e fez mais uma chamada. Chiara atendeu, com a voz pesada de sono.

- Onde é que estás? — perguntou ela.
- Num local seguro.
- Quando é que vens para casa?
- Em breve.
- O que é que isso quer dizer?
- Quer dizer que preciso de encontrar uma coisa primeiro.
- É uma coisa boa?

— Lembras-te de quando eu e o Eli encontrámos as ruínas do Templo de Salomão?

- Como é que poderia esquecer-me?
- Talvez isto seja melhor.
- Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Fecha os olhos — disse Gabriel. — Deixa-me ouvir-te dormir.

Gabriel passou a noite num catre na delegação e, às sete e meia da manhã seguinte, telefonou ao general Cesare Ferrari. Informou o general de que precisava da ajuda do formidável laboratório da Brigada de Arte para testar um documento. Não disse que documento era nem onde o encontrara.

— Porque é que precisa dos nossos laboratórios? Os vossos são os melhores do mundo.

— Não tenho tempo de o enviar para Israel.

— De que tipo de testes estamos a falar?

— Análises de papel e de tinta. Também gostava que determinassem a idade.

— Esse documento é antigo?

— Vários séculos — disse Gabriel.

— Tem a certeza de que é papel, e não velino?

— Foi o que me disseram.

— Tenho uma reunião de equipa no *palazzo*, às dez e meia. — O *palazzo* era o elegante quartel-general em tom creme da Brigada de Arte, na Piazza di Sant'Ignazio. — Mas, se passar pela sala dos fundos do Caffè Greco às nove e um quarto, talvez me encontre a desfrutar de um *cappuccino* e de um *cornetto*^[7]. E, já agora — disse, antes de desligar —, também tenho uma coisa para lhe mostrar.

Gabriel chegou alguns minutos mais cedo. O general Ferrari tinha a sala dos fundos só para si. Da sua velha mala de couro, retirou uma pasta de arquivo da qual extraiu oito grandes fotografias que dispôs sobre a mesa. A última mostrava Gabriel a tirar a carteira do bolso de Niklaus Janson.

— Desde quando é que o comandante da Brigada de Arte tem acesso às fotografias de vigilância de uma investigação de homicídio?

— O chefe da Polizia queria que o Gabriel as visse. Tinha esperança de que conseguisse identificar o assassino.

O general pousou outra fotografia em cima da mesa. Um homem com capacete de motociclista e casaco de cabedal, com o braço direito estendido, uma arma na mão. Uma mulher nas proximidades apercebera-se da arma e abrira a boca para gritar. Gabriel desejava também a ter visto. Se assim fosse, talvez Niklaus Janson ainda estivesse vivo.

Gabriel examinou a roupa do atirador.

— Suponho que não tenha nenhuma sem capacete?

— Receio que não. — Ferrari devolveu as fotografias à pasta de arquivo. — Talvez devesse mostrar-me esse seu documento.

Estava trancado no interior de uma pasta de aço inoxidável. Gabriel

retirou-o e passou-o para o outro lado da mesa sem proferir uma palavra. O general analisou-o através da capa protetora de plástico.

— O Evangelho segundo Pilatos? — Ergueu os olhos para Gabriel.
— Onde é que arranjou isto?

— No Arquivo Secreto do Vaticano.

— Eles *deram-lho*?

— Não exatamente.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que eu e o Luigi entrámos clandestinamente no Arquivo e trouxemo-lo.

O general Ferrari voltou a baixar os olhos para o documento.

— Suponho que isto tenha alguma coisa a ver com a morte do Santo Padre.

— Assassínio — disse Gabriel com calma.

A expressão do general Ferrari manteve-se inalterada.

— Não parece terrivelmente surpreendido com as notícias, Cesare.

— Quando o arcebispo Donati me pediu que o contactasse em Veneza, supus que tivesse suspeitas sobre as circunstâncias da morte do Santo Padre.

— Ele mencionou um guarda suíço desaparecido?

— Talvez tenha mencionado. E uma carta desaparecida, também. — O general susteve a página em posição vertical. — É este o documento que o Lucchesi queria que visse?

Gabriel fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Nesse caso, não é necessário testá-lo. O Santo Padre não teria tentado dar-lho se não fosse genuíno.

— Iria sentir-me melhor se soubesse quando foi escrito e de onde vieram o papel e a tinta.

O general ergueu-o para junto da luz de um candeeiro suspenso sobre as suas cabeças.

— Tem razão, é, definitivamente, papel.

— Que idade poderá ter?

— As primeiras fábricas em Itália surgiram no final do século xiii, em Fabriano, e, ao longo do século xv, o papel foi, gradualmente, substituindo o velino na encadernação. Havia fábricas em Florença, Treviso, Milão, Bolonha, Parma e na sua amada Veneza. Devemos conseguir determinar se isto foi produzido numa delas. Mas não é algo que se possa fazer rapidamente.

— Quanto tempo vai demorar?

— Para fazer bem o trabalho... várias semanas.

— Vou precisar dos resultados um pouco antes disso.

O general suspirou.

— Se não fosse por si — disse Gabriel —, ainda estaria em Veneza com a minha família.

— Por mim? — O general abanou a cabeça. — Eu fui apenas o mensageiro. Foi o Pietro Lucchesi que o chamou. — Olhou de relance para a pasta de arquivo. — Essas fotografias são para si. Uma pequena lembrança da sua breve visita ao nosso país. Não se preocupe com a Polizia. Vou pensar nalguma coisa para lhes dizer. Penso sempre.

Com isso, o general partiu. Gabriel consultou o telefone e viu que recebera uma mensagem de Christoph Bittel, o seu amigo do serviço de segurança suíço.

Liga-me assim que puderes. É urgente.

Gabriel marcou o número.

Bittel atendeu imediatamente.

— Pelo amor de Deus, por que raio é que demoraste tanto tempo?

— Por favor diz-me que ela está bem.

— A Stefani Hoffmann? Está ótima. Estou a ligar-te por causa do homem daquele teu retrato-robô.

— O que é que tem?

— Não é algo que devamos discutir ao telefone. Quão depressa consegues chegar a Zurique?

[7] Doce italiano muito semelhante ao *croissant* francês, mas com menos manteiga. (N.T.)

CAPELA SISTINA

Do interior da Capela Sistina vinha o clamor profano de marteladas. O cardeal Domenico Albanese subiu dois degraus baixos e entrou. Uma rampa de madeira recém-instalada inclinava-se na direção da abertura da *transenna*, a placa de mármore que dividia a capela em dois. Para lá dela, estendia-se um soalho de madeira temporário coberto por uma carpete castanho-clara. Doze mesas compridas erguiam-se ao longo das extremidades da capela, duas filas de três em cada lado, cobertas por baeta castanho-clara, com saias magentas plissadas.

No centro do espaço, encontrava-se uma pequena mesa ornamentada, com pernas finas e curvas. Para já, a mesa estava vazia. Mas, na sexta-feira à tarde, quando os cardeais eleitores entrassem na capela para dar início ao conclave, haveria uma Bíblia aberta na primeira página do Evangelho segundo Mateus. Cada cardeal, incluindo Albanese, colocaria a mão sobre o Evangelho e faria um juramento de sigilo. Também juraria não conspirar com «nenhum grupo de pessoas ou indivíduos» que desejasse interferir na eleição do próximo pontífice romano. Quebrar este juramento sagrado seria um grave pecado. Um pecado capital, pensou Albanese.

O som dos martelos intrometeu-se no seu devaneio. Os trabalhadores estavam a construir uma plataforma para as câmaras, perto dos fornos. A primeira hora do conclave (a procissão de abertura, o canto de *Veni Creator Spiritus*, o juramento) seria transmitida pela televisão. Depois disso, o mestre de celebrações litúrgicas pontifícias anunciaria *Extra omnes* e as portas seriam encerradas e trancadas pelo exterior.

Lá dentro, realizar-se-ia uma primeira votação, que serviria, pelo menos, para ter uma noção do sentido de voto da sala. Os escrutinadores e revisores realizariam as devidas diligências, verificando e voltando a verificar a contagem. A acreditar na propaganda pré-conclave, o cardeal José Maria Navarro emergiria como líder inicial da corrida. Os votos seriam, então, queimados no

mais antigo dos dois fornos. O segundo forno libertaria, simultaneamente, uma coluna de fumo preto, intensificado quimicamente. E, dessa forma, os fiéis reunidos na Praça de São Pedro (e os não-fiéis debruçados sobre os computadores portáteis no centro de imprensa) saberiam que a Igreja de Roma continuava sem pontífice.

A vantagem do cardeal Navarro reduzir-se-ia na segunda votação. E, na terceira, um novo nome emergiria: o cardeal Franz von Emmerich, arcebispo de Viena e membro secreto da Ordem de Santa Helena. Na quinta votação, Emmerich seria imparável. E, na sexta, o papado seria seu. Não, pensou Albanese subitamente. O papado seria da Ordem.

Planeavam desperdiçar pouco tempo a desfazer as modestas reformas levadas a cabo por Lucchesi e Donati. Todo o poder seria centralizado no Palácio Apostólico. Toda a dissidência seria implacavelmente reprimida. Não haveria mais conversas sobre mulheres no sacerdócio ou sobre o casamento de padres. Não haveria, também, quaisquer encíclicas sentidas sobre as alterações climáticas e os perigos inerentes à ascensão da extrema-direita na Europa Ocidental. Na verdade, o novo secretário de Estado forjaria laços estreitos entre a Santa Sé e os líderes autoritários da Itália, Alemanha, Áustria e França, todos católicos doutrinários que serviriam como um bastião contra o secularismo, o socialismo democrático e, claro, o Islão.

Albanese aproximou-se do altar. Atrás deste, estava o *Juízo Final*, de Miguel Ângelo, com o seu ciclone rodopiante de almas a erguer-se para o céu ou a cair nas profundezas do inferno. A pintura nunca deixava de comover Albanese. O medo de sofrer, para toda a eternidade, no vazio do submundo era a razão pela qual se tinha tornado padre.

Depois de esse medo ter estado adormecido em Albanese durante muitos anos, despertara novamente. Era verdade que o bispo Richter lhe concedera a absolvição pelo seu papel no assassinio de Pietro Lucchesi. Porém, no fundo do coração, Albanese não acreditava que um pecado mortal como esse pudesse ser verdadeiramente perdoado. Era verdade que fora o padre Graf quem executara a ação, mas Albanese fora cúmplice, antes e depois do ato. Desempenhara o seu papel impecavelmente, com uma exceção. Não conseguira encontrar a carta: a carta que Lucchesi estava a escrever a Gabriel Allon sobre o livro que encontrara no Arquivo Secreto. A única explicação era que Janson a tivesse levado. O padre Graf também o matara. Dois assassinios. Duas marcas negras na alma de Albanese.

Mais uma razão para que o conclave tivesse de decorrer exatamente como planeado. Albanese tinha a missão de garantir que os cardeais eleitores que aceitaram o dinheiro da Ordem votavam em Emmerich

no momento certo. Uma mudança súbita e definitiva a favor do austríaco levantaria suspeitas de fraude. O seu apoio tinha de ser construído gradualmente, voto a voto, para que nada parecesse descabido. Assim que Emmerich estivesse vestido de branco, a Ordem não enfrentaria qualquer ameaça de ser desmascarada. O Vaticano era uma das últimas monarquias absolutas do mundo, uma ditadura divina. Não haveria nenhuma investigação, nenhuma exumação do cadáver do falecido pontífice. Seria quase como se nunca tivesse acontecido.

A não ser, pensou Albanese, que houvesse outro desenvolvimento inesperado, como o que ocorrera na manhã anterior, no Arquivo Secreto. Não havia dúvidas de que Gabriel Allon e o arcebispo Donati tinham encontrado alguma coisa. O que era, Albanese não sabia dizer. Sabia apenas que, depois de terem abandonado o Arquivo, Allon e Donati tinham viajado para Assis, onde se tinham encontrado com o padre Robert Jordan, o maior perito da Igreja nos evangelhos apócrifos. Depois disso, tinham regressado a Roma, onde se tinham encontrado com um tal de Alessandro Ricci, o maior perito do mundo na Ordem de Santa Helena. Esses acontecimentos recentes dificilmente podiam ser vistos como um sinal encorajador.

— Verdadeiramente magnífico, não é?

Albanese virou-se, sobressaltado.

— Desculpe-me — disse o bispo Richter. — Não queria perturbá-lo.

Albanese dirigiu-se ao seu superior-geral com uma formalidade fria e distante.

— Bom dia, Vossa Excelência. O que o traz à Sistina?

— Disseram-me que talvez pudesse encontrar aqui o camerlengo.

— Há algum problema?

— Não, de todo. Na verdade, tenho notícias bastante boas.

— Quais?

— O Gabriel Allon acabou de sair de Roma.

ZURIQUE

Eram quatro e meia, quando Gabriel chegou a Zurique. Apanhou um táxi para a Paradeplatz, a Praça de São Pedro do sistema bancário suíço, e, depois, caminhou ao longo da majestosa Bahnhofstrasse até ao extremo norte do Zürichsee. Um *sedan BMW* aproximou-se do seu flanco na General-Guisan-Quai. Ao volante estava Christoph Bittel. Careca e com óculos, parecia, simplesmente, mais um poderoso banqueiro a caminho da sua casa à beira do lago, após um longo dia passado a contabilizar as riquezas ocultas de xeques árabes e oligarcas russos.

Gabriel deixou-se cair no banco do passageiro.

— Onde é que íamos?

— O homem do retrato-robô. — Suavemente, Bittel juntou-se ao trânsito da hora de ponta. — Desculpa ter demorado tanto tempo a estabelecer a ligação. Há alguns anos que não o vejo.

— Como é que se chama?

— Estermann — disse Bittel. — Andreas Estermann.

Tal como Gabriel suspeitava, Estermann era um profissional. Durante trinta anos, trabalhara para o BfV, os serviços secretos alemães. Naturalmente, o BfV mantinha ligações estreitas com os serviços correspondentes na Suíça, o NDB. No início da sua carreira, Bittel viajara para Colónia para passar informações aos seus homólogos sobre a atividade de espionagem soviética em Berna e Genebra. Estermann era o seu contacto.

— Quando a reunião terminou, convidou-me para uma bebida. O que foi estranho.

— Porquê?

— O Estermann não toca em álcool.

— Tem algum problema?

— Tem muitos problemas, mas o álcool não é um deles.

Nos anos que se seguiram ao primeiro encontro, Bittel e Estermann

viram-se de tempos a tempos, como é hábito nos praticantes do ofício dos segredos. Nenhum deles podia ser descrito como um super-herói. Não eram agentes operacionais, eram, simplesmente, polícias com um estatuto superior. Dirigiam investigações, escreviam relatórios e assistiam a inúmeras conferências onde o principal desafio era manter os olhos abertos. Sempre que os seus caminhos se cruzavam, partilhavam almoços e jantares. Frequentemente, Estermann passava informação a Bittel evitando os canais tradicionais. Quando era possível, Bittel retribuía, mas sempre com a aprovação das chefias. Os seus superiores consideravam Estermann um ativo valioso.

— E, depois, os aviões despenharam-se no World Trade Center, e tudo mudou. Principalmente, o Estermann.

— O que é que aconteceu?

— Dois anos antes do 11 de Setembro, tal como eu, o Estermann tinha passado da divisão de contraespionagem para a de contraterrorismo. Alegou que tinha conhecimento da célula de Hamburgo desde o início. Jurou que podia ter travado a concretização do plano, se os seus superiores lhe tivessem permitido fazer o seu trabalho devidamente.

— Alguma parte era verdade?

— Que ele, sozinho, podia ter prevenido o pior atentado terrorista da História? — Bittel abanou a cabeça. — Talvez o Gabriel Allon pudesse ter feito isso, mas não o Andreas Estermann.

— Como é que ele mudou?

— Tornou-se incrivelmente amargurado.

— Em relação a quem?

— Em relação aos muçulmanos.

— À Al-Qaeda?

— Não só à Al-Qaeda. O Estermann odiava todos os muçulmanos, principalmente os que viviam na Alemanha. Tornou-se incapaz de separar a linha dura jihadista do pobre marroquino ou turco que vinha para a Europa em busca de uma vida melhor. E piorou, depois do atentado no Vaticano. Perdeu completamente a perspetiva. Comecei a achar a companhia dele difícil de suportar.

— Mas mantiveram a relação?

— Somos um serviço pequeno. O Estermann era um multiplicador de forças. — Bittel sorriu. — Como tu, Allon.

Virou para o parque de estacionamento de uma marina que se estendia ao longo da margem ocidental do lago. No final do molhe, havia um café. Sentaram-se no exterior, sob o borrascoso ar noturno. Bittel pediu duas cervejas e respondeu a várias mensagens que recebera enquanto faziam a viagem de Munique.

— Desculpa. Estamos um bocado nervosos, neste momento.

— Porquê?

— Por causa das bombas na Alemanha. — Bittel perscrutou Gabriel por cima do telemóvel. — Por acaso, não sabes quem foram os autores, não?

— Os meus analistas acham que estamos a lidar com uma rede nova.

— Era mesmo aquilo de que precisávamos.

A empregada de mesa apareceu com as bebidas. Era uma mulher de cabelo negro brilhante, com cerca de vinte e cinco anos, muito bonita, iraquiana, talvez refugiada da Síria. Quando pousou a garrafa de cerveja diante de Gabriel, ele agradeceu-lhe em árabe. Seguiu-se uma breve troca de palavras de cortesia. Depois, a sorrir, a mulher retirou-se.

— De que é que estavam a falar? — perguntou Bittel.

— Ela estava a perguntar porque é que nos tínhamos sentado cá fora, junto ao lago, e não lá dentro, onde está quente.

— O que é que lhe disseste?

— Que somos agentes secretos e não queríamos falar em salas inseguras.

Bittel fez uma careta e bebeu um pouco da sua cerveja.

— Ainda bem que o Estermann não te viu a falar assim com ela. Ele não aprova que se seja cortês com imigrantes muçulmanos. Nem que se fale a sua língua.

— E o que é que ele acha dos judeus?

Bittel começou a puxar pedacinhos do rótulo da sua garrafa de cerveja.

— Vá lá, Bittel. Não vais ferir os meus sentimentos.

— É um bocadinho antissemita.

— Que grande surpresa.

— Normalmente, andam de mãos dadas.

— O quê?

— A islamofobia e o antissemitismo.

— Tu e o Estermann alguma vez discutiram religião?

— Constantemente. Sobretudo depois do atentado no Vaticano. Ele é um católico devoto.

— E tu?

— Eu sou de Nidwalden. Fui criado num lar católico, casei com uma rapariga católica, numa cerimónia celebrada pela Igreja, e os nossos três filhos foram batizados.

— Mas?

— Não vou à missa desde que rebentou o escândalo dos abusos sexuais.

— Segues os ensinamentos do Vaticano?

— Porque é que eu deveria segui-los, se eles não seguem?

— Suponho que o Estermann tenha discordado de ti.

Bittel assentiu com a cabeça.

— É membro leigo de uma ordem extremamente conservadora, com sede aqui na Suíça.

— A Ordem de Santa Helena.

Os olhos de Bittel semicerraram-se.

— Como é que sabes?

Gabriel hesitou.

— Calculo que o Estermann queria que entrasses na Ordem.

— Parecia um evangelista. Disse que eu podia ser um membro secreto, que mais ninguém saberia, para além do seu bispo. Também disse que havia muitas pessoas como nós, na Ordem.

— Como nós?

— Espiões e agentes de segurança. E também homens de negócios e políticos proeminentes. Disse que entrar na Ordem faria maravilhas pela minha carreira pós-NDB.

— Como é que lidaste com isso?

— Disse-lhe que não estava interessado e mudei de assunto.

— Quando é que foi a última vez que falaste com ele?

— Há cinco anos, pelo menos. Talvez seis.

— Em que ocasião?

— Quando o Estermann se reformou do BfV. Quis dar-me o seu novo contacto. Aparentemente, saiu-lhe a sorte grande. Está a trabalhar para uma grande firma alemã, com sede em Munique.

— O Wolf Group?

— Como é que...

— Foi um palpite certo — disse Gabriel.

— O Estermann disse-me para lhe ligar quando estivesse pronto para deixar o NDB. Há um escritório do Wolf Group aqui em Zurique. Ele disse que faria com que valesse a pena.

— Por acaso, não tens o número de telemóvel dele, não?

— Tenho, porquê?

— Gostava que aceitasses a oferta dele. Diz-lhe que vais estar em Munique na quarta-feira à noite. Diz-lhe que queres falar sobre o futuro.

— Mas eu não consigo, de forma nenhuma, ir a Munique na quarta-feira.

— Ele não precisa de saber disso.

— O que é que tens em mente?

— Bebidas. Num local tranquilo.

— Já te disse, ele não bebe. É um homem de *Coca-Cola Zero*. Sempre *Coca-Cola Zero*. — Bittel tamborilou sobre a mesa, pensativamente. — Há um lugar na Beethovenplatz chamado Café Adagio. Muito chique. Discreto, também. A questão é: o que é que vai acontecer quando ele lá chegar?

- Vou fazer-lhe algumas perguntas.
- Sobre o quê?
- A Ordem de Santa Helena.
- Porque é que estás interessado na Ordem?
- Assassinar um amigo meu.
- Quem é o amigo?
- Sua Santidade, o papa Paulo VII.

A expressão de Bittel não revelou qualquer emoção, muito menos surpresa.

- Agora percebo porque é que querias que vigiasse a Hoffmann.
- Envia a mensagem, Bittel.

Os seus polegares pairaram sobre o telemóvel.

— Sabes o que é que vai acontecer se me relacionarem com isto de alguma forma?

— O Departamento vai perder um parceiro valioso. E eu vou perder um amigo.

— Não tenho a certeza se quero ser teu amigo, Allon. Parece que todos os teus amigos acabam mortos. — Bittel digitou a mensagem e premiu ENVIAR. Passaram cinco longos minutos, até que o telefone soou com uma resposta. — Está combinado. Às seis da tarde, na quarta-feira, no Café Adagio. O Estermann está ansioso por isso.

Gabriel fitou as águas negras do lago.

— Já somos dois.

MUNIQUE

À exceção de alguns dias, em setembro de 1972, Munique nunca interessara muito ao Departamento. No entanto, nem que fosse apenas por razões sentimentais, a divisão de Logística mantinha uma grande *villa* muralhada no bairro boêmio de Schwabing, não muito longe do Englischer Garten. Eli Lavon chegou aí às dez e um quarto da manhã seguinte. Sombriamente, inspecionou o pesado mobiliário antigo da sala de visitas formal.

— Não acredito que estamos aqui outra vez. — Olhou para Gabriel e franziu o sobrolho. — É suposto estares de férias.

— Sim, eu sei.

— O que é que aconteceu?

— Uma morte na família.

— Os meus sentimentos.

Lavon atirou descuidadamente o seu saco de viagem para um sofá. Tinha cabelo ralo e desgrenhado e um rosto vulgar tão fácil de esquecer que até o mais talentoso pintor de retratos teria dificuldade em capturá-lo num quadro a óleo. Parecia ser um dos oprimidos da vida. Na verdade, era um predador natural, que conseguia seguir um espião altamente treinado ou um experiente terrorista por qualquer rua do mundo, sem atrair o mínimo interesse. Era, agora, o chefe da divisão do Departamento conhecida como o Neviot. Os seus agentes incluíam artistas de vigilância, carteiristas, ladrões e especialistas em colocar câmaras e dispositivos de escuta escondidos atrás de portas trancadas.

— No outro dia vi uma fotografia tua interessante. Estavas vestido de padre e a entrar no Arquivo Secreto do Vaticano com o teu amigo Luigi Donati. Só tive pena de não ter podido ir convosco. — Lavon sorriu. — Encontraram alguma coisa interessante?

— Pode dizer-se que sim.

Lavon ergueu uma mão minúscula.

— Por favor, conta.

— Provavelmente, devíamos esperar que os outros chegassem.

— Eles estão a caminho. *Todos*. — O isqueiro de Lavon acendeu-se.
— Suponho que isto tenha alguma coisa a ver com o infeliz falecimento de Sua Santidade, o papa Paulo VII.

Gabriel fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Suponho que Sua Santidade não tenha morrido de causas naturais.

— Não — disse Gabriel. — Não morreu.

— Temos algum suspeito?

— Uma ordem católica com sede no cantão de Zug.

Lavon fitou Gabriel através de uma nuvem de fumo.

— A Ordem de Santa Helena?

— Já ouviste falar dela?

— Infelizmente, lidei com a Ordem numa vida anterior.

Durante um longo hiato do Departamento, Lavon dirigira uma pequena agência de investigação chamada Reclamações e Investigações Relativas ao Tempo de Guerra. Operando com um orçamento muito limitado, conseguira localizar bens pilhados durante o Holocausto no valor de milhões de dólares. Abandonou Viena depois de uma bomba ter destruído o seu escritório e matado duas das suas assistentes, ambas jovens. O autor, um antigo oficial das SS chamado Erich Radek, morrera na cela de uma prisão israelita. Fora Gabriel que o metera lá.

— Foi um caso que envolvia uma família vienense chamada Feldman — explicou Lavon. — O patriarca era o Samuel Feldman, um exportador abastado de têxteis de alta qualidade. No outono de 1937, enquanto as nuvens negras se adensavam sobre a Áustria, dois padres da Ordem vieram procurar o Feldman, no apartamento dele, no Primeiro Distrito. Um dos padres era o fundador da Ordem, o padre Ulrich Schiller.

— E o que é que o padre Schiller queria do Samuel Feldman?

— Dinheiro. O que é que havia de ser?

— O que é que estava a oferecer em troca?

— Certidões de batismo. O Feldman estava desesperado, portanto, deu uma quantia substancial de dinheiro e outros bens ao padre Schiller, incluindo várias pinturas.

— E quando os nazis entraram em Viena, em março de 1938?

— O padre Schiller e as prometidas certidões de batismo tinham desaparecido. O Feldman e a maioria da sua família foram deportados para o distrito de Lublin, na Polónia, onde foram assassinados pelos Einsatzgruppen. Uma criança sobreviveu à guerra na clandestinidade, em Viena, uma filha chamada Isabel. Veio ter comigo depois de o escândalo bancário suíço ter rebentado e contou-me a história.

— O que é que fizeste?

— Marquei um encontro com o bispo Hans Richter, o superior-geral

da Ordem de Santa Helena. Encontrámo-nos no seu priorado medieval, em Menzingen. Esse bispo é cá uma peça... Houve momentos em que tive de recordar a mim próprio que estava, realmente, a falar com um clérigo católico romano. Escusado será dizer que saí de mãos a abanar.

— Desististe?

— Eu? Claro que não. E, no espaço de um ano, encontrei outros quatro casos em que a Ordem solicitou doações a judeus em troca de promessas de proteção. O bispo Richter não aceitou voltar a encontrar-se comigo, portanto, entreguei o meu material a um jornalista de investigação chamado Alessandro Ricci. Ele encontrou mais alguns casos, incluindo o de um judeu romano endinheirado que deu várias pinturas e livros raros valiosos à Ordem, em 1938. Temo que o nome dele me esteja a escapar.

— Emanuele Giordano.

Lavon observou Gabriel sobre a brasa do cigarro.

— Como é que é possível que conheças esse nome?

— Encontrei-me com o Alessandro Ricci ontem à noite, em Roma. Ele disse-me que a Ordem de Santa Helena está a planear roubar o conclave e eleger um dos seus membros como o próximo papa.

— Conhecendo a Ordem, de certeza que envolve dinheiro.

— Sim, envolve.

— Foi por isso que mataram o papa?

— Não — disse Gabriel. — Mataram-no porque ele queria dar-me um livro.

— Que tipo de livro?

— Lembras-te de quando encontrámos as ruínas do Templo de Salomão?

Lavon esfregou o peito de forma ausente.

— Como é que poderia esquecer-me?

Gabriel sorriu.

— Isto é melhor.

O Departamento, tal como a Igreja Católica Romana, era guiado por uma doutrina e um dogma antigos. Sagrados e invioláveis, ditavam que os membros de uma grande equipa operacional viajassem para o seu destino por diferentes rotas. Contudo, as exigências da situação implicavam que os oitos membros da equipa viajassem para Munique no mesmo voo da El Al. Não obstante, escalonaram a sua chegada à casa segura, quanto mais não fosse para evitar atrair a atenção indesejada dos vizinhos.

O primeiro a chegar foi Yossi Gavish, o chefe da divisão de Investigação, nascido na Grã-Bretanha, envergando a sua roupa de

tweed. Seguiram-se Mordecai e Oded, um par de agentes de campo, pau para toda a obra, e um miúdo chamado Ilan que sabia pôr os computadores a funcionar. Depois, vieram Yaakov Rossman e Dina Sarid. Yaakov era o diretor das Operações Especiais. Dina era uma base de dados humana do terrorismo palestino e islâmico que possuía uma habilidade extraordinária para detetar conexões que outros não viam. Ambos falavam fluentemente alemão.

Mikhail Abramov entrou por volta do meio-dia. Alto e esguio, com uma pele pálida e olhos da cor do gelo glacial, imigrara da Rússia para Israel quando era adolescente e entrara para a Sayeret Matkal, a unidade de operações especiais de elite das Forças de Defesa de Israel. Frequentemente descrito como um Gabriel sem consciência, assassinara pessoalmente vários cérebros terroristas de topo do Hamas e da Jihad Islâmica da Palestina. Agora, executava missões similares para o Departamento, embora os seus extraordinários talentos não se limitassem ao domínio das armas. Um ano antes, liderara uma equipa que entrara em Teerão e roubara todos os arquivos nucleares do Irão.

Estava acompanhado por Natalie Mizrahi, que era também sua esposa. Nascida e educada em França, fluente no dialeto argelino do árabe, trocara uma promissora carreira na medicina pela vida perigosa de uma agente de campo infiltrada do Departamento. A sua primeira missão levou-a até Raqqa, a capital do efêmero califado do Estado Islâmico, onde se infiltrou na rede de terrorismo externo do ISIS. Se não fosse por Gabriel e Mikhail, essa operação teria sido a sua última.

Tal como os restantes membros da equipa, Natalie tinha apenas uma ideia muito vaga do motivo pelo qual fora chamada a Munique. Agora, à meia-luz da sala de visitas formal, ouvia atentamente, enquanto Gabriel contava à equipa a história de umas merecidas férias em família que acabaram por não acontecer. Chamado a Roma pelo arcebispo Luigi Donati, soubera que o papa Paulo VII, um homem que tanto fizera para desconstruir o terrível legado de antisemitismo da Igreja Católica, morrera em circunstâncias misteriosas. Embora relutante em acreditar que o Santo Padre fora assassinado, Gabriel aceitara utilizar os recursos do Departamento para levar a cabo uma investigação informal. Esta conduziu-o a Florença, onde testemunhou o brutal assassinio de um guarda suíço desaparecido e, depois, a um chalé nos arredores de Friburgo, onde uma carta inacabada caiu de uma imagem emoldurada de Jesus no Jardim de Getsémani.

A carta dizia respeito a um livro que Sua Santidade descobrira no Arquivo Secreto do Vaticano. Um livro supostamente baseado nas memórias do prefeito romano da Judeia que sentenciou Jesus à morte por crucificação. Um livro que contradizia os relatos da morte de Jesus contidos nos evangelhos canónicos, relatos esses que tinham sido a sementeira de dois mil anos de antisemitismo, por vezes,

assassino.

O livro desaparecera, mas os homens que o tinham em seu poder escondiam-se à vista de todos. Eram membros de uma ordem católica reacionária e secreta fundada no sul da Alemanha por um padre que encontrava grandes motivos de admiração nas políticas da extrema-direita europeia, especialmente no nacional-socialismo. Os descendentes espirituais deste padre, cujo nome era Ulrich Schiller, planeavam roubar o conclave papal que se aproximava e eleger um dos seus como o próximo Sumo Pontífice da Igreja Católica Romana. Como chefe do Departamento, Gabriel determinara que tal desenvolvimento não seria do interesse do Estado de Israel, nem do milhão e meio de judeus que viviam na Europa. Por conseguinte, era sua intenção ajudar o seu amigo Luigi Donati a recuperar o conclave.

Fazê-lo exigia a obtenção de provas irrefutáveis do estratagema da Ordem. O tempo urgia. Gabriel precisava da informação, no máximo, na quinta-feira à noite, véspera do conclave. Felizmente, identificara dois importantes membros leigos envolvidos na conspiração. Um deles era um solitário industrial alemão chamado Jonas Wolf. O outro era um antigo agente do BfV chamado Andreas Estermann.

Estermann chegaria ao Café Adagio na Beethovenplatz às seis da tarde. Estaria à espera de um agente secreto chamado Christoph Bittel. Em vez dele, encontraria o Departamento. Imediatamente após o seu rapto, seria trazido para a casa segura de Munique para ser interrogado. Gabriel decretou que o interrogatório não seguiria os padrões habituais. Estermann limitar-se-ia a assinar o nome num depoimento que a equipa já preparara, uma confissão que detalharia o estratagema da Ordem para roubar o conclave. Tratando-se de um profissional reformado, não cederia facilmente. Seria necessário ter alguma influência sobre ele. A equipa também teria de descobrir como fazer isso. Tudo num período de, apenas, trinta horas.

Não proferiram uma única palavra de protesto nem colocaram uma única questão. Ao invés, abriram os computadores portáteis, estabeleceram ligações seguras com Telavive e lançaram-se ao trabalho. Duas horas depois, enquanto uma neve suave branqueava os relvados do Englischer Garten, fizeram o seu primeiro disparo.

MUNIQUE

Aparentemente, o *e-mail* que aterrou no telemóvel de Andreas Estermann, alguns segundos depois, fora enviado por Christoph Bittel. Na verdade, fora expedido por um *hacker* de vinte e dois anos, formado no MIT, da Unidade 8200, em Telavive. Repousou, intocado, no aparelho de Estermann durante quase vinte minutos, o suficiente para fazer Gabriel temer o pior. Finalmente, Estermann abriu-o e clicou no anexo, uma fotografia de um encontro suíço-alemão de espões, em Berna, dez anos antes. Ao fazê-lo, desencadeou um sofisticado ataque de *malware* que, imediatamente, assumiu o controlo do sistema operativo do telemóvel. Numa questão de minutos, estava a exportar um ano inteiro de *e-mails*, mensagens, dados de GPS, metadados do telemóvel e histórico de navegação na Internet, tudo sem o conhecimento de Estermann. De forma segura, a Unidade reenviou o material de Telavive para a casa segura, juntamente com uma transmissão direta do microfone e da câmara do telemóvel. Até mesmo os eventos, passados e futuros, do calendário de Estermann estavam ao seu dispor para serem atentamente examinados. Na quarta-feira à tarde, tinha um único compromisso: bebidas no Café Adagio, seis horas.

Os contactos de Estermann incluíam o número do telemóvel do bispo Hans Richter e do seu secretário pessoal, o padre Markus Graf. Ambos sucumbiram a ataques de *malware* lançados pela Unidade 8200, tal como os telemóveis do cardeal camerlengo Domenico Albanese e do cardeal de Viena, o arcebispo Franz von Emmerich, o homem que a Ordem escolhera para ser o próximo papa.

Noutra parte dos contactos de Estermann, a equipa encontrou provas do assombroso alcance da Ordem. Era como se lhes tivesse caído no colo uma versão eletrónica do livro-razão de couro do padre Schiller. Havia números de telefone e *e-mails* pessoais do chanceler austríaco Jörg Kaufmann, do primeiro-ministro italiano Giuseppe Saviano, de Cécile Leclerc da Frente Popular francesa, de Peter van der Meer do Partido pela Liberdade holandês e, claro, de Axel Brünner

dos Nacionais-Democratas de extrema-direita da Alemanha. A análise dos metadados do telemóvel revelara que Estermann e Brünner tinham falado cinco vezes, só na semana anterior, um período que coincidira com a subida repentina de Brünner nas sondagens de opinião pública.

Felizmente para a equipa, Estermann fazia grande parte da sua correspondência pessoal e profissional através de mensagens de texto. Para comunicações sensíveis, utilizava um serviço que prometia encriptação ponto a ponto e privacidade total, uma promessa que a Unidade 8200 invalidara há muito tempo. A equipa conseguia não só ver as mensagens atuais em tempo real, como também ler as mensagens apagadas.

O nome de Gabriel figurava em posição de destaque em várias conversas, tal como o de Luigi Donati. Na verdade, Donati surgira no sistema de alerta rápido poucas horas depois da morte do Santo Padre. A Ordem tivera conhecimento da chegada de Gabriel a Roma e da sua presença em Florença. Soubera da sua visita à Suíça através do padre Erich, o pároco da vila de Rechthalten. O telemóvel revelou que Estermann também visitara a Suíça. Os dados do GPS confirmavam que passara quarenta e nove minutos no Café du Gothard, em Friburgo, no sábado seguinte à morte do Santo Padre. Depois, conduziu até Bona, onde desligara o telemóvel durante duas horas e cinquenta e sete minutos.

Se havia um ponto positivo, era a retidão da vida pessoal de Estermann. A equipa não encontrou quaisquer provas da existência de uma amante ou de gosto por pornografia. O consumo de notícias de Estermann era vasto, mas, definitivamente, com um pendor de direita. Vários *sites* alemães que consultava diariamente difundiam notícias falsas e enganadoras que inflamavam a opinião pública contra os imigrantes muçulmanos e a esquerda política. Salvo isso, não tinha hábitos sórdidos de navegação na Internet.

Mas nenhum homem é perfeito, e poucos são aqueles que não têm, pelo menos, uma fraqueza. A de Estermann, afinal, era o dinheiro. A análise das suas mensagens encriptadas revelou que mantinha contactos regulares com um tal de Herr Hassler, proprietário de um banco privado no principado do Liechtenstein. A análise dos registos de Herr Hassler, realizada sem o seu consentimento, revelou a existência de uma conta em nome de Estermann. A equipa encontrara inúmeras contas como essa, dispersas por todo o mundo, mas a que se encontrava no minúsculo Liechtenstein era diferente.

— A mulher do Estermann, a Johanna, é a beneficiária — disse Dina Sarid.

— Qual é o saldo atual? — perguntou Gabriel.

— Um pouco mais de um milhão e meio.

- Quando é que foi aberta?
- Há cerca de três meses. Fez dezasseis depósitos, cada um deles no valor exato de cem mil euros. Quer-me parecer que ele está a tirar dinheiro dos pagamentos que faz aos cardeais.
- E o Banco do Vaticano?
- Há doze cardeais eleitores cujas contas receberam transferências avultadas nas últimas seis semanas. Quatro delas de mais de um milhão e as restantes de cerca de oitocentos mil, e todas podem ser rastreadas até ao Estermann.

No entanto, a derradeira origem do dinheiro era o sigiloso conglomerado sediado em Munique que Alessandro Ricci descrevera como a Ordem de Santa Helena Inc. Eli Lavon, o mais experiente investigador financeiro da equipa, assumiu a responsabilidade de penetrar nas defesas da empresa. Eram formidáveis, o que não o surpreendeu. Afinal, já medira forças com a Ordem antes. Há vinte anos, estava em clara desvantagem, mas, agora, tinha o apoio da Unidade 8200, e tinha Jonas Wolf.

O empresário alemão revelou-se tão esquivo quanto a empresa que ostentava o seu nome, começando pelo mais básico da sua biografia. Tanto quanto Lavon conseguiu perceber, Wolf nascera *algures* na Alemanha, *nalgum* momento durante a guerra. Estudara na Universidade de Heidelberg (disso Lavon tinha a certeza) e fizera um doutoramento em matemática aplicada. Adquirira a sua primeira firma, uma pequena empresa de produtos químicos, em 1970, com dinheiro emprestado por um amigo. Em dez anos, expandira o seu negócio para os ramos dos transportes, da produção e da construção, e, em meados dos anos oitenta, tornara-se um homem extraordinariamente abastado.

Comprou uma elegante moradia antiga no distrito de Maxvorstadt, em Munique, e um vale no alto de Obersalzberg, a nordeste de Berchtesgaden. Tencionava criar um refúgio baronial para a família e os seus descendentes. No entanto, quando, em 1988, a esposa e os dois filhos morreram num acidente de jato privado, o reduto de montanha de Wolf tornou-se na sua prisão. Quando o tempo permitia, viajava de helicóptero, uma ou duas vezes por semana, até à sede do Wolf Group, a norte de Munique, mas, maioritariamente, permanecia em Obersalzberg, rodeado pelo seu pequeno exército de guarda-costas. Não concedia uma entrevista há mais de vinte anos, desde o lançamento de uma biografia não autorizada que o acusara de planejar o acidente de avião que matara a sua família. Os jornalistas que tentaram remexer na roupa suja do seu passado enfrentaram a ruína financeira ou, no caso de uma intrometida jornalista de investigação britânica, violência física. Houve muitos rumores sobre o envolvimento de Wolf na morte da jornalista (foi morta enquanto

andava de bicicleta pelo campo, perto de Devon, por um condutor que fugiu do local), mas estes nunca foram provados.

Para Eli Lavon, a história da espetacular ascensão de Jonas Wolf parecia demasiado boa para ser verdade. Havia, para começar, o empréstimo que Wolf recebera para comprar a sua primeira empresa. Lavon tinha um palpite, baseado na sua experiência duramente adquirida, de que o credor de Wolf fora uma entidade sediada no cantão de Zug, conhecida como Ordem de Santa Helena. Para além disso, Lavon era da opinião (mais uma vez, uma mera conjectura baseada na informação recolhida) de que o Wolf Group era muito maior do que publicitava ser.

O facto de se tratar de uma empresa totalmente privada, que jamais recebera um único empréstimo de um único banco alemão, limitava as opções de Lavon para realizar uma investigação financeira tradicional. Contudo, o telemóvel de Estermann abriu muitas portas na rede informática da firma que, de outra forma, teriam permanecido fechadas, até mesmo para os investigadores cibernéticos da Unidade 8200. Nessa mesma noite, pouco depois das oito horas, estes escavaram um túnel até à base de dados pessoal de Jonas Wolf e encontraram as chaves do reino, um documento de duzentas páginas que detalhava os bens da empresa em todo o mundo e os rendimentos astronómicos que estes geravam.

— Dois mil milhões e meio de puro lucro, só no último ano — anunciou Lavon. — E para onde é que acham que vai isso tudo?

Nessa noite, a equipa suspendeu o trabalho o tempo suficiente para partilhar uma refeição familiar tradicional. No entanto, Mikhail Abramov e Natalie Mizrahi estiveram ausentes, pois jantaram no Café Adagio, na Beethovenplatz. Situava-se na cave de um edifício amarelo, na parte noroeste da praça. Durante o dia, servia uma ementa de bistrô, mas, à noite, era um dos bares mais populares do bairro. Mikhail e Natalie declararam que a comida era medíocre, mas avaliaram como bastante elevada a probabilidade de conseguirem raptar com êxito um cliente.

— Três estrelas, na escala Michelin — gracejou Mikhail, quando regressaram à casa segura. — Se o Estermann vier ao Café Adagio sozinho, vai sair na parte de trás de uma carrinha.

A equipa recebeu o veículo em questão, uma carrinha *Mercedes Transit*, às nove horas da manhã seguinte, juntamente com dois *sedans Audi A8*, duas *scooters BMW*, um conjunto de matrículas alemãs falsas, quatro pistolas *Jericho* de calibre 45, uma submetralhadora compacta e uma *Beretta 9 mm* com coroa de noqueira.

Nesse ponto, a tensão na casa segura pareceu aumentar consideravelmente. Como acontecia com frequência, o humor de Gabriel ficou mais sombrio à medida que a hora zero se aproximava.

Mikhail lembrou-lhe que, um ano antes, num armazém de uma pardacenta zona comercial de Teerão, uma equipa com dezasseis membros arrombara com maçaricos trinta e dois cofres dos quais retirara várias centenas de discos de computadores e milhões de páginas de documentos. Depois, a equipa carregara um camião com o material e conduziu-o até à costa do Mar Cáspio, onde um barco aguardava. A operação chocara o mundo e provara, uma vez mais, que o Departamento conseguia atacar os alvos que desejasse, até mesmo na capital do seu inimigo mais implacável.

— E quantos iranianos tiveste de matar para sair vivo do país?

— Pormenores, pormenores — disse Mikhail, desdenhosamente. — A questão é que conseguimos fazer isto de olhos fechados.

— Preferia que o fizessem de olhos abertos. Vai aumentar substancialmente as nossas hipóteses de sucesso.

Ao meio-dia, Gabriel conseguira convencer-se a si próprio de que estavam condenados ao fracasso e de que passaria o resto da vida na cela de uma prisão alemã, a cumprir pena por mais crimes do que era possível enumerar, um final ignóbil para uma carreira que serviria de termo de comparação para todas as outras. Eli Lavon diagnosticou, de forma certa, a origem do desalento de Gabriel, pois estava a sofrer do mesmo mal. Era Munique, pensou Lavon. Munique e o livro.

Nunca estava longe dos pensamentos deles, principalmente dos de Lavon. Não havia um único membro da equipa cuja vida não tivesse sido afetada pelo ódio mais antigo. Quase todos tinham perdido parentes para as fogueiras do Holocausto. Alguns só tinham nascido porque algum membro da família encontrara forças para sobreviver. Tal como acontecera com Isabel Feldman, a única sobrevivente entre os filhos de Samuel Feldman, que entregara uma pequena fortuna em dinheiro e bens à Ordem de Santa Helena, em troca de falsas certidões de batismo e falsas promessas de proteção.

Outra dessas mulheres fora Irene Frankel. Nascida em Berlim, fora deportada para Auschwitz no outono de 1942. Os seus pais tinham morrido nas câmaras de gás logo à chegada, mas Irene Frankel deixara Auschwitz na Marcha da Morte, em janeiro de 1945. Chegara ao novo Estado de Israel em 1948. Aí, conhecera um homem de Munique, um escritor, intelectual, que fugira da Palestina antes da guerra. Na Alemanha, o seu nome era Greenberg, mas, em Israel, adotara o nome Allon. Depois de casarem, juraram ter seis filhos, um por cada milhão perdido no Holocausto, mas uma criança fora tudo quanto o seu útero conseguira suportar, um rapaz chamado Gabriel, o mensageiro de Deus, o defensor de Israel, o intérprete das visões de Daniel.

Às duas horas, todos se aperceberam de que ninguém o via nem ouvia a sua voz há vários minutos. Uma busca rápida à casa segura não revelou sinal dele e uma chamada para o seu telemóvel não

obteve resposta. A Unidade 8200 confirmou que o aparelho estava ligado e a mover-se pelo Englischer Garten a um ritmo de caminhada. Eli Lavon estava confiante de que sabia onde se dirigia. O filho de Irene Frankel queria ver o local onde acontecera. Lavon não podia censurá-lo. Estava a sofrer do mesmo mal.

MUNIQUE

Em julho de 1935, dois anos e meio depois de vencer as eleições que lhe permitiram assumir o controlo da Alemanha, Adolf Hitler declarou, formalmente, Munique como a «Capital do Movimento». Os laços da cidade com o nacional-socialismo eram inegáveis. O Partido Nazi foi formado em Munique nos anos turbulentos que se seguiram à derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. E foi em Munique que, no outono de 1923, Hitler liderou o gorado Putsch da Cervejaria, que resultou no seu breve encarceramento na prisão de Landsberg. Aí, escreveu o primeiro volume de *Mein Kampf*, o incoerente manifesto no qual descrevia os judeus como germes que tinham de ser exterminados. Durante o seu primeiro ano como chanceler, o ano em que transformou a Alemanha numa ditadura totalitária, o livro vendeu mais de um milhão de exemplares.

Ao longo dos quinze cataclísmicos anos da era nazi, Hitler viajou frequentemente para Munique. Manteve um enorme apartamento, repleto de arte, no número 16 da Prinzregentenplatz, e ordenou a construção de um edifício pessoal de escritórios com vista para a Königsplatz. Conhecido como Führerbau, possuía acomodações para Hitler e para o seu assistente, Rudolf Hess, e um cavernoso saguão central com uma dupla escadaria de pedra que conduzia a uma sala de conferências. O primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, assinou, no Führerbau, o Pacto de Munique, a 30 de setembro de 1938. Ao regressar a Londres, previu que o acordo permitiria a «paz para o nosso tempo». Um ano depois, a Wehrmacht invadiu a Polónia, mergulhando o mundo numa guerra e desencadeando a sequência de acontecimentos que conduziram à perseguição dos judeus da Europa.

Grande parte do centro de Munique foi arrasado por dois devastadores bombardeamentos dos Aliados, em abril de 1944, mas, de alguma forma, o Führerbau sobreviveu. Imediatamente após a guerra, os Aliados utilizaram-no como local de armazenamento para arte pilhada. Agora, albergava uma respeitada escola de música e teatro, onde pianistas, violoncelistas, violinistas e atores

aperfeiçoavam a sua arte, em salas onde, outrora, tinham caminhado assassinos. As bicicletas alinhavam-se diante da fachada plúmbea do edifício e, aos pés da escadaria principal, encontravam-se dois agentes da polícia de Munique com ar aborrecido. Nenhum deles prestou qualquer atenção ao homem de estatura e constituição medianas que parou para observar um horário dos recitais públicos agendados.

Passou pelo Alte Pinakothek, o afamado museu de arte de Munique, e, depois, virou à esquerda para a Hessesstrasse. Isso foi dez minutos antes do primeiro vislumbre da moderna torre que se erguia sobre o Parque Olímpico. A antiga Vila Olímpica ficava a norte, não muito longe da sede da BMW e de um conglomerado alemão altamente lucrativo conhecido como Wolf Group. Encontrou a Connollystrasse e seguiu-a até ao prédio atarracado de três andares, no número 31.

O edifício fora, há muito, transformado numa residência estudantil, mas, no início de setembro de 1972, hospedava os membros da equipa olímpica de Israel. Às quatro e meia da manhã do dia 5 de setembro, oito terroristas palestinos vestidos com fatos de treino escalaram uma vedação desprotegida. Carregando sacos de desporto cheios de espingardas *Kalashnikov*, pistolas semiautomáticas *Tokarev* e granadas de mão fabricadas na União Soviética, usaram uma chave roubada para destrancar a porta do apartamento 1. Dois israelitas, o treinador de *wrestling* Moshe Weinberg e o halterofilista Yossef Romano, foram assassinados durante os primeiros momentos do cerco. Outros nove desportistas foram feitos reféns.

Ao longo do resto do dia, enquanto espetadores aterrorizados de todo o mundo seguiam o caso pela televisão, as autoridades alemãs negociaram com dois terroristas fortemente disfarçados (um conhecido como Issa, o outro como Tony), enquanto, no outro lado da rua, os Jogos prosseguiam. Finalmente, às dez da noite, os reféns foram levados de helicóptero para a Base Aérea de Fürstenfeldbruck, onde a polícia alemã executou uma operação de resgate mal planeada que terminou com a morte dos nove israelitas.

Poucas horas depois do massacre, a primeira-ministra israelita, Golda Meir, ordenou ao lendário agente Ari Shamron e ao Departamento que «mandassem os rapazes». A operação recebera o nome de código de Ira de Deus, uma frase escolhida por Shamron para dar à empreitada a pátina de sanção divina. Um dos rapazes era um jovem e talentoso pintor da Academia de Arte e Desenho de Bezalel chamado Gabriel Allon. Outro era Eli Lavon, um promissor arqueólogo bíblico. Segundo o léxico da equipa, baseado na língua hebraica, Lavon era o *ayin*, o rastreador, e Gabriel o *aleph*, o assassino. Durante três anos, perseguiram as suas presas por toda a Europa Ocidental e Médio Oriente. Matavam de noite e em plena luz do dia e viviam com um medo constante de que, a qualquer momento, as autoridades

locais os detivessem e os acusassem de assassinio. Ao todo, doze homens morreram às suas mãos. Gabriel matara pessoalmente seis dos terroristas com uma *Beretta* de calibre 22. Sempre que possível, alvejava as vítimas onze vezes: uma bala por cada judeu assassinado em Munique. Quando, por fim, regressara a Israel, as suas têmporas estavam grisalhas. Para Lavon, as consequências foram inúmeros transtornos associados ao stresse, incluindo um estômago celebrenemente instável que ainda o atormentava.

Aproximou-se de Gabriel sorrateira e silenciosamente e juntou-se a ele diante do número 31 da Connollystrasse.

— No teu lugar, não faria isso novamente, Eli. Tens sorte de não teres levado um tiro.

— Tentei fazer um bocadinho de barulho.

— Para a próxima, esforça-te mais.

Lavon ergueu o olhar na direção da varanda do apartamento 1.

— Vens aqui muitas vezes?

— Na verdade, há algum tempo que não vinha.

— Quanto?

— Cem anos — disse Gabriel de modo distante.

— Eu venho aqui sempre que estou em Munique. E penso sempre na mesma coisa.

— Em quê, Eli?

— Nunca deviam ter atribuído este edifício à nossa equipa olímpica. Era demasiado isolado. Algumas semanas antes do início dos Jogos, expressámos as nossas preocupações aos alemães, mas garantiram-nos que os nossos atletas estariam seguros. Infelizmente, não nos disseram que os serviços secretos alemães já tinham recebido indicação, por parte de um informador palestiniiano, de que a equipa israelita era um alvo.

— Devem ter-se esquecido.

— Porque é que não nos avisaram? Porque é que não tomaram medidas para proteger os nossos atletas?

— Diz-me tu.

— Não nos disseram — disse Lavon — porque não queriam que nada estragasse a sua festa de pós-guerra, muito menos uma ameaça contra os descendentes do mesmo povo que tinham tentado exterminar, apenas trinta anos antes. Não te esqueças de que os serviços secretos e de segurança alemães foram fundados por homens como o Reinhard Gehlen. Homens que tinham trabalhado para o Hitler e para os nazis. Homens de direita que odiavam o comunismo e os judeus em igual medida. Não admira que se sentissem atraídos por alguém como o Andreas Estermann. — Virou-se para Gabriel. — Por acaso, reparaste no último cargo que ocupou antes de se reformar?

— Diretor do Departamento Dois, a divisão de luta contra o

extremismo.

— Então, porque é que passa tanto tempo ao telefone com tipos como o Axel Brünner? E porque é que tem o número do telemóvel pessoal de todos os líderes de extrema-direita da Europa? — Lavon fez uma pausa. — E porque é que desligou o telemóvel durante três horas, em Bona, na outra noite?

— Talvez tenha lá uma namorada.

— O Estermann? É um menino de coro.

— Um menino de coro doutrinário.

Lavon voltou a erguer o olhar na direção da fachada do edifício. Havia uma luz acesa na janela do apartamento 1.

— Alguma vez pensas em como as nossas vidas podiam ter sido diferentes, se não tivesse acontecido?

— Munique?

— Não — respondeu Lavon. — *Tudo*. Dois mil anos de ódio. Seríamos tão numerosos como todas as estrelas no céu e a areia à beira-mar, exatamente como Deus prometeu a Abraão. Eu viveria num grandioso apartamento no Primeiro Distrito de Viena, seria um líder na minha área, um homem distinto. Passaria as tardes a bebericar café e a comer *strudel* no Café Sacher e as noites a ouvir Mozart e Haydn. Ocasionalmente, visitaria uma galeria de arte e veria as obras de um famoso pintor berlinense chamado Gabriel Frankel, filho de Irene Frankel, neto de Viktor Frankel, talvez o maior pintor alemão do século xx. Quem sabe? Talvez até pudesse ser suficientemente rico para comprar um ou dois dos seus quadros.

— Receio que a vida não funcione assim, Eli.

— Suponho que não. Mas seria demasiado pedir-lhes que parassem de nos odiar? Porque é que o antissemitismo está novamente em ascensão na Europa? Porque é que não é seguro ser-se judeu neste país? Porque é que a vergonha do Holocausto se desgastou? Porque é que isto não acaba?

— Doze palavras — disse Gabriel.

Um silêncio abateu-se sobre eles. Foi Lavon que o quebrou.

— Onde é que achas que está?

— O Evangelho segundo Pilatos?

Lavon assentiu com a cabeça.

— Esfumou-se por uma chaminé acima.

— Que apropriado. — O tom de Lavon era estranhamente amargo. Começou a acender um cigarro, mas deteve-se. — Escusado será dizer que foram os nazis que aniquilaram os judeus da Europa. Mas eles não conseguiriam ter levado a cabo a Solução Final se, antes, o cristianismo não tivesse preparado o solo para isso. Os algozes voluntários do Hitler tinham sido condicionados por séculos de ensinamentos da Igreja sobre as maldades dos judeus. Os católicos

austriacos constituíram uma parte desproporcional dos oficiais dos campos da morte e as taxas de sobrevivência dos judeus foram muito mais baixas nos países católicos.

— Mas milhares de católicos arriscaram a vida para nos proteger.

— De facto, sim. Escolheram agir por iniciativa própria, em vez de esperarem pelo encorajamento do seu papa. Em resultado disso, salvaram a Igreja do abismo moral. — Os olhos de Lavon perscrutaram a antiga Vila Olímpica. — Devíamos voltar para a casa segura. Vai escurecer em breve.

— Já escureceu — disse Gabriel.

Lavon acendeu finalmente o cigarro.

— Porque é que achas que ele desligou o telemóvel durante três horas, na outra noite?

— O Estermann?

Lavon fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Não sei — respondeu Gabriel. — Mas tenciono perguntar-lhe.

— Talvez devesse perguntar-lhe também sobre o Evangelho segundo Pilatos.

— Não te preocupes, Eli. Vou fazê-lo.

Quando Gabriel e Lavon regressaram à casa segura, os membros da equipa estavam reunidos na sala de estar, vestidos para irem beber um copo a um popular café da Beethovenplatz. Não havia qualquer indício exterior de nervos, à exceção do incessante tamborilar do indicador de Mikhail no braço da cadeira. Estava a ouvir atentamente a voz de Andreas Estermann, que se dirigia aos membros da sua equipa, alertando-os para a necessidade de reforçarem a segurança em todas as instalações do Wolf Group, principalmente nas fábricas de produtos químicos. Pelos vistos, Estermann recebera um aviso de um antigo contacto do BfV, um aviso que a equipa escutara clandestinamente. Ao que parecia, o sistema estava a piscar a vermelho.

Às cinco e um quarto, também piscava a vermelho no interior da casa segura. Os membros da equipa partiram da mesma forma que chegaram: de forma escalonada, sozinhos ou aos pares, para não chamarem a atenção dos vizinhos. Quando faltava um quarto para as seis, todos tinham chegado aos seus pontos seguros.

A presa abandonou a sede do Wolf Group dezassete minutos depois. Gabriel observou o seu movimento num computador portátil aberto, uma luz azul intermitente num mapa do centro de Munique, cortesia do seu telemóvel intercetado. O aparelho já dissera a Gabriel quase tudo o que precisava de saber para impedir que a Ordem de Santa Helena roubasse o conclave. Ainda assim, havia um ou dois assuntos

que Andreas Estermann tinha de esclarecer. Se tivesse alguma sensatez, não ofereceria resistência. Gabriel estava com um perigoso mau humor. Afinal, estavam em Munique. A «Capital do Movimento». Uma cidade outrora transitada por assassinos.

BEETHOVENPLATZ, MUNIQUE

A norte da estação de comboios central de Munique, o trânsito deteve-se subitamente. Era mais um controlo policial. Havia vários por toda a cidade, principalmente perto de interfaces de transportes e em praças e mercados onde se congregava um grande número de pessoas. Todo o país estava em alerta, preparando-se para o próximo atentado. Até mesmo o BfV, o antigo serviço de Andreas Estermann, estava convencido de que outro atentado terrorista era inevitável. Estermann pensava o mesmo. Na verdade, tinha razões para acreditar que o próximo atentado ocorreria na manhã seguinte, provavelmente em Colónia. Caso fosse bem-sucedido, a destruição física e o número de mortes despedaçariam a própria alma do país, tocando num nervo antigo. Seria o 11 de Setembro da Alemanha. Nada jamais voltaria a ser igual.

Estermann consultou as horas no seu *iPhone* e praguejou suavemente. De imediato, suplicou a Deus que o perdoasse. As restrições da Ordem proibiam todas as formas de profanidade, não apenas as que envolviam o nome do Senhor. Estermann não fumava nem bebia álcool e controlava o peso através de jejum regular e exercício físico, embora a cozinha tradicional alemã fosse um dos seus pontos fracos. A sua esposa, Johanna, também era membro da Ordem, tal como os seus seis filhos. O tamanho da família era invulgar na Alemanha moderna, onde a taxa de natalidade tinha caído para níveis abaixo do índice de substituição de gerações.

Estermann viu novamente as horas. 18h04... Marcou o número de Christoph Bittel, mas não obteve resposta. Depois, enviou uma mensagem a explicar que saía do escritório mais tarde do que planeava e estava, agora, preso no trânsito. Bittel respondeu de seguida. Pelos vistos, também estava atrasado, o que não era habitual nele. Normalmente, Bittel era pontual como um relógio suíço.

Por fim, o trânsito avançou lentamente. Estermann viu a razão da demora. A polícia estava a inspecionar uma carrinha de distribuição, junto à entrada da estação. Os passageiros, dois jovens árabes ou

turcos, estavam deitados no passeio, com os braços e pernas esticados. Estermann sentiu um prazer considerável ao vê-los naquela situação. Quando era criança, em Munique, raramente via um estrangeiro, sobretudo de pele morena ou negra. Isso mudara nos anos oitenta, quando as comportas se abriram. Doze milhões de imigrantes residiam, agora, na Alemanha, quinze por cento da população. A esmagadora maioria era muçulmana. Se a tendência atual não se revertisse, os nativos alemães seriam, em breve, uma minoria na sua própria terra.

Estermann virou para a Goethestrasse, uma rua tranquila, ladeada por elegantes prédios antigos, e, às seis e dez, estacionou num lugar vazio junto ao passeio. Perdeu mais três minutos a tirar um talão da máquina de pagamento automático e outros dois a fazer o resto do caminho a pé até ao Café Adagio. Era uma sala parcamente iluminada, com algumas mesas dispostas em redor de um estrado onde, mais tarde, atuaria um trio de músicos de *jazz* americanos. Estermann não tinha interesse por *jazz* nem grande apreço pela clientela do Café Adagio. A duas mesas de distância, havia dois homens sentados. Pareciam da Europa de Leste, talvez judeus. Pelo menos, não eram homossexuais. Estermann odiava homossexuais ainda mais do que odiava judeus e muçulmanos.

Estermann não viu Bittel em lado nenhum. Sentou-se numa mesa tão distante dos outros clientes quanto possível. Finalmente, uma rapariga tatuada, de cabelo roxo, aproximou-se. Olhou para Estermann durante um momento, como se esperasse que ele proferisse a palavra-passe secreta.

— *Coca-Cola Zero*.

A empregada de mesa retirou-se. Estermann consultou o telemóvel. Onde raios estava Bittel? E por que diabo escolhera um local como o Café Adagio?

O desconforto de Andreas Estermann era tão evidente que Gabriel esperou mais dez minutos, antes de informar o alemão de que, devido a uma emergência profissional, Christoph Bittel não conseguiria encontrar-se com ele como combinado. O rosto de Estermann, visto através da lente da câmara do seu telemóvel intercetado, contorceu-se numa careta. Enviou uma resposta áspera, atirou uma nota de cinco euros para cima da mesa e saiu intempestivamente para a rua. Irritado, caminhou furiosamente pelo passeio da Goethestrasse até ao seu carro, onde a raiva crescente transbordou.

Havia um homem sentado no capô, com as botas apoiadas no para-choques e uma rapariga entre as pernas. A rapariga era muito escura, como uma árabe. As mãos estavam pousadas nas coxas do homem. A

sua boca estava na dele.

Estermann teria apenas uma vaga recordação do que sucedeu a seguir. Houve uma troca de palavras, seguida de uma troca de golpes. Estermann deu um único soco descontrolado, mas recebeu várias cotoveladas e joelhadas robustas e cuidadosamente desferidas.

Incapacitado, contorceu-se no passeio. De algum lugar, surgiu subitamente uma carrinha. Estermann foi arremessado para a parte de trás como se fosse um morto de guerra. Sentiu uma dor aguda no pescoço e a sua visão começou imediatamente a turvar-se. A última coisa que recordava, antes de perder a consciência, era o rosto da mulher. Era árabe, tinha a certeza. Estermann odiava árabes. Quase tanto como odiava judeus.

MUNIQUE

Os praticantes do ofício dos segredos costumam dizer que não existe uma operação secreta perfeita. O melhor que um agente organizado e cuidadoso pode fazer é limitar as hipóteses de fracasso e exposição ou, pior ainda, de detenção e ação penal. Às vezes, o agente aceita voluntariamente um risco mínimo, quando há vidas em jogo ou a causa é justa. E, às vezes, tem de se resignar ao facto de que uma pequena dose de sorte, de providência, determinará se o seu barco chega a bom porto em segurança ou se se desfaz em pedaços contra as rochas.

Nessa tarde, em Munique, Gabriel fez um desses acordos com os deuses operacionais. Sim, atraíra Andreas Estermann até ao Café Adagio, para o que ele julgava ser um encontro com um velho conhecido. Mas fora Estermann, e não Gabriel e a sua equipa, quem seleccionara o local do seu rapto. Felizmente, escolhera bem. Não havia câmaras de trânsito para registar o seu desaparecimento, nem outras testemunhas senão um *teckel* na janela de um prédio adjacente.

Noventa minutos depois, após uma breve paragem numa zona rural, a oeste de Munique, para uma mudança de matrícula, a carrinha regressou à casa segura, perto do Englischer Garten. Amarrado e vendado, Andreas Estermann foi transferido para uma cela de detenção improvisada na cave. Em circunstâncias normais, Gabriel tê-lo-ia deixado aí durante um ou dois dias, para que refletisse sobre o seu destino, privado de visão, som e sono. Em vez disso, às dez e meia, deu indicações a Natalie para que apressasse o regresso de Estermann a um estado consciente. Ela injetou-lhe um estimulante suave, juntamente com algo para o relaxar. Algo para distorcer o seu sentido de realidade. Algo para lhe soltar a língua.

Consequentemente, Estermann não ofereceu resistência quando Mordecai e Oded o ataram a uma cadeira de metal no exterior da cela. No lado oposto da mesa, flanqueado por Yaakov Rossman e Eli Lavon, estava sentado Gabriel. Atrás dele, um telemóvel *Solaris* montado num tripé. Vendado, Estermann não sabia nada disto. Sabia, apenas, que

estava em grandes apuros. Contudo, a situação que enfrentava podia resolver-se facilmente. Bastava a sua assinatura num depoimento. Uma confissão detalhada. Nomes e números.

Às 22h34, o inquisidor de Estermann falou pela primeira vez. A câmara captou a expressão da parte do rosto do alemão que não estava tapada pela venda. Mais tarde, o vídeo seria analisado por especialistas, na Avenida Rei Saul. Todos concordaram num ponto: foi uma expressão de profundo alívio.

Embora amaldiçoado por uma memória impecável, por vezes, era difícil para Gabriel recordar com precisão o rosto da mãe. Dois dos seus autorretratos pendiam na parede do seu quarto, em Jerusalém. Todas as noites, antes de adormecer, via-a como ela se vira a si própria, uma figura atormentada, representada ao estilo dos expressionistas alemães.

Tal como muitas jovens mulheres que sobreviveram ao Holocausto, sentira dificuldades para corresponder às exigências de criar uma criança. Era propensa à melancolia e a violentas mudanças de humor. Não conseguia demonstrar prazer em ocasiões festivas e não participava na partilha de refeições fartas ou de bebidas. Usava sempre uma faixa, no braço esquerdo, sobre os desbotados números tatuados na sua pele. 29395... Referia-se a eles como a sua marca de fraqueza judaica. O seu emblema de vergonha judaica.

Pintar, tal como a maternidade, era um suplício para ela. Gabriel costumava sentar-se no chão, aos seus pés, a rabiscar no seu bloco de desenho, enquanto ela trabalhava arduamente no seu cavalete. Para se distrair, costumava contar histórias sobre a sua infância em Berlim. Falava com Gabriel em alemão, com o seu denso sotaque berlinense. Foi a língua materna de Gabriel e, ainda agora, era a língua dos seus sonhos. O seu italiano, embora fluente, carregava um vestígio ténue, mas inconfundível, da entoação de um estrangeiro. Mas o seu alemão não. Independentemente do local para onde viajasse no país, nunca ninguém presumia que fosse outra coisa senão um falante nativo da língua, e um que crescera no centro de Berlim.

Claramente, Andreas Estermann também presumiu que assim era, o que originou a sua inoportuna expressão de alívio. Esta desvaneceu-se de imediato, assim que Gabriel explicou por que motivo fora detido. Gabriel não se identificou, embora tenha insinuado que era um membro secreto da Ordem de Santa Helena que fora encarregue por Herr Wolf e pelo bispo Richter de investigar determinadas irregularidades financeiras de que tinham tido conhecimento recentemente. Tais irregularidades diziam respeito à existência de uma conta bancária no principado do Liechtenstein. Gabriel recitou o

saldo atual e as datas em que os depósitos tinham sido efetuados. Depois, leu em voz alta as mensagens que Estermann trocara com o seu banqueiro pessoal, Herr Hassler, não fosse Estermann acalentar alguma ideia de se contorcer para escapar ao anzol.

Em seguida, Gabriel centrou a sua atenção na origem do dinheiro que Estermann desviara da Ordem. Era dinheiro, disse ele, que deveria ter sido entregue aos cardeais eleitores que tinham aceitado votar no candidato da Ordem, no próximo conclave. Perante a menção do nome do prelado, Estermann sobressaltou-se e, depois, falou pela primeira vez. Com uma única objeção, confirmou tanto a existência do estratagema como o nome do cardeal que a Ordem escolhera para ser o próximo papa.

— Como é que sabe que é o Emmerich?

— Como assim? — perguntou Gabriel.

— Entre nós, só um grupo muito restrito sabe da operação do conclave.

— Eu sou um deles.

— Mas eu saberia quem você é.

— Porque é que presume isso?

— Conheço os nomes de todos os membros secretos da Ordem.

— Obviamente — disse Gabriel —, isso não é verdade.

Estermann não esboçou mais protestos, pelo que Gabriel voltou ao assunto dos pagamentos. Aparentemente, vários prelados tinham informado o cardeal Albanese de que, nas suas contas, não tinham aparecido as quantias combinadas.

— Mas isso não é possível! O padre Graf disse-me, na semana passada, que todos os cardeais tinham recebido o dinheiro.

— O padre Graf está a trabalhar comigo nesta questão. Induziu-o em erro a meu pedido.

— Filho da mãe.

— A Ordem proíbe essa linguagem, Herr Estermann. Principalmente quando se refere a um padre.

— Por favor, não conte ao bispo Richter.

— Não se preocupe, vai ser o nosso segredinho. — Gabriel fez uma pausa. — Mas só se me disser o que fez com o dinheiro que era suposto entregar aos cardeais eleitores.

— Transferi-o para as contas deles, como o Herr Wolf e o bispo Richter ordenaram. Nunca roubei um único cêntimo.

— Porque é que os cardeais iriam mentir?

— Não é óbvio? Estão a tentar extorquir-nos para lhes pagarmos mais.

— E a conta no Liechtenstein?

— É uma conta operacional.

— Porque é que a beneficiária é a sua esposa?

- Estermann ficou em silêncio durante um momento.
- O Herr Wolf e o bispo Richter sabem da existência da conta?
 - Ainda não — disse Gabriel. — E, se fizer tudo o que eu lhe vou dizer, nunca saberão.
 - O que é que quer?
 - Quero que ligue ao Herr Hassler logo de manhã e lhe diga que transfira esse dinheiro para mim.
 - Sim, claro. E que mais?
- Gabriel disse-lhe.
- Os quarenta e dois nomes? Vamos ficar aqui toda a noite.
 - Há algum outro sítio onde tenha de estar?
 - A minha mulher está à minha espera para jantar.
 - Receio que tenha faltado ao jantar há muito tempo.
 - Pode, pelo menos, retirar-me a venda e soltar-me?
 - Os nomes, Herr Estermann. Agora.
 - Quere-os por alguma ordem específica?
 - Que tal por ordem alfabética?
 - Era mais fácil se tivesse o meu telemóvel.
 - Você é um profissional. Não precisa do telemóvel.
- Estermann inclinou a cabeça na direção do teto e inspirou.
- Cardeal Azevedo.
 - De Tegucigalpa?
 - Só há um Azevedo no Colégio Cardinalício.
 - Quanto é que lhe pagou?
 - Um milhão.
 - Onde é que está o dinheiro?
 - No Banco do Panamá.
 - Próximo?
- Estermann inclinou a cabeça.
- Ballantine, de Filadélfia.
 - Quanto?
 - Um milhão.
 - Onde é que está o dinheiro?
 - No Banco do Vaticano.
 - Próximo?

O último nome na lista de Estermann foi o cardeal Péter Zikov, arcebispo de Esztergom-Budapeste, um milhão de euros, depositados na sua conta pessoal no Banco Popolare da Hungria. No total, 42 dos 116 cardeais eleitores que escolheriam o sucessor do papa Paulo VII tinham recebido dinheiro em troca dos seus votos. O custo total da operação fora ligeiramente inferior a 50 milhões de dólares. Cada centavo tinha vindo dos cofres do Wolf Group, o conglomerado global

também conhecido como Ordem de Santa Helena Inc.

— E estes são todos os nomes? — inquiriu Gabriel. — Tem a certeza de que não deixou nenhum de fora?

Estermann abanou a cabeça vigorosamente.

— Os outros dezoito cardeais que vão votar no Emmerich são membros da Ordem. Não receberam nenhum pagamento, para além dos seus estipêndios mensais. — Fez uma pausa. — E, depois, há o arcebispo Donati, claro. Dois milhões de euros. Depositei o dinheiro depois de ele e o israelita terem entrado clandestinamente no Arquivo Secreto.

Gabriel olhou de soslaio para Eli Lavon.

— E tem a certeza de que não depositou esse dinheiro numa conta cuja existência desconheço?

— Não — disse Estermann. — Está na conta pessoal do Donati, no Banco do Vaticano.

Gabriel folheou o bloco de notas, virando para uma página limpa, apesar de não se ter dado ao trabalho de anotar um único nome ou número.

— Vamos rever tudo mais uma vez, está bem? Só para termos a certeza de que não nos esquecemos de ninguém.

— Por favor — implorou Estermann. — Tenho uma dor de cabeça terrível, das drogas que vocês me deram.

Gabriel olhou para Mordecai e Oded e, em alemão, ordenou-lhes que voltassem a levar Estermann para a cela improvisada. No andar de cima, na sala de visitas, ele e Lavon reviram a gravação no computador portátil.

— Aquele fato clerical que usaste para entrar no Arquivo Secreto deve ter-te afetado. Por momentos, até eu fiquei convencido de que eras membro da Ordem.

Gabriel fez avançar a gravação e carregou no *play*.

Dois milhões de euros. Depositei o dinheiro depois de ele e o israelita terem entrado clandestinamente no Arquivo Secreto.

Gabriel carregou no *pause*.

— Foi bastante astuto da parte deles, não achas?

— Obviamente, não tencionam cair sem dar luta.

— Eu também não.

— O que é que tens em mente?

— Vou falar com ele. — Gabriel fez uma pausa. — Cara a cara.

— Tens tudo aquilo de que precisas — disse Lavon. — Vamos sair daqui, antes que algum simpático polícia alemão bata à porta e pergunte se sabemos alguma coisa sobre um executivo de topo do Wolf Group desaparecido.

— Não podemos libertá-lo antes de haver fumo branco na chaminé da Capela Sistina.

— Nesse caso, atamo-lo a uma árvore, algures nos Alpes, quando estivermos a caminho de Roma. Com um pouco de sorte, ninguém o vai encontrar até que os glaciares derretam.

Gabriel abanou a cabeça.

— Quero saber porque é que ele tem o número de telefone de todos os principais líderes da extrema-direita da Europa Ocidental. E quero aquele livro.

— Esfumou-se por uma chaminé acima. Tu próprio o disseste.

— Exatamente como os meus avós.

Gabriel deu meia-volta, sem mais uma palavra, e desceu as escadas até à cave. Depois, ordenou a Mordecai e Oded que retirassem Estermann da cela. Mais uma vez, o alemão não ofereceu qualquer resistência, enquanto era preso a uma cadeira. Às 00h42, a venda foi retirada. A câmara do telemóvel *Solaris* captou a expressão no rosto de Estermann. Mais tarde, na Avenida Rei Saul, todos concordaram num ponto: foi um dos momentos altos de Gabriel.

MUNIQUE

Natalie deu a Estermann um punhado de ibuprofenos para a dor de cabeça e um prato da comida turca de um restaurante de *takeaway* que lhes tinha sobrado. Ele engoliu avidamente os analgésicos, mas torceu o nariz à comida. Ignorou também o copo de *Bordeaux* que ela colocou à sua frente.

— Parece árabe — disse ele, quando ela saiu.

— Na verdade, é francesa. Ela e os pais tiveram de imigrar para Israel, para fugir ao antisemitismo em França.

— Ouvi dizer que a coisa está feia.

— Quase tão feia como na Alemanha.

— São os imigrantes que estão a causar problemas, não os alemães étnicos.

— É muito bonito pensar assim. — Gabriel olhou para o copo de vinho intacto. — Bebe um pouco. Vais sentir-te melhor.

— O álcool é proibido pela Ordem. — Estermann franziu o sobrolho. — Pensei que sabias disso. — Baixou o olhar para o prato sem entusiasmo. — Estava aqui a pensar se não teriam alguma comida alemã decente.

— Isso seria bastante difícil, dado que já não estamos na Alemanha. Estermann adotou um sorriso superior.

— Vivi em Munique a maior parte da minha vida. Sei como cheira, como soa. Se tivesse de adivinhar, diria que estamos no centro da cidade, bastante perto do Englischer Garten.

— Come a tua refeição, Estermann. Vais precisar de forças.

Ele enfiou dois pedaços de cordeiro grelhado no pão achatado *bazlama* e, hesitantemente, deu uma primeira dentada.

— Não é assim tão mau, pois não?

— Onde é que compraram isto?

— Num restaurante de *takeaway*, perto da Hauptbahnhof.

— É aí que vivem os turcos todos, sabias?

— Pela minha experiência, são, normalmente, os melhores sítios para comprar comida turca.

Estermann comeu um dos *dolmades*.

— Na verdade, é bastante bom. Mesmo assim, não é o que escolheria para a minha última refeição.

— Porquê esse desalento, Estermann?

— Ambos sabemos como é que isto vai acabar.

— O final — disse Gabriel — ainda não foi escrito.

— E o que é que eu tenho de fazer para sobreviver a esta noite?

— Responder a todas as perguntas que eu fizer.

— E, caso não o faça?

— Vou ficar tentado a desperdiçar uma bala perfeitamente boa contigo.

Estermann baixou o volume de voz.

— Eu tenho filhos, Allon.

— Seis — disse Gabriel. — Um número muito judaico.

— A sério? Não sabia. — Estermann olhou para o copo de vinho.

— Bebe um pouco — disse Gabriel. — Vais sentir-te melhor.

— É proibido.

— Vive um bocadinho, Estermann.

Ele agarrou no copo de vinho.

— Espero mesmo que sim.

* * *

De todos os lugares possíveis, a história de Andreas Estermann começou no Massacre de Munique. O seu pai também fora polícia. Um verdadeiro polícia, acrescentou. Não do tipo secreto. Nas primeiras horas da manhã de 5 de setembro de 1972, foi despertado por notícias de que guerrilheiros palestinos tinham sequestrado vários atletas israelitas na Vila Olímpica. Manteve-se no posto de comando durante as negociações ao longo do dia e testemunhou a tentativa de resgate em Fürstenfeldbruck. Apesar de esta ter fracassado, o pai de Estermann recebeu a mais alta condecoração do departamento pelos seus esforços nesse dia. Atirou-a para dentro de uma gaveta e nunca mais voltou a olhar para ela.

— Porquê?

— Achou que era um desastre.

— Para quem?

— Para a Alemanha, claro.

— E os israelitas inocentes que foram assassinados nessa noite?

Estermann encolheu os ombros.

— Presumo que o teu pai tenha pensado que mereciam o que lhes aconteceu.

— Presumo que sim.

— Era apoiante dos palestinos?

— Difícilmente.

O seu pai, continuou Estermann, era membro da Ordem de Santa Helena, tal como o pároco da sua paróquia. Estermann entrou para a Ordem quando estudava na Universidade Ludwig Maximilian, em Munique. Três anos depois, durante uma fase particularmente gélida da Guerra Fria, entrou para o BfV. Segundo qualquer critério objetivo, teve uma excelente carreira, não obstante o facto de não ter conseguido deter a Célula de Hamburgo. Em 2008, deixou a divisão de antiterrorismo e assumiu o comando do Departamento 2, que monitorizava neonazis e outros extremistas de direita.

— É um bocadinho como uma raposa a guardar um galinheiro, não achas?

— Um bocadinho — admitiu Estermann com um sorriso irónico.

Mantinha os piores dos piores debaixo de olho, continuou, e ajudava os procuradores federais a colocar alguns atrás das grades. Contudo, a maior parte do tempo, trabalhava para fazer o país avançar na sua deriva para a direita, protegendo partidos políticos e grupos extremistas do escrutínio, principalmente no que dizia respeito à fonte de financiamento da Ordem. Globalmente, o seu mandato como diretor do Departamento 2 fora muitíssimo bem-sucedido, permitindo que a extrema-direita prosperasse, tanto em tamanho como em influência. Reformou-se do BfV em 2014, três anos antes do previsto, e, no dia seguinte, foi trabalhar como chefe de segurança para o Wolf Group.

— A Ordem de Santa Helena Inc.

— É evidente que leste o livro do Alessandro Ricci.

— Porque é que saíste antecipadamente do BfV?

— Tinha feito tudo o que podia fazer a partir de dentro. Para além disso, em 2014, estávamos perto de atingir os nossos objetivos. O bispo Richter e o Herr Wolf decidiram que o Projeto exigia a minha atenção plena.

— O Projeto?

Estermann fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— O que era isso?

— A resposta a um incidente que ocorreu no Vaticano, no outono de 2006. Talvez te lembres. Na verdade — disse Estermann —, creio que estavas lá, nesse dia.

Recordou, desnecessariamente, os detalhes horríficos a Gabriel. O atentado ocorrera alguns minutos depois do meio-dia, durante a audiência geral de quarta-feira, na Praça de São Pedro. Três bombistas suicidas, três lançadores de granadas *RPG-7*: um insulto calculado ao conceito cristão de Santíssima Trindade, que o islão considerava como

politeísmo, ou *shirk*. Mais de setecentas pessoas foram mortas, fazendo deste o pior atentado desde o 11 de Setembro. Entre os mortos, encontravam-se o comandante da Guarda Suíça, quatro cardeais da Cúria, oito bispos e três *monsignori*. O Santo Padre também teria morrido, se Gabriel não tivesse escudado o seu corpo dos escombros que caíam.

— E o que é que o Lucchesi e o Donati fizeram? — perguntou Estermann. — Apelaram ao diálogo e à reconciliação.

— Suponho que a Ordem tivesse uma ideia melhor.

— Os terroristas islâmicos tinham acabado de atacar o coração da cristandade. O objetivo deles era tornar a Europa Ocidental numa colónia do califado. Digamos, apenas, que o bispo Richter e o Jonas Wolf não estavam com vontade de negociar os termos da rendição do cristianismo. Na verdade, quando discutiram o plano, usaram uma frase famosa dos judeus.

— Qual?

— Nunca mais.

— Que lisonjeiro — disse Gabriel. — E o plano?

— O islão radical tinha declarado guerra à Igreja e à civilização ocidental. Se a Igreja e a civilização ocidental não conseguissem reunir a força necessária para retaliar, a Ordem fá-lo-ia por elas.

Foi Jonas Wolf, continuou, que decidiu chamar à operação o Projeto. Richter defendera algo bíblico, algo com alcance e seriedade históricos. Mas Wolf insistira em neutralidade acima de grandiosidade. Queria uma palavra que soasse inofensiva e que pudesse ser usada num *e-mail* ou numa conversa telefónica sem levantar suspeitas.

— E a natureza do Projeto? — perguntou Gabriel.

— Deveria ser uma versão do século *xxi* da Reconquista.

— Suponho que as vossas ambições não se limitavam à Península Ibérica.

— Não — disse Estermann. — O nosso objetivo era eliminar a presença islâmica da Europa Ocidental e voltar a colocar a Igreja na sua devida posição de dominância.

— Como?

— Da mesma forma que o nosso fundador, o padre Schiller, travou uma guerra bem-sucedida contra o comunismo.

— Através da associação com fascistas?

— Através do apoio à eleição de políticos tradicionalistas no coração da Europa Ocidental, que é predominantemente católico romano. — As suas palavras tinham a frieza de um documento programático. — Os políticos que tomariam as medidas difíceis, mas necessárias, para reverter a atual tendência demográfica.

— Que tipo de medidas?

— Usa a imaginação.

— Estou a tentar, e só estou a conseguir ver vagões de gado e chaminés.

— Ninguém está a falar disso.

— Foste tu que usaste a palavra *eliminar*, Estermann, não eu.

— Sabes quantos imigrantes muçulmanos há na Europa? Numa geração, duas, no máximo, a Alemanha vai ser um país islâmico. A França e os Países Baixos também. Consegues imaginar como vai ser a vida para os judeus nessa altura?

— Porque é que não nos deixas fora disso e me explicas como é que se vão livrar de vinte e cinco milhões de muçulmanos?

— Encorajando-os a sair.

— E se não saírem?

— Serão necessárias deportações.

— Todos eles?

— Até ao último.

— Qual é o teu papel nisto? És o Adolf Eichmann ou o Heinrich Himmler?

— Sou o chefe de operações. Canalizo o dinheiro da Ordem para os partidos políticos escolhidos por nós e comando os nossos serviços secretos e de segurança.

— Suponho que tenham uma ciberunidade.

— E boa. Entre a Ordem e os russos, muito pouco do que o europeu ocidental médio lê *online* hoje em dia é verdade.

— Trabalham com eles?

— Com os russos? — Estermann abanou a cabeça. — Mas, na maioria das vezes, os nossos interesses estão alinhados.

— O chanceler da Áustria simpatiza muito com o Kremlin.

— O Jörg Kaufmann? É a nossa estrela. Até o presidente americano o adora, e olha que ele não gosta de ninguém.

— E o Giuseppe Saviano?

— Graças à Ordem, saiu do nada para ganhar as últimas eleições.

— A Cécile Leclerc?

— Uma verdadeira guerreira. Disse-me que pretende contruir uma ponte entre Marselha e o Norte de África. Escusado será dizer que o trânsito se fará num único sentido.

— Resta o Axel Brünner.

— Os atentados à bomba deram-lhe um empurrão enorme nas sondagens.

— Por acaso, não sabes nada sobre os atentados, pois não?

— Os meus velhos amigos do BfV estão convencidos de que a célula está sediada em Hamburgo. É uma verdadeira confusão, Hamburgo. Muitas mesquitas radicais. Quando estiver no poder, o Brünner vai limpar a cidade.

Gabriel sorriu.

— Graças a ti, a única forma de o Brünner alguma vez ver o interior da Chancelaria Federal será conseguindo trabalho como contínuo.

Estermann ficou em silêncio.

— Estiveram prestes a conseguir tudo o que queriam. E colocam tudo em risco, matando um homem idoso com um coração fraco. Porquê matá-lo? Porque não simplesmente esperar que morresse?

— Era esse o plano.

— O que é que mudou?

— O homem idoso encontrou um livro no Arquivo Secreto — disse Estermann. — E, depois, tentou dar-to.

MUNIQUE

Foi no início de outubro, após o regresso do Santo Padre de um fim de semana prolongado em Castel Gandolfo, que a Ordem se apercebeu de que tinha um problema. Com a saúde em declínio, talvez pressentindo que o fim estava próximo, o papa embarcara numa revisão dos documentos mais sensíveis do Vaticano, principalmente os que estavam relacionados com a Igreja primitiva e os Evangelhos. De particular interesse para Sua Santidade eram os evangelhos apócrifos, livros que os Padres da Igreja tinham excluído do Novo Testamento.

O cardeal Domenico Albanese, *prefetto* do Arquivo Secreto, fazia uma cuidadosa curadoria da lista de leitura do Santo Padre, ocultando material que não queria que o pontífice visse. Mas, de forma bastante casual, enquanto visitava o escritório papal com vários outros cardeais da Cúria, reparou num pequeno livro, com vários séculos e uma capa de couro vermelho gretado, pousado sobre a mesa, junto da secretária do Santo Padre. Era uma obra apócrifa dos primeiros escritos cristãos que deveria estar trancada na *collezione*. Quando Albanese perguntou ao Santo Padre como obtivera o livro, Sua Santidade respondeu que um tal de padre Joshua lho dera, um nome que Albanese não reconheceu.

Alarmado, Albanese informou imediatamente o seu superior-geral, o bispo Hans Richter, que, por sua vez, entrou em contacto com o chefe de segurança e serviços secretos da Ordem, Andreas Estermann. Várias semanas depois, em meados de novembro, Estermann soube que o Santo Padre começara a escrever uma carta: uma carta que tencionava dar ao homem que lhe salvara a vida, no atentado do Vaticano.

— E, assim — disse Estermann —, o destino dele estava traçado.

— Como é que soubeste da carta?

— Coloquei um transmissor no escritório papal há anos. Ouvi o Santo Padre dizer ao Donati que te estava a escrever.

— Mas o Lucchesi não disse ao Donati *por que motivo* me estava a escrever.

— Ouvi o papa a contá-lo a outra pessoa. Nunca consegui

determinar com quem é que estava a falar. Na verdade, não consegui ouvir a voz da outra pessoa.

— Porque é que a Ordem estava tão preocupada com a perspectiva de o Lucchesi me dar o livro?

— Nem sei por onde começar...

— Estavam preocupados com a possibilidade de que pusesse em causa a exatidão histórica dos Evangelhos.

— Obviamente.

— Mas também estavam preocupados com a proveniência do livro. Foi dado à Ordem, em 1938, por um judeu romano endinheirado chamado Emanuele Giordano, juntamente com uma verba avultada e várias obras de arte. O Signore Giordano não fez essa contribuição por bondade. Nos anos trinta, a Ordem estava à frente de um belo esquema de extorsão. Os alvos eram judeus endinheirados, a quem prometiam proteção e certidões de batismo que lhes salvariam a vida, a troco de dinheiro e bens. Esse dinheiro foi o capital de risco para o Wolf Group. — Gabriel fez uma pausa. — E eu teria exposto tudo isto, se o Lucchesi tivesse posto o livro nas minhas mãos.

— Nada mau, Allon. Sempre ouvi dizer que eras bom.

— Como é que o Evangelho segundo Pilatos acabou no Arquivo Secreto?

— O padre Schiller entregou-o ao papa Pio XII, em 1954. Sua Santidade devia tê-lo queimado. Em vez disso, escondeu-o no Arquivo. Se o padre Joshua não o tivesse encontrado, o Lucchesi ainda estaria vivo.

— Como é que o padre Graf o matou?

A pergunta surpreendeu Estermann. Após um momento de hesitação, levantou dois dedos da mão direita e moveu o polegar como se estivesse a pressionar o êmbolo de uma seringa.

— O que é que continha?

— Fentanil. Aparentemente, o velhote deu luta. O padre Graf deu-lhe a injeção através da batina e pôs-lhe a mão sobre a boca, enquanto morria. Uma das tarefas do camerlengo é supervisionar a preparação do corpo para o enterro do Santo Padre. O Albanese assegurou-se de que ninguém reparava no pequeno orifício na sua coxa direita.

— Acho que vou fazer um orifício no padre Graf, na próxima vez que o vir. — Gabriel pousou uma fotografia na mesa. Um homem com um capacete de motociclista, na Ponte Vecchio, em Florença, com o braço direito estendido, uma arma na mão. — É bastante bom atirador.

— Fui eu que o treinei.

— O Niklaus deixou-o entrar no apartamento papal, na noite do assassinio?

Estermann assentiu com a cabeça.

— Ele sabia o que é que o padre Graf estava a planear fazer?
— O São Niklaus? — Estermann abanou a cabeça. — Ele amava o Santo Padre e o Donati. O padre Graf manipulou-o para que abrisse a porta. Ouvi o Niklaus a entrar no escritório, alguns minutos depois de o padre Graf sair. Foi quando tirou a carta da secretária.

Gabriel colocou-a na mesa, ao lado da fotografia.

— Onde é que a encontraste?

— Estava no bolso dele, quando foi assassinado.

— E o que é que diz?

— Diz que é bom que me contes o que aconteceu ao Evangelho segundo Pilatos, depois de o Albanese o tirar do escritório.

— Deu-o ao bispo Richter.

— E o que é que o bispo Richter fez com ele?

— Fez o que o padre Schiller e o papa Pio XII deviam ter feito há muito tempo.

— Destruíu-o?

O alemão fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Gabriel puxou a *Beretta* do fundo das costas.

— Como é que queres que a história acabe?

— Quero voltar a ver os meus filhos.

— Resposta certa. Agora, vamos tentar uma segunda vez. — Gabriel colocou a *Beretta* ao nível da cabeça de Estermann. — Onde é que está o livro?

Houve uma discussão acesa, mas, na verdade, nenhuma operação do Departamento estava completa sem uma bela discussão. Yaakov Rossman nomeou-se a si próprio como porta-voz da oposição. A equipa, argumentou, já fizera praticamente o impossível. Reunidos apressadamente numa cidade em estado de alerta elevado, tinham conseguido fazer um antigo espião alemão desaparecer sem deixar rasto. Com um interrogatório habilidoso, este revelara a informação necessária para impedir que a Igreja católica caísse nas mãos de uma ordem maligna e reacionária, com ligações à extrema-direita europeia. E, como se isso fosse pouco, a árvore proverbial não emitira nem um som ao cair na floresta da espionagem. Era melhor que não abusassem da sorte com uma jogada final arriscada, disse Yaakov. Era melhor livrarem-se de Estermann e correrem, sem pressas, para o Aeroporto de Munique.

— Não me vou embora sem esse livro — disse Gabriel. — E o Estermann vai buscá-lo para mim.

— O que é que te leva a pensar que ele vai aceitar fazer isso?

— Porque é melhor do que a alternativa.

— E se ele estiver a mentir? — perguntou Yaakov. — E se estiver a

mandar-te para uma caça aos gambozinhos?

— Não está. Para além disso, a história dele pode ser facilmente verificada.

— Como?

— O telemóvel.

O telemóvel a que Gabriel se estava a referir pertencia ao padre Markus Graf. Gabriel ordenou à Unidade 8200, que conseguira ter acesso ao dispositivo depois de obter o número, que investigasse os dados de GPS armazenados no sistema operativo. Pouco depois das cinco da manhã, hora de Munique, Yuval Gershon retribuiu a chamada com as descobertas da Unidade. Os dados de GPS confirmavam a história de Estermann.

Nesse ponto, o debate terminou. Havia, contudo, um pequeno problema de transporte.

— Se as coisas correrem mal lá em cima — disse Eli Lavon —, não vais conseguir regressar a Roma esta noite.

— Não sem um jato privado — reconheceu Gabriel.

— Onde é que vamos arranjar um avião?

— Suponho que possamos, simplesmente, roubar um.

— Isso pode tornar-se complicado.

— Nesse caso — disse Gabriel —, pedimos um emprestado.

Martin Landesmann, o homem de negócios e filantropo suíço, dormia, celebrenemente, apenas três horas por noite. Por conseguinte, quando atendeu o telemóvel, às cinco e um quarto, soava desperto e cheio de vitalidade empresarial. Sim, disse ele, os negócios corriam bem. Bastante bem, na verdade. Não, respondeu com uma gargalhada triste, não andava a vender componentes nucleares aos iranianos novamente. Devido a Gabriel, tudo isso pertencia ao passado de Landesmann.

— E tu? — perguntou sinceramente. — Nos dias que correm, como vão os teus negócios?

— O caos internacional é uma indústria em crescimento.

— Ando sempre à procura de oportunidades de investimento.

— O problema não são as finanças, Martin. O que precisamos é de um avião.

— Vou levar o *Boeing Business* para Londres esta manhã, mas o *Gulfstream* está disponível.

— Suponho que terá de servir.

— Onde e quando?

Gabriel disse-lhe.

— Destino?

— Telavive, com uma breve paragem no Aeroporto Ciampino, em

Roma.

— Para onde é que envio a fatura?

— Põe na minha conta.

Gabriel desligou a chamada e telefonou a Donati, que estava em Roma.

— Estava a começar a pensar que nunca mais ia ter notícia tuas — disse ele.

— Não te preocupes, tenho tudo aquilo de que precisas.

— Quão mau é?

— Doze na escala do bispo Richter. Mas receio que haja uma complicação que envolve alguém próximo do último papa. Preferia não falar disto ao telefone.

— Quando é que chegas?

— Preciso de atar uma ou duas pontas soltas, antes de ir. E nem penses em pôr um pé fora da Cúria Jesuíta até eu chegar.

Gabriel terminou a chamada.

— Diz-me uma coisa — disse Lavon. — Como é que é ser tu?

— Cansativo.

— Porque é que não dormes duas horas, enquanto fazemos as malas?

— Adorava. Mas tenho mais uma pergunta que gostava de fazer ao nosso mais recente confidente.

— Qual é?

Gabriel disse-lhe.

— Isso são duas perguntas — disse Lavon.

A sorrir, Gabriel levou o telemóvel de Estermann para o andar de baixo. O alemão estava a beber café na mesa de interrogatório, vigiado por Mikhail e Oded. Tinha a barba por fazer e uma contusão na maçã do rosto direita. Com uma lâmina de barbear e um pouco de maquilhagem, ficaria como novo.

Cautelosamente, observou Gabriel, enquanto este se sentava na cadeira à sua frente.

— O que foi agora?

— Vamos limpar-te e, depois, vamos dar um passeio.

— Onde?

Gabriel fitou Estermann inexpressivamente.

— Nunca na vida vais conseguir passar pelos guardas no posto de controlo.

— Não vou ter de o fazer. Tu vais fazer isso por mim.

— Não vai resultar.

— Para teu bem, é bom que resulte. Mas, antes de irmos, gostava que respondesses a mais uma pergunta. — Gabriel colocou o telemóvel de Estermann em cima da mesa. — Porque é que foste a Bona, depois de falares com a Stefani Hoffmann? E porque é que

desligaste o telemóvel durante duas horas e cinquenta e sete minutos?

— Eu não fui a Bona.

— O teu telemóvel diz que foste. — Gabriel bateu suavemente no ecrã. — Diz que saíste do Café du Gothard às duas e trinta e quatro da tarde e que chegaste à periferia de Bona por volta das sete e um quarto, o que é um tempo bastante bom, devo dizer. Nesse momento, desligaste o telemóvel. Quero saber porquê.

— Já te disse, eu não fui a Bona.

— Onde é que foste?

O alemão hesitou.

— Estive em Grosshau. É um povoado agrícola, alguns quilómetros para oeste.

— O que é que há em Grosshau?

— Um chalé na floresta.

— Quem é que vive lá?

— Um homem chamado Hamid Fawzi.

— Quem é ele?

— É uma criação da minha ciberunidade.

— É ele a razão para existirem bombas a explodir na Alemanha?

— Não — disse Estermann. — Sou eu.

COLÓNIA, ALEMANHA

Gerhardt Schmidt não era conhecido por trabalhar muitas horas. Normalmente, chegava ao quartel-general do BfV, em Colónia, um minuto ou dois antes da reunião das chefias, às dez da manhã, e, a não ser que houvesse alguma emergência, estava no banco de trás da sua limusina oficial, o mais tardar, às cinco da tarde. Na maioria das noites, parava num dos melhores bares da cidade para uma bebida. Mas apenas uma. Tudo com moderação, era a máxima pessoal de Schmidt. Seria gravada na sua lápide.

Os atentados à bomba em Berlim e Hamburgo tinham-se revelado prejudiciais para a saudável rotina de Schmidt. Naquele dia, estava na sua secretária às oito da manhã, uma hora ingrata para quem, habitualmente, ainda estaria na cama com um café e os jornais. Por conseguinte, quando, às oito e um quarto, o seu telefone seguro tocou com uma chamada de Telavive, ele estava lá para a atender.

Esperava ouvir a voz de Gabriel Allon, o lendário diretor-geral dos serviços secretos israelitas. Em vez dele, foi Uzi Navot, o subdiretor de Allon, quem desejou bom dia a Schmidt num alemão perfeito. Schmidt tinha um relutante respeito por Allon, mas odiava Navot. Durante muitos anos, o israelita trabalhara como infiltrado na Europa, a dirigir redes e a recrutar agentes, incluindo três que trabalhavam para o BfV.

No entanto, poucos segundos depois, Schmidt estava profundamente arrependido de alguma vez ter proferido uma palavra desagradável (na verdade, de alguma vez ter alimentado, sequer, um pensamento injurioso) sobre o homem que se encontrava no outro lado da linha segura. Aparentemente, os israelitas, como era frequente, tinham tido acesso a um filão de informação mágica, desta vez relativa à nova célula que estava a provocar o caos na Alemanha. Como era previsível, Navot foi evasivo em relação à forma como obtivera essa informação. Fora um *pot-pourri*, alegou, uma mistura de fontes humanas e interceções eletrónicas. Havia vidas em jogo. O tempo estava a esgotar-se.

Fosse qual fosse a fonte da informação, a mesma era altamente

específica. Dizia respeito a uma propriedade em Grosshau, um pequeno povoado agrícola, situado no limite de uma densa floresta alemã conhecida como Hürtgenwald. A propriedade pertencia a uma entidade chamada OSH Holdings, uma firma sediada em Hamburgo. Continha duas estruturas, uma casa de campo tradicional alemã e um anexo de zinco. A casa estava maioritariamente desmobilada. Contudo, no anexo, havia um caminhão de carga ligeira *Mitsubishi* com dez anos, carregado com duas dúzias de barris de fertilizante de nitrato de amônio, nitrometano e Tovex, os ingredientes para fabricar uma bomba ANNM.

O caminhão estava registado em nome de um tal de Hamid Fawzi, um refugiado oriundo de Damasco, que se instalara em Frankfurt, após o início da guerra civil na Síria. Pelo menos, era o que alegavam as suas páginas nas redes sociais, frequentemente atualizadas. Engenheiro de formação, Fawzi trabalhava como especialista em TI para uma empresa de consultoria alemã, que também era propriedade da OSH Holdings. A sua esposa, Asma, usava um véu que lhe cobria todo o rosto, sempre que saía do apartamento. Tinham dois filhos, uma menina chamada Salma e um menino chamado Mohammad.

De acordo com as informações de Navot, às dez horas dessa manhã, estava prevista a chegada de um único agente à propriedade. Não conseguia dizer se seria Hamid Fawzi. No entanto, estava bastante seguro em relação ao alvo do atentado: o imensamente popular mercado de Natal de Colónia, que estava a decorrer na histórica catedral.

Gerhardt Schmidt tinha uma longa lista de questões que queria colocar a Navot, mas não houve tempo para mais nada, para além de uma expressão de profunda gratidão. Depois de desligar, telefonou imediatamente ao ministro do Interior, que, por sua vez, telefonou à chanceler, bem como ao homólogo de Schmidt na Bundespolizei. Os primeiros agentes chegaram à propriedade às oito e meia. Alguns minutos depois das nove, quatro equipas da GSG 9, a unidade tática e antiterrorista de elite da Alemanha, juntaram-se a eles.

Os agentes não fizeram qualquer tentativa de entrar no anexo, que estava fechado com um cadeado de alta resistência. Em vez disso, esconderam-se no bosque circundante e esperaram. Às dez da manhã em ponto, um *Volkswagen Passat* subiu aos solavancos o caminho esburacado de acesso à casa. O homem ao volante usava óculos escuros e um gorro de lã, e tinha as mãos enluvadas.

Estacionou o *Volkswagen* junto à casa e caminhou até ao anexo. Os agentes da GSG 9 esperaram que abrisse o cadeado, antes de saírem do seu esconderijo entre as árvores. Sobressaltado, o homem tentou alcançar o interior do casaco, aparentemente para agarrar numa arma, mas, sensatamente, deteve-se, quando viu o tamanho da força reunida

contra ele. Isto surpreendeu um pouco os agentes da GSG 9, que tinham sido treinados para esperar que os terroristas jihadistas lutassem até à morte.

Os agentes surpreenderam-se uma segunda vez quando, depois de algemarem o homem, ele tirou os óculos escuros e o gorro de lã. Louro, de olhos azuis, parecia acabado de sair de um cartaz de propaganda nazi. Numa revista rápida, encontraram na sua posse uma pistola *Glock* de 9 mm, três telemóveis, vários milhares de euros em dinheiro e um passaporte austríaco emitido em nome de Klaus Jäger. A Bundespolizei contactou imediatamente a sua homóloga de Viena, que conhecia bem Jäger. Era um ex-polícia austríaco que fora dispensado devido à sua associação com neonazis.

Foi neste ponto, às dez e meia, que a história foi divulgada no *site* do *Die Welt*, o mais respeitado jornal alemão. Citando uma fonte anónima, declarava que a Bundespolizei, atuando na sequência de informações obtidas pelo chefe do BfV, Gerhardt Schmidt, detivera um dos homens responsáveis pelos atentados à bomba em Berlim e Hamburgo. Não era membro do Estado Islâmico, como se suspeitava, mas um conhecido neonazi com ligações a Axel Brünner e ao Partido Nacional Democrático, de extrema-direita. Os atentados, relatava o *Die Welt*, faziam parte de um cínico estratagema para aumentar o apoio a Brünner antes das eleições gerais.

Numa questão de minutos, a Alemanha viu-se lançada para o tumulto político. Neste cenário, Gerhardt Schmidt, era, subitamente, o homem mais popular do país. Após terminar um telefonema com a chanceler, ligou a Uzi Navot, em Telavive.

— *Mazel tov*, Gerhardt. Acabei de ver as notícias.

— Não sei como é que algum dia poderei retribuir-te.

— Tenho a certeza de que vais pensar nalguma coisa.

— Só há um problema — disse Schmidt. — Preciso de saber o nome da tua fonte.

— Isso é algo que nunca te vou dizer. Mas, no teu lugar, examinaria atentamente a OSH Holdings. Desconfio que vai conduzir-te a um lugar interessante.

— Onde?

— Não quero estragar a surpresa.

— Tu e o Allon sabiam que o Brünner e a extrema-direita estavam por trás dos atentados?

— A extrema-direita? — Navot soou incrédulo. — Quem é que poderia imaginar uma coisa dessas?

BAVIERA, ALEMANHA

A fonte da extraordinariamente precisa informação de Uzi Navot abandonou Munique às 10h15, no porta-bagagens de um *sedan Audi*. Aí permaneceu, atado e amordaçado, até que o automóvel chegou à povoação bávara de Irschenberg, onde foi transferido para o banco de trás, ao lado de Gabriel. Juntos, ouviram as últimas notícias na ARD, enquanto o carro iniciava a sua subida em direção a Obersalzberg.

— Algo me diz que a ascensão relâmpago do Brünner acabou de terminar. — Gabriel baixou o olhar para o telemóvel de Estermann, que estava a vibrar. — Por falar no diabo. É a terceira vez que liga.

— Provavelmente, acha que sou o responsável pela notícia que vocês passaram ao *Die Welt*.

— Porque é que havia de pensar isso?

— A operação dos atentados à bomba era altamente secreta. Eu estava entre as quatro pessoas que sabiam que os atentados faziam parte dos esforços da Ordem para o ajudar a ganhar as eleições gerais.

— Isso é que são notícias falsas — observou Gabriel.

— Foste tu que criaste aquela notícia no *Die Welt*.

— Mas tudo o que lhes disse era verdade.

À frente, no banco do passageiro, Eli Lavon riu-se silenciosamente, antes de acender um cigarro. Mikhail, cujo alemão era bastante limitado, estava concentrado na condução.

— Gostava mesmo que o teu parceiro apagasse aquele cigarro — protestou Estermann. — E o outro tem mesmo de bater com os dedos daquela forma? É muito irritante.

— Preferias que te batesse a ti?

— Já o fez bastante, ontem à noite. — Estermann moveu o maxilar de um lado para o outro. — Provavelmente, o Wolf está a indagar-se porque é que ainda não teve notícias minhas.

— Vai ter daqui a uma hora, mais ou menos. Algo me diz que vai ficar aliviado por te ver.

— Eu não teria tanta certeza disso.

— Quantos guardas vão estar no posto de controlo?

- Já te disse.
- Sim, eu sei. Mas diz-me outra vez.
- Dois — disse Estermann. — Ambos vão estar armados.
- Recorda-me o que é que acontece quando chega alguém.
- Os guardas chamam o Karl Weber, o chefe de segurança. Se os convidados forem esperados, o Weber permite que o carro prossiga. Se não estiverem na lista, entra em contacto com o Wolf. Durante o dia, normalmente, está no escritório. É no segundo andar do chalé. O Evangelho está no cofre.
- Qual é a combinação?
- Oitenta e sete, noventa e quatro, noventa e oito.
- Não é propriamente difícil de memorizar, pois não?
- Foi o Wolf que a pediu.
- Motivos sentimentais?
- Não saberia dizer-te. O Wolf é bastante reservado em relação à sua vida pessoal. — Estermann apontou na direção dos Alpes. — São lindos, não são? Não há montanhas como estas em Israel.
- Isso é verdade — admitiu Gabriel. — Mas também não há pessoas como tu.

* * *

Atualmente, é prática comum os políticos de todas as fações ideológicas encherem os bolsos ao escreverem (ou ao contratarem alguém para escrever) um livro. Alguns são autobiografias, outros são claríssimos apelos à ação, relacionados com assuntos caros aos políticos. Geralmente, os exemplares que não são vendidos em bloco aos seus apoiantes ficam a ganhar pó em armazéns ou nas salas de estar dos jornalistas que recebem cópias gratuitas da editora, na esperança de que murmurem algo favorável na televisão ou nas redes sociais. O único vencedor deste jogo é o político, que normalmente recebe um avultado adiantamento. Convence-se a si próprio de que merece aquele dinheiro devido ao enorme sacrifício pessoal e financeiro que fez ao integrar o governo.

No caso de Adolf Hitler, o livro que o tornou rico foi escrito uma década antes da sua ascensão ao poder. Usou parte dos direitos de autor para comprar Haus Wachenfeld, um modesto chalé de férias, nas montanhas que rodeiam Berchtesgaden. Em 1935, mandou fazer uma ambiciosa renovação da moradia, baseada num esboço rudimentar que desenhara num quadro emprestado por Albert Speer, o seu ministro do Armamento e Produção Bélica. O resultado foi Berghof, uma residência que Speer descreveu como «nada prática para a receção de visitas oficiais».

À medida que o poder e a paranoia de Hitler aumentaram,

aumentou também a pegada nazi em Obersalzberg. Empoleirado no cume do Kehlstein, ficava o Ninho da Águia, um chalé utilizado por oficiais importantes do partido para reuniões e eventos sociais, e, a uma curta distância a pé de Berghof, encontrava-se a sumptuosa casa de chá onde Hitler passava tardes ociosas com Eva Braun e Blondi, a sua amada cadela pastora-alemã. A 25 de abril de 1945, várias centenas de bombardeiros *Lancaster* da Royal Air Force atacaram o complexo, causando danos severos em Berghof. O governo alemão demoliu a casa de chá nos anos cinquenta, mas o Ninho da Águia continua, até hoje, a ser uma popular atração turística, tal como a vila de Berchtesgaden.

Andreas Estermann observou a neve que caía nos limpos passeios da povoação.

— É a primeira tempestade da época.

— Alterações climáticas — respondeu Gabriel.

— Não acreditas realmente nesse absurdo, pois não? É um padrão climático, mais nada.

— Talvez de vez em quando devesse ler alguma coisa para além do *Der Stürmer*.

Franzindo o sobrolho, Estermann apontou para as lojas e os cafés, que exibiam uma perfeição de postal.

— Acho que isto merece ser defendido, não achas? Consegues imaginar como seria esta povoação se tivesse um minarete?

— Ou uma sinagoga?

Estermann mostrou-se insensível à ironia de Gabriel.

— Aqui em Obersalzberg, não há judeus, Allon.

— Já não.

Gabriel olhou de soslaio por cima do ombro. Logo atrás deles, estava o segundo *sedan Audi*. Yaakov ia a conduzir, Yossi e Oded estavam no banco de trás. Dina e Natalie vinham depois, na carrinha *Mercedes*. Gabriel marcou o número de Natalie e disse-lhe que esperasse na povoação.

— Porque é que não posso ir com vocês?

— Porque as coisas podem ficar feias.

— Sabe Deus que nunca estivemos numa situação feia antes.

— Podes apresentar uma reclamação junto dos Recursos Humanos, amanhã de manhã.

Gabriel desligou a chamada e instruiu Mikhail para que virasse à esquerda, no final da rua. Aceleraram ao longo das margens de um rio de cor granítica, passando por pequenos hotéis e casas de férias.

— Estamos a menos de três quilómetros de distância — disse Estermann.

— Lembras-te do que é que vai acontecer se tentares avisá-lo, *não lembras?*

— Atiras-me para um buraco profundo.

Gabriel devolveu o telemóvel a Estermann.

— Faz a chamada em alta-voz.

Estermann marcou o número. O telefone tocou, sem resposta.

— Não está a atender.

— Tenho uma sugestão.

— Qual é?

— Liga-lhe outra vez.

OBERSALZBERG, BAVIERA

Habitualmente, Jonas Wolf não via televisão. Considerava-a o verdadeiro ópio do povo e culpava-a pela queda do Ocidente no hedonismo, na secularização e no relativismo moral. Porém, nessa manhã, tinha posto as notícias no seu confortável escritório, às onze e um quarto, à espera de ver os primeiros relatos de um grande ataque terrorista na histórica catedral de Colónia. Em vez disso, ficou a saber que a polícia tinha descoberto uma carrinha carregada de explosivos numa propriedade rural na zona oeste da Alemanha e tinha prendido um ex-polícia austríaco com ligações à extrema-direita. Segundo o *Die Welt*, o detido estava envolvido nos atentados de Berlim e Hamburgo e, pior ainda, tinha relação com Axel Brünner e com o Partido Nacional Democrático. Alegadamente, os atentados faziam parte de uma operação brutal orquestrada por Brünner e pela extrema-direita para inflamar o eleitorado alemão na véspera das eleições gerais.

De momento, o nome de Wolf ainda não tinha vindo à baila nas notícias relativas ao escândalo. Contudo, Wolf duvidava de que conseguisse escapar ao escrutínio das autoridades por muito mais tempo. Mas como é que a Bundespolizei soubera do chalé em Grosshau, e como é que o jornalista do *Die Welt* conseguiu ligar tão rapidamente os ataques à campanha de Brünner? Wolf só tinha um suspeito.

Gabriel Allon...

Foi por isso que não atendeu a primeira chamada que recebeu do *iPhone* de Andreas Estermann. Não era a altura certa, pensou ele, para falar com um cúmplice que lhe ligava de um dispositivo móvel. Mas, quando Estermann telefonou pela segunda vez, relutantemente, Wolf levou o telefone ao ouvido.

A voz de Estermann soou uma oitava mais alta do que o normal. Era a voz de um homem submetido a uma tensão extrema, pensou Wolf. Pelos vistos, um membro da Ordem que ainda trabalhava para o BfV tinha avisado Estermann de que ele e Wolf estavam prestes a serem presos por estarem relacionados com os atentados. Estermann estava a

caminho, acompanhado por vários dos seus homens, e pretendia que Wolf estivesse à sua espera, à entrada, quando chegasse. Já tinha ordenado à Platinum Flight Services, a operadora do aeroporto de Salzburgo, que tivesse um *Gulfstream* pronto para descolar com destino a Moscovo. Dentro de menos de uma hora, estariam no ar. Wolf só tinha de levar o seu passaporte e todo o dinheiro que coubesse numa mala.

— E o Evangelho, Herr Wolf. Por amor de Deus, não o deixe para trás.

A chamada foi cortada. Wolf pousou o telefone e ligou a televisão. Um bando de jornalistas tinha encurralado Brünner em frente da sede do seu partido, em Berlim. A negação do seu envolvimento nos atentados tinha a credibilidade de um assassino que proclamava a sua inocência com a faca ensanguentada ainda na mão.

Wolf baixou o volume. Pegou de novo no telefone e ligou a Otto Kessler, o diretor da Platinum Flight Support. Depois das cortesias habituais, Wolf perguntou se o seu avião estava pronto para descolar.

— Que avião, Herr Wolf?

— Um dos meus colaboradores deveria ter-lhe ligado.

Kessler garantiu-lhe que ninguém o tinha contactado.

— Mas não terá problemas para descolar. Só há um voo privado programado para esta tarde.

— De quem? — perguntou Wolf com indiferença.

— Martin Landesmann.

— O Martin Landesmann?

— O avião é dele, mas não tenho a certeza se ele irá a bordo. Estava vazio quando chegou.

— Para onde é que vai o avião?

— Para Telavive, com uma breve escala em Roma.

Gabriel Allon...

— E a partida do Landesmann está agendada para que horas? — perguntou Wolf.

— Para as duas horas, se o tempo o permitir. A previsão do tempo indica que esta tarde vai piorar, parece que vai continuar a nevar. Fomos avisados de que a partir das quatro horas em diante será impossível levantar voo.

Wolf desligou e depois ligou para o bispo Richter para o *palazzo* da Ordem, na colina do Janículo, em Roma.

— Calculo que tenha visto as notícias, Vossa Excelência.

— É uma viragem preocupante dos acontecimentos — respondeu Richter com a sua temperança habitual.

— Receio que vá ficar pior.

— Quão pior?

— A Alemanha está perdida. Pelo menos, por enquanto. Mas o

papado ainda está ao nosso alcance. Deve fazer tudo o que estiver em seu poder para manter o nosso amigo da Companhia de Jesus longe dos cardeais.

— Ele tem dois milhões de motivos para manter a boca fechada.

— Dois milhões de motivos e mais um — replicou Wolf.

Desligou e olhou fixamente para o quadro — uma paisagem com um rio — pendurado na parede do seu escritório. Pintado por Jan van Goyen, um antigo mestre holandês, pertencera outrora a um rico empresário judeu de Viena, um tal Samuel Feldman, que o deu ao padre Schiller, o fundador da Ordem, em troca de certidões de batismo falsas para ele e para a sua família. Infelizmente, as certidões de batismo não chegaram a tempo de impedir a deportação de Feldman e respetiva família para a região de Lublin, na Polónia ocupada pela Alemanha, onde foram assassinados.

O seu cofre estava escondido atrás do quadro. Wolf marcou a combinação — 87, 94, 98 — e abriu a grossa porta de aço. No interior estavam dois milhões de euros em dinheiro, cinquenta lingotes de ouro, uma pistola *Luger* de setenta anos e um livro: o último exemplar existente do Evangelho segundo Pilatos.

Wolf tirou só o livro. Colocou-o sobre a secretária e abriu-o na passagem em que o prefeito romano narrava a prisão e execução de um desordeiro galileu a quem chamavam Jesus de Nazaré. Ignorando o conselho do bispo Richter, Wolf tinha lido a passagem na mesma noite em que o padre Graf trouxera o livro de Roma. Para sua vergonha, tinha-a lido de novo muitas vezes desde então. Felizmente, os seus olhos seriam os últimos a vê-la.

Levou o livro para a janela do gabinete que dava para a fachada da frente da casa de campo e para a longa estrada que percorria o seu vale particular. Ao longe, pouco visível devido à queda de neve, estava o Untersberg, o maciço onde, segundo a lenda, Frederico Barba-Ruiva esperou pelo chamamento para se erguer e restaurar a glória da Alemanha. Wolf tinha ouvido o mesmo apelo. A sua pátria estava perdida. *Pelo menos, por enquanto.* Mas talvez ainda pudessem salvar a sua Igreja.

A previsão do tempo indica que esta tarde vai piorar, parece que vai continuar a nevar. Fomos avisados de que a partir das quatro horas em diante será impossível levantar voo.

Wolf viu as horas. Depois ligou para Karl Weber, o seu chefe de segurança. Weber, como de costume, atendeu ao primeiro toque.

— Sim, Herr Wolf?

— O Andreas Estermann há de chegar a qualquer instante. Ele pensa que vou estar à espera dele na entrada, mas receio que tenha havido uma mudança de planos.

Mikhail virou para a estrada privada de Wolf e subiu a uma velocidade constante através de um arvoredor frondoso de abetos e bétulas. Pouco depois, as árvores começaram a escassear e, perante eles um abriu-se um vale rodeado por montanhas altíssimas em três lados. Os cumes mais elevados estavam cobertos por nuvens.

Estermann deu um salto involuntário quando Gabriel puxou da sua *Beretta*.

— Tem calma, não vou disparar contra ti. A menos, claro, que me dês a mais ínfima razão para isso.

— A guarita dos guardas fica no lado direito da estrada.

— E?

— Estou sentado no lugar do morto. Se houver um tiroteio, posso ser apanhado pelo fogo cruzado.

— O que aumenta as minhas hipóteses de sobrevivência.

Atrás deles, Yaakov fez-lhes sinais de luzes.

— O que é que ele quer? — perguntou Mikhail.

— Calculo que queira ultrapassar-nos antes de chegarmos à barreira de segurança.

— O que é que queres que faça, chefe?

— Consegues disparar e conduzir ao mesmo tempo?

— O papa é católico?

— Não há nenhum papa neste momento, Mikhail. É por isso que vai haver um conclave.

A guarita apareceu diante deles, coberta de neve. Dois seguranças de casacos de esqui pretos estavam especados no meio da estrada, cada um com uma submetralhadora *HK MP5*. Não pareceram alarmados ao verem os dois carros a aproximarem-se a alta velocidade. Também não fizeram a mínima tenção de sair do caminho.

— Passo-lhes por cima? — perguntou Mikhail.

— Porque não?

Mikhail desceu os vidros das duas janelas do lado do passageiro e colocou o pé no acelerador. Os dois guardas recuaram para a guarita. Um deles acenou calorosamente enquanto os carros passavam.

— Parece que o teu estratagema funcionou, Allon. Têm ordens para parar todos os carros que se aproximam.

Mikhail subiu os vidros das janelas. À esquerda, num prado coberto de neve, um helicóptero *Airbus* repousava no seu heliporto, triste como um brinquedo abandonado. A casa de Wolf apareceu logo a seguir. Uma única figura estava à entrada. O seu casaco de esqui era idêntico ao dos guardas da guarita. Tinha as mãos vazias.

— É o Weber — disse Estermann. — Tem uma nove milímetros por baixo do casaco.

— É destro ou canhoto?

— Que diferença é que isso faz?

— Talvez disso dependa o facto de ele ainda estar vivo daqui a trinta segundos.

Estermann franziu o sobrolho.

— Acho que é destro.

Mikhail parou o carro com uma travagem brusca e saiu com a *Uzi Pro* em punho. Atrás deles, Yaakov e Oded, armados com pistolas *Jericho*, saltaram do segundo carro.

Gabriel esperou que Weber fosse despojado da sua arma. Depois abordou-o calmamente e falou com ele no alemão com sotaque berlinense da sua mãe.

— O Herr Wolf deve estar à nossa espera. É urgente irmos já para o aeroporto.

— O Herr Wolf pediu-me para o acompanhar até lá dentro.

— Onde é que ele está?

— Lá em cima — disse Weber. No salão principal.

OBERSALZBERG, BAVIERA

As escadas, largas e retas, estavam forradas por um tapete de um vermelho vivo. Weber precedeu-os com os braços no ar, enquanto Mikhail lhe apontava a *Uzi Pro* aos rins. Gabriel ia flanqueado por Eli Lavon e Estermann. O alemão parecia desassossegado.

— Estás preocupado com alguma coisa, Estermann?

— Já vais ver daqui a um minuto.

— Talvez mo devas dizer já. As surpresas não me agradam nada.

— O Herr Wolf não costuma receber visitas no salão principal.

Ao chegar ao cimo das escadas, Weber virou à esquerda e conduziu-os a uma antessala. Deteve-se diante de umas portas duplas trabalhadas.

— Não estou autorizado a passar daqui. O Herr Wolf espera-os lá dentro.

— Ele e mais quem? — perguntou Gabriel.

— Só o Herr Wolf.

Gabriel apontou-lhe a *Beretta* à cabeça.

— Tem a certeza?

Weber assentiu.

Gabriel indicou-lhe um cadeirão com a pistola.

— Sente-se.

— Não me é permitido sentar-me.

— Agora já é.

O alemão sentou-se. Oded deixou-se cair na cadeira em frente, com a *Jericho* de calibre 45 nos joelhos.

Gabriel olhou para Estermann.

— Estás à espera de quê?

Estermann abriu as portas e conduziu-os para o interior.

Era um espaço cavernoso, de cerca de quinze por dezoito metros. Uma das paredes estava ocupada quase na sua totalidade por uma janela panorâmica. Nas outras três estavam penduradas tapeçarias

Gobelins e quadros de Velhos Mestres. Havia um louceiro monumental de estilo classicista, um enorme relógio de caixa alta coroado por uma águia, e um busto de Wagner que parecia obra de Arno Breker, o escultor e arquiteto alemão predileto de Hitler e das elites nazis.

Havia duas áreas de estar, uma perto da janela e outra em frente da lareira. Gabriel atravessou o salão para se juntar a Jonas Wolf diante do lume. O calor era escaldante. Em cima das brasas, jazia um livro do qual já só restava a capa de couro.

— Imagino que queimar livros seja inato para gente da sua laia...

Wolf não respondeu.

— Não está armado, pois não, Wolf?

— Tenho uma pistola.

— Importa-se de me dar?

Wolf introduziu a mão debaixo do casaco de cachemira.

— Devagar — advertiu Gabriel.

O alemão tirou a arma. Era uma *Luger* antiga.

— Faça-me o favor de a atirar para aquela cadeira ali.

Wolf obedeceu. Gabriel olhou para os restos tismados do livro.

— É o Evangelho segundo Pilatos?

— Não, Allon. *Era* o Evangelho.

Gabriel apoiou o canhão da *Beretta* contra a sua nuca. De algum modo, conseguiu controlar-se para não apertar o gatilho.

— Importa-se que lhe dê uma vista de olhos?

— Fique à vontade.

— Pode trazer-mo, se faz favor?

Wolf não se mexeu. Gabriel inclinou o canhão da pistola.

— Não me obrigue a pedir duas vezes.

Wolf pegou nos utensílios da lareira.

— Não — disse Gabriel.

O alemão agachou-se e esticou a mão para as chamas. Gabriel só teve de apoiar um pé nas suas costas para o lançar de cabeça para o lume. Quando se conseguiu libertar, a sua cabeleira grisalha era coisa do passado.

Gabriel fingiu-se indiferente aos seus gritos de dor.

— O que é que dizia, Wolf?

— Não o li — respondeu o alemão a gemer.

— Custa-me a crer.

— Era uma heresia!

— Como é que sabe se não o leu?

Gabriel aproximou-se de um dos quadros, um nu reclinado, à moda de Ticiano. Ao lado havia outro nu, de Bordone, um dos discípulos de Ticiano. Também havia uma paisagem de Spitzweg e umas ruínas romanas de Panini. Porém, nenhum deles era autêntico. Eram cópias do século xx.

— Quem é que os pintou?
— Um restaurador alemão chamado Gunther Haas.
— É um amador.
— Cobrou-me uma fortuna.
— Ele sabia onde estiveram estes quadros durante a guerra?
— Nunca falámos disso.
— Duvido que para o Gunther isso tivesse feito diferença. Sempre foi um bocado nazi.

Gabriel olhou para Eli Lavon, que parecia estar a jogar ao sério com o busto de Wagner. Passado um momento, apoiou a mão no armário de madeira sobre o qual o busto descansava.

— Era aqui que as colunas do projetor estavam escondidas — disse, e apontou para a parede em frente. — E o ecrã estava por trás da tapeçaria. Quando queria pôr um filme aos seus convidados, bastava subi-la.

Gabriel passou por uma longa mesa retangular e deteve-se junto da janela.

— E isto podia-se descer, não podia, Eli? Infelizmente, quando ele desenhou a planta do Berghof, pôs a garagem mesmo por baixo da sala e, quando o vento soprava de determinada maneira, o cheiro a gasolina era insuportável. — Gabriel olhou para Wolf. — Imagino que não tenha cometido o mesmo erro.

— Tenho a garagem separada do resto da casa — respondeu Wolf com petulância.

— Onde é que está o botão da janela?

— Na parede, à direita.

Gabriel premiu o interruptor e o vidro deslocou-se sem fazer ruído. Uma rajada de neve entrou na divisão. Nevava agora mais intensamente. Gabriel viu um avião elevar-se lentamente sobre Salzburgo. Depois olhou discretamente para o relógio de pulso.

— Devia ir andando, Allon. O *Gulfstream* que pedi emprestado ao Martin Landesmann parte para Roma às duas. — Wolf esboçou um sorriso arrogante. — E ainda demoram quarenta minutos a chegar ao aeroporto, no mínimo.

— A verdade é que estava a pensar em ficar para ver como a Bundespolizei o algema. A extrema-direita alemã jamais se vai recuperar deste revés, Wolf. Acabou-se.

— Disseram o mesmo depois da guerra e agora estamos por todo o lado. Na polícia, nos serviços secretos e de segurança, nos tribunais...

— Mas não na chancelaria federal. Nem no Palácio Apostólico.

— Esse conclave é meu.

— Já não. — Gabriel afastou-se da janela aberta e passeou o olhar pela divisão. Começava a sentir-se enojado. — Isto deve ter dado uma trabalhadeira.

— O mais difícil foram os móveis. Tiveram de ser feitos à mão, com base em fotografias antigas. A sala é exatamente como era então, à exceção da mesa. Costumava ter um jarrão com flores no centro. Já eu prefiro tê-la cheia de fotografias de estimação.

As molduras de prata estavam perfeitamente ordenadas. Wolf, com a sua bela mulher. Wolf com os seus dois filhos. Wolf ao leme de um veleiro. Wolf a cortar a fita na cerimónia de inauguração de uma fábrica. Wolf a beijar o anel do bispo Hans Richter, superior-geral da tóxica Ordem de Santa Helena.

Uma das fotografias destacava-se por ser maior do que as outras e ter uma moldura mais trabalhada. Nela aparecia Adolf Hitler sentado à mesa original do salão com um menino de dois ou três anos sobre os seus joelhos. A janela estava aberta. Hitler tinha um ar abatido e macilento. O menino parecia assustado. Só o homem que aparecia ao seu lado, vestido com o uniforme dos oficiais das SS, parecia comprazido. Sorria, de pé, com as mãos as ancas e a cabeça reclinada para trás num gesto de alegria.

— Suponho que reconhece o Führer — disse Wolf.

— Também reconheço o oficial das SS. — Gabriel olhou um momento para Wolf. — As parecenças são assombrosas.

Deixou a fotografia na mesa. Outro avião elevava-se devagar sobre Salzburgo. Olhou para o relógio. Era quase uma da tarde. Tempo suficiente, pensou, para uma última história.

OBERSALZBERG, BAVIERA

Eli Lavon também reconheceu o pai de Wolf. Era Rudolf Fromm, um dos burocratas assassinos da Secção IVB4 do Escritório Central de Segurança do Reich, o departamento das SS que levou a cabo a Solução Final. Fromm era austríaco de nascimento e católico, tal como a sua mulher, Ingrid. Eram oriundos de Linz, a cidade à beira do Danúbio onde Hitler nasceu. Wolf era o seu único filho. A bem da verdade, chamava-se Peter: Peter Wolfgang Fromm. A fotografia foi tirada em 1945, durante a última visita de Hitler ao Berghof. Nesse momento a mãe de Wolf estava à conversa com Eva Braun, fora da objetiva. Exausto, com um tremor descontrolado nas mãos, Hitler negou-se a posar para outra fotografia.

Um mês após aquela visita, enquanto o Exército Vermelho avançava para Berlim, Rudolf Fromm tirou o uniforme das SS e escondeu-se. Conseguiu fugir e, em 1948, com a ajuda de um sacerdote da Ordem de Santa Helena, chegou a Roma. Depois, munido de um cartão que o identificava como membro da Cruz Vermelha, embarcou em Génova com destino a Buenos Aires. O seu filho ficou em Berlim com a mãe até 1950, quando ela se enforcou no seu mísero apartamento de uma só divisão. O menino ficou sozinho no mundo, e o mesmo sacerdote da Ordem que tinha ajudado o seu pai disponibilizou-se para acolhê-lo.

Entrou para o seminário da Ordem em Bergen para se formar como sacerdote. Porém, aos dezoito anos, o padre Schiller foi visitá-lo e informou-o de que Deus tinha outros planos para aquele jovem brilhante e bem-parecido, filho de um criminoso de guerra nazi. O gaiato abandonou o seminário sob uma nova identidade e matriculou-se na Universidade de Heidelberg, onde estudou matemática. O padre Schiller deu-lhe o dinheiro para comprar a sua primeira empresa em 1964 e, poucos anos depois, era um dos homens mais ricos do país, a exata personificação do milagre económico alemão do pós-guerra.

— Quanto dinheiro é que o padre Schiller lhe deu?

— Acho que foram cinco milhões de marcos. — Wolf sentou-se num

cadeirão, perto do lume. — Ou se calhar foram dez. Para ser franco, não me lembro. Foi há muito tempo.

— Disse-lhe de onde procedia esse dinheiro? Que a Ordem o tinha roubado a judeus atemorizados como o Samuel Feldman em Viena ou o Emanuele Giordano em Roma? — Gabriel permaneceu em silêncio por uns instantes. — Não me vai agora dizer que nunca ouviu falar deles?

— Para que é que me iria incomodar em dizer-lho?

— Imagino que parte desse dinheiro foi usado para ajudar indivíduos como o seu pai a fugir...

— É bastante paradoxal, não acha? — Wolf sorriu. — O meu pai tratou pessoalmente do caso Feldman. Mas deixou escapar um membro da família. Uma filha, acho eu. Muitos anos depois da guerra, contou a sua triste história a um investigador privado em Viena. Não me lembro do nome dele.

— Acho que era Eli Lavon.

— Sim, é isso. Tentou chantagear o bispo Richter. — Wolf riu amargamente. — Que coisa... Ele também teve o que merecia.

— Calculo que se esteja a referir à bomba que destruiu o seu escritório em Viena.

Wolf assentiu com um gesto.

— Morreram duas empregadas suas. As duas judias, claro.

Gabriel olhou para o seu velho amigo. Nunca o tinha visto cometer um ato de violência. Contudo, nesse momento, estava convencido de que, se lhe tivessem dado uma pistola carregada, a teria usado para matar Jonas Wolf.

O alemão estava a olhar para as queimaduras da sua mão direita.

— Esse tal Lavon era um tipo muito obstinado. O típico judeu teimoso como uma mula. Passou vários anos a tentar localizar o meu pai. Não o encontrou, claro está. Vivia muito confortavelmente em Bariloche. Eu ia visitá-lo a cada dois ou três anos. Como não tínhamos o mesmo apelido, ninguém suspeitava de que éramos família. Tornou-se muito beato na velhice. Estava muito satisfeito.

— Não tinha remorsos?

— Porquê? — Wolf abanou a cabeça. — O meu pai estava orgulhoso do que fez.

— Calculo que você também estivesse.

— Muito, sim — reconheceu Wolf.

Gabriel sentiu como se lhe tivessem espetado uma faca no coração, mas conseguiu acalmar-se antes de voltar a falar.

— Sei por experiência própria que os filhos dos criminosos de guerra nazis não costumam partilhar o fanatismo dos seus pais. Não têm simpatia pelos judeus, claro, mas também não sonham com acabar a empreitada que os seus pais levaram a cabo.

— Evidentemente, você tem desair um pouco mais, Allon. Esse sonho está vivíssimo. Já não é só mais um grito vazio nalgum protesto pró-Palestina. É preciso ser cego para não ver onde tudo isto conduz.

— Vejo perfeitamente, Wolf.

— Mas nem sequer o grande Gabriel Allon pode impedi-lo. Não há um só país na Europa Ocidental no qual os judeus estejam a salvo. Já nem sequer são bem-vindos nos Estados Unidos, a outra pátria judaica. Os nacionalistas brancos americanos opõem-se à imigração e à dissolução do seu poder político, mas, sobretudo, odeiam os judeus. Como aquele tipo que abriu fogo numa sinagoga da Pensilvânia ou aqueles rapazes fantásticos que se passearam por uma cidade universitária da Virgínia com tochas acesas. Quem é que você julga que pretendem emular com os seus cortes de cabelo e saudações nazis?

— Gostos não se discutem.

— O seu sentido de humor judeu é porventura o traço menos sedutor do seu caráter.

— Neste preciso momento, é a única coisa que me impede de lhe rebentar os miolos. — Gabriel aproximou-se de novo da lareira. Não restava quase nada do livro. Pegou no atizador e remexeu as brasas. — O que é que dizia, Wolf?

— Adorava sabê-lo, não era?

Gabriel virou-se de repente e deixou cair o atizador de ferro com toda a força sobre o cotovelo esquerdo de Wolf. Ouviu-se o ranger do osso ao partir-se.

Wolf contorceu-se de dor.

— Seu sacana!

— Vá lá, Wolf. Consegue fazer melhor do que isso.

— Eu sou um osso bem mais duro de roer do que o Estermann. Pode dar-me uma carga de porrada com essa coisa, que nunca lhe vou dizer o que estava escrito no livro.

— De que é que tem tanto medo?

— A Igreja católica romana não pode estar enganada. E muito menos estar premeditadamente enganada.

— Porque, se a Igreja estivesse enganada, então o seu pai também estava. Não haveria uma justificação religiosa plausível para os seus atos. Não passaria de mais um maníaco genocida.

Gabriel largou o atizador. De repente sentia-se exausto. Tudo o que queria era abandonar a Alemanha para nunca mais voltar. Teria de partir sem o Evangelho segundo Pilatos, mas resolveu não ir de mãos a abanar.

Olhou para Wolf, que se agarrava ao cotovelo partido.

— Talvez seja difícil de acreditar, mas as coisas estão prestes a ficar ainda mais negras para o seu lado.

— Não há forma de chegarmos a um acordo?
— Só se me der o Evangelho segundo Pilatos.
— Queimei-o, Allon. Já era.
— Nesse caso, acho que não há acordo possível. Porém, talvez queira considerar fazer, pelo menos, uma boa ação antes de o prenderem. Considere-o como um *mitzvah*.
— Em que é que está a pensar?
— Não seria correto que fosse eu a sugerir-lha. Tem de ser sentida, Wolf.

O alemão fechou os olhos, dorido.

— No meu gabinete há uma paisagem fluvial bastante boa, de cerca de quarenta centímetros por sessenta. Foi pintada por um Velho Mestre holandês de segunda chamado...

— Jan van Goyen.

Gabriel e Wolf viraram-se ao ouvir aquela voz. Era Eli Lavon.

— Como é que sabe? — perguntou Wolf com espanto.

— Há uns anos, uma mulher de Viena contou-me uma história triste.

— Você é...?

— Sim — respondeu Lavon. — Nem mais.

— Ela ainda está viva?

— Acho que sim.

— Então, por favor, dê-lhe o quadro. Atrás do mesmo vão encontrar o meu cofre. Levem todo o dinheiro e o ouro que conseguirem. A combinação é...

— Oitenta e sete, noventa e quatro, noventa e oito — concluiu Gabriel.

Wolf lançou um olhar furioso a Estermann.

— Há alguma coisa que *não* lhe tenhas dito?

Foi Gabriel quem respondeu.

— O Estermann desconhecia o motivo pelo qual escolheu uma combinação tão peculiar. A única explicação é que fosse o número das SS do seu pai. Oito, sete, nove, quatro, nove, oito. Ele deve ter entrado em 1932, uns meses antes de o Hitler assumir o poder.

— O meu pai sabia de que lado soprava o vento.

— Deve estar muito orgulhoso dele.

— Talvez devesse ir andando, Allon. — Wolf conseguiu esboçar um sorriso horripilante. — Dizem que a tempestade vai piorar.

Gabriel tirou a moldura à tela enquanto Eli Lavon guardava os maços de notas e os reluzentes lingotes de ouro numa das caras malas de titânio de Wolf. Quando esvaziou o cofre, guardou no seu interior a *Luger* e a *HK* de 9 mm que tinham confiscado a Karl Weber.

— É uma pena não podermos enfiar aí dentro o Wolf e o Estermann.
— Lavon fechou a porta do cofre e girou a roda. — O que é que vamos fazer com eles?

— Calculo que possamos levá-los para Israel.

— Eu cá prefiro voltar a pé para Israel a ir num avião com um fulano da laia do Jonas Wolf.

— Houve um momento em que pensei que o ias matar.

— Eu? — Lavon abanou a cabeça. — Não sirvo para essas coisas. Mas reconheço que gostei de te ver a dar-lhe com o atizador.

O telefone de Gabriel vibrou. Era Uzi Navot da Avenida Rei Saul.

— Pensam ficar para jantar? — perguntou.

Apesar de tudo, Gabriel riu-se.

— Podemos falar depois? Estamos um bocadinho ocupados.

— Só queria dizer-te que acabo de receber um telefonema do meu novo melhor amigo, Gerhardt Schmidt. A Bundespolizei está a caminho para prender o Wolf. Conviria que saíssem daí antes de eles chegarem.

Gabriel desligou.

— Está na hora de partir.

Lavon fechou a mala e, com ajuda de Gabriel, pô-la em posição vertical, apoiada nas rodas.

— Ainda bem que vamos de jato privado. Isto pesa, no mínimo, setenta quilos.

Entre os dois levaram a mala para a divisão contígua. Estermann e Karl Weber estavam a tratar das feridas de Wolf, vigiados por Mikhail e Oded. Yossi estava a inspecionar uma das tapeçarias Gobelins. Yaakov estava de pé perto da janela aberta, a ouvir o som longínquo das sirenes.

— Ouvem-se cada vez mais alto — disse.

— Porque estão a vir para cá. — Gabriel fez sinal a Mikhail e Oded de que estava na hora de partir e começou a dirigir-se para a porta.

— Quem é que acha que vai ser? — gritou-lhe Wolf enquanto atravessava a sala.

Gabriel estancou.

— O quê, Wolf?

— O conclave. Quem é que vai ser o próximo papa?

— Dizem que o Navarro já está a encomendar mobília nova para o *apartamento*.

— Sim — disse Wolf a sorrir. — É o que dizem.

TERCEIRA PARTE

EXTRA OMNES

CURIA JESUÍTA, ROMA

Luigi Donati tinha muitas virtudes e qualidades de louvar, mas a paciência não era uma delas. Tinha tendência a andar de um lado para o outro e a não dar descanso à caneta quando tinha uma entre os dedos, e não tolerava com facilidade as tolices nem os atrasos, por mínimos que fossem. Roma punha à prova a sua paciência diariamente, tal como a vida entre as paredes do Vaticano, onde cada encontro com os maldizentes burocratas da Cúria o tirava do sério. No seio do Palácio Apostólico, todas as conversas eram codificadas, cautelosas, carregadas de ambição e de temor a cometer um erro que pudesse condenar uma carreira promissora. Em raras ocasiões se dizia o que se pensava, e nunca, *nunca* passava pela cabeça de alguém pô-lo por escrito. Era demasiado perigoso. A Cúria romana não premiava a criatividade nem a franqueza. A sua vocação sagrada era a inércia.

Mas, pelo menos, Donati nunca se tinha aborrecido. E à exceção das seis semanas que tinha passado na clínica Gemelli a recuperar de um ferimento de bala, nunca se tinha sentido impotente. Agora, porém, o aborrecimento e a impotência tinham-se apoderado da sua pessoa. E, aliados à sua impaciência inata, formavam uma mistura explosiva.

A culpa era do seu velho amigo Gabriel Allon. Há três dias que tinha partido de Roma e, durante esse tempo, Donati só tivera notícias suas uma vez, nessa madrugada, às cinco e vinte. «Tenho tudo aquilo de que precisas», garantira-lhe Gabriel. Mas, infelizmente, não lhe tinha revelado o que descobrira, só que era um doze na escala do bisco Richter — um jogo de palavras engenhoso, Donati tinha de admitir — e que tinha surgido mais uma complicação relacionada com alguém muito próximo do defunto papa. Uma complicação da qual não convinha falar ao telefone.

Durante as onze horas seguintes, Donati não teve notícias do seu velho amigo. Passou um dia horrível encerrado na Cúria Jesuíta. As notícias que chegavam da Alemanha, embora chocantes, pelo menos constituíam uma distração. Donati viu-as com alguns colegas na televisão da sala comum. A polícia alemã tinha impedido um atentado

com um carro-bomba cujo alvo era a catedral de Colónia. Os presumíveis terroristas não pertenciam ao Estado Islâmico, mas a uma obscura organização neonazi com vínculos ao político de extrema-direita, Axel Brünner. Um membro da célula, de nacionalidade austríaca, e o próprio Brünner tinham sido presos. Às quatro e meia, o ministro do Interior alemão anunciou que outros dois indivíduos implicados no escândalo tinham sido encontrados sem vida numa propriedade em Obersalzberg. Ambos tinham sido mortos pela mesma arma, num caso aparente de assassinio seguido de suicídio. A vítima de assassinio era um ex-agente dos serviços secretos alemães chamado Andreas Estermann. O suicida era Jonas Wolf, um multimilionário solitário.

— Meu Deus! — murmurou Donati.

Nesse preciso momento, o seu *Nokia* vibrou ao receber uma chamada. Premiu a tecla para atender e levou o telefone ao ouvido.

— Desculpa — disse Gabriel. — O trânsito desta cidade é um horror.

— Viste as notícias da Alemanha?

— Uma maravilha, eh?

— Era a isto que te referias quando disseste que tinhas de atar uma ou duas pontas soltas?

— Sabes o que se costuma dizer acerca da ociosidade...

— Por favor, diz-me que...

— Eu não apertei o gatilho, se é isso que te apoquenta.

Donati suspirou aliviado.

— Onde é que estás?

— À espera de que me deixes entrar.

Gabriel estava à entrada, emoldurado pela porta. Os últimos três dias tinham sido visivelmente cruéis para com o seu aspeto. A bem da verdade, estava feito num oito. Donati conduziu-o para os seus aposentos e pôs a corrente na porta. Viu as horas. Eram 16h39.

— Disseste qualquer coisa de um doze na escala do bispo Richter. Talvez possas ser um pouco mais concreto.

Gabriel relatou-lhe o sucedido enquanto espreitava para a rua através das persianas. Foi um relato ágil e minucioso, embora pouco preparado. Descreveu-lhe com pormenor o plano da Ordem para erradicar o Islamismo da Europa Ocidental, as circunstâncias que rodearam o assassinio de Sua Santidade, o papa Paulo VII, e o macabro salão no qual Jonas Wolf, filho de um criminoso de guerra nazi, tinha queimado o último exemplar existente do Evangelho segundo Pilatos. As ambições políticas da Ordem, explicou, passavam pelo controlo do papado. Quarenta e dois cardeais eleitores tinham

recebido dinheiro em troca do seu voto no conclave e outros dezoito eram membros secretos da Ordem que pensavam votar pelo candidato do bispo Richter: o cardeal Franz von Emmerich, arcebispo de Viena.

— E o melhor é que gravei tudo em vídeo. — Gabriel olhou para trás. — É suficientemente concreto para ti?

— Mas isso são só sessenta votos. Precisam de setenta e dois para garantirem o papado.

— Estão confiantes de que esse impulso seja suficiente para levar o Emmerich até ao cume.

— Sabes os nomes desses quarenta e dois cardeais?

— Posso dizer-tos por ordem alfabética se quiseres. Também sei quanto dinheiro recebeu cada um e onde se depositou o dinheiro. — Gabriel largou a persiana e deu meia-volta. — Mas receio bem que isso não seja o pior.

Tocou o ecrã do seu telemóvel. Pouco depois, ouviram-se as vozes de dois homens que falavam alemão.

Ele tem dois milhões de motivos para manter a boca fechada.

Dois milhões de motivos e mais um.

Deteve a gravação.

— O bispo Richter e Jonas Wolf, calculo — disse Donati.

Gabriel assentiu com a cabeça.

— Quais são os dois milhões de motivos pelos quais não deveria informar o conclave do que sei sobre o complô da Ordem?

— É a quantidade de dinheiro que o Wolf e o Richter depositaram na tua conta do Banco do Vaticano.

— Querem que pareça que sou tão corrupto como eles?

— Obviamente.

— E esse «mais um»?

— Ainda estou a tentar descobrir...

Os olhos de Donati brilharam de fúria.

— E pensar que desperdiçaram dois milhões de dólares num estratagema tão óbvio.

— Talvez possas dar-lhes um bom uso.

— Não te preocupes, é o que vou fazer.

Donati marcou o número de Angelo Francona, o reitor do Colégio Cardinalício. Não obteve resposta.

Voltou a ver as horas. 16h45.

— Acho que devias dizer-me os nomes.

— Azevedo, de Tegucigalpa — disse Gabriel. — Um milhão. Banco do Panamá.

— Próximo?

— Ballantine, de Filadélfia. Um milhão. Banco do Vaticano.

— Próximo?

Nesse preciso instante, o cardeal Angelo Francona estava especado como uma sentinela junto ao balcão da recepção da Casa Santa Marta. Aos seus pés, no chão de mármore branco, havia uma grande caixa de alumínio com várias dezenas de telemóveis, *tablets* e computadores portáteis *notebook*, todos eles etiquetados com o nome do respetivo proprietário. Por motivos de segurança, a central da residência clerical permanecia operativa, mas todos os telefones, televisores e rádios existentes nos 128 quartos e suítes tinham sido retirados. Francona tinha o seu *telefonino* no bolso da batina, em silêncio mas ligado. Pensava desligá-lo assim que o último cardeal entrasse pela porta. A partir desse momento, os homens que deviam eleger o novo Sumo Pontífice romano ficariam, para todos os efeitos, isolados do mundo exterior.

Nesse instante, 112 dos 116 cardeais elegíveis com direito a voto encontravam-se a salvo sob o teto da Casa Santa Marta. Vários deles pululavam pelo vestíbulo, incluindo Navarro e Gaubert, os principais candidatos para a sucessão a Lucchesi. Da última vez que Francona tinha conferido, o cardeal camerlengo Domenico Albanese estava lá em cima, na sua suíte, com uma enxaqueca. Pelo menos, fora o que alegara.

Francona também começava a sentir uma enxaqueca pré-conclave. Só tinha participado numa eleição anterior, no conclave que deixou o mundo católico perplexo ao escolher o patriarca de Veneza, um prelado de tamanho diminuto e pouco conhecido, para suceder a Wojtyla, o *Grande*. Francona pertencia ao setor liberal que tinha feito o conclave inclinar-se para a escolha de Lucchesi. Infelizmente, o papado de Paulo VII seria lembrado pelo atentado terrorista na basílica e pelo escândalo dos abusos sexuais que tinha deixado a Igreja à beira do colapso moral e económico.

Por conseguinte, o conclave que teria lugar na tarde seguinte tinha de ser absolutamente irrepreensível. Uma aura de suspeita pairava já sobre o mesmo, devido ao assassinio desse pobre guarda suíço em Florença. Na opinião de Francona, ali havia gato, tinha a certeza. A sua missão consistia em presidir a um conclave imaculado do qual saísse um pontífice capaz de sarar as feridas da Igreja, reconciliar as suas fações e guiá-la para o futuro. Queria que tudo se fizesse com a maior rapidez possível. No fundo, temia que as coisas descambassem e acontecesse algo impensável.

A porta de vidro da hospedaria abriu-se e o cardeal Franz von Emmerich, o arcebispo ultraconservador de Viena, entrou no vestíbulo como se fosse transportado por um tapete rolante. Arrastava uma mala do tamanho de um baú. Aproximou-se do balcão da recepção, pediu às

freiras a chave do seu quarto e entregou de má vontade o seu *iPhone* a Francona.

— Calculo que não me tenha calhado uma das suítes...

— Receio bem que não, cardeal Emmerich.

— Nesse caso, só espero que demoremos pouco a tomar uma decisão.

O austríaco dirigiu-se aos elevadores. De novo a sós, Francona deu uma espreitadela ao seu telefone e viu com surpresa que tinha três chamadas não atendidas. Todas da mesma pessoa. Não tinha deixado nenhuma mensagem, o que fugia ao seu estilo habitual.

Francona hesitou com o dedo indicador suspenso sobre o ecrã tátil. Era algo fora do habitual, mas, em rigor, não constituía uma violação das regras do conclave tal como se expunham na *Universi Dominici Gregis*.

O cardeal hesitou durante mais um precioso minuto, até que por fim marcou o número e levou o telefone à orelha. Uns segundos depois, fechou os olhos. As coisas já estavam a descambar, pensou. Qualquer coisa podia acontecer. *Qualquer coisa...*

A conversa durou três minutos e quarenta e sete segundos. Donati revelou só o que lhe pareceu oportuno. De facto, centrou-se unicamente na sua preocupação mais imediata: o complô da Ordem de Santa Helena para se apoderar do papado e arrastar a Europa Ocidental para as trevas do seu passado fascista.

— O Emmerich? — perguntou Francona com incredulidade. — Mas o Lucchesi e você é que lhe deram o solidéu vermelho.

— Pelos vistos, foi um erro crasso.

— Quantos cardeais eleitores estão implicados?

Donati respondeu.

— Meu Deus! Tem provas?

— Doze deles pediram à Ordem para lhes depositar o dinheiro do suborno no Banco do Vaticano.

— Tem andado a espiolar as suas contas bancárias?

— Essa informação foi-me dada por outra pessoa.

— Pelo seu amigo israelita?

— Angelo, por favor! Não temos tempo.

De repente, Francona pareceu ficar com falta de ar.

— Sente-se bem, Eminência?

— Estou um pouco chocado com a notícia, só isso.

— É natural. A questão é o que vamos fazer a esse respeito.

Fez-se silêncio. Por fim, Francona disse:

— Dê-me os nomes dos cardeais. Falarei com eles em privado.

— O senhor é um homem bom e decente, cardeal Francona. —

Donati fez uma pausa. — Demasiado decente para algo assim.

— O que é que sugere?

— Deixe-me ser *eu* a falar com eles. Com todos. Ao mesmo tempo.

— A Casa Santa Marta já está fechada, exceto para os cardeais eleitores e para o pessoal de serviço.

— Acho que vai ter de abrir uma exceção. Caso contrário, não terei outro remédio a não ser recorrer a um foro público.

— Refere-se à imprensa? Não se atreveria...

— Espere e verá.

Donati quase conseguia ouvir Francona a tentar encher-se de coragem.

— Dê-me uns minutos para pensar. Ligar-lhe-ei assim que tiver tomado uma decisão.

Eram 16h52 quando desligou. Por fim, às cinco e dez, o telefone de Donati voltou a tocar.

— Pedi aos cardeais para irem à capela antes do jantar. Tente não se exceder. Lembre-se de que já não é o secretário pessoal do papa. Não passa de um mero arcebispo titular numa sala cheia de cardeais que não têm nenhuma obrigação de o ouvir. De facto, estou convencido de que se vai deparar com muita hostilidade.

— A que horas quer que vá?

— Encontro-me consigo na Piazza Santa Marta às cinco e vinte e cinco. Se se atrasar nem que seja um minuto...

— Espere!

— O que foi agora, Luigi?

— Já não tenho passe para entrar no Vaticano.

— Pois terá de encontrar uma forma de enganar os guardas suíços do Arco dos Sinos.

Francona desligou sem acrescentar mais nada. Donati abriu a sua lista de contactos, procurou a letra M e marcou um número.

— Atende — murmurou. — Atende, por amor de Deus.

VILLA GIULIA, ROMA

Desde que dirigia o Museu Nazionale Etrusco, Veronica Marchese tinha-se esforçado incansavelmente para aumentar o número de visitas que o museu recebia. Numa cidade como Roma, não era tarefa fácil. As hordas de turistas suados que, de mochila ao ombro, se aglomeravam em torno do Coliseu e da Fontana di Trevi poucas vezes chegavam a Villa Giulia, o elegante *palazzo* do século xvi, situado a norte dos jardins da Villa Borghese, que albergava a melhor coleção de arqueologia e arte etruscas do mundo, incluindo várias peças notáveis procedentes da coleção pessoal do defunto marido da sua diretora. Carlo também tinha contribuído postumamente para o museu. Uma pequena parte da sua fortuna, obtida por meios ilícitos, fora destinada a financiar a remodelação do antiquado *site* do museu. Também foi ele que financiou uma caríssima campanha publicitária global, bem como uma gala ostentosa à qual assistiram inúmeros desportistas e figuras famosas do mundo do espetáculo. Não obstante, a estrela da noite foi o arcebispo Luigi Donati, o atraente secretário pessoal do papa a quem, pouco antes, a revista *Vanity Fair* dedicara uma reportagem. Naquela noite, Veronica cumprimentou-o como se fosse um estranho e fingiu não se aperceber de que pululavam por ali jovens incrivelmente belas que pareciam beber cada uma das suas palavras.

Se tivessem visto Luigi Donati em 1992, quando numa tarde primaveril chegou a uma escavação arqueológica na Úmbria, alto, de barba e calças de ganga rasgadas, sandálias gastas e uma camisola da Universidade de Georgetown... Usava muito aquela camisola porque, para além de uma coleção de livros de bolso muito manuseados, tinha poucos bens materiais. Os livros empilhavam-se no soaço nu, junto à cama que partilhavam numa pequena *villa* nas colinas, perto de Perugia. Durante alguns meses gloriosos, Donati fora inteiramente seu. Teceram um plano. Ele deixaria o sacerdócio e tornar-se-ia advogado, um defensor das causas perdidas, casariam, teriam muitos filhos... Tudo isso mudou quando conheceu Pietro Lucchesi. De coração

partido, Veronica entregou-se a Carlo Marchese, e assim a tragédia ficou completa.

A morte de Carlo ao cair da cúpula de São Pedro permitira-lhes retomar uma pequena parte da sua relação. Secretamente, Veronica albergava a esperança de que, ao falecer Lucchesi, pudessem recuperar o resto. Percebia agora que era uma fantasia absurda; aliás, uma fantasia imprópria de uma mulher da sua idade e posição. O destino e as circunstâncias tinham conspirado para mantê-los separados. Estavam condenados a jantar de forma civilizada à quinta-feira à noite, como personagens de um romance vitoriano. Envelheceriam, mas não juntos. Que solidão, pensava Veronica. Que terrivelmente triste e solitário. Mas era o castigo merecido por se ter apaixonado por um padre. Luigi tinha feito um juramento de fidelidade muito antes de chegar àquela escavação de Monte Cucco. A outra mulher da sua vida era a noiva de Cristo, a Igreja Católica Romana.

Tinham falado uma só vez desde a noite em que jantaram com Gabriel Allon e a sua esposa, Chiara. A conversa tinha tido lugar na manhã seguinte, enquanto Veronica ia de carro a caminho do trabalho. Luigi tinha falado com a sua opacidade de sempre, tão típica da Cúria vaticana. Ainda assim, o que lhe dissera tinha-a deixado boquiaberta de assombro. Pietro Lucchesi tinha sido assassinado nos apartamentos papais, e a reacionária Ordem de Santa Helena estava por trás do assassinio. Planeavam assumir o controlo da Igreja no próximo conclave.

— Estavas em Florença quando...

— Sim. E tinhas razão: o Janson estava envolvido com o padre Graf.

— Talvez para a próxima me dêes ouvidos.

— *Mea culpa. Mea maxima culpa.*

— Presumo que esta noite não te vejo.

— Lamento, mas tenho outros planos.

— Tenha muito cuidado, arcebispo Donati.

— Igualmente, Signora Marchese.

Como parte da campanha para atrair visitantes ao museu, Veronica tinha alargado o horário de abertura. O Museu Nazionale Etrusco abria agora até às oito da noite, mas às cinco horas de uma quinta-feira escura e fria de dezembro reinava um silêncio sepulcral nas suas salas de exposição. O pessoal administrativo e os curadores já tinham saído, tal como a sua secretária. Veronica tinha por única companhia Maurizio Pollini: o sublime segundo movimento da *Sonata para Piano em Dó menor*, de Schubert. Ela e Luigi costumavam ouvi-la vezes sem conta naquela pequena casa perto de Perugia.

Às cinco e um quarto, pegou nas suas coisas e vestiu o casaco. Tinha combinado ir beber um copo com uma amiga à Via Veneto. Era o único tipo de amizades que conservava nos últimos tempos. Depois

pensavam jantar numa *osteria* afastada, dessas que só os romanos conheciam, na qual serviam a massa *cacio e pepe* na mesma panela em que fora confeccionada. Veronica tinha intenção de comer até ao último fio de esparguete e depois limpar o prato com um bocado de pão estaladiço. Se pelo menos fosse Luigi a sentar-se no outro lado da mesa...

No andar de baixo, deteve-se diante da cratera de Eufrónio, a principal atração do museu, considerada uma das peças artísticas mais belas da História. Gabriel, lembrou Veronica, não estava de acordo.

Não gosta de vasos gregos?

Não me parece que tenha dito isso.

Não estranhava que Luigi simpatizasse tanto com ele... Tinham o mesmo sentido de humor fatalista.

Veronica desejou uma boa noite aos seguranças e, declinando a proposta de a acompanharem até ao carro, enfrentou a noite fria. Tinha o carro estacionado a poucos metros da entrada, num lugar reservado: um chamativo *Mercedes* descapotável, cinzento metalizado. Algum dia conseguiria convencer Luigi a entrar nele e levá-lo-ia contra sua vontade para uma *villa* nas colinas, perto de Perugia. Beberiam uma garrafa de vinho e ouviriam Schubert. Ou, quem sabe, o *Trio com Piano n.º 1 em Ré menor*, de Mendelssohn. A *chave da paixão reprimida*... Aquele terrível desejo palpitava sob a superfície, adormecido mas não extinto. Bastaria uma carícia sua e seriam jovens outra vez. O mesmo plano, com trinta anos de atraso. Luigi deixaria o sacerdócio e casariam. Mas não teriam filhos. Ela já não tinha idade para isso, e também não queria partilhar Luigi com ninguém. Seria um escândalo, claro. A imprensa arrastaria o seu nome pela lama. Não teriam outro remédio a não ser esconder-se e viverem enclausurados uma temporada. Numa ilha das Caraíbas, talvez. Graças a Carlo, o dinheiro não era um problema.

Aquilo era impróprio de uma mulher da sua idade, recordou ao premir o comando para abrir o carro. No entanto, pensar nisso não fazia mal a ninguém. A não ser, claro, que se distraísse com essa ideia até ao ponto de não reparar num homem que se aproximava do seu carro. Tinha cerca de trinta e cinco anos e era muito louro. Veronica descontraiu quando viu o colarinho romano debaixo do seu queixo.

— Signora Marchese?

— Sim? — respondeu ela automaticamente.

O desconhecido tirou uma pistola de dentro do casaco e dedicou-lhe um lindo sorriso. Não era de surpreender que Niklaus Janson se tivesse apaixonado por ele.

— O que é que quer? — perguntou Veronica.

— Quero que largue a mala e me dê as chaves.

Ela hesitou e depois deixou cair a mala.

— Muito bem. — O sorriso do padre Graf desapareceu. — Agora, entre no carro.

PRAÇA DE SÃO PEDRO

O coronel Alois Metzler, comandante da Guarda Suíça Pontifícia, aguardava-os ao pé do obelisco egípcio quando Gabriel e Donati chegaram à Praça de São Pedro. Tinham atravessado à pressa o Borgo Santo Spirito e estavam os dois sem fôlego. Metzler, pelo contrário, parecia estar a posar para o seu retrato oficial. Tinha levado consigo dois escoltas vestidos à paisana. Gabriel, que tinha colaborado com a Guarda Suíça em diversas ocasiões, incluindo na visita do papa a Jerusalém, sabia que ambos estavam armados com uma *Sig Sauer 226* de 9 mm. E o mesmo podia dizer-se do próprio Metzler.

— O que é que aconteceu, padre Allon? Renunciou aos seus votos? — perguntou o suíço com um sorriso, pousando o seu olhar astuto em Gabriel, e acrescentou dirigindo-se a Donati: — Sabe o que aconteceu após o senhor e o seu amigo terem feito aquela cena no Arquivo?

— Imagino que o Albanese tenha ficado um bocado chateado.

— Disse-me que podia dar-me por despedido assim que o conclave acabasse.

— O camerlengo não tem autoridade para despedir o comandante da Guarda Suíça. Isso só pode ser feito pelo secretário de Estado. Com a aprovação do Santo Padre, naturalmente.

— O cardeal deu-me a entender que ele vai ser o próximo secretário de Estado. De facto, parecia completamente convencido disso.

— E também lhe disse quem vai ser o próximo papa? — Ao não receber resposta, Donati apontou para o Arco dos Sinos. — Com licença, coronel Metzler, o cardeal Francona está à minha espera.

— Desculpe, Vossa Excelência, mas não o posso deixar entrar.

— Porquê?

— Porque o cardeal Albanese avisou-me de que esta noite ia tentar entrar em zonas restringidas da cidade-estado. E acrescentou que rolariam cabeças caso o conseguisse fazer. Ou algo do género.

— Pergunte-se duas coisas, coronel Metzler. Como é que o cardeal Albanese sabia que eu ia vir? E de que é que ele tem tanto medo?

Metzler exalou um profundo suspiro.

— A que horas é que o cardeal Francona o espera?
— Dentro de quatro minutos.
— Então dispõe de dois minutos para me contar o que se está exatamente a passar.

Como todos os cardeais eleitores que entraram na Casa Santa Marta essa tarde, Domenico Albanese tinha entregado o seu telemóvel ao reitor do Colégio Cardinalício. Porém, não se encontrava destituído de um dispositivo móvel. Tinha escondido outro telemóvel na sua suíte poucos dias antes. Era um modelo barato, descartável. Pré-pago, pensou com uma pitada de malícia.

Nesse momento, sustinha-o na mão esquerda enquanto a direita afastava a cortina da janela da sala de estar. Casualmente, a janela dava para a pequena *piazza* que havia em frente da hospedaria, pela qual o cardeal Angelo Francona passeava de um lado ao outro desgastando as pedras da calçada. Evidentemente, o reitor estava à espera de alguém. Alguém que, sem dúvida, nesse preciso instante estaria a tentar convencer os guardas suíços do Arco dos Sinos a deixarem-no entrar, pensou Albanese.

Às 17h25, Francona olhou para o seu telemóvel e dirigiu-se para a porta da hospedaria, mas parou em seco ao ver que um dos guardas da entrada apontava para três homens que atravessavam a *piazza* a correr. Um deles era o seu comandante, o coronel Alois Metzler. Estava acompanhado por Gabriel Allon e pelo arcebispo Luigi Donati.

Albanese soltou a cortina e fez uma chamada.

— Então? — perguntou o bispo Richter.

— Ele conseguiu entrar.

A chamada caiu. Um instante depois, Albanese ouviu baterem energicamente à sua porta. Sobressaltado, guardou o telefone no bolso e foi abrir. No corredor estava o arcebispo Thomas Kerrigan, de Boston, o vice-reitor do Colégio Cardinalício.

— Aconteceu alguma coisa, Eminência?

— O reitor pede-lhe para ir à capela.

— Por que motivo?

— Convidou o arcebispo Donati para dirigir umas palavras aos cardeais eleitores.

— Porque é que não me avisaram?

Kerrigan sorriu.

— Acabo de fazê-lo.

Donati seguiu o cardeal Francona até ao vestíbulo. A primeira cara que viu foi a do cardeal Kevin Brady, de Los Angeles. Embora devoto

das suas ideias doutrinárias, Brady pareceu atordoado pela presença de Donati. Cumprimentaram-se fugazmente com uma inclinação de cabeça e Donati fixou o olhar no pavimento de mármore.

Francona agarrou-lhe o braço.

— Vossa Excelência! Não posso crer que tenha trazido isso para aqui.

Donati não se apercebera de que o seu telefone estava a tocar. Tirou-o do bolso da batina e deu-lhe uma vista de olhos. Ao ver o nome que aparecia no ecrã, ficou petrificado.

Padre Brunetti.

Era o pseudónimo que Donati tinha atribuído a Veronica Marchese nos seus contactos. Mas, em conformidade com as regras da sua relação, Veronica estava proibida de lhe telefonar. Assim sendo, para que demónios lhe estava a ligar?

Donati recusou a chamada.

O telefone voltou a tocar de imediato.

Padre Brunetti.

— Desligue-o, sim, Luigi?

— Com certeza, Eminência.

Donati pôs o dedo no botão, mas titubeou.

Ele tem dois milhões de motivos para manter a boca fechada.

Dois milhões de motivos e mais um...

Donati atendeu a chamada.

— O que é que lhe fez ? — perguntou com calma.

— Por enquanto nada — respondeu o padre Markus Graf. — Mas, se não der meia-volta e sair já daí, vou matá-la. Lentamente, Vossa Excelência. Com o máximo de dor.

Da sua janela, Domenico Albanese viu Luigi Donati sair bruscamente pela porta da Casa Santa Marta. O arcebispo tinha o telefone na mão, com o ecrã iluminado pelas brasas do telefonema de Markus Graf. Frenético, Donati agarrou Allon pelos ombros como se lhe pedisse ajuda. Depois deu meia-volta e olhou para as janelas dos andares superiores da hospedaria. Ele sabe, pensou Albanese. Mas o que é que iria fazer? Salvar a mulher que outrora amara? Ou salvar a Igreja?

Passaram quinze segundos. Então Albanese obteve a sua resposta.

Tocou no ecrã do telefone de pré-pago. O bispo Richter atendeu de imediato.

— Receio que seja o fim, Vossa Excelência.

— Isso é o que vamos ver.

A chamada caiu. Albanese escondeu o telefone na secretária e saiu para o corredor. Tal como Luigi Donati cinco andares mais abaixo,

tentava pôr as suas ideias em ordem e separar o verdadeiro do falso. Sua Santidade, recordou, carregava o peso da Igreja aos ombros. Mas morto era leve como uma pena.

VIA DELLA CONCILIAZIONE

— Porque é que não veio ter comigo no início? — perguntou Alois Metzler.

— Teria aceitado ajudar-nos?

— A fazer uma investigação privada à morte do Santo Padre? Nem pensar!

Metzler estava ao volante de um *Mercedes Classe E* com matrícula do Vaticano. Virou para a Via della Conciliazione e acelerou em direção ao rio, com uma luz vermelha giratória a piscar no tejadilho.

— Para que conste — disse Gabriel —, só aceitei ajudar a encontrar o Niklaus Janson.

— Foi o Allon que apagou a ficha pessoal dele da nossa base de dados?

— Não — respondeu Gabriel. — O Andreas Estermann é que fez isso.

— O Estermann? O ex-agente do BfV?

— Conhece-o?

— Tentou convencer-me a entrar para a Ordem de Santa Helena, há uns anos.

— Não foi só a si. Francamente, estou desiludido por ele não me ter convidado a mim também. Já agora, ele foi ao cantão de Friburgo visitar a Stefani Hoffmann, alguns dias depois de o Niklaus ter desaparecido.

— O Janson era membro da Ordem?

— Era mais um fantoche.

Metzler atravessou o Tibre, conduzindo de forma perigosamente veloz. Gabriel consultou as suas mensagens. Imediatamente após ter abandonado a Casa Santa Marta, telefonara a Yuval Gershon, da Unidade 8200, e pedira-lhe que determinasse a localização exata do telemóvel do padre Graf. Até então, não recebera qualquer resposta.

— Para onde é que quer que vá? — perguntou Metzler.

— Museu Nacional Etrusco. É...

— Eu sei onde é, Allon. Eu vivo aqui, sabia?

— Pensei que os helvéticos odiavam sair do seu pequeno e ordenado Quartel Suíço, na Cidade do Vaticano.

— E odiamos. — Metzler apontou para um monte de lixo por recolher. — Olhe para este lugar, Allon. Roma é uma confusão.

— Mas a comida é maravilhosa.

— Prefiro a comida suíça. Não há nada melhor do que uma *raclette* perfeita.

— *Emmental* derretido sobre batatas cozidas? É essa a sua ideia de culinária?

Metzler virou à direita para a Viale delle Belle Arti.

— Alguma vez reparou que, sempre que o Allon se aproxima do Vaticano, alguma coisa corre mal?

— Era suposto eu estar de férias.

— Lembra-se da visita papal a Jerusalém?

— Como se fosse ontem.

— O Santo Padre gostava realmente muito de si, Allon. Não há muitas pessoas que possam dizer que foram amadas por um papa.

A Villa Giulia surgiu à sua direita. Metzler virou para um pequeno parque de estacionamento para colaboradores. A mala de Veronica estava caída sobre a calçada. O seu vistoso *Mercedes* descapotável tinha desaparecido.

— Devia estar à espera dela à saída — disse Metzler. — A pergunta é: para onde é que a levou?

O telemóvel de Gabriel vibrou com uma mensagem recebida. Era de Yuval Gershon.

— Na verdade, para não muito longe daqui.

Recuperou a mala de Veronica e voltou a entrar no carro.

— Para que lado? — perguntou Metzler.

Gabriel apontou para a direita. Metzler virou para uma avenida e pisou o acelerador.

— É verdade o que dizem sobre ela e o Donati? — perguntou.

— São velhos amigos. Só isso.

— Os padres não podem ter amigos com a aparência física da Veronica Marchese. São um problema.

— O padre Graf também é.

— Acha mesmo que ele vai matá-la?

— Não — disse Gabriel. — Não, se eu o matar primeiro.

CASA SANTA MARTA

A Capela de Santa Marta ficava no meio num minúsculo lote de terreno triangular, entre o flanco sul da hospedaria e os muros exteriores daqui do Vaticano. Era luminosa e moderna, e bastante vulgar, com um chão polido que a Donati sempre lhe fizera lembrar um tabuleiro de gamão. Jamais a vira tão apinhada. Embora não pudesse ter a certeza, parecia que todos os 116 cardeais eleitores estavam presentes. Todas as cadeiras de madeira envernizada estavam ocupadas, deixando vários outros príncipes da Igreja, incluindo o cardeal camerlengo, que chegara atrasado, sem outra opção exceto amontoarem-se no fundo, como passageiros retidos num aeroporto.

O reitor Francona tinha subido ao púlpito. Estava a ler uma série de comunicações de uma única folha de papel: questões relacionadas com os serviços domésticos, assuntos relacionados com a segurança, os horários dos autocarros *shuttle* entre a Casa e a Capela Sistina. O microfone estava desligado. A sua voz soava fraca, as mãos estavam a tremer. As de Donati também.

Vou matá-la. Lentamente, Vossa Excelência. Com o máximo de dor...

Seria verdade ou uma artimanha? Ela ainda estaria viva ou já morta? Teria cometido o pior erro da sua vida ao entrar naquele ninho de víboras e abandoná-la à sua sorte? Ou teria cometido esse erro muito tempo antes, quando regressara à Igreja em vez de casar com ela? Não era demasiado tarde, pensou. Ainda havia tempo para abandonar aquele navio que se afundava e fugir com ela. Seria um escândalo, claro. O seu nome seria arrastado pela lama. Não teriam outro remédio a não ser isolarem-se. Talvez numa ilha das Caraíbas. Ou numa *villa* nas colinas, perto de Perugia. Sonatas de piano de Schubert, alguns livros de bolso espalhados pelo soalho nu, Veronica sem mais nada vestido, para além da sua antiga camisola de Georgetown. Durante alguns meses gloriosos, fora inteiramente sua.

A voz de Francona arrastou Donati do passado para o presente. Até ao momento, o reitor não explicara o motivo da presença de Donati na Casa Santa Marta, na véspera do conclave. No entanto, era evidente

que o público de Francona não pensava em mais nada. Quarenta e dois deles tinham aceitado o dinheiro da Ordem em troca dos seus votos. Era um crime contra um conclave, a passagem sagrada das chaves de São Pedro de um papa para o seguinte. Por agora, pelo menos, ainda era um crime não consumado.

Lentamente, Vossa Excelência. Com o máximo de dor...

Não eram todos irremediavelmente corruptos, pensou Donati. Na verdade, muitos eram homens de oração e de reflexão bons e decentes, que eram mais do que capazes de liderar a Igreja rumo ao futuro. O cardeal Navarro, o favorito, daria um excelente papa. O mesmo se poderia dizer de Gaubert ou de Duarte, o arcebispo de Manila, embora Donati não soubesse bem se a Igreja estaria preparada para um padre asiático.

Estava, no entanto, preparada para um americano. Kevin Brady, de Los Angeles, era a escolha óbvia. Relativamente jovem e telegénico, era um falante fluente de espanhol e possuía o dom da palavra de um irlandês. Cometera erros com dois sacerdotes abusadores, mas, em grande medida, emergira do escândalo mais limpo do que a maioria. O pior que Donati poderia fazer seria mostrar as suas cartas. Seria um beijo da morte. E fazia tenção de dá-lo ao cardeal Franz von Emmerich, de Viena.

Francona dobrou o seu papel ao meio, duas vezes, como se fosse um voto do conclave. Donati apercebeu-se de que ainda não decidira o que iria dizer a estes homens reunidos à sua frente, estes sumos sacerdotes da Igreja. Reconhecidamente, as homilias não eram o seu forte. Era um homem de ação, mais do que de palavras, um padre de bairro e de rua, um missionário.

Um defensor das causas perdidas...

Francona removeu, ruidosamente, algo da sua garganta.

— E, agora, um último assunto. O arcebispo Donati pediu autorização para se dirigir a vós para expor um assunto da máxima urgência. Após cuidadosa ponderação, concordei...

Foi Domenico Albanese quem se opôs, aos gritos:

— Reitor Francona, isto é altamente invulgar. Como camerlengo, tenho de protestar.

— A decisão de deixar o arcebispo Donati falar é inteiramente minha. Dito isto, não tem qualquer obrigação de ficar. Se pretender sair, por favor, faça-o agora. Isso aplica-se a todos vós.

Ninguém se moveu, incluindo Albanese.

— Isto não constitui uma interferência externa no conclave, reitor Francona?

— O conclave só começa amanhã à tarde. Quanto à questão da interferência, Vossa Eminência sabê-lo-á melhor do que eu.

Albanese ferveu de raiva, mas não disse mais nada. Francona

afastou-se do púlpito e, com um aceno da cabeça, convidou Donati a ocupar o seu lugar. Em vez disso, ele caminhou lentamente na direção da primeira fila de cadeiras e ficou de pé, mesmo à frente do cardeal Kevin Brady.

— Boa tarde, meus irmãos em Cristo.

Nem uma única voz lhe devolveu a saudação.

VILLA BORGHESE

Nos meses sombrios e solitários que se seguiram ao regresso de Luigi Donati ao sacerdócio, Veronica Marchese sonhava muitas vezes com jovens bonitos, vestidos inteiramente de negro. Ocasionalmente, vinham como amantes, mas, na maioria das vezes, sujeitavam-na a todo o tipo de tormentos físicos e emocionais. Contudo, nenhum deles jamais a conduziu através dos jardins da Villa Borghese de arma em riste. O padre Markus Graf excedera todas as expectativas.

Precisava desesperadamente de um cigarro. Os seus estavam na mala que deixara cair no parque de estacionamento do museu, juntamente com o telemóvel, a carteira, o computador portátil e quase tudo o que era necessário para sobreviver na sociedade moderna. Não importava. Em breve, estaria morta. Supunha que houvesse sítios piores para morrer do que os jardins da Villa Borghese. Só desejava que o padre que caminhava ao seu lado fosse Luigi Donati, e não este neonazi da Ordem de Santa Helena, vestido com traje clerical.

No entanto, reconhecia que era bastante bonito. Tal como a maioria dos padres da Ordem. Não era difícil imaginar como seria com treze ou catorze anos. Segundo os rumores, o bispo Richter costumava convidar os noviços para aulas particulares nos seus aposentos. De alguma forma, isso nunca viera à luz. Mesmo segundo os *standards* da igreja, a Ordem era boa a guardar segredos.

Continuou a caminhar através da escuridão. Os pinheiros-mansos que ladeavam o empoeirado caminho pedonal balouçavam no vento frio da noite. Os jardins encerravam ao pôr-do-sol. Não havia vivalma à vista.

— Por acaso, não tem um cigarro?

— São proibidos.

— E ter relações sexuais com guardas suíços no Palácio Apostólico? Também é proibido? — Veronica olhou de soslaio por cima do ombro.

— Não foi muito discreto, padre Graf. Conte ao arcebispo o que se passava entre si e o Janson, mas ele não acreditou em mim.

— Teria sido sensato ter-lhe dado ouvidos.

— Como é que o matou?

— Alvejei-o na ponte, em Florença. Três vezes. Uma pelo Pai, outra pelo Filho e a terceira pelo Espírito Santo. O seu namorado viu tudo. Estava com o Allon e a mulher dele. Ainda é mais bonita do que você.

— Estava a referir-me ao Santo Padre.

— Sua Santidade morreu de ataque cardíaco, enquanto o seu secretário pessoal estava na cama com a amante.

— Não somos amantes.

— Como é que passam as noites? A ler as escrituras? Ou guardam isso para quando o arcebispo já está de barriga cheia?

Veronica mal podia acreditar que tais palavras tinham saído da boca de um sacerdote. Decidiu retribuir o favor.

— E como é que o padre Graf passa as suas noites? Ele ainda manda chamá-lo? Ou prefere...

O golpe na nuca de Veronica não foi precedido de nenhum aviso e foi desferido com a coroa da pistola. A dor foi sobrenatural. Cegou-a. Com a ponta do dedo, examinou o couro cabeludo. Estava quente e molhado.

— Parece que pus o dedo na ferida.

— Continue a falar. Vai ser mais fácil para mim matá-la.

— Se Deus existisse, libertaria uma praga no mundo que só mataria membros da Ordem de Santa Helena.

— O seu marido era um de nós. Sabia disso?

— Não. Mas não me surpreende. O Carlo sempre foi um bocado fascista. Em retrospectiva, era o traço mais sedutor do seu caráter.

Tinham chegado à Piazza di Siena. Construída no final do século xviii, recebera o nome da cidade natal do clã Borghese. Nas raras ocasiões em que se sentia inspirada a fazer exercício, Veronica corria, por vezes, uma ou duas voltas em redor da pista oval empoeirada, até cair em si e acender um cigarro. Tal como a maioria dos italianos, não acreditava nos benefícios do exercício físico regular para a saúde. A sua rotina diária consistia, geralmente, numa agradável caminhada até ao Doney para um *cappuccino* e um *cornetto*.

Empurrando-a com o cano da arma, o padre Graf dirigiu-a para o centro da praça. Os ciprestes que contornavam o perímetro eram silhuetas. As estrelas estavam incandescentes. Sim, pensou ela novamente. Havia sítios piores para morrer do que a Piazza di Siena nos jardins da Villa Borghese. Se pelo menos fosse Luigi. *Se pelo menos...*

O telemóvel do padre Graf soou como um sino de ferro. O ecrã iluminou-lhe o rosto, enquanto lia a mensagem.

— Concederam-me um indulto?

Sem uma palavra, ele enfiou o telemóvel no bolso do casaco.

Veronica ergueu o olhar para o céu.

- Acho que estou a ter uma visão.
- O que é que vê?
- Um homem vestido de branco.
- Quem é ele?
- Aquele que Deus escolheu para salvar essa sua Igreja.
- Também é a sua.
- Já não — disse ela.
- Quando é que se confessou pela última vez?
- Antes de o senhor padre ter nascido.
- Nesse caso, talvez devesse contar-me os seus pecados.
- Porquê?
- Para que eu possa absolvê-la antes de a matar.
- Tenho uma ideia melhor, padre Graf.
- Qual é?
- Conte-me os seus.

CASA SANTA MARTA

Em tempos, Pietro Lucchesi dera a Donati um conselho precioso sobre falar em público. Na dúvida, dissera ele, começa com uma citação de Jesus. A passagem que Donati escolheu recitar pertencia ao décimo nono capítulo do Evangelho segundo Mateus. *Novamente vos digo: é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.* As palavras praticamente não tinham deixado a sua boca, quando Domenico voltou a protestar.

— Todos conhecemos os Evangelhos, Vossa Excelência. Talvez possa ir direito ao assunto.

— Estou a indagar-me sobre o que pensaria Jesus, se estivesse aqui, entre nós, esta noite.

— Ele *está* entre nós! — Era Tardini, de Palermo, setenta e nove anos, uma relíquia tradicionalista que recebera o seu chapéu vermelho das mãos de Wojtyła. Aceitara um milhão de euros da Ordem de Santa Helena, em troca do seu voto no conclave. O dinheiro estava na sua conta do Banco do Vaticano. — Mas diga-nos, Vossa Excelência. O que é que Jesus *está* a pensar?

— Creio que Jesus não reconhece esta Igreja. Creio que *está* indignado com a opulência dos nossos palácios e com a arte de valor incalculável que pende das nossas paredes. Creio que *está* tentado a deitar ao chão uma ou duas mesas.

— Até recentemente, Vossa Excelência vivia num palácio. E o seu mestre também.

— Fizemo-lo porque a tradição assim o exigia. Mas vivíamos, também, de forma bastante simples. — Donati olhou para o cardeal Navarro. — Concorde, Vossa Eminência?

— Concorde, Vossa Excelência.

— E Vossa Eminência, cardeal Gaubert?

Sempre diplomático, o ex-secretário de Estado assentiu com a cabeça uma vez, mas não disse nada.

— E Vossa Eminência? — perguntou Donati a Albanese. — Como é que caracterizaria a vida do Santo Padre no Palácio Apostólico?

- Modesta. Humilde, até.
- E Vossa Eminência deve saber. Afinal, foi o último visitante do apartamento papal, na noite em que o meu mestre morreu.
- Fui — respondeu Albanese, com apropriada solenidade.
- Esteve lá duas vezes, nessa noite, não foi?
- Só uma, Vossa Excelência.
- Tem a certeza, Albanese?

Um murmúrio cresceu e, depois, extinguiu-se rapidamente.

— Não é algo que alguma vez possa esquecer — respondeu Albanese, sem se alterar.

— Porque foi Vossa Eminência que encontrou o corpo. — Donati fez uma pausa. — No escritório papal.

— Na capela.

— Sim, claro. Devo ter-me esquecido.

— É compreensível. Vossa Excelência não estava lá, nessa noite. Estava a jantar com alguém com quem mantém uma amizade antiga. Uma mulher, se não estou em erro. Omiti isso do *bollettino* para não o envergonhar. Talvez tenha sido um erro.

Duarte, de Manila, ergueu-se subitamente, com o rosto atormentado. Lopes, do Rio de Janeiro, também. Ambos estavam a apelar a Francona, simultaneamente, para que pusesse fim ao derramamento de sangue. Francona parecia paralisado pela indecisão.

Donati subiu o volume da voz para ser ouvido.

— Já que o cardeal Albanese mencionou o meu paradeiro na noite da morte do meu mestre, sinto-me obrigado a falar da questão. Sim, estava a jantar com uma amiga. O nome dela é Veronica Marchese. Conheci-a num momento em que estava a questionar a minha fé e a preparar-me para deixar o sacerdócio. Desisti dela, quando conheci o Pietro Lucchesi e regressei à Igreja. Somos bons amigos. Nada mais.

— É a viúva do Carlo Marchese — disse Albanese. — E Vossa Excelência é um padre católico romano.

— A minha consciência está limpa, Albanese. E a sua?

Albanese apelou a Francona.

— Está a ouvir a forma como ele está a falar comigo?

Francona olhou para Donati.

— Por favor, continue, Vossa Excelência. O seu tempo está a terminar.

— Louvado seja Deus — gemeu Tardini.

Donati pensou no seu relógio de pulso. Fora um presente de Veronica, o único objeto de valor que possuía.

— Tive conhecimento — disse, passado um momento — de que vários de vós são membros secretos da Ordem de Santa Helena. — Olhou para o cardeal Esteban Velázquez, de Buenos Aires, e, num espanhol impecável, perguntou: — Não é verdade, Vossa Eminência?

— Não saberia dizer-lhe — respondeu Velázquez, na mesma língua. Donati virou-se para o arcebispo da Cidade do México.

— O que é que acha, Montoya? Quantos membros secretos da Ordem estão connosco esta noite? Dez? Doze? — Donati fez uma pausa. — Ou dezoito?

— Todos nós, diria eu. — Era novamente Albanese. — À exceção do cardeal Brady, evidentemente. — Deleitou-se com uma onda de gargalhadas nervosas. — Pertencer à Ordem de Santa Helena não é pecado, Vossa Excelência.

— Mas seria pecado aceitar dinheiro em troca de, digamos, um voto no conclave.

— Um pecado gravíssimo — concordou Albanese. — Portanto, deve-se ser extremamente cauteloso antes de fazer tal acusação. Também se deve ter em conta que prová-la seria praticamente impossível.

— Não, quando a ofensa é flagrante. Quanto à cautela, não tenho tempo para ela. E, portanto, nos últimos momentos que me restam, gostaria de vos contar o que soube e o que pretendo fazer, se as minhas exigências não forem satisfeitas.

— Exigências? — Tardini estava incrédulo. — Quem é Vossa Excelência para fazer exigências? O seu mestre está morto. Vossa Excelência é um nada.

— Sou o homem — disse Donati — que tem o seu futuro na palma da mão. Sei quanto dinheiro recebeu, quando o recebeu e onde é que ele está.

Tardini ergueu-se desajeitadamente, com o rosto da cor do seu barrete eclesiástico.

— Não vou tolerar isto!

— Então, por favor, sente-se antes que se magoe. E ouça o resto do que tenho para dizer.

Tardini manteve-se de pé por um momento, antes de se baixar para a cadeira, em desequilíbrio, com a ajuda do arcebispo Colombo, de Nápoles.

— Durante séculos — disse Donati —, esta nossa Igreja viu inimigos e ameaças em todos os lugares para onde olhou. Na ciência, no secularismo, no humanismo, no pluralismo, no relativismo, no socialismo, no americanismo. — Donati fez uma pausa e, depois, acrescentou tranquilamente: — Nos judeus. Mas o inimigo, cavalheiros, está bem mais próximo de nós. Está, precisamente, nesta sala, esta noite. E vai estar na Capela Sistina, amanhã à tarde, quando fizerem a primeira votação. Quarenta e dois de vós sucumbiram à tentação e aceitaram dinheiro em troca dos seus votos. Doze de vós são tão completamente corruptos, tão descarados, que depositaram esse dinheiro nas suas contas do Banco do Vaticano. — Donati sorriu

para Tardini. — Não é verdade, Vossa Eminência?

Foi Colombo quem saiu em defesa de Tardini.

— Exijo que retire a sua acusação caluniosa imediatamente!

— No seu lugar, teria mais cuidado, Colombo. Vossa Eminência também aceitou dinheiro, embora o seu pagamento tenha sido consideravelmente menor do que aquele que o velho e astuto Tardini recebeu.

Albanese estava, agora, a subir o corredor central.

— E Vossa Excelência, arcebispo Donati? Quanto é que recebeu?

— Dois milhões de euros. — Donati esperou que a confusão acalmasse, antes de continuar: — Caso estejam a indagar-se, não sou membro da Ordem de Santa Helena. Na verdade, eu e a Ordem estivemos em lados opostos, enquanto fui missionário na província de Mozarán, em El Salvador. Eles apoiaram a Junta e os esquadrões da morte. Eu trabalhei com os pobres e espoliados. E também não sou um cardeal com direito de voto. Portanto, a única explicação para o depósito na minha conta é tratar-se de uma tentativa inútil de me comprometer.

— Vossa Excelência comprometeu-se a si próprio — disse Albanese — quando se meteu na cama daquela meretriz!

— Isso é o seu telemóvel a tocar, Albanese? É melhor atender. Tenho a certeza de que o bispo Richter está ansioso para saber o que está a acontecer nesta capela.

Albanese vociferou uma negação, que foi abafada pelo tumulto na sala. A maioria dos cardeais estava, agora, de pé. Donati ergueu uma mão apaziguadora, que não surtiu efeito. Teve de gritar para ser ouvido.

— E pensar em quantos pobres poderíamos ter vestido e alimentado com esse dinheiro. Ou em quantas crianças poderíamos ter vacinado. Ou em quantas mais escolas poderíamos ter construído. Meu Deus, com esse dinheiro podia ter coberto as necessidades da minha vila salvadorenha inteira durante um ano.

— Então, talvez devesse doá-lo — sugeriu Albanese.

— Oh, tenciono fazê-lo. Todo. — Donati olhou para Tardini, que estava a tremer de raiva. — E Vossa Eminência? Vai fazer o mesmo?

Tardini praguejou uma ameaça de sangue siciliana.

— E Vossa Eminência, Colombo? Vai juntar-se ao nosso movimento para ajudar os pobres e os doentes? Espero que sim. Na verdade, prevejo um ano excecional para as instituições de solidariedade católicas. Isso porque todos vocês vão entregar o dinheiro que receberam da Ordem. Até ao último cêntimo. Caso contrário, destruirei cada um de vós. — O seu olhar pousou friamente em Albanese. — Lentamente. Com o máximo de dor.

— Eu não recebi nada.

— Mas estava lá, naquela noite. Foi Vossa Eminência quem encontrou o corpo do Santo Padre. — Donati fez uma pausa. — No escritório.

O cardeal Duarte parecia estar à beira das lágrimas.

— Arcebispo Donati, o que é que está a dizer?

Um silêncio abateu-se sobre a sala. Era como o silêncio, pensou Donati, da cripta sob o altar da Basílica de São Pedro, onde os restos mortais de Pietro Lucchesi jaziam, dentro de três caixões, com um pequeno ferimento de agulha na coxa direita.

— O que estou a dizer é que o meu mestre nos foi tirado demasiado cedo. Havia muito mais trabalho a fazer. Estava longe de ser perfeito, mas era um homem de oração e de fé, bondoso e decente, um homem pastoral, que deu o seu melhor para conduzir a Igreja através de tempos turbulentos. E, se não escolherem alguém como ele quando entrarem no conclave, alguém que motive os católicos do primeiro mundo e do terceiro, alguém que conduza a Igreja para o futuro, em vez de arrastá-la para o passado... — Donati baixou a voz. — Eu destruirei este templo. E, quando terminar, não ficará pedra sobre pedra.

— O diabo está entre nós — disse Tardini, furiosamente.

— Não discordo de si, Vossa Eminência. Mas foi o senhor e os seus amigos da Ordem que lhe abriram a porta.

— É *Vossa Excelência* que está a ameaçar destruir a fé.

— Não a fé, Vossa Eminência. Só a Igreja. Pode ter a certeza de que preferiria vê-la em ruínas a vê-la nas mãos sujas da Ordem de Santa Helena.

— E depois? — perguntou Tardini. — O que é que vamos fazer, quando a nossa Igreja for destruída?

— Vamos recomeçar, Vossa Eminência. Vamos encontrar-nos em casas e partilhar refeições simples de pão e vinho. Vamos recitar os Salmos e contar histórias dos ensinamentos de Jesus e da sua morte e ressurreição. Vamos construir uma nova Igreja. Uma Igreja que Ele reconheceria. — Donati olhou para o cardeal Francona. — Obrigado, reitor. Creio que já disse o suficiente.

VILLA BORGHESE

O carro de Veronica estava estacionado, ao acaso, junto da barreira no final da estrada de acesso. A porta do lado do passageiro estava ligeiramente entreaberta. As chaves estavam caídas no chão. Gabriel enfiou-as no bolso e, depois, puxou a *Beretta*.

— Não há mesmo outra maneira? — perguntou Metzler.

— O que é que tinha em mente? Um acordo entre cavalheiros?

— É um padre.

— Ele matou o Santo Padre. No seu lugar...

— Eu não sou como o Allon. Vou deixar que o meu Deus seja o juiz do padre Graf.

— Também é o meu Deus. Mas, provavelmente, essa é uma discussão para outra altura. — Gabriel baixou o olhar para o telemóvel. O aparelho do padre Graf estava a cerca de duzentos metros para leste, no meio da Piazza di Siena. — Fique aqui, no carro. Só demoro um minuto.

Gabriel começou a atravessar a zona abrigada pelas árvores. Após alguns passos, deparou-se com a fachada de estilo Tudor do Globe Theatre Roma, a réplica de um lendário teatro londrino onde Shakespeare estreou muitas das suas obras mais queridas. Rodeado de imponentes pinheiros-mansos romanos, parecia terrivelmente deslocado, como um iglu no Neguev.

A Piazza di Siena era adjacente ao teatro. Gabriel conseguiria pintá-la, recorrendo apenas à memória, mas, na escuridão, não conseguia discernir quase nada. Algures ali fora, havia duas pessoas: uma mulher que estava desesperadamente apaixonada por um padre e um padre que assassinara um papa. E pensar que estava, apenas, a cinco horas de distância do salão dos horrores hitleriano de Jonas Wolf, em Obersalzberg. *Era* uma pessoa normal, garantiu a si próprio.

Subitamente, lembrou-se da pista oval. A pista que tinha de atravessar para alcançar o centro da *piazza*. Provavelmente, não seria possível para um homem, mesmo um homem com a sua constituição e agilidade, caminhar sobre gravilha sem fazer ruído. Gabriel calculava

que fosse esse o motivo pelo qual o padre Graf a tinha levado para ali. Afinal, talvez fosse necessário um acordo entre cavaleiros. Não seria difícil estabelecer contacto. Gabriel tinha o número de telemóvel de Graf.

A aplicação de mensagens instantâneas no *Solaris* de Gabriel permitia-lhe enviar mensagens anonimamente. Protegendo o ecrã com cuidado, digitou uma mensagem breve em italiano coloquial sobre um jantar no La Carbonara, no Campo de' Fiori. Depois, carregou no ícone de ENVIAR. Alguns segundos depois, a luz acendeu-se como um fósforo no centro da *piazza*. Foi surpreendentemente intensa, o suficiente para Gabriel determinar o alinhamento e orientação de ambos. O padre Graf ergueu o telefone na mão esquerda, a mão mais próxima de Gabriel. Ele e Veronica estavam frente a frente. Como uma agulha numa bússola, o padre estava virado para o norte.

Gabriel moveu-se na direção oposta, ao longo de um caminho pedonal asfaltado. Depois, dirigiu-se furtivamente para leste, através de um arvoredor de pinheiros-mansos, até estar aproximadamente nivelado com Veronica e o padre Graf.

Enviou outra mensagem anónima ao padre.

OIIIIIIááááá...

Mais uma vez, a luz acendeu-se no centro da *piazza*. Só a posição de Gabriel mudara. Agora, estava mesmo atrás do padre Graf. Separavam-nos cerca de trinta metros de erva e a pista oval de terra e gravilha. Gabriel conseguiria atravessar a erva tão silenciosamente quanto um gato doméstico. Contudo, a pista era um fio detonador. Era demasiado larga para atravessar com um salto, exceto para um atleta de calibre olímpico. Gabriel era um homem de idade avançada que, recentemente, fraturara duas vértebras na região lombar.

No entanto, ainda era um excelente atirador. Principalmente com uma *Beretta 92 FS*. Só precisava de iluminar o alvo com outra mensagem. Então, o padre Graf, assassino de um papa, deixaria de existir. Talvez desse por si diante de um tribunal celestial, onde seria sentenciado pelos seus crimes. Se assim fosse, Gabriel esperava que Deus estivesse de mau humor, quando chegasse a vez de o padre Graf se sentar no banco dos réus.

Escreveu outra mensagem breve (Onde estás?) e disparou-a para o éter. Desta vez, talvez devido à direção do vento, ouviu o toque, semelhante a um sino, do telemóvel do padre Graf. Passaram vários segundos, antes de a luz iluminar o quadro vivo no centro da *piazza*. Infelizmente, a posição das duas figuras mudara. Ambas estavam, agora, viradas para norte. Veronica estava ajoelhada. O padre Graf tinha uma arma apontada à sua nuca.

O padre virou-se, quando ouviu o ranger da gravilha sob os pés de Gabriel. Instantaneamente, houve outra explosão de luz no centro da

piazza. O clarão de um disparo. A bala sobreaquecida rasgou o ar, a alguns centímetros do ombro esquerdo de Gabriel. Este, contudo, correu velozmente na direção do seu alvo, com a *Beretta* na mão estendida. Havia sítios piores para morrer do que a *Piazza di Siena*. Só esperava que Deus estivesse de bom humor, quando chegasse a sua vez de se sentar no banco dos réus.

* * *

Donati esperou até sair da Casa Santa Marta para ligar o telemóvel. Não recebera chamadas nem mensagens, enquanto fazia as suas observações aos cardeais. Tentou o número de Veronica. Não houve resposta. Começou a marcar o de Gabriel, mas deteve-se. Agora, não era o momento.

Os dois guardas suíços à entrada da hospedaria fitavam a noite de forma vazia, alheios ao pandemónio que Donati deixara atrás de si. Meu Deus, o que é que tinha feito? Acendera o rastilho, pensou. Caberia ao cardeal Francona presidir a um conclave em chamas. Só Deus sabia que tipo de papa daí sairia. Neste momento, Donati não se importava muito com isso, desde que o próximo pontífice não fosse uma marioneta do bispo Richter.

A fachada sul da basílica estava iluminada por holofotes. Donati reparou que uma das portas laterais estava entreaberta. Entrando, atravessou o transepto esquerdo até ao imponente *baldacchino* de Bernini e caiu de joelhos no chão frio de mármore. Na cripta, abaixo de si, jazia o seu mestre, com um pequeno ferimento de agulha na coxa direita. De olhos fechados, Donati rezou com um fervor que não sentia há anos.

Matá-lo, estava a pensar. Lentamente e com o máximo de dor.

A noite era aliada de Gabriel, pois tornava-o praticamente invisível. O padre Graf, contudo, informava-o da sua localização exata, cada vez que premia indisciplinadamente o gatilho. Gabriel não fez qualquer ação evasiva, nem nenhuma alteração de direção. Em vez disso, avançou para o alvo tão rapidamente quanto as suas pernas conseguiam, tal como Shamron o treinara para fazer, no outono de 1972.

Onze vezes, uma bala por cada judeu assassinado em Munique...

Perdera a conta a quantas vezes o padre Graf disparara. Estava confiante de que o padre Graf também. A *Beretta* tinha quinze balas de 9 milímetros. Porém, Gabriel só precisava de uma. Aquela que tencionava enfiar entre os olhos do padre, quando tivesse a certeza de que não atingiria Veronica por engano. Ela ainda estava de joelhos,

com as mãos a tapar os ouvidos. Tinha a boca aberta, mas Gabriel não conseguia ouvir nenhum som, para além dos disparos. Um truque da acústica da *piazza* fazia parecer que vinham de todas as direções em simultâneo.

Gabriel estava, agora, a cerca de vinte metros de Graf, suficientemente perto para conseguir vê-lo claramente, sem o auxílio dos lampejos dos disparos. O que significava que Graf também conseguia ver Gabriel. Não podia esperar mais nem aproximar-se mais. Um agente da polícia teria parado e ter-se-ia virado ligeiramente de lado para se tornar menos visível, mas não um assassino do Departamento treinado por Ari Shamron. Continuou o seu avanço implacável, como se pretendesse chegar ao alvo antes da bala.

Finalmente, o seu braço levantou-se, colocando a visão da *Beretta* diante do rosto do padre Graf. Mas, no instante antes de Gabriel conseguir colocar a pressão necessária sobre o gatilho, uma parte do rosto rebentou. Depois, o padre Graf desapareceu da sua vista, como se, na terra debaixo dele, se tivesse aberto um buraco.

Gabriel tropeçou até parar, inseguro sobre a direção de onde viera a bala. Passado um momento, Alois Metzler saiu da escuridão, com uma pistola *SIG Sauer 226* na mão estendida.

Baixou a arma e olhou para Veronica.

— É melhor levá-la daqui, antes que a Polizia chegue. Eu trato disto.

— Diria que já tratou.

Metzler contemplou o padre morto.

— Não se preocupe, Allon. O sangue dele está nas minhas mãos.

VIA GREGORIANA, ROMA

Às dez e um quarto da manhã seguinte, Gabriel foi acordado por uma discussão na rua, por baixo da sua janela. Durante um momento, não conseguiu recordar-se do nome da rua nem da localização, nem teve qualquer recordação das circunstâncias que o tinham trazido até ao seu local de descanso, um pequeno sofá horrorosamente desconfortável.

Era o sofá, lembrou-se com súbita lucidez, da sala de estar do velho andar seguro do Departamento, perto do topo da Escadaria da Praça de Espanha. Veronica Marchese tinha-se oferecido para dormir aí, mas, numa imprudente demonstração de cavalheirismo, Gabriel insistira para que ficasse no quarto. Tinham permanecido acordados até depois das duas da manhã, a partilhar uma garrafa de vinho tinto toscano que o deixara com uma monótona dor de cabeça. Fazia um belo par com a dor na sua região lombar.

As roupas estavam no chão, junto ao sofá. Vestiu-se, entrou na cozinha e verteu água engarrafada para o interior da chaleira elétrica. Depois de usar uma colher para colocar o café na cafeteira de êmbolo, entrou na casa de banho extra para enfrentar o seu reflexo no espelho. Se, pelo menos, fosse uma pintura, poderia apagar o estrago, mas o máximo que podia esperar era uma pequena melhoria antes da chegada de Chiara. Por sugestão de Gabriel, ela e as crianças estavam a vir para Roma para o início do conclave. Donati convidara-os para ver a cerimónia de abertura, em direto, na televisão, na Cúria Jesuíta. Pedira a Veronica que se juntasse a eles. A tarde prometia ser interessante.

Gabriel encheu a cafeteira de êmbolo com água e leu os jornais italianos no seu telemóvel, enquanto esperava que o café ficasse pronto. Os acontecimentos chocantes na Alemanha suscitavam pouco interesse aos editores de Roma e Milão. Só o conclave interessava. Os *vaticanisti* continuavam convencidos de que o papado dificilmente fugiria a Navarro. Um deles previa que Pietro Lucchesi seria o último papa italiano. Nenhum dos jornais fazia referência à morte de um

padre de uma ordem católica reacionária ou a um tiroteio nos jardins da Villa Borghese, envolvendo uma proeminente diretora de um museu italiano. De alguma forma, Alois Metzler conseguira mantê-lo em segredo. Pelo menos, para já.

Gabriel levou o café até à sala de estar e ligou a televisão. Quinze mil católicos, religiosos e leigos, amontoavam-se na Basílica de São Pedro para a missa *Pro Eligendo Romano Pontifice*, antes do conclave. Outros duzentos mil estavam a assistir nos ecrãs gigantes da praça, no exterior. O reitor Angelo Francona iria celebrá-la. Diante dele, em quatro filas semicirculares de cadeiras, estava todo o Colégio Cardinalício, incluindo os cardeais que eram demasiado velhos para participar no conclave cujo início estava previsto para daí a duas horas. Donati estava sentado mesmo atrás deles. No seu hábito coral, parecia inteiramente um prelado católico romano. A sua expressão era séria, determinada. Gabriel não queria ser o alvo do seu olhar severo.

— Em que é que acha que ele está a pensar?

Gabriel ergueu o olhar e sorriu para Veronica Marchese. Estava vestida com um dos antigos pijamas de algodão de Chiara. Tinha uma mão apoiada na anca. A outra estava a puxar a orelha direita.

— Ainda não consigo ouvir nada.

— O seu ouvido foi exposto a vários disparos, sem proteção. Vai demorar alguns dias.

A mão dela moveu-se para a nuca.

— Como é que se sente?

— Um bocadinho de cafeína talvez ajude. — Olhou desejosamente para o café. — Há suficiente para mim?

Ele entrou na cozinha e serviu-lhe uma chávena. Ela deu um gole e fez uma careta.

— Está assim tão mau?

— Talvez possamos caminhar até ao Caffè Greco, mais tarde. — Olhou para a televisão. — Sabem mesmo como montar um espetáculo, não é? Nunca se pensaria que há alguma coisa errada.

— É melhor assim.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Quer que o mundo saiba o que aconteceu na Piazza di Siena, ontem à noite?

— Há alguma coisa nos jornais?

— Absolutamente nada.

— Quanto tempo permanecerá um segredo?

— Calculo que isso dependa da identidade do próximo papa.

A câmara voltou a pousar em Donati.

— Luigi, o *Deslumbrante* — disse Veronica. — Ele odiou aquele artigo na *Vanity Fair*, mas isso fez dele uma estrela no interior da

Igreja.

— Devia ter visto os empregados de mesa no Piperno.

— Tem tanta sorte, Gabriel. Uma vez na vida, gostava de almoçar com ele em público, numa tarde romana perfeita. — Olhou-o de soslaio. — Ele alguma vez fala de mim?

— Constantemente.

— A sério? E o que é que ele diz?

— Que a Veronica é uma boa amiga.

— E acredita nisso?

— Não — disse Gabriel. — Acho que está desesperadamente apaixonada por ele.

— É assim tão óbvio? — Sorriu tristemente. — E o Luigi? O que é que ele sente por mim?

— Terá de lhe perguntar a ele.

— Perguntar-lhe o quê, exatamente? Ainda está apaixonado por mim, arcebispo? Vai renunciar aos seus votos e casar comigo, antes que seja demasiado tarde?

— Nunca lhe perguntou?

Ela abanou a cabeça.

— Porque não?

— Porque tenho medo da resposta dele. Se disser que não, vou ficar de coração partido. E, se disser que sim...

— Vai sentir-se a pior pessoa do mundo.

— É muito perspicaz.

— Exceto no que diz respeito a assuntos do coração.

— Tem um casamento perfeito.

— Sou casado com uma mulher perfeita. Não confunda as duas coisas.

— E se estivesse no meu lugar?

— Diria ao Luigi o que sente. Quanto mais cedo, melhor.

— Quando?

— Que tal esta tarde?

— Na Cúria Jesuíta? Não consigo pensar num lugar onde quisesse *menos* estar. Com aqueles padres todos... — disse Veronica. — E vão estar todos de olhos postos em mim.

— Na verdade, duvido bastante disso.

Ela fez um ar pensativo.

— O que é que se deve vestir para uma celebração do conclave?

— Branco, creio eu.

— Sim — disse Veronica. — Creio que tem razão.

No final da missa, os cardeais eleitores fizeram fila para sair da basílica e regressaram à Casa Santa Marta para almoçar. Alois Metzler

telefonou a Gabriel do vestíbulo ruidoso. O padre Graf, disse ele, estava numa morgue, em Roma. Aí permaneceria até à conclusão do conclave, quando o seu corpo seria descoberto nas montanhas, nos arredores de Roma, um aparente suicídio. O nome de Veronica não apareceria em nenhum dos relatórios. Nem o de Gabriel.

— Nada mau, Metzler.

— Sou um cidadão suíço que trabalha para o Vaticano. Esconder a verdade é algo que faço naturalmente.

— Teve notícias do bispo Richter?

— Abandonou Roma num jato privado. Aparentemente, está escondido no priorado da Ordem, no cantão de Zug.

— Como é que está o ambiente na Casa Santa Marta?

— Se conseguirmos acabar o conclave sem mais nenhum corpo — disse Metzler, antes de desligar —, será um milagre.

Nessa altura, era quase meio-dia e meia. O vistoso descapotável de Veronica estava estacionado na rua, no exterior do prédio. Gabriel conduziu até ao seu *palazzo*, perto da Via Veneto, e esperou no andar de baixo, enquanto ela tomava um duche e trocava de roupa. Quando reapareceu, estava vestida com um elegante fato creme e um colar de ouro entrançado.

— Estava enganado — disse Gabriel. — Sem dúvida que toda a gente na Cúria Jesuíta vai estar de olhos postos em si.

Ela sorriu.

— Não podemos chegar de mãos a abanar.

— O Luigi pediu que levássemos vinho.

Veronica desapareceu para o interior da cozinha e voltou com quatro garrafas de *pinot grigio* gelado. Foi uma viagem de cinco minutos até Roma Termini. Estavam à espera no exterior, junto à rotunda, quando Chiara e as crianças saíram da estação.

— Tem razão — disse Veronica. — É casado com uma mulher perfeita.

— Sim — concordou Gabriel. — Tenho mesmo muita sorte.

CÚRIA JESUÍTA, ROMA

Havia duas grandes televisões de ecrã plano no refeitório da Cúria Jesuíta, uma em cada extremidade da sala. Entre elas, havia cerca de uma centena de padres, vestidos com batinas pretas e fatos clericais, juntamente com um grupo de estudantes da Pontifícia Universidade Gregoriana. O estrépito de vozes de barítono masculinas diminuiu brevemente, enquanto um grupo de leigos convidados (duas crianças pequenas, duas bonitas mulheres e o chefe dos serviços secretos israelitas) entrava na sala.

Donati despira o seu hábito coral e estava novamente vestido com o equivalente vaticano a uma indumentária de negócios. Estava preso no que parecia ser uma conversa séria com um homem de cabelo prateado que Veronica identificou como o superior-geral da Companhia de Jesus.

— O *Papa Negro* — acrescentou.

— Era o que chamavam ao Donati.

— Só os inimigos dele é que se atreviam a chamar-lhe isso. O padre Agular é o verdadeiro *Papa Negro*. É venezuelano, cientista político de formação e algo esquerdista. Uma vez, um escritor de uma revista conservadora americana apelidou-o de marxista e o padre Agular considerou isso um elogio. Também é bastante pró-palestiniano.

— O que é que ele sabe sobre a sua relação com o Donati?

— A ficha do Donati foi limpa de qualquer referência ao nosso caso, depois de ele se ter tornado secretário pessoal do Lucchesi. No entender dos jesuítas, nunca aconteceu. — Veronica apontou com a cabeça na direção de uma mesa repleta de refrigerantes e garrafas de vinho tinto e branco. — Importam-se? Não sei se consigo fazer isto sóbria.

Gabriel acrescentou as quatro garrafas de *pinot grigio* de Veronica à coleção de vinho. Depois, serviu três copos de uma garrafa aberta de *Frascati* tépido, enquanto Chiara servia às crianças um pouco de massa dos tabuleiros aquecidos, dispostos ao longo do *buffet*. Encontraram uma mesa vazia perto de uma das televisões. Os cardeais eleitores

tinham abandonado a Casa Santa Marta e estavam reunidos na Capela Paulina, a última paragem antes de entrarem na Capela Sistina para o início do conclave.

Veronica provou o vinho.

— Há alguma coisa pior do que um *Frascati* à temperatura ambiente?

— Consigo pensar numas quantas coisas — respondeu Gabriel.

Donati e um sorridente padre Agular aproximaram-se da mesa. Erguendo-se, Gabriel ofereceu a mão ao líder dos jesuítas, antes de apresentar Chiara e as crianças. — E esta é a nossa querida amiga Veronica Marchese. — O tom de Gabriel foi invulgarmente animado. — A *dottora* Marchese é a diretora do Museo Nazionale Etrusco.

— É uma honra, *dottora*. — O padre Agular olhou para Gabriel. — Acompanho os acontecimentos no Médio Oriente com bastante atenção. Será que posso dar-lhe uma palavrinha antes de se ir embora?

— Claro, padre Agular.

O jesuíta contemplou a televisão.

— Quem é que acha que será?

— Dizem que é o Navarro.

— Está na altura de termos um papa que fale espanhol, não acha?

— Se, pelo menos, fosse um jesuíta...

Rindo-se, o padre Agular retirou-se.

Donati puxou uma cadeira entre Gabriel e Raphael e sentou-se. Quase não reconhecera a presença de Veronica. Em voz baixa, perguntou:

— Como é que ela está?

— Tão bem quanto se poderia esperar.

— Devo dizer que está linda.

— Devias tê-la visto depois de o Metzler ter matado o padre Graf.

— Ele encobriu bastante bem a situação. Nem o Alessandro Ricci sabe de nada.

— Como é que conseguiste convencê-lo a não publicar a reportagem sobre a conspiração contra o conclave?

— Prometendo dar-lhe tudo o que precisasse para escrever uma seqüela de sucesso de *A Ordem*.

— Diz-lhe que mantenha o meu nome fora disso.

— Mereces um bocadinho de crédito. Afinal, salvaste a Igreja Católica.

— Ainda não — disse Gabriel.

Donati ergueu o olhar para a televisão.

— Amanhã à noite, vamos saber. No máximo, na segunda-feira.

— Porque não esta noite?

— O voto desta tarde é essencialmente simbólico. A maioria dos

cardeais vai votar em amigos ou benfeitores. Se tivermos um novo papa esta noite, significa que algo extraordinário aconteceu dentro da Capela Sistina. — Donati olhou para Raphael. — É espantoso. Se tivesse têmporas grisalhas...

— Eu sei, eu sei.

— Ele pinta?

— Bastante bem, na verdade.

— E a Irene?

— Receio que seja uma escritora.

Donati olhou para Veronica, que estava a falar baixinho e a rir com Chiara.

— De que é que achas que estão a falar?

— De ti, imagino.

Donati franziu o sobrolho.

— Não andaste a intrometer-te na minha vida privada, pois não?

— Um bocadinho. — Gabriel baixou a voz. — Ela tem uma coisa que quer discutir contigo.

— A sério? De que se trata?

— Quer fazer-te uma pergunta, antes que seja tarde demais.

— Já é tarde demais. Roma falou, meu amigo. Assunto encerrado.

— Donati bebeu do copo de vinho de Gabriel e fez uma careta. — Há alguma coisa pior do que um *Frascati* à temperatura ambiente?

Pouco depois das três da tarde, os cardeais eleitores prosseguiram para a Capela Sistina. Com as câmaras a observá-los, cada um deles colocou uma mão sobre o Evangelho segundo Mateus e prometeu, entre outras coisas, que não participaria em qualquer tentativa de interferência de forças exteriores na eleição do pontífice romano. Domenico Albanese repetiu o juramento com exagerada solenidade e uma expressão de santidade no rosto. Os comentadores televisivos elogiaram o seu desempenho durante o interregno. Um deles chegou ao ponto de sugerir que tinha uma pequena hipótese de emergir do conclave como o próximo papa.

— Deus nos ajude — murmurou Donati.

Eram quase cinco horas, quando o último cardeal prestou juramento. Pouco depois, o Mestre de Celebrações Litúrgicas Pontificias, um italiano magro, de óculos, chamado *monsignor* Guido Montini, colocou-se diante do microfone e declarou suavemente:

— *Extra omnes.*

Cinquenta sacerdotes, prelados e leigos com ligações ao Vaticano saíram da capela em fila indiana, incluindo Alois Metzler, que envergava o seu uniforme formal com capacete de penacho branco da época renascentista.

— Ainda bem que não estava assim vestido, ontem à noite — observou Gabriel.

Donati sorriu, enquanto o *monsignor* Montini fechava as portas duplas da Capela Sistina.

— E agora?

— Encontramos uma garrafa de vinho gelado — disse Donati. — E esperamos.

CAPELA SISTINA

O primeiro ponto da ordem de trabalhos foi a distribuição dos boletins de voto. No topo de cada um, estavam as palavras *ELIGO IN SUMMUM PONTIFICEM: Elejo como Sumo Pontífice*. Em seguida, fez-se um sorteio para selecionar os escrutinadores, os três cardeais que fariam o apuramento dos votos. Depois, foram escolhidos os três revisores que escrutinariam o trabalho dos escrutinadores, seguidos dos três *infirmarii*, que recolheriam o boletim de voto de qualquer cardeal que estivesse demasiado doente para abandonar a sua cama na Casa Santa Marta. O cardeal Angelo Francona ficou aliviado por nenhum dos quarenta e dois cardeais implicados por Luigi Donati ter sido escolhido para nenhuma das nove posições. Embora não fosse matemático, sabia que as probabilidades de tal resultado eram astronómicas. Certamente, concluiu, o Espírito Santo intervieria para salvar o pouco que restava da integridade do conclave.

Com os preparativos concluídos, Francona aproximou-se do microfone e observou os 115 homens à sua frente.

— Sei que foi um dia longo, mas sugiro que votemos.

Se tivesse de haver uma rutura, aconteceria nesse momento. Uma única objeção exigiria que o conclave fosse suspenso por essa noite e que os cardeais regressassem à Casa Santa Marta. Isso seria interpretado pelo resto do mundo como um sinal de intenso rancor e divisão no seio da Igreja. Em suma, seria um desastre.

Francona susteve a respiração.

Houve silêncio na sala.

— Muito bem. Por favor, escrevam o nome do candidato escolhido no boletim de voto. E, lembrem-se, se um voto não puder ser lido, não poderá ser contabilizado.

Francona sentou-se no lugar que lhe fora atribuído. O cartão estava pousado à sua frente, com um lápis ao lado. Tencionara seguir a tradição do conclave e, no primeiro escrutínio, depositar um voto de cortesia. Mas tal já não era possível. Não depois dos acontecimentos explosivos da noite anterior, na Casa Santa Marta. Agora não era o

momento de homenagear um velho amigo ou benfeitor. O futuro da Igreja Católica Romana estava em jogo.

Elejo como Sumo Pontífice...

Francona ergueu o olhar e contemplou os homens sentados à sua volta. Quem poderia ser? *És tu, Navarro? Ou tu, Brady?* Não, pensou subitamente. Francona acreditava com todo o coração que só havia um homem que podia salvar a Igreja de si própria.

Agarrou no lápis e encostou a ponta ao boletim de voto. Era habitual os cardeais eleitores disfarçarem a sua caligrafia. Contudo, Francona escreveu o nome rapidamente e com os seus floreados facilmente identificáveis. Depois, dobrou o boletim de voto ao meio, duas vezes, e regressou ao microfone.

— Alguém precisa de mais tempo? Então, muito bem. Vamos dar início à votação.

O procedimento, como quase tudo o resto no conclave papal, estava desenhado para reduzir a possibilidade de fraude. A votação realizava-se por ordem de precedência. Como reitor do Colégio Sagrado, Francona foi o primeiro.

Os escrutinadores estavam reunidos no altar, sobre o qual se encontrava um cálice de ouro de grandes dimensões, coberto por uma patena de prata. Francona levantou o seu voto e recitou em voz alta mais um juramento:

— Invoco Nosso Senhor Jesus Cristo, que me há de julgar, como testemunha de que o meu voto é dado àquele que, perante Deus, julgo que deve ser eleito.

Colocou o boletim de voto na patena e, agarrando o prato com ambas as mãos, inclinou-o alguns graus para a esquerda. O boletim de voto entrou no cálice diretamente. Era outro sinal, pensou Francona, de que o Espírito Santo estava, de facto, presente.

Voltou a colocar a patena no sítio e regressou ao seu lugar.

O processo foi deliberadamente complicado e moroso, principalmente quando executado por homens maioritariamente sedentários entre os sessenta e os setenta anos, alguns dos quais caminhavam com o auxílio de uma bengala. Até mesmo Kevin Brady, o enérgico arcebispo de Los Angeles, precisou de trinta segundos para prestar juramento e depositar o voto a salvo no cálice. Emmerich executou os procedimentos com grande calma, tal como Majewski, de Cracóvia. O mais rápido foi Albanese, que despejou o voto no cálice como se estivesse a limpar os ossos do seu prato do jantar.

Eram quase seis e meia, quando a contagem começou. Com a patena no lugar, o primeiro escrutinador abanou o cálice para misturar os boletins de voto. Depois, o terceiro escrutinador contou os boletins de

voto, sem os ler, para garantir que havia um por cada um dos 116 eleitores. Para alívio de Francona, os números corresponderam. Se isso não tivesse acontecido, teria sido obrigado a queimar os boletins sem os contabilizar.

Os votos estavam, agora, num segundo cálice, ligeiramente mais pequeno. Os escrutinadores colocaram-nos numa mesa diante do altar e sentaram-se. O arcano ritual que se seguiu era quase tão antigo como a própria Igreja. O primeiro escrutinador retirou um boletim e, após um momento de hesitação, fez uma pequena, mas significativa, emenda à última página da lista de nomes previamente impressa que tinha à sua frente. Depois, entregou o boletim ao segundo escrutinador, que fez o mesmo. O terceiro escrutinador não conseguiu esconder a sua surpresa, quando leu silenciosamente o nome. Passado um momento, depois de perfurar o boletim com uma agulha e um fio vermelho através da palavra *Eligo*, leu o nome em voz alta para o microfone.

Um murmúrio baixo atravessou o conclave. Não houve ninguém que ficasse mais surpreendido do que Angelo Francona, pois era o nome que escrevera no seu boletim. O seu candidato era, no mínimo, pouco ortodoxo. Decerto, o seu voto fora o primeiro a ser retirado. Acrescentou o nome à sua própria lista e fez um visto ao lado.

O primeiro escrutinador retirou outro boletim. Sobressaltado, lançou um olhar de soslaio ansioso na direção de Francona, antes de o entregar ao segundo escrutinador. Este fez um visto na sua lista de nomes e, depois, entregou o boletim ao terceiro escrutinador, que o espetou com a agulha e o fio. O nome que leu em voz alta ao microfone era o mesmo do primeiro boletim.

— Meu Deus — sussurrou Angelo Francona. Outro murmúrio varreu o conclave, como o ronco de uma aeronave em movimento. Mais alguém devia ter tido a mesma ideia.

Os escrutinadores aceleraram o ritmo, dez boletins no período de, apenas, quatro minutos, segundo o relógio de Francona. Três foram para Navarro, um para Tardini, um para Gaubert e cinco para o candidato surpresa de Francona. Recebera sete dos primeiros doze votos apurados, uma dinâmica impressionante. Não poderia continuar, pensou Francona.

Mas continuou. Na verdade, o candidato surpresa de Francona recebeu seis dos seguintes dez votos apurados e uns chocantes sete dos dez que vieram depois. Francona registou cada um deles na sua lista. O seu candidato recebera vinte dos primeiros trinta e dois votos apurados, uma maioria de quase dois terços.

Havia oitenta e quatro votos por contabilizar. Quando o candidato

de Francona recebeu metade dos seguintes vinte votos apurados, o cardeal Tardini exigiu que o primeiro escrutínio fosse anulado.

— Com que justificação, Vossa Eminência? — Francona tinha a certeza de que não havia nenhuma. Olhou para os três escrutinadores. — Retirem o próximo voto, por favor.

Foi para o candidato de Francona, tal como quinze dos vinte seguintes. E, neste ponto, o conclave explodiu.

— Falem baixo, irmãos! — O tom de Francona foi de censura, como o de um diretor a repreender uma sala cheia de alunos indisciplinados. Olhou de relance para os escrutinadores. — Próximo voto.

Foi para Albanese, nem mais nem menos. Indubitavelmente, votara em si próprio. Não importava, o candidato de Francona obteve dezassete dos vinte votos seguintes. Recebera sessenta e três dos noventa e quatro votos apurados. Ainda havia vinte e dois votos por contabilizar. Se o nome do candidato de Francona aparecesse em quinze deles, venceria o conclave.

Quatro votos consecutivos foram a seu favor, juntamente com seis dos dez seguintes, elevando a sua contagem para setenta e três, a cinco dos setenta e oito necessários para ser eleito. O voto seguinte foi para Navarro. Depois disso, nunca mais houve dúvida. Enquanto os últimos votos eram apurados, desatou-se o pandemónio. Deste vez, Angelo Francona não fez qualquer tentativa de restaurar o decoro, pois estava a olhar para cima, na direção da representação de Miguel Ângelo do momento da criação.

— O que é que nós fomos fazer? — sussurrou. — Meu Deus, o que é que nós fomos fazer?

Os escrutinadores e revisores contaram os votos uma segunda vez e conferiram o apuramento. Não havia qualquer erro. O impensável acabara de acontecer. Chegara o momento de dizer ao resto do mundo, já para não falar do homem que acabara de ser escolhido para ser o líder espiritual de mais de mil milhões de católicos romanos.

Francona encheu o mais antigo dos dois fornos da Capela Sistina com os boletins e as folhas de apuramento dos votos e ateou-os. Depois, acionou um interruptor no segundo forno, incendiando cinco cargas, do tamanho de pacotes de lenços, que continham uma mistura de clorato de potássio, lactose e resina de pinheiro. Alguns segundos depois, houve um bramido vindo dos milhares de peregrinos no exterior, na Praça de São Pedro. Tinham visto o fumo branco que saía da chaminé da capela.

Francona caminhou até às portas e bateu duas vezes. O *monsignor* Guido Montini abriu-as imediatamente. Foi evidente, pela sua expressão, que ouvira a reação na praça.

— Traga-me um telefone — disse Francona. — Depressa.

CÚRIA JESUÍTA, ROMA

Nesse preciso momento, no refeitório da Cúria Jesuíta, o arcebispo Luigi Donati estava a observar, nas imagens televisionadas, o fumo branco que saía da chaminé da Capela Sistina. O seu rosto estava pálido. A velocidade da decisão sugeria que os cardeais corruptos tinham ignorado os seus avisos e votado em Emmerich. Se assim fosse, Donati tinha toda a intenção de concretizar a sua ameaça. Quando terminasse, não ficaria pedra sobre pedra. Edificaria uma nova Igreja. Uma Igreja que Jesus reconhecesse.

Contudo, os companheiros jesuítas de Donati estavam eletrizados pela escolha invulgarmente célere do novo papa por parte do conclave. De facto, a comoção na sala era tão ruidosa que não conseguiu perceber o que os comentadores estavam a dizer. Nem ouvir, aliás, o seu telemóvel *Nokia*, que estava pousado sobre a mesa ao lado do de Gabriel. Quando, finalmente, o consultou, ficou espantado ao ver que tinha cinco chamadas não atendidas, todas nos últimos dois minutos.

— Meu Deus!

— O que é que foi? — perguntou Gabriel.

— Não vais adivinhar quem é que tem estado a tentar contactar-me freneticamente.

Donati marcou o número e levou rapidamente o telemóvel ao ouvido.

— Já não era sem tempo — disse o cardeal Angelo Francona.

— O que é que se passa, reitor?

— Viu o fumo?

— Sim, claro. Por favor, diga-me que não é...

— Houve um desenvolvimento inesperado.

— Obviamente, Vossa Eminência. Mas o que é que se passou?

— Vai saber quando chegar aqui.

— Onde?

— Há um carro à sua espera lá em baixo. Até daqui a alguns minutos.

A chamada terminou. Donati baixou o telemóvel e olhou para Gabriel.

— Posso estar enganado, mas creio que acabei de ser convocado para a Capela Sistina.

— Porquê?

— O Francona não quis dizer-me, o que significa que não pode ser bom. Na verdade, sentir-me-ia melhor se viesses comigo.

— À Capela Sistina? Não podes estar a falar a sério.

— Até parece que nunca lá estiveste antes.

— Não durante um conclave. — Gabriel puxou o colarinho do seu casaco de cabedal. — Para além disso, não estou propriamente vestido para a ocasião.

— O que é que se deve vestir para um conclave? — perguntou Donati.

Gabriel olhou para Veronica e sorriu.

— Branco, creio eu.

Para evitar as multidões na Praça de São Pedro, o automóvel entrou no Vaticano através da entrada para veículos, perto do Palácio do Santo Ofício. Daí, contornou as traseiras da basílica, em direção a um pequeno pátio junto da Capela Sistina. O *monsignor* Guido Montini lançou-se para a porta de Donati como o porteiro de um hotel. Parecia estar a resistir ao impulso de fazer uma genuflexão.

Montini teve de falar alto, para ser ouvido sobre o dobrar dos sinos da capela.

— Boa noite, Vossa Excelência. Recebi ordens para o levar até ao andar superior. — Olhou para Gabriel. — Mas temo que o seu amigo, o Signore Allon, tenha de ficar aqui.

— Porquê?

Montini arregalou os olhos.

— O conclave, Vossa Excelência.

— Já terminou, ou não?

— Isso depende.

— De quê?

— Por favor, Vossa Excelência. Os cardeais estão à espera.

Donati gesticulou na direção de Gabriel.

— Ou ele vem comigo ou não entro.

— Sim, claro, Vossa Excelência. Se é isso que deseja.

Donati trocou um olhar de soslaio apreensivo com Gabriel. Juntos, subiram um lance de escadas estreitas até à Sala Regia, a gloriosa antecâmara coberta de frescos da Capela Sistina. Dois guardas suíços encontravam-se de pé, à entrada, como dois suportes de livros. Gabriel hesitou e, depois, seguiu Donati até ao interior.

Os cardeais esperavam na base do altar, ofuscados pelo *Juízo Final*, de Miguel Ângelo. Depois de atravessar a porta de entrada da *transenna*, Donati parou abruptamente e virou-se.

— Não percebes o que está a acontecer?

— Sim — respondeu Gabriel. — Creio que sim.

— Ninguém no seu perfeito juízo desejaria isto. Vi com os meus próprios olhos o preço que é necessário pagar. — Donati esticou a mão. — Por favor, agarra-a. Arrasta-me para fora daqui, antes que seja tarde demais.

— Já é tarde demais, Luigi. Roma falou.

A mão de Donati continuava suspensa entre eles. Colocou-a no ombro de Gabriel e apertou-o com uma força surpreendente.

— Tenta recordar-me como eu era, velho amigo. Porque, daqui a um momento, essa pessoa vai deixar de existir.

— Despacha-te, Luigi. Não podes fazê-los esperar.

Donati olhou de soslaio para os 116 homens que aguardavam no altar.

— Não são eles, Luigi. As pessoas que estão na praça.

— O que é que vou dizer-lhes? Meu Deus, nem sequer tenho um nome. — Donati lançou os braços em redor do pescoço de Gabriel e agarrou-se a ele como se estivesse a afogar-se. — Diz-lhe que peço desculpa. Diz-lhe que nunca tive intenção de que isto acontecesse.

Donati afastou-se e endireitou os ombros. Subitamente sereno, percorreu com determinação o comprimento da capela e parou exatamente em frente do cardeal Francona.

— Creio que tem algo que deseja perguntar-me, Vossa Eminência.

Francona fez a questão em Latim:

— *Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?* Aceita a sua eleição canónica para Sumo Pontífice?

— Aceito — respondeu Donati, sem hesitar.

— *Quo nomine vis vocari?* Por que nome deseja ser chamado?

Donati fitou o teto de Miguel Ângelo, como se procurasse inspiração.

— Para dizer a verdade, não faço ideia.

O riso encheu a Capela Sistina. Era um bom começo.

CAPELA SISTINA

Era apropriado que o primeiro ato oficial de Donati como papa fosse colocar a sua assinatura num documento que residiria permanentemente no silêncio do Arquivo Secreto do Vaticano. Preparado apressadamente pelo *monsignor* Montini, registava formalmente o novo nome de Donati e a sua aceitação do cargo de Sumo Pontífice. Assinou o documento na mesa onde os escrutinadores e revisores tinham contabilizado os votos. Oitenta tinham ido para Donati no primeiro escrutínio, um resultado chocante. Desde a época da eleição por aclamação que um papa não era eleito tão rapidamente e por uma margem tão esmagadora.

Em seguida, Donati retirou-se para a Sala das Lágrimas, onde um representante da família Gammarelli, alfaiates do papa desde 1798, aguardava com três batinas brancas de linho e uma seleção de roquetes, murças, estolas e múleos de seda vermelhos. Pietro Lucchesi escolhera, celebrenemente, a mais pequena das três batinas. Donati precisou da maior. Dispensou o roquete, a murça e a estola, e escolheu usar a sua velha cruz peitoral prateada, em vez da pesada cruz de ouro que lhe foi oferecida. Também não escolheu um par de múleos vermelhos. Os seus sapatos italianos, que ele próprio engraxara para se apresentar perante os cardeais na Casa Santa Marta, eram suficientes.

Gabriel não foi autorizado a testemunhar o ritual da mudança de vestimenta de Donati. Permaneceu na Capela Sistina, onde os cardeais esperavam para cumprimentar o homem a quem tinham acabado de entregar as chaves do reino. O ambiente era elétrico, mas incerto. A acústica da sala permitiu a Gabriel intercetar algumas conversas. Era evidente que muitos cardeais tinham dado o chamado voto de cortesia a Donati, sem se aperceberem de que a esmagadora maioria dos colegas tencionava fazer o mesmo. O consenso era de que o Espírito Santo interviera, não o bispo Richter nem a Ordem de Santa Helena.

Nem todos na sala estavam satisfeitos com o resultado, principalmente o cardeal Albanese e Tardini. Só trinta e seis tinham

votado noutro candidato, o que significava que um número significativo dos quarenta e dois conspiradores apoiara a candidatura de Donati, talvez com a esperança infundada de que ele pudesse desconsiderar as suas transgressões financeiras e lhes permitisse permanecer nos seus cargos atuais. Gabriel calculava que o Colégio Cardinalício fosse assistir, em breve, a uma vaga de demissões e transferências. A mudança que há muito se fazia esperar estava a chegar à Igreja Católica. Ninguém sabia como operar as alavancas do poder do Vaticano melhor do que Luigi Donati. Mais importante do que isso, ele sabia onde os corpos estavam enterrados e onde a roupa suja estava escondida. A Cúria Romana, guardiã do *status quo*, finalmente encontrara um oponente à sua altura.

Finalmente, Donati saiu da Sala das Lágrimas com as suas vestes impecavelmente brancas e um solidéu sobre a cabeça. Estava resplandecente, como se estivesse sob as luzes do seu próprio holofote privado. A mudança na sua aparência era tão notória que Gabriel quase nem o reconheceu. Já não era Luigi Donati, pensou. Era o sucessor de São Pedro, o representante de Cristo na Terra.

Era Sua Santidade.

Dentro de alguns minutos, seria o homem mais famoso e reconhecido do mundo. Mas, antes, havia um último ritual, tão antigo como a própria Igreja. Um a um, por ordem de precedência, os cardeais avançaram, em fila, para o felicitar e jurar-lhe obediência, recordando que o papa era, não só o líder espiritual de mil milhões de católicos, mas também um dos últimos monarcas absolutos do mundo. Escolheu receber os cardeais de pé, em vez de sentado no seu trono. A maioria das interações foi calorosa, até mesmo empolgada. Várias foram frígidas e tensas. Tardini, desafiador até ao fim, apontou o dedo ao novo papa, que respondeu apontando-lhe também o dedo. Domenico Albanese caiu de joelhos e implorou por absolvição. Donati disse-lhe que se erguesse e, depois, gesticulou para que se afastasse, com a mancha do assassinio de um pontífice ainda na alma. Havia um mosteiro no futuro de Albanese, pensou Gabriel. Nalgum lugar frio e isolado, com comida má. Talvez na Polónia. Ou, melhor ainda, no Kansas.

Houve um último precedente a ser quebrado nessa noite. Aconteceu às 19h34, quando Donati chamou Gabriel, agitando alegremente o seu longo braço. O novo papa agarrou-o pelos ombros. Gabriel nunca se sentira tão pequeno.

— Parabéns, Vossa Santidade.

— As tuas condolências, queres dizer. — O seu sorriso confiante deixou evidente que já estava a começar a sentir-se confortável no seu papel. — Acabaste de assistir a algo que só um punhado de pessoas testemunhou.

— Não sei se me vou lembrar de muita coisa.
— Nem eu. — Baixou a voz. — Não contaste a ninguém, pois não?
— Absolutamente ninguém.
— Nesse caso, os nossos amigos da Cúria Jesuíta estão prestes a ter a surpresa das suas vidas. — Pareceu desfrutar do pensamento. — Vem comigo até à varanda. É algo que não devias perder.

Entrou na Sala Regia e, seguido por grande parte do conclave, encaminhou-se, através do Salão das Bênções, para a parte da frente da basílica. Ao contrário do seu mestre, Pietro Lucchesi, não precisava que lhe indicassem o caminho. Na antecâmara que precedia a varanda, fez, solenemente, o sinal da cruz, enquanto as portas se abriam. O bramido da multidão na praça era ensurdecedor. Sorriu para Gabriel uma última vez, enquanto o cardeal protodiácono declarava:

— *Habemus papam!* Temos um papa!

Depois, entrou num halo de ofuscante luz branca e desapareceu.

Sozinho com os cardeais, Gabriel sentiu-se subitamente deslocado. Agora, o homem anteriormente conhecido como Luigi Donati pertencia-lhes, não a ele. Sozinho, dirigiu-se novamente para a Capela Sistina. Depois, desceu as escadas e encaminhou-se para o Portão de Bronze do Palácio Apostólico.

No exterior, a Praça de São Pedro brilhava com as luzes das velas e dos telemóveis. Era como se uma galáxia de estrelas tivesse caído sobre a Terra. Gabriel tentou o número de Chiara, mas não havia rede. Lenta e cuidadosamente, abriu caminho através da Colunata de Bernini. A multidão estava em delírio. A eleição de Donati era um terramoto.

Finalmente, Gabriel saiu da Colunata para a Piazza Papa Pio XII. Para chegar à Cúria Jesuíta tinha, de alguma forma, de conseguir alcançar o outro lado. Desistiu rapidamente. Um mar de gente estendia-se dos pés de Donati até às margens do Tibre. Não havia nenhum sítio para onde Gabriel pudesse ir.

De repente, apercebeu-se de que Chiara e as crianças estavam a chamar o seu nome. Demorou um momento a descobri-los. Eufóricas, as crianças estavam a apontar na direção da basílica, como se o seu pai desconhecesse que o seu amigo se encontrava na varanda. Os braços de Chiara envolviam Veronica Marchese, que chorava desconsoladamente.

Gabriel tentou aproximar-se, mas era impossível. A multidão era impenetrável. Virando-se, viu um homem de branco a pairar sobre um tapete de luz dourada em forma de chave. Era uma obra-prima, pensou. *Sua Santidade*, óleo sobre tela, artista desconhecido...

QUARTA PARTE

HABEMUS PAPAM

CANNAREGIO, VENEZA

Foi Chiara quem informou secretamente o primeiro-ministro de que o marido não estaria na sua secretária, na Avenida Rei Saul, na segunda-feira de manhã. Enquanto, supostamente, se encontrava de férias, evitara um gigantesco atentado à bomba em Colónia, desferira um severo golpe nas ambições da extrema-direita europeia e vira o seu amigo íntimo tornar-se Sumo Pontífice da Igreja Católica Romana. Precisava de algum tempo para recuperar.

Passou os três primeiros dias maioritariamente confinado ao apartamento com vista para o Rio della Misericordia, pois Deus, na sua infinita sabedoria, infligira sobre Veneza um dilúvio de magnitude bíblica. Quando combinado com fortes rajadas de vento e uma maré invulgarmente alta na lagoa, os resultados foram desastrosos. Os seis *sestieri* históricos da cidade sofreram cheias catastróficas, incluindo São Marcos, onde a cripta da basílica se inundou apenas pela sexta vez em doze séculos. Em Cannaregio, a água subiu uns históricos dois metros num período de apenas três horas. Particularmente atingida foi a pequena ilha à qual os judeus da cidade foram confinados, em 1516, por ordem do conselho regente de Veneza. O museu no Campo di Ghetto Nuovo foi inundado, tal como o rés-do-chão da Casa Israelítica di Riposo. As ondas fustigaram o memorial em baixo-relevo do Holocausto, não deixando aos *carabinieri* outra opção senão abandonar o seu posto à prova de bala.

Tal como quase toda a gente na cidade, a família Allon refugiou-se atrás de barricadas e sacos de areia e aproveitou o tempo o melhor que pôde. Raphael e Irene encararam o seu confinamento molhado como uma grande aventura, Gabriel como uma bênção. Durante três dias pantanosos, leram livros em voz alta, jogaram jogos de tabuleiro, fizeram projetos artísticos e viram todos os DVD da modesta biblioteca do apartamento, a maioria deles duas vezes. Foi um vislumbre do seu futuro. Quando se reformasse, Gabriel seria novamente um expatriado, um judeu da diáspora. Trabalharia quando lhe conviesse e dedicaria cada minuto livre aos seus filhos. O relógio abrandaria, as suas muitas

feridas sarariam. A história terminaria ali, na cidade das igrejas e das pinturas que se afundava, no extremo norte do Adriático.

Falava com Uzi Navot todas as manhãs, bem cedo, e ao final de cada tarde. E, evidentemente, acompanhava as notícias de Roma, onde Donati não perdera tempo em perturbar o sistema curial. Para começar, houve a decisão de residir, não no apartamento papal do Palácio Apostólico, mas num singelo quarto, na Casa Santa Marta. O seu primeiro Ângelus, perante uma audiência de cerca de duzentos mil peregrinos amontoados na Praça de São Pedro, deixou poucas dúvidas quanto à sua intenção de conduzir a Igreja numa nova direção.

Mas, quem era este homem que agora ocupava o trono de São Pedro? E quais tinham sido as circunstâncias da sua chocante e histórica eleição? A autora do artigo na *Vanity Fair* saltitou de canal em canal, descrevendo o magnético arcebispo que batizara como «Luigi, o *Deslumbrante*». Vários perfis exploraram as suas raízes jesuítas e o período durante o qual fora missionário num El Salvador devastado pela guerra. Era amplamente assumido, embora nunca tivesse sido provado, que, enquanto jovem padre, fora apoiante da controversa doutrina conhecida como teologia da libertação, o que não o tornava apreciado aos olhos de determinados segmentos de direita da política americana. Na verdade, um conservador referiu-se a ele como o papa Che Guevara. Outro indagou-se se as cheias em Veneza, onde ele trabalhara durante vários anos, poderiam ser um sinal do desagrado de Deus relativamente à escolha do conclave.

Comprometidos com os seus votos de sigilo, os cardeais eleitores recusaram-se a discutir o que acontecera no interior da Capela Sistina. Nem mesmo Alessandro Ricci, o obstinado jornalista de investigação do *La Repubblica*, pareceu ser capaz de penetrar na armadura do conclave. Em vez disso, publicou um extenso artigo sobre as ligações entre a extrema-direita europeia e a Ordem de Santa Helena, a fraternidade católica reacionária sobre a qual escrevera um *best-seller*. Três das figuras implicadas nos atentados à bomba de falsa bandeira na Alemanha (Jonas Wolf, Andreas Estermann e Axel Brünner) eram, alegadamente, membros secretos da Ordem. Tal como o chanceler austríaco Jörg Kaufmann e o primeiro-ministro italiano, Giuseppe Saviano.

Kaufmann negou imediatamente a história. Foi forçado a emitir um esclarecimento quando o *La Repubblica* publicou uma fotografia do seu casamento, que fora oficializado pelo superior-geral da Ordem, o bispo Hans Richter. Por sua vez, Saviano descartou descaradamente a história, apelidando-a de «notícia falsa», e recorreu aos procuradores italianos para que apresentassem uma acusação de traição contra o seu autor. Informado de que tal ofensa não fora cometida, publicou um *tweet* apelando aos seus violentos apoiantes, *hooligans* do futebol,

para que dessem a Ricci uma lição que ele não esquecesse tão depressa. Após ter recebido centenas de ameaças de morte, o jornalista fugiu do seu apartamento no Trastevere e foi obrigado a esconder-se.

O bispo Richter, isolado no priorado medieval da Ordem no cantão de Zug, recusou-se a comentar a história. Também não emitiu uma declaração, quando advogados de Nova Iorque interpuseram uma ação coletiva no tribunal federal, acusando a Ordem de extorquir dinheiro e bens a judeus desesperados, no final dos anos trinta, em troca de promessas de certidões de batismo falsas e proteção contra os nazis. A principal queixosa foi Isabel Feldman, a única sobrevivente dos filhos de Samuel Feldman. Numa conferência de imprensa com muito pouco público, em Viena, revelou uma pintura (uma paisagem de um rio, do Velho Mestre holandês Jan van Goyen) que o pai entregara à Ordem, em 1938. A tela, retirada do caixilho, fora-lhe devolvida pelo reputado investigador do Holocausto, Eli Lavon, cuja agenda ocupada não lhe permitira estar presente na conferência de imprensa.

As circunstâncias exatas da recuperação da pintura não foram tornadas públicas, o que deu origem a muitas especulações infundadas na imprensa austríaca. Um *site* que divulgava frequentemente notícias falsas ou enganadoras chegara ao ponto de acusar Lavon de ser um agente israelita. Por acaso, a história era verdadeira, provando, por conseguinte, o ponto de vista do rabino Jacob Zolli de que o inimaginável pode acontecer. Normalmente, Gabriel não se teria incomodado em dar uma resposta. Porém, dado o atual clima de antisemitismo na Europa (e a constante ameaça de violência que pairava sobre a minúscula minoria judaica da Áustria), achou melhor divulgar uma negação através da embaixada israelita em Viena.

Contudo, sentiu-se menos inclinado a repudiar uma reportagem de um tabloide britânico relativamente à sua presença na Capela Sistina na noite do histórico conclave, nem que fosse para irritar os russos e os iranianos, que estavam justificadamente paranoicos com as suas capacidades e alcance. Mas, quando a história saltou de publicação em publicação como um contágio, instruiu relutantemente a irascível porta-voz do primeiro-ministro a descartá-la como sendo «obviamente absurda». A declaração foi um exemplo clássico de uma negação que nada nega. E com boas razões para tal. Inúmeros membros do Vaticano, incluindo o novo Sumo Pontífice e os 116 cardeais que o tinham elegido, sabiam que a história era verdadeira.

Tal como os filhos de Gabriel. Durante três dias maravilhosos, enquanto a chuva caía sobre Veneza sem cessar, teve-os inteiramente para si. Jogos de tabuleiro, projetos artísticos, filmes antigos em DVD. Ocasionalmente, quando a combinação de luz e sombras era favorável, levantava a aba de um envelope estampado com o brasão de Sua

Santidade, o papa Paulo VII, e retirava as três folhas de estacionamento de alta qualidade. A saudação era informal. Só o primeiro nome. Não havia preliminares nem cortesias.

Enquanto pesquisava no Arquivo Secreto do Vaticano, deparei-me com um livro absolutamente notável...

Finalmente, na manhã do quarto dia, as nuvens esfumaram-se e o sol brilhou sobre toda a cidade. Após o pequeno-almoço, Gabriel e Chiara vestiram as crianças com casacos impermeáveis e galochas e, juntos, caminharam até ao Campo di Ghetto Nuovo para ajudar na limpeza. Nada fora poupado, principalmente a bonita livraria do museu, que perdera a maior parte da sua coleção. A cozinha e sala comum da Casa Israelítica di Riposo estavam em ruínas e tanto a Sinagoga Portuguesa como a Espanhola tinham sofrido estragos severos. Mais uma vez, pensou Gabriel enquanto observava a destruição, a calamidade atingira os judeus de Veneza.

Trabalharam até à uma e, depois, almoçaram num pequeno restaurante escondido na Calle Masena. Daí, foi uma caminhada curta até ao primeiro dos dois apartamentos que Chiara, sem se dar ao trabalho de informar Gabriel, combinara que fossem ver nesse dia. Era grande e arejado e, talvez mais importante do que isso, estava completamente seco. A cozinha fora renovada recentemente, tal como as três casas de banho. O preço era elevado, mas não irracional. Gabriel estava confiante de que conseguiria suportar o esforço financeiro adicional sem ter de vender falsificações de malas Gucci aos turistas em São Marcos.

— O que é que achas? — perguntou Chiara.

— É bonito — disse Gabriel, hesitantemente.

— Mas?

— Porque é que não me mostras o outro apartamento?

Ficava perto da paragem de *vaporetto* de San Tomà, no Grande Canal, um *piano nobile* totalmente mobilado, com um terraço privado na açoteia e uma sala luminosa com tetos altos que Gabriel poderia reivindicar como o seu estúdio. Aí, trabalharia dia e noite em lucrativas encomendas privadas para pagar aquilo tudo. Consolou-se com o conhecimento de que havia formas muito piores de um homem passar os seus últimos anos.

— Se vendermos Narkiss Street... — disse Chiara.

— Não vamos vender.

— Eu sei que é um esforço, Gabriel. Mas, se vamos viver em Veneza, não preferias viver aqui?

— Quem não preferiria? Mas alguém tem de pagar isto.

— Alguém irá pagar.

— Tu?

Ela sorriu.

— Quero ver os livros de contabilidade dele.

— Onde é que achas que vamos a seguir?

O escritório de Francesco Tiepolo ficava na Calle Larga XXII Marzo, em São Marcos. Na parede atrás da secretária, havia várias fotografias emolduradas do seu amigo Pietro Lucchesi. Numa delas, encontrava-se uma versão jovem do sucessor de Lucchesi.

— Suponho que tenhas tido alguma coisa a ver com isto.

— Com o quê?

— A eleição do primeiro papa que não pertence ao Colégio Cardinalício desde o século xiii.

— Desde o século xiv — disse Gabriel. — E fica descansado, foi o Espírito Santo que escolheu o novo papa, não eu.

— Tens passado demasiado tempo em igrejas católicas, meu amigo.

— Ossos do ofício.

Os livros de contabilidade de Tiepolo dificilmente estavam imaculados, mas encontravam-se em muito melhores condições do que Gabriel tinha receado. A empresa tinha uma dívida pequena e as despesas mensais eram reduzidas. Consistiam, basicamente, na renda do escritório de São Marcos e de um armazém no continente. Atualmente, a firma tinha mais trabalho do que conseguia suportar e havia vários projetos em fase de planeamento. Estava programado que dois deles comesçassem após a data da reforma de Gabriel, o que significava que Chiara poderia iniciar as suas funções com o pé direito. Tiepolo insistiu para que mantivessem o nome da empresa e lhe pagassem cinquenta por cento do lucro anual. Gabriel concordou em manter o nome (não queria que os seus inúmeros inimigos soubessem onde estava a viver), mas recusou a exigência de Tiepolo de receber metade dos lucros da empresa, oferecendo-lhe, em vez disso, vinte por cento.

— Como é que eu posso viver com uma quantia tão irrisória?

— De alguma forma, vais conseguir.

Tiepolo olhou para Chiara.

— Que apartamento é que ele escolheu?

— O grande.

— Eu sabia! — Tiepolo deu umas palmadinhas nas costas de Gabriel. — Sempre disse que ias voltar a Veneza. E, quando morreres, vão enterrar-te debaixo de um cipreste em San Michele, numa cripta enorme, apropriada para um homem com as tuas façanhas.

— Ainda não estou morto, Francesco.

— Acontece aos melhores. — Tiepolo olhou para as fotografias na parede. — Até ao meu querido amigo Pietro Lucchesi.

— E, agora, o Donati é o papa.

— Tens a certeza de que não tiveste nada a ver com isso?

— Não — respondeu Gabriel de forma distante. — Foi ele.

— Quem? — perguntou Tiepolo, perplexo.

Gabriel apontou na direção da figura com manto e sandálias que passava pela janela de Tiepolo.

Era o padre Joshua.

PIAZZA DI SAN MARCO

Gabriel correu para a rua. Tal como quase todas em São Marcos, estava coberta por vários centímetros de água. Os poucos turistas que vagueavam sem destino no crepúsculo não pareceram reparar no homem vestido com um manto gasto e sandálias.

— Para onde é que estás a olhar?

Gabriel deu meia-volta para encontrar Chiara e as crianças, de pé, atrás dele. Apontou para o fundo da rua que escurecia.

— O homem vestido com o manto com capuz é o padre Joshua. Foi ele que nos deu a primeira página do Evangelho segundo Pilatos.

Chiara semicerrou os olhos.

— Não vejo ninguém com um manto.

Gabriel também não. O padre desaparecera.

— Talvez te tenhas enganado — disse Chiara. — Ou talvez só tenhas *pensado* que o viste.

— Queres dizer que foi uma alucinação?

Chiara não disse nada.

Gabriel começou a caminhar ao longo da rua, em busca de um clérigo de aspeto indigente entre as montras mais exclusivas do mundo. Por fim, passou através de uma arcada, sob o Museo Correr, e saiu para a Piazza di San Marco. O padre Joshua estava a passar diante do Caffè Florian em direção ao campanário. O padre parecia deslocar-se através da água das cheias sem perturbar a superfície. Não fazia qualquer tentativa de levantar a bainha das suas vestes.

Gabriel apressou-se a ir atrás dele.

— Padre Joshua?

O padre parou aos pés da torre sineira.

Gabriel dirigiu-se a ele em italiano, a língua em que o sacerdote falara no Depósito de Manuscritos do Arquivo Secreto.

— Não se lembra de mim, padre Joshua? Sou aquele que...

— Eu sei quem é. — O seu sorriso foi benevolente. — É aquele que tem o nome do arcanjo.

— Como é que sabe o meu nome?

— Houve recriminações, depois da sua visita ao Arquivo Secreto. Intercetei algumas conversas.

— Trabalha lá?

— Porque é que faz uma pergunta dessas?

— O seu nome não aparece na lista do pessoal. E, a não ser que eu esteja enganado, não estava a usar nenhuma identificação naquele dia.

— Porque é que alguém como eu precisaria de identificação?

— Quem é o senhor?

— Quem é que o *Gabriel* pensa que sou?

O seu italiano era bonito, mas com um sotaque inconfundível.

— Fala árabe? — perguntou Gabriel.

— Tal como o Gabriel, falo muitas línguas.

— De onde é?

— Do mesmo lugar que o Gabriel.

— De Israel?

— Da Galileia.

— Porque é que está em Veneza?

— Vim ver um amigo. — Reparou que Gabriel estava a olhar para as suas mãos. — Trago no corpo as marcas de Nosso Senhor Jesus Cristo — explicou.

Duas mulheres passaram por eles, lançando salpicos à sua passagem. Fitaram Gabriel com uma expressão apreensiva, mas pareceram não reparar no homem com água até aos tornozelos, vestido com um manto e sandálias.

— Conseguiu encontrar o resto do Evangelho? — perguntou.

— Não antes de ser destruído.

— O Santo Padre receava que isso acontecesse.

— Foi o senhor que lho deu?

— Claro.

— Como é que conseguiu abrir a porta da *collezione* sem uma chave?

Fez um sorriso divertido.

— Não foi difícil.

— O Santo Padre mostrou o livro a mais alguém?

— A um jesuíta. — O padre Joshua franziu o sobrolho. — Por algum motivo, a minha palavra não foi suficiente. O jesuíta concordou comigo em relação à autenticidade do livro.

— Esse jesuíta é americano?

— Sim.

— Sabe o nome dele?

— O Santo Padre recusou-se a dizer-mo. Disse que ia dar o Evangelho ao Gabriel, quando o jesuíta terminasse o que tinha a fazer.

— Terminasse o quê?

— Sua Santidade não disse.

- Onde é que estavam quando tiveram essa conversa?
 - No escritório papal. Mas porque é que pergunta?
 - Os homens que assassinaram o Santo Padre estavam a ouvir. Conseguiram ouvir a voz dele, mas não a sua.
 - A sua expressão ficou mais sombria.
 - Deve sentir-se culpado.
 - Em relação a quê?
 - À morte dele.
 - Sim — admitiu Gabriel. — Terrivelmente culpado.
 - Não sinta — disse o padre. — Não foi culpa sua.
 - Virou-se para se ir embora.
 - Padre Joshua?
 - O padre parou.
 - Quando é que retirou a primeira página do evangelho?
 - Ele ergueu uma mão envolta em ligaduras.
 - Receio que tenha de me fazer ao caminho. Que a paz de Nosso Senhor esteja sempre consigo. E com a sua esposa e filhos também. Vá ter com eles, Gabriel. Andam à sua procura.
 - Com isto, partiu, passando entre as colunas de São Marcos e São Teodoro. Gabriel sacou rapidamente o telefone e ligou a câmara, mas não conseguiu ver qualquer vestígio do padre no ecrã. Correu até à estação de gôndolas, na Riva degli Schiavoni, e olhou para a direita e, depois, para a esquerda.
 - O padre Joshua tinha desaparecido.
- Às duas horas da tarde seguinte, Gabriel recebeu uma chamada do general Cesare Ferrari da Brigada de Arte. Alegava ter vindo a Veneza devido a um outro assunto, mas esperava que Gabriel pudesse ter um momento para responder a algumas questões antes do seu regresso a Israel.
- Onde?
 - No quartel-general regional dos *carabinieri*.
 - Em vez disso, Gabriel sugeriu o Harry's Bar. Chegou alguns minutos antes das quatro e o general alguns minutos depois. Pediram *Bellinis*. O de Gabriel provocou-lhe imediatamente dor de cabeça. Ainda assim, bebeu-o. Era irresistivelmente delicioso. Para além disso, era o seu último dia de férias.
 - O final perfeito para um dia imperfeito — disse o general.
 - O que é que se passa agora?
 - O orçamento do próximo ano.
 - Pensei que os fascistas adoravam o património cultural.
 - Só se houver receitas fiscais suficientes para o pagar.
 - Suponho que, afinal, atacar imigrantes não seja bom para a

economia.

— É verdade que foram os responsáveis pelas cheias aqui em Veneza?

— Foi o que li no *Russia Today*.

— E, por acaso, leu o artigo do Alessandro Ricci no *La Repubblica*, esta manhã? — O general tirou uma enorme azeitona verde da taça no centro da mesa. — Os intelectuais acham que a coligação do Saviano poderá não sobreviver.

— Que pena.

— Dizem que uma audiência privada com o extraordinariamente popular novo papa faria maravilhas pela sua posição.

— Eu esperaria sentado.

— Talvez Sua Santidade queira reconsiderar, à luz do facto de ter estado em Florença, na noite em que o guarda suíço foi assassinado. Se bem me lembro, o Gabriel também esteve lá. E, depois, há aquele padre da Ordem de Santa Helena desaparecido. O nome está-me a escapar.

— O padre Graf.

— Por acaso não sabe onde ele está, pois não?

— Não faço a menor ideia — respondeu Gabriel sinceramente.

— Talvez um dia me diga como é que todas as peças deste assunto se encaixam. — O general pediu mais dois *Bellinis* e investigou o interior do Harry's Bar. — Fizeram um trabalho notável com as reparações. Ninguém diria que houve uma inundação. — Lançou um olhar de soslaio a Gabriel. — Suponho que irá acostumar-se a elas.

— Esteve, obviamente, a falar com o Francesco Tiepolo.

Ferrari sorriu.

— Ele disse-me que, em breve, o Gabriel vai estar a trabalhar para a sua esposa.

— Ela ainda não aceitou as minhas condições.

— Acha que ela irá permitir que eu o leve emprestado, de tempos a tempos?

— Para quê?

— Estou no ramo da recuperação de pinturas roubadas. E você, meu amigo, é muito bom a encontrar coisas.

— Exceto o Evangelho segundo Pilatos.

— Ah, sim. O Evangelho. — O general retirou uma pasta de arquivo da sua mala e pousou-a na mesa. — Aquela folha de papel que me deu foi produzida por uma gráfica perto de Bolonha. Uma empresa pequena. Um homem, na verdade. Elevadíssima qualidade. Encontrámos inúmeros exemplos do seu trabalho noutros casos.

— Que tipo de casos?

— Falsificações. — Ferrari abriu a pasta e retirou a primeira página do Evangelho. Continuava envolta em plástico de proteção. — Parece

ter sido produzido durante o Renascimento. Na verdade, foi feito há uns meses. O que significa que o Evangelho segundo Pilatos, o livro que levou ao assassinio de Sua Santidade, o papa Paulo VII, é uma fraude.

— Como é que conseguiu determinar a data com tanta precisão?

— O fabricante de papel faz parte da minha folha de pagamentos. Fiz-lhe uma visita, depois de o meu laboratório me comunicar as conclusões. — Ferrari bateu suavemente na página com um dedo. — Fez parte de uma grande encomenda de reprodução de papel renascentista. Várias centenas de folhas, na verdade. O tamanho era adequado para a encadernação de livros. Custou ao comprador uma pequena fortuna.

— Quem foi?

— Na verdade, foi um padre.

— Esse padre tem nome?

— Padre Robert Jordan.

VENEZA—ASSIS

Gabriel tencionava regressar a Israel na manhã seguinte, no voo das dez da manhã da El Al que partia do Aeroporto Marco Polo, em Veneza. Em vez disso, instruiu a divisão de Viagens para que reservasse quatro lugares no voo do final da tarde que partia de Roma. Ele próprio tratou do carro, um *Volkswagen Passat*. Partiram de Veneza às sete e meia, meia-hora depois do que ele esperava, e chegaram a Assis alguns minutos depois do meio-dia. Com Chiara e as crianças ao lado, tocou à campainha da Abadia de São Pedro. Não obtendo resposta, voltou a tocar.

Finalmente, dom Simon, o beneditino inglês, respondeu.

— Boa tarde. Posso ajudá-lo?

— Vim visitar o padre Jordan.

— Ele está à sua espera?

— Não.

— O seu nome?

— Gabriel Allon. Estive aqui com...

— Eu lembro-me de si. Mas porque é que deseja ver o padre Jordan novamente?

Gabriel cruzou os dedos.

— Fui enviado pelo Santo Padre. Receio que seja um assunto de alguma urgência.

Houve um silêncio de vários segundos. Depois, a fechadura abriu-se com um estalido.

Gabriel olhou para Chiara e sorriu.

— Ser membro tem destes privilégios.

O monge conduziu-os à sala comum com vista para o verdejante jardim da abadia. Passaram dez minutos antes de ele regressar com o padre Jordan. O jesuíta americano não parecia satisfeito por ver o amigo do novo pontífice romano.

Finalmente, olhou para dom Simon.

— Talvez devesse fazer uma visita guiada das instalações à esposa e aos filhos do Signore Allon. São, realmente, muito bonitas.

Chiara olhou de soslaio para Gabriel, que assentiu uma vez com a cabeça. Passado um momento, ele e o padre Jordan estavam a sós na sala.

— Está mesmo aqui a pedido do Santo Padre? — perguntou o padre.

— Não.

— Admiro a sua honestidade.

— Gostava de poder dizer o mesmo.

O padre Jordan moveu-se até à janela.

— Que peças da história é que conseguiu juntar?

— Sei que quase tudo o que nos disse era mentira, começando pelo seu nome. Também sei que recebeu recentemente uma grande encomenda de reprodução de papel renascentista, que usou para produzir um livro chamado Evangelho segundo Pilatos. A questão é: o Evangelho era uma fraude? Ou era uma cópia do original?

— Tem uma opinião?

— Estou a apostar que era uma cópia.

O padre Jordan gesticulou para que Gabriel se juntasse a ele à janela. Juntos, observaram Chiara e as crianças a percorrer o caminho do jardim, ao lado do monge beneditino.

— Tem uma linda família, senhor Allon. Sempre que vejo crianças judias, penso que são um milagre.

— E quando vê um papa jesuíta?

— Vejo a sua obra. — O padre Jordan lançou-lhe um olhar cúmplice. — Não devia estar em Israel?

— Estamos a caminho do aeroporto.

— A que horas é o seu voo?

— Às seis.

O padre Jordan baixou o olhar para as duas crianças pequenas que brincavam no jardim.

— Nesse caso, senhor Allon, creio que tem justamente o tempo necessário para uma última história.

Começou por discordar de Gabriel num pequeno, mas não insignificante, ponto. O seu nome legal, disse, era efetivamente Robert Jordan. A sua mãe e o seu pai tinham mudado de apelido, pouco depois de terem chegado à América, em 1939, como refugiados da Europa. Escolheram uma versão anglicizada do seu verdadeiro apelido, que era a palavra italiana que designava o rio que corre do norte da Galileia para o Mar Morto.

— Giordano — disse Gabriel.

O padre Robert Jordan fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— O meu pai era filho de um empresário romano abastado chamado Emanuele Giordano. Um de três filhos — acrescentou enfaticamente.
— A minha mãe pertencia uma família antiga chamada Delvecchio. O nome é bastante comum entre os judeus italianos. Tenho de admitir que pensei que, em comparação, o meu próprio nome era bastante enfadonho. Ponderei alterá-lo muitas vezes, principalmente quando me mudei para Itália para ensinar na Gregoriana.

— Como é que o filho de dois judeus se tornou num padre católico?

— Os meus pais nunca foram muito religiosos, mesmo quando viviam em Roma. Quando foram para a América, fizeram-se passar por católicos para se integrarem no seu meio. Não foi difícil para eles. Como romanos, estavam habituados aos rituais do catolicismo. Mas, para mim, foi verdadeiro. Fui batizado e fiz a primeira comunhão. Até fui acólito na igreja da nossa paróquia. Só posso imaginar o que é que os meus pobres pais pensavam quando me viam lá em cima com os meus pequenos paramentos.

— Como é que reagiram quando lhes disse que queria tornar-se padre?

— O meu pai mal conseguia olhar para mim, com a minha batina e colarinho romano.

— Porque é que ele não lhe disse a verdade?

— Culpa, suponho.

— Por ter abandonado a sua fé?

— O meu pai nunca abandonou a sua fé — disse o padre Jordan. — Mesmo quando estava a fingir ser católico. Sentiu-se culpado porque ele e a minha mãe tinham sobrevivido à guerra. Não queriam que eu soubesse que os seus parentes não tinham tido tanta sorte. Foram apanhados na primeira deportação de judeus de Roma, em outubro de 1943, e enviados para Auschwitz, onde foram assassinados. Tudo sem uma palavra de protesto do Santo Padre, apesar de a operação ter tido lugar mesmo debaixo das suas janelas.

— E o senhor tornou-se um padre católico.

— Imagine...

— Quando é que soube a verdade?

— Só em novembro de 1989, quando regressei a Boston para o funeral do meu pai. Depois das exéquias fúnebres, a minha mãe deu-me uma carta que ele tinha escrito depois de eu ter partido para o seminário. Obviamente, foi um choque. Não só eu era judeu, como era um sobrevivente de uma família que perecera no Holocausto.

— Alguma vez ponderou renunciar aos seus votos?

— Claro.

— E porque é que não o fez?

— Decidi que podia ser cristão e judeu. Afinal, Jesus era judeu. Tal como os doze apóstolos cujas estátuas guardam o pórtico da basílica.

Doze apóstolos — repetiu. — Um por cada uma das doze tribos de Israel. Os primeiros cristãos não se viam a si próprios como fundadores de uma nova fé. Eram judeus que também eram seguidores de Jesus. Eu vi-me de forma semelhante.

— Ainda acredita na divindade de Jesus?

— Não tenho a certeza se alguma vez acreditei. Mas eles também não. Acreditavam que Jesus era um homem que fora glorificado para subir aos céus, não um ser supremo enviado para a Terra. Tudo isso veio muito mais tarde, depois de os Evangelhos terem sido escritos e a Igreja primitiva ter estabelecido a ortodoxia do Cristianismo. Foi aí que a grande rivalidade entre irmãos começou. Os Padres da Igreja declararam que o pacto entre Deus e o seu povo escolhido fora quebrado, que a antiga lei fora substituída pela nova. Deus enviara o seu filho para salvar o mundo e os judeus tinham-no rejeitado. Depois, por precaução, tinham manipulado um prefeito romano ingénuo e sem culpa para que o pregasse a uma cruz. Para esse povo, os próprios assassinos de Deus, nenhum castigo era demasiado severo.

— Era o seu povo — disse Gabriel.

— E foi por isso que dediquei a minha vida a sarar as feridas entre o judaísmo e o cristianismo.

— Encontrando o Evangelho segundo Pilatos?

O padre Jordan assentiu com a cabeça.

— Suponho que a carta do seu pai continha uma referência a ele.

— Escreveu sobre ele com bastante detalhe.

— E aquela história que me contou a mim e ao Donati no outro dia? Aquela sobre percorrer a Itália de lés a lés em busca do último exemplar do Evangelho segundo Pilatos?

— Foi só isso. Uma história. Sabia que o padre Schiller tinha dado o livro ao Pio XII e que o Pio o tinha enterrado no Arquivo.

— Como?

— Confrontei o padre Schiller, pouco antes de ele morrer. No início, tentou negar a existência do livro. Mas, quando lhe mostrei a carta do meu pai, disse-me a verdade.

— Disse-lhe...

— Que era neto do judeu romano abastado que tinha dado o livro à Ordem? — O padre Jordan abanou a cabeça. — Para minha eterna vergonha, não.

— Tentou realmente encontrá-lo? Ou isso também foi uma história?

— Não — disse o padre Jordan. — Procurei no Arquivo durante mais de vinte anos. Como não havia qualquer referência ao Evangelho na Sala de Índices, foi um pouco como procurar a proverbial agulha num palheiro. Há cerca de dez anos, forcei-me a parar. Esse livro estava a arruinar a minha vida.

— E depois?

— Alguém o deu ao Santo Padre. E o Santo Padre decidiu dar-lho a si.

ABADIA DE SÃO PEDRO, ASSIS

No início, pensou que fosse uma partida. Sim, a voz ao telefone soava como a do Santo Padre, mas, certamente, não podia ser mesmo ele. Queria que o padre Jordan fosse ao apartamento papal na noite seguinte, às nove e meia. O padre Jordan não deveria contar a ninguém sobre a convocatória. Nem deveria chegar sequer um minuto mais cedo.

— Suponho que fosse uma quinta-feira.

— Como é que sabe?

Gabriel sorriu e, com um movimento da mão, convidou o padre Jordan a continuar. Chegou ao apartamento papal, disse ele, precisamente às nove e meia. Uma freira do serviço doméstico acompanhou-o até à capela privada. O Santo Padre saudou-o calorosamente, negando-se a permitir que beijasse o Anel do Pescador e, depois, mostrou-lhe um livro absolutamente notável.

— O Lucchesi sabia da sua relação pessoal com o Evangelho?

— Não — disse o padre Jordan. — E eu nunca lhe contei. O que era importante era a minha relação pessoal com o Donati. O Santo Padre confiou em mim. Foi só um estúpido golpe de sorte.

— Imagino que ele tenha permitido que o lesse.

— Evidentemente. Era para isso que ali estava. Queria a minha opinião sobre a sua autenticidade.

— E?

— O texto era lúcido, por vezes burocrático e absolutamente detalhado. Não era obra de uma mente criativa. Era um importante documento histórico, baseado nas recordações escritas ou faladas do seu autor nominal.

— O que é que aconteceu a seguir?

— Convidou-me a regressar na quinta-feira seguinte. Mais uma vez, o Donati não estava. Aparentemente, estava a jantar com uma amiga. Fora do recinto. Foi quando o Santo Padre me disse que planeava dar o livro ao Gabriel. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Sem informar o *prefetto* do Arquivo Secreto do Vaticano.

— Ele sabia que o Albanese era membro secreto da Ordem de Santa Helena?

— Suspeitava que sim.

— E foi por isso que o Lucchesi lhe pediu para fazer uma cópia do livro.

O padre Jordan sorriu.

— Bastante engenhoso, não acha?

— Fez o trabalho sozinho ou usou os serviços de um profissional?

— Um pouco de ambos. Fui um ilustrador e calígrafo bastante talentoso, quando era jovem. Não como o Gabriel, claro. Mas não me saí mal. O profissional, que permanecerá anônimo, tratou do envelhecimento artificial do papel e da encadernação. Foi um trabalho extraordinário. O cardeal Albanese nunca conseguiria perceber a diferença. A não ser que sujeitasse o volume a testes sofisticados.

— Mas que versão do Evangelho é que ele retirou do apartamento papal, na noite do assassinio do Santo Padre?

— Foi a cópia — respondeu o padre Jordan. — Eu tenho o original. O Santo Padre deu-mo para que o guardasse, caso lhe acontecesse alguma coisa.

— Esse livro, agora, pertence-me.

— Pertencia ao meu avô, antes de lhe ter sido tirado pela Ordem. Portanto, sou o seu legítimo proprietário, tal como a Isabel Feldman era a legítima proprietária daquela pintura que reapareceu magicamente na semana passada. — O padre Jordan estudou-o durante um momento. — Presumo que também tenha tido algo a ver com isso...

Gabriel não respondeu.

— Nunca desaparece, pois não?

— O quê?

— A culpa do sobrevivente. É passada de geração em geração. Como esses seus olhos verdes.

— Eram os olhos da minha mãe.

— Ela esteve nalgum dos campos?

— Birkenau.

— Então, o Gabriel também é um milagre. — O padre Jordan bateu suavemente nas costas da mão de Gabriel. — Receio que haja uma relação direta entre os ensinamentos da Igreja primitiva e as câmaras de gás e crematórios de Auschwitz. Defender o contrário é prestar-se ao que Tomás de Aquino designou como *ignorantia affectata*. Ignorância voluntária.

— Talvez devesse resolver o assunto de uma vez por todas.

— E como é que eu faria isso?

— Dando-me esse livro.

O padre Jordan abanou a cabeça.

— Torná-lo público não remediaria nada. Na verdade, dado o atual clima aqui na Europa e na América, poderia piorar as coisas.

— Está a esquecer-se de que o seu antigo aluno, agora, é o papa?

— Sua Santidade tem problemas suficientes para enfrentar. A última coisa de que precisa é que as crenças fundamentais do cristianismo sejam desafiadas.

— O que é que o livro diz?

O padre Jordan ficou em silêncio.

— Por favor — disse Gabriel. — Tenho de saber.

Contemplou as suas mãos queimadas pelo sol.

— Há um elemento central das narrativas da Paixão que é inegável. Um judeu de uma povoação nazarena chamado Jesus foi morto por um prefeito romano, na Páscoa Judaica ou por volta dessa data, talvez no ano 33 E.C. Grande parte do resto do que foi escrito nos quatro Evangelhos deve ser lido com bastante ceticismo. Os relatos são uma invenção literária ou, pior, um esforço deliberado por parte dos evangelistas e da Igreja primitiva para implicar os judeus na morte de Jesus, desculpabilizando, simultaneamente, os verdadeiros culpados.

— Pôncio Pilatos e os romanos.

O padre Jordan assentiu com a cabeça.

— Por exemplo?

— O julgamento perante o Sinédrio.

— Aconteceu?

— A meio da noite durante a Páscoa Judaica? — O padre Jordan abanou a cabeça. — Uma reunião com esses contornos seria proibida segundo as Leis de Moisés. Só um cristão a viver em Roma poderia ter inventado algo tão bizarro.

— Caifás esteve envolvido de alguma forma?

— Se esteve, Pilatos não fez qualquer referência a isso.

— E a audiência?

— Se é isso que quer chamar-lhe — disse o padre Jordan. — Foi muito breve, Pilatos mal olhou para ele. Na verdade, alegou que não conseguia lembrar-se da aparência de Jesus. Limitou-se a rabiscar uma nota para os seus registos e a acenar a mão, e os soldados continuaram com o processo. Muitos outros bons judeus foram executados naquele dia. Para Pilatos, foi um dia como qualquer outro.

— Havia uma multidão presente?

— Meu Deus, não.

— Qual foi a acusação contra Jesus?

— O único crime punível por crucificação.

— Insurreição.

— Claro.

— Onde é que o incidente ocorreu?

— No Pórtico Real do Templo.

— E a detenção?

Os sinos de Assis tocaram para assinalar as duas horas, antes que o padre Jordan pudesse responder:

— Já lhe disse demasiado. Para além disso, o Gabriel e a sua família têm um avião para apanhar. — Ergueu-se e estendeu a mão. — Deus o abençoe, senhor Allon. E boa viagem.

Houve sons de passos no corredor. Passado um momento, Chiara e as crianças apareceram à porta, acompanhadas pelo monge beneditino.

— Chegaram na altura certa — disse o padre Jordan. — O dom Simon acompanha-os até ao exterior.

O monge levou-os até à rua e, depois, fechou rapidamente o portão. Gabriel ficou ali mais um momento, com a mão a pairar sobre o intercomunicador, até Irene por fim puxar a sua manga e erguer o olhar para ele com o rosto da sua mãe.

— O que é que se passa, *abba*? Porque é que estás a chorar?

— Estava a pensar em algo triste, só isso.

— Em quê?

Em ti, pensou Gabriel. *Estava a pensar em ti*.

Pegou na filha ao colo e carregou-a através da Porta San Pietro até ao parque de estacionamento subterrâneo onde deixara o carro. Depois de apertar o cinto de segurança de Raphael, investigou o *chassis* com mais cuidado do que era habitual, antes de, finalmente, se sentar ao volante.

— Tenta pôr o motor a trabalhar — disse Chiara. — Ajuda.

A mão de Gabriel tremeu, enquanto carregava no botão.

— Se calhar, devia ser eu a conduzir.

— Estou bem.

— Tens a certeza?

Fez marcha-atrás para sair do lugar de estacionamento e seguiu a rampa até à superfície. A única estrada que saía da cidade fê-los passar pela Porta San Pietro. Emoldurado pelo arco, como uma figura de Bellini, encontrava-se um padre de cabelo branco, com uma velha mochila de couro na mão.

Gabriel pisou o travão e saiu do carro. O padre Jordan ofereceu-lhe a sacola como se contivesse uma bomba.

— Tenha cuidado, senhor Allon. Está tudo em jogo.

Gabriel abraçou o velho padre e correu de volta para o automóvel. Chiara abriu a mochila, enquanto desciam velozmente as encostas do Monte Subásio. No interior, estava o último exemplar do Evangelho segundo Pilatos.

— Consegues lê-lo? — perguntou ele.

— Tenho um mestrado em história do Império Romano. Acho que consigo lidar com algumas linhas de latim.

— O que é que diz?

Ela leu as primeiras duas frases em voz alta.

— *Solus ego sum reus mortis ejus. Ego crimen oportet.*

— Traduz.

— Só eu sou responsável pela sua morte. Só eu devo carregar a culpa. — Ergueu o olhar. — Continuo?

— Não — disse ele. — É suficiente.

Chiara devolveu o livro à mochila.

— O que é que achas que as pessoas normais fazem nas férias?

— Nós somos pessoas normais. — Gabriel riu-se. — Simplesmente, temos amigos interessantes.

NOTA DO AUTOR

A Ordem é uma obra de ficção e deve ser lida apenas como tal. Os nomes, personagens, lugares e incidentes descritos nesta história são fruto da imaginação do autor ou foram ficcionados. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, empresas, acontecimentos ou locais verdadeiros é pura coincidência.

Os visitantes de Munique procurarão, em vão, a sede de um conglomerado alemão conhecido como Wolf Group, pois essa empresa não existe. Ninguém encontrará um restaurante e bar de *jazz* na Beethovenplatz chamado Café Adagio. Felizmente, não existe nenhum partido político alemão conhecido como os Nacionais-Democratas, mas existem vários semelhantes a ele, incluindo a Alternativa para a Alemanha, atualmente o terceiro maior partido alemão, com noventa e quatro deputados no Bundestag. O chefe do BfV, Hans-Georg Maassen, enfrentou, em 2018, apelos à sua demissão devido a acusações de que ele próprio alimentava perspectivas políticas extremistas e de que estava, discretamente, a trabalhar para promover a ascensão da Alternativa para a Alemanha ao poder.

Não existe uma secção restrita do Arquivo Secreto do Vaticano conhecida como a *collezione*, pelo menos nenhuma que eu tenha descoberto durante a minha pesquisa. As minhas mais sentidas desculpas ao *prefetto* por ter desligado a sua eletricidade e sistema de segurança, mas receio que não houvesse outra forma de Gabriel e Luigi Donati entrarem no Depósito de Manuscritos sem serem detetados. Ninguém lhes poderia ter dado a primeira página do Evangelho segundo Pilatos, pois esse livro não existe. Os outros evangelhos apócrifos mencionados em *A Ordem* são descritos com precisão, tal como as palavras de figuras da Igreja primitiva como Orígenes, Tertuliano e Justino Mártir.

Foi o cardeal Tarcisio Bertone quem levou a cabo uma ambiciosa renovação de dois apartamentos no Palazzo San Carlo para criar um luxuoso apartamento de 600 metros quadrados com um terraço no telhado. Mas a casa de Bertone era um casebre, quando comparada com o palácio que o bispo Franz-Peter Tebartz-van Elst, conhecido

como o bispo de luxo, renovou em Limburgo, na Alemanha, alegadamente com um custo de \$40 milhões. Em maio de 2012, Ettore Gotti Tedeschi foi afastado do cargo de presidente do Banco do Vaticano por ligações ao escândalo de dinheiro e sexo que ficou conhecido como *VatiLeaks*. Um dossiê interno do Vaticano sobre a corrupção desenfreada de oficiais de topo da Igreja influenciou, alegadamente, o conclave de 2013 que elegeu o papa Francisco. A Secretaria de Estado do Vaticano condenou a cobertura pré-conclave que os meios de comunicação fizeram do escândalo, considerando-a uma tentativa para interferir na escolha do próximo Sumo Pontífice.

O ex-cardeal Theodore McCarrick, de Washington D.C., desviou, alegadamente, mais de \$600.000 da conta de uma arquidiocese pouco conhecida para amigos e benfeitores no Vaticano, incluindo os papas João Paulo II e Bento XVI. O *Washington Post* descobriu que vários burocratas do Vaticano que receberam dinheiro estavam diretamente envolvidos na avaliação das alegações de conduta sexual imprópria feitas contra McCarrick, que incluíam acusações de que solicitara sexo enquanto ouvia confissões. Um relatório da Conferência Episcopal Suíça, divulgado em julho de 2018, mencionou um chocante aumento de novas acusações de abusos sexuais contra padres suíços. Não é de estranhar que os católicos suíços, incluindo o meu ficcional Christoph Bittel, tenham virado as costas à Igreja, massivamente.

Existe, de facto, uma irmandade católica sediada na povoação suíça de Menzingen, mas não é a ficcional Ordem de Santa Helena. Trata-se da Fraternidade Sacerdotal de São Pio X, ou FSSPX, a ordem reacionária e antisemita, fundada em 1970 pelo bispo Marcel-François Lefebvre. O bispo Lefebvre era filho de um abastado industrial francês que apoiava a restauração da monarquia em França. Durante a Segunda Guerra Mundial, o então padre Lefebvre foi um incontrito apoiante do regime de Vichy do marechal Philippe Pétain, que colaborou com as SS no extermínio dos judeus franceses. Após a guerra, Paul Touvier, um oficial de topo da famosa milícia de Vichy, conhecida como a Milice, encontrou refúgio no priorado da FSSPX, em Nice. Detido em 1989, Touvier foi o primeiro francês a ser condenado por crimes contra a Humanidade.

Sem surpresas, o bispo Lefebvre também expressou o seu apoio a Jean-Marie Le Pen, líder do partido francês de extrema-direita Frente Nacional condenado pela sua negação do Holocausto. Monsieur Le Pen partilhou essa distinção com Richard Williamson, um dos quatro padres da FSSPX que Lefebvre elevou à categoria de bispo, em 1988, desafiando uma ordem direta do papa João Paulo II. Williamson, que é britânico, referia-se habitualmente aos judeus como «os inimigos de Cristo» cujo objetivo era a dominação mundial. Enquanto desempenhava funções de reitor no seminário americano da FSSPX em

Winona, Minnesota, Williamson declarou: «Não houve um único judeu morto nas câmaras de gás. Foram tudo mentiras, mentiras, mentiras». Foi expulso da Fraternidade Sacerdotal de São Pio X em 2012, mas não pelas suas perspetivas antisemitas. A FSSPX designou a sua expulsão como «uma decisão dolorosa».

Por altura da sua morte, em 1991, o bispo Lefebvre era um proscrito doutrinário e um embaraço. Mas, durante os anos trinta, enquanto as nuvens de tempestade se adensavam sobre os judeus da Europa, um prelado que abraçasse perspetivas semelhantes às de Lefebvre estaria, em grande medida, integrado na corrente católica dominante. As preferências da Igreja por monarquias e ditadores de direita em vez de socialistas ou até democratas liberais foi meticulosamente documentada, bem como o chocante antisemitismo de muitos dos principais porta-vozes e decisores políticos do Vaticano. Embora poucos clérigos católicos apoiassem a eliminação física dos judeus da sociedade europeia, o jornal do Vaticano *L'Osservatore Romano* e a revista jesuíta *La Civiltà Cattolica* aplaudiram leis (por exemplo, na Hungria) que baniu os judeus do exercício de profissões em áreas como o direito, a medicina, o sistema bancário e o jornalismo. Quando Benito Mussolini decretou restrições semelhantes em Itália, em 1938, os homens do Vaticano praticamente não conseguiram proferir uma palavra de protesto. «A terrível verdade», escreveu a historiadora Susan Zuccotti no seu notável estudo sobre o Holocausto em Itália, *Under His Very Windows*, «era que queriam que os judeus fossem postos no seu devido lugar».

Isso foi, certamente, verdade para o bispo Alois Hudal, reitor da igreja austro-germânica em Roma. Foi o bispo Hudal, não o meu ficcional padre Schiller, que escreveu um livro violentamente antisemita, em 1963, que tentava reconciliar o catolicismo e o nacional-socialismo. No exemplar que enviou a Adolf Hitler, o bispo Hudal escreveu uma dedicatória adúladora: «Para o arquiteto da grandeza alemã».

O bispo Hudal, um austríaco de quem se dizia estar obcecado pelos judeus, deslocava-se em Roma, durante a guerra, num carro com motorista que ondeava a bandeira da Grande Alemanha. Dois anos e meio depois da vitória dos Aliados, organizou uma festa de Natal na qual estiveram presentes centenas de criminosos de guerra nazis que viviam em Roma, sob a sua proteção. Com a ajuda de Hudal, muitos encontrariam refúgio na América do Sul. Adolf Eichmann foi auxiliado pelo bispo Hudal, tal como Franz Stangl, o comandante do campo de extermínio de Treblinka. Tudo com o conhecimento e apoio tácito do papa Pio XII, que acreditava que esses monstros eram um precioso ativo no combate global ao comunismo soviético.

Os críticos e os defensores de Pio travaram uma disputa de décadas

em relação à sua incapacidade de condenar explicitamente o Holocausto e avisar os judeus europeus sobre os campos de extermínio. Mas o seu indefensável apoio a assassinos em massa nazis, procurados pelas autoridades, é talvez a prova mais evidente da sua hostilidade inata em relação aos judeus. Pio opôs-se aos Julgamentos de Nuremberga, à criação de um Estado judaico e às tentativas do pós-guerra para reconciliar o cristianismo com a fé da qual brotara. Em 1949, excomungou todos os comunistas do planeta, mas nunca deu passos semelhantes em relação aos membros do partido nazi ou das sanguinárias SS. Também nunca expressou explicitamente remorsos pela morte de seis milhões de judeus no Holocausto.

Por conseguinte, o processo da reconciliação judaico-cristã teria de esperar até à morte de Pio, em 1958. O seu sucessor, o papa João XXIII, tomou medidas extraordinárias para proteger os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto era núncio papal em Istambul, incluindo a emissão de passaportes falsos que salvaram vidas. Quando o Anel do Pescador foi colocado no seu dedo, era já bastante idoso e, infelizmente, o seu reinado foi breve. Pouco antes da sua morte, em 1963, perguntaram-lhe se havia algo a fazer contra o retrato devastador de Pio XII na peça de Rolf Hochhuth, *O Vigário*. «Fazer contra?», respondeu, alegadamente, o incrédulo papa. «O que é que se faz contra a verdade?».

O culminar da tentativa de João XXIII para reparar as relações entre católicos e judeus, na sequência do Holocausto, foi a histórica declaração do Segundo Concílio do Vaticano conhecida como *Nostra Aetate*. Contestada por muitos conservadores da Igreja, declarava que os judeus não eram coletivamente responsáveis pela morte de Jesus nem estavam eternamente amaldiçoados por Deus. A grande tragédia histórica é que tenha sido, sequer, necessária tal declaração. Durante quase dois mil anos, a Igreja ensinou que os judeus, enquanto povo, eram culpados de deicídio, o mesmíssimo assassinio de Deus. «O sangue de Jesus», escreveu Orígenes, «não cai apenas sobre os judeus daquela época, mas sobre todas as gerações de judeus até ao fim do mundo». O papa Inocêncio III concordou entusiasticamente. «As suas palavras («Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos») fizeram abater sobre toda a nação a culpa hereditária que os persegue, como uma maldição, onde quer que vivam e trabalhem, quando nascem e quando morrem.» Se tais palavras fossem ditas hoje, seriam, corretamente, consideradas um discurso de ódio.

A antiga acusação cristã de deicídio é universalmente considerada pelos estudiosos como a base do antissemitismo. E, no entanto, o Segundo Concílio do Vaticano, ao emitir o seu histórico repúdio, não conseguiu resistir a incluir as dezanove palavras seguintes: «É verdade que as autoridades judaicas e aqueles que seguiam a sua liderança

pressionaram para que Jesus fosse morto». Mas que fonte usaram os bispos para justificar uma declaração tão inequívoca sobre um acontecimento que teve lugar num recanto remoto do Império Romano, quase dois mil anos antes? Como é evidente, a resposta foi que se basearam nos relatos da morte de Jesus contidos nos quatro Evangelhos do Novo Testamento, a própria fonte da calúnia perversa que, finalmente, estavam a repudiar.

Escusado será dizer que o Segundo Concílio do Vaticano não sugeriu cortar as passagens inflamatórias do cânone cristão. Mesmo assim, a *Nostra Aetate* pôs em marcha uma reavaliação académica dos Evangelhos canónicos que se reflete nas páginas de *A Ordem*. Os cristãos que acreditam na inerrância bíblica irão, indubitavelmente, discordar da minha descrição sobre quem foram os evangelistas e sobre como os Evangelhos foram escritos. A maioria dos estudiosos da Bíblia não.

Não existe nenhum esboço original dos quatro Evangelhos canónicos, apenas fragmentos de cópias posteriores. É vastamente aceite pelos académicos que nenhum dos Evangelhos, com a possível exceção de Lucas, foi escrito pelos homens que os designam. Foi o padre apostólico Pápias de Hierápolis que, no século ii, indicou, pela primeira vez, os seus autores. E foi Ireneu, o líder caçador de heresias da Igreja primitiva em França, que declarou que apenas quatro dos inúmeros evangelhos então em circulação eram autênticos. «E isto é obviamente verdade», escreveu, «porque há quatro cantos no Universo e quatro ventos principais». Paul Johnson, na sua história monumental do cristianismo, afirmou que Ireneu «não sabia mais sobre as origens dos Evangelhos do que nós; na verdade, sabia bastante menos».

Johnson descreveu os Evangelhos como «documentos literários» que contêm provas de posterior adulteração, edição, reescrita e interpolação, bem como datação retroativa de conceitos teológicos. Bart D. Ehrman, o distinto professor de estudos religiosos na Universidade da Carolina do Norte, afirma que estão repletos de «discrepâncias, embelezamentos, histórias inventadas e problemas históricos» que significam «que não podem ser levados à letra como relatos historicamente precisos do que realmente aconteceu». A descrição dos Evangelhos da detenção e execução de Jesus, diz Ehrman, «deve ser encarada com ceticismo».

Inúmeros estudiosos da Bíblia e historiadores contemporâneos críticos concluíram que os evangelistas e os seus editores da Igreja primitiva transferiram, conscientemente, a culpa da morte de Jesus dos romanos para os judeus, de forma a tornar o cristianismo mais apelativo para os gentios que viviam sob o domínio romano e menos ameaçador para os próprios romanos. Os dois elementos principais utilizados pelos escritores dos Evangelhos para culpar os judeus pela

morte de Jesus são o julgamento perante o Sinédrio e, evidentemente, a audiência diante de Pôncio Pilatos.

Cada um dos quatro Evangelhos canônicos dá-nos um relato ligeiramente diferente do encontro, mas talvez seja mais esclarecedor comparar a versão de Marcos com a de Mateus. Em Marcos, Pilatos sentencia relutantemente Jesus à morte, a pedido de uma multidão de judeus. Mas, em Mateus, a multidão transforma-se subitamente em «todo o povo». Pilatos lava as suas mãos diante deles e declara-se inocente do sangue de Jesus. Ao que «todo o povo» responde: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!».

Portanto, qual das versões é a verdadeira? Terá «todo o povo» realmente gritado uma frase tão bizarra, sem uma única voz dissonante, ou não? E quanto ao facto de Pilatos lavar as suas mãos? Aconteceu? Afinal, não se trata de um mero detalhe. Obviamente, é impossível ambas as descrições estarem corretas. Se uma delas estiver correta, a outra está, necessariamente, *errada*. Algumas pessoas poderão argumentar que Mateus está simplesmente «mais correto» do que Marcos, mas isto é uma evasão. Um jornalista que cometesse tal erro seria, certamente, repreendido pelo seu editor, se não despedido de imediato.

A explicação mais plausível é que toda a cena seja uma invenção literária. Provavelmente, o mesmo acontece com os relatos acesos da presença de Jesus perante o Sinédrio. O académico religioso Reza Aslan, na sua fascinante biografia de Jesus intitulada *Zealot*, afirma que os problemas com os relatos que os Evangelhos fazem do julgamento do Sinédrio são «demasiado numerosos para contabilizar». O falecido Raymond Brown, um padre católico que era amplamente considerado como o mais importante estudioso do Novo Testamento do final do século xx, encontrou vinte e sete discrepâncias entre as descrições que os Evangelhos fazem do julgamento e a lei rabínica. A professora da Universidade de Boston Paula Fredriksen, no seu livro de referência *Jesus of Nazareth, King of the Jews*, questiona igualmente a veracidade do julgamento do Sinédrio. «Entre os seus deveres no Templo e as suas refeições festivas em casa, estes homens já teriam tido um longo dia; e, para além disso, qual era a necessidade?». Fredriksen é igualmente cética em relação à realização de uma audiência diante do prefeito romano. «Talvez Jesus tenha sido brevemente interrogado por Pilatos, embora também isso seja improvável. Não havia motivos para tal.» Aslan é mais categórico quanto à sua presença perante Pilatos. «Não houve nenhum julgamento. Não era necessário nenhum julgamento.»

Talvez não exista uma voz mais convincente em relação a este assunto do que a de John Dominic Crossan, o professor emérito de estudos religiosos na Universidade DePaul e um ex-padre. Em *Who*

Killed Jesus, questiona se a descrição acesa que os Evangelhos fazem da audiência perante Pilatos foi uma «cena de história romana» ou «propaganda cristã». Respondeu parcialmente à questão com a seguinte passagem: «Por mais que as suas origens sejam justificáveis, as suas invetivas defensáveis e os seus motivos compreensíveis, entre cristãos que lutavam pela sobrevivência, a sua repetição tornou-se, agora, na mentira mais antiga, e, pela nossa própria integridade, nós, cristãos, temos de, por fim, designá-la como tal».

Mas porquê revisitar a tormentosa história da relação do cristianismo com o judaísmo? Porque o ódio mais antigo, o ódio nascido da descrição que os Evangelhos fazem da Crucificação, ressuscitou violentamente. Tal como o extremismo político com base racial que os apologistas designam de «populismo». Os dois fenómenos estão inegavelmente ligados. Prova disso foi o comício de 2017 *Unite the Right*, em Charlottesville, Virgínia, onde os nacionalistas brancos que protestavam contra a remoção de um memorial da Confederação cantaram «Os judeus não nos substituirão!», enquanto marchavam com tochas na mão e faziam saudações nazis de braço esticado. Ou a sinagoga Tree of Life, no bairro Squirrel Hill, em Pittsburgh, onde nacionalistas brancos enraivecidos contra a imigração hispânica assassinaram onze judeus e feriram outros seis. Porque é que o atirador fez dos judeus o seu alvo? Poderia estar tomado por um ódio irracional ainda mais poderoso do que o seu ressentimento contra migrantes de pele morena, à procura de uma vida melhor na América?

O brilhante economista Paul Krugman, do *New York Times*, estabeleceu, na mesma coluna que produziu a citação que surge na epígrafe desta obra, a relação entre a ascensão simultânea do antisemitismo e do populismo com base racial. «A maior parte de nós, creio eu, sabe que, sempre que a intolerância ande à solta, é provável que estejamos entre as suas vítimas». Infelizmente, o irromper de uma pandemia global, juntamente com uma acelerada desaceleração económica, provavelmente, tornará tudo pior. Nos recantos mais obscuros da Internet, os judeus estão a ser culpados pela pandemia, tal como foram culpados pela Peste Negra no século xiv.

«Nunca te esqueças», diz o rabino Jacob Zolli a Gabriel durante as cenas de abertura de *A Ordem*, «de que o inimaginável pode acontecer». O irromper de uma pandemia global parece confirmar isso. Mas, mesmo antes da crise da Covid-19, o antisemitismo na Europa subira para níveis que não eram vistos desde meados do último século. É necessário dar aos líderes políticos da Europa Ocidental o crédito de terem condenado o ressurgimento do antisemitismo. Tal como o papa Francisco, que também questionou a moralidade do capitalismo desenfreado, apelou à ação contra as alterações climáticas, defendeu os direitos dos imigrantes e avisou

sobre os perigos da ascensão da extrema-direita europeia, que o considera um inimigo mortal. Teria sido bom que um prelado como Francisco estivesse a usar o Anel do Pescador, em 1939. A história dos judeus, e da Igreja Católica Romana, poderia ter sido escrita de um modo distinto.

AGRADECIMENTOS

Estou eternamente grato à minha mulher, Jamie Gangel, por me servir de ouvinte enquanto eu limava as arestas e a estrutura de um enredo complexo que envolvia o assassinio de um papa, a descoberta de um evangelho há muito oculto e um complô da extrema-direita europeia para obter o domínio da Igreja Católica Romana. Quando acabei o primeiro rascunho do livro, a Jamie deu-me três sugestões cruciais e depois editou de forma exímia o manuscrito final, tudo isso enquanto cobria o *impeachment* de um presidente para a CNN e cuidava da nossa família no meio de uma pandemia. Partilho muitas características com o meu protagonista, Gabriel Allon, nomeadamente o facto de ambos sermos casados com mulheres perfeitas. A minha dívida para com a Jamie é imensa, tal como o meu amor.

Esperava ter podido concluir *A Ordem* em Roma, mas tive de cancelar a viagem quando o coronavírus assolou a Itália. Como já tinha escrito dois *thrillers* passados no Vaticano e mais algumas cenas com a cidade-estado ou os seus arredores como cenário, tive oportunidade de entabular amizade com muitos homens e mulheres que trabalham no país mais pequeno do mundo. Estive no vestíbulo do quartel da Guarda Suíça, fiz compras na farmácia e no supermercado do Vaticano, visitei os laboratórios de conservação dos Museus do Vaticano, abri a portinhola do forno da Capela Sistina e assisti a uma missa celebrada pelo Santo Padre. Quero aqui expressar a minha gratidão ao padre Mark Haydu, que constituiu uma valiosíssima fonte de informações durante o processo de escrita, e ao inigualável John L. Allen, que literalmente escreveu um manual sobre o funcionamento de um conclave. Para que conste, nenhum dos dois influenciou a minha visão da natureza antisemita dos relatos evangélicos da morte de Jesus.

Estarei sempre em dívida para com David Bull e Patrick Matthiesen por me aconselharem em questões relativas ao restauro e à História da Arte, bem como pela sua amizade. O meu querido amigo e editor de longa data, Louis Toscano, introduziu inúmeras melhorias neste romance, tal como o fez Kathy Crosby, a minha revisora pessoal com olhar de lince. Quaisquer erros que tenham escapado à agudeza

formidável de ambos são da minha exclusiva responsabilidade.

Consultei centenas de artigos de jornais e revistas enquanto escrevia *A Ordem*, bem como dezenas de livros. Seria um desleixo imperdoável não mencionar os seguintes: *Pontius Pilate*, de Ann Wroe; *Constantine's Sword: the Church and the Jews*, de James Carroll; *A History of Christianity*, de Paul Johnson; *Jesus of Nazareth, King of the Jews: a Jewish Life and the Emergence of Christianity* e *From Jesus to Christ: The Origins of the New Testament Images of Jesus*, de Paula Fredriksen; *Who Killed Jesus?: Exposing the Roots of Anti-Semitism in the Gospel Story of the Death of Jesus*, de John Dominic Crossan; *Zealot: The Life and Times of Jesus of Nazareth*, de Reza Aslan; *How Jesus Became God: The Exaltation of a Jewish Preacher from Galilee*, de Bart D. Ehrman; *The Apocryphal Gospels: Text and Translations*, de Bart D. Ehrman e Zlatko Pleše; *Antisemitism: The Longest Hatred*, de Robert S. Wistrich; *A Moral Reckoning: The Role of the Catholic Church in the Holocaust and Its Unfulfilled Duty of Repair* e *Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust*, de Daniel Jonah Goldhagen; *Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII* e *A Thief in the Night: Life and Death in the Vatican*, de John Cornwell; *The Catholic Church and the Holocaust, 1930-1965* e *Pius XII, the Holocaust, and the Cold War*, de Michael Phayer; *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy*, de Susan Zuccotti; *The Popes Against the Jews: The Vatican's Role in the Rise of Modern Anti-Semitism*, de David I. Kertzer; *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Perón's Argentina*, de Uki Goñi; *City of Secrets: The Truth Behind the Murders at the Vatican*, de John Follain; *His Holiness: John Paul II and the History of Our Time*, de Carl Bernstein e Marco Politi; *Conclave: The Politics, Personalities, and Process of the Next Papal Election*, de John L. Allen Jr.; *Inside the Vatican: The Politics and Organization of the Catholic Church*, de Thomas J. Reese; *Behind Locked Doors: A History of Papal Elections*, de Frederic J. Baumgartner; e *Merchants in the Temple: Inside Pope Francis's Secret Battle Against Corruption in the Vatican*, de Gianluigi Nuzzi.

Somos abençoados por termos familiares e amigos que preenchem sempre as nossas vidas com amor e riso, especialmente em momentos críticos do ano literário, nomeadamente Jeff Zucker, Phil Griffin, Andrew Lack, Noah Oppenheim, Susan St. James e Dick Ebersol, Elsa Walsh e Bob Woodward, Michael Gendler, Ron Meyer, Jane e Burt Bacharach, Stacey e Henry Winkler, Kitty Pilgrim e Maurice Tempelsman, Donna e Michael Bass, Virginia Moseley e Tom Nides, Nancy Dubuc e Michael Kizilbash, Susanna Aaron e Gary Ginsburg, Cindi e Mitchell Berger, Andy Lassner, Marie Brennan e Ernie Pomerantz, e Peggy Noonan.

O meu mais sincero agradecimento à fabulosa equipa da HarperCollins, que conseguiu publicar um livro em circunstâncias que

nenhum escritor de *thrillers* teria podido imaginar. Sinto-me particularmente em dívida para com Brian Murray, Jonathan Burnham, Jennifer Barth, Doug Jones, Leah Wasielewski, Mark Ferguson, Leslie Cohen, Robin Bilardello, Milan Bozic, Frank Albanese, Josh Marwell, David Koral, Leah Carlson-Stanisic, Carolyn Bodkin, Chantal Restivo-Alessi, Julianna Wojcik, Mark Meneses, Sarah Ried, Beth Silfin, Lisa Erickson e Amy Baker.

Por último, a epidemia de coronavírus obrigou os meus filhos, Lily e Nicholas, a viverem de novo sob o mesmo teto do que eu enquanto tentava acabar este livro dentro do prazo de entrega estipulado. Sinto-me grato por isso, embora receie que eles não possam dizer o mesmo. À semelhança de muitos jovens profissionais americanos, durante o confinamento, eles teletrabalharam a partir dos seus quartos de criança. Pontualmente, eu divertia-me a aparecer de surpresa nas suas respetivas videoconferências. A sua presença foi uma fonte imensa de consolo, alegria e inspiração. Em mais de um sentido, eles também são um milagre.